



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PHELIPE DANIELE RODRIGUES DA SILVA

**40 ANOS DEPOIS: RELATOS NO YOUTUBE DE COMUNICADORES
VIVENDO COM HIV**

RECIFE

2021

PHELIPE DANIELE RODRIGUES DA SILVA

**40 ANOS DEPOIS: RELATOS NO YOUTUBE DE COMUNICADORES
VIVENDO COM HIV**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação da Prof^a Dr^a. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, com Coorientação do Prof. Dr. Diego Andres Salcedo.

Recife
2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

S586q Silva, Phelipe Daniele Rodrigues da
40 anos depois: relatos no YouTube de comunicadores vivendo com
HIV / Phelipe Daniele Rodrigues da Silva. – Recife, 2021.
228f.: il. fig.

Sob orientação de Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes.
Sob coorientação de Diego Andres Salcedo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, 2021.

Inclui referências.

1. Comunicação. 2. Discurso. 3. HIV. 4. Saúde. 5. Influenciadores
digitais. 6. Aids. I. Gomes, Isaltina Maria de Azevedo Mello (Orientação).
II. Salcedo, Diego Andres (Coorientação). III. Título.

302.23 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-117)

PHELIPE DANIELE RODRIGUES DA SILVA

**40 ANOS DEPOIS: RELATOS NO YOUTUBE DE COMUNICADORES
VIVENDO COM HIV**

Data de aprovação: 17.12.2021

BANCA AVALIADORA

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA

Prof^a. Dr^a. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Diego Andres Salcedo (Coorientador)
Universidade Federal de Pernambuco

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Marcelo Robalinho (Examinador externo)
Universidade Federal de Alagoas

PARTICIPAÇÃO VIA VIDEOCONFERÊNCIA

Prof^a. Dr^a. Cristina Teixeira (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Este foi um trajeto acidentado. Na fase de produção do texto, uma pandemia. Em seu início, fez ressurgir o termo “grupo de risco”. Na prática social, as representações e os equívocos causados por esse conceito, na época das primeiras notícias sobre a aids, há exatos 40 anos, trouxe mais pânico e estigma. A partir da observação de notícias do coronavírus, modifiquei o mapa teórico da minha pesquisa. Precisei mergulhar na história e na observação das palavras usadas no contexto para olhar com mais segurança o corpus apresentado aqui. Não para comparar epidemias, como lembra Marcelo Secron Bessa em seu texto de dissertação sobre o HIV na literatura. Para entender o jogo semântico a partir dos estudos culturais e da história. Para pensar de maneira dialógica, perceber os vestígios e as diferenças de um passado recente e de hoje, numa sociedade que trata o infortúnio, nos testemunhos, com atenção. Esse traço carrega a sombra do neoliberalismo, quando nos pede para contar e resolver nossos problemas, em constante administração. Impossível dissociar essa gestão de nós com a falta, consciente, de cuidado do Governo Federal do Brasil, na crise do coronavírus, o que nos levou ao trabalho de Mbembe (2018) sobre necropolítica. Construído esse alicerce para escrever e digerir, pude ter algum momento de quietude. Embora, o cenário fosse devastador ao meu redor, com a síndrome respiratória que colapsava o sistema de saúde já combalido por uma gestão presidencial baseada nessa política do “deixar morrer”.

Nestes momentos, o que se faz? Acreditar no outro, acionar, ampliar nossa rede de apoio. Aliás, antes que existisse no papel, este projeto foi viabilizado dessa forma. Um professor, daqueles que nascem para incentivar, me disse: acredito! Diego Gouveia, muito obrigado. Preciso agradecer ao convívio tão leve e ensolarado com minha orientadora, a prof^a. Doutora Isaltina Mello Gomes. O bônus luxuoso foi o estágio de docência ao seu lado na graduação em jornalismo. Esse time de apoio completa-se com coorientação do prof. Doutor Diego Salcedo, elegante e tranquilo condutor de Dissertações e Teses. Além do deleite que é uma reunião com ele, os orientandos ainda ganham títulos de sua impressionante biblioteca de Comunicação.

Antes do distanciamento social, do lockdown e da contagem diária de falecidos, a partir de março de 2020, houve a fase das aulas presenciais para a obtenção dos créditos. Fiz amigos para a vida inteira, como Daniel Leal, Rodrigo Phelipe Rodrigues Tatiana Notaro, Estela Carielli, Amanda Tavares de Melo e Carolina Vasconcelos.

Minha amiga virtual Mariana Guenther revisou do resumo em inglês. Na sala da disciplina de Câmeras Biopolíticas, em contato com a Prof^a. Dr^a Cristina Teixeira, descobri o que precisaria para ler os relatos, entendendo as regras das confissões e testemunhos. Cheguei, através dela, a Paulo Vaz, Fernanda Bruno, Igor Sacramento, Paula Sibilia, Leonor Arfuch, Michel Foucault. Na disciplina de Comunicação, Mídia e Linguagem, o prof. Doutor Heitor Rocha ouvia minhas dúvidas, me apresentando a Jünger Habermas, um de seus autores favoritos. O Professor Doutor Marcelo Robalinho me fez perceber as diferenças entre pesquisa qualitativa e quantidade.

Acredito que ser generoso consta como requisito essencial para ingressar no PPGCOM da Universidade Federal de Pernambuco. Ao Prof. Doutor Eduardo Duarte, que me deu lições de fotografia duas décadas antes, na graduação, foi um reencontro emocionante. Na Metodologia, estive ao lado da Prof^a. Doutora Giovana Mesquita, tornando as questões de pesquisa, os problemas e objetivos dos nossos trabalhos em algo possível para alguém que, como eu, estive sempre no “mercado”. À prof^a. Doutora Adriana Santana fez esse trajeto, das redações para a pesquisa, e me acolheu com empatia e atenção. A equipe técnica do departamento merecia um capítulo inteiro: Roberta Bacelar, José Carlos Gomes e Claudia Badaró, muito obrigado pelos cafezinhos, pelas risadas e pelo profissionalismo.

Na academia, ao invés de críticas, sempre ouvi: “estou disponível”. Assim fui recebido pelo pesquisador Carlos Alberto Carvalho, professor do curso de comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. No momento inicial da pandemia, ele, referência na investigação do HIV na mídia, ofereceu seu precioso tempo para um encontro via Skype! Não há como agradecer um gesto dessa grandeza. Prof. Doutor Marcelo Machado Martins, que honra ter a sua leitura atenta e o aconselhamento disputado por amigos e pelos alunos no momento decisivo da construção teórica. Toda gratidão pela curadoria dos textos sobre Retórica Clássica, Semiótica Discursiva e, sobretudo, por me esclarecer, sempre com paciência e entusiasmo, a respeito dos conceitos de interdiscursividade e dos caminhos da enunciação.

Meus amigos que estavam “além dos muros” da academia me salvaram nos momentos de bloqueio: Andrea Trigueiro e Juliana Cavalcanti, as aulas de organização dos dias foram perfeitas. Felipe Fagundes, que entre a carga de trabalho intensa, em 2020, ainda conseguia tempo para revisar gráficos e me aconselhar. Alana Agra, de Campina Grande, na linha de frente da medicina, em meio à pandemia,

esteve próxima e presente nos momentos que eu precisava de textos deliciosos e de algum livro. Dela, ganhei a coleção *A História da Sexualidade* (FOUCAULT), e ainda importou de Portugal, *A problemática da SIDA como notícia* (TRAQUINA; TORRES DA SILVA; CALADO), quando eu me queixava de não achar a obra. Sem palavras.

Preciso agradecer todo carinho que recebi, e o respeito à educação que aprendi com Soninha, minha mãe, e Eve, meu pai, sempre tão presentes e certos nos conselhos. E a meus irmãos, Dan e Priscilla, pelo incentivo e apoio. A meus avós maternos, Adelaide e José (*in memoriam*).

Esta Dissertação não seria possível sem a bolsa de pesquisa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe) durante os dois anos do Mestrado.

A AIDS, certamente, tem a cara da cultura da sociedade onde se desenvolve. Por isto, o entendimento da cultura sexual do Brasil, sobretudo a subcultura que envolve relações entre pessoas de mesmo sexo, é um elemento decisivo para entender todas as dimensões da epidemia e avaliar seus impactos na sociedade deste país.

(DANIEL e PARKER, 2018)

RESUMO

Este trabalho observa a luta pela significação da aids desde as primeiras notícias sobre a epidemia, em 1981, até a possibilidade de relato da sorologia positiva em três canais do YouTube de pessoas vivendo com HIV. A pesquisa problematiza como se configura o discurso de três homens gays cisgêneros que vivem com o vírus e comunicam sobre a sorologia positiva em seus espaços no site de compartilhamento de vídeos. O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a produção discursiva da comunicação em primeira pessoa sobre o vírus. O percurso teórico-metodológico trouxe o aporte histórico para contextualizar as vozes que romperam um ciclo de silenciamento sobre a sexualidade na comunidade LGBTI e sobre o HIV. Foram selecionados nove vídeos, entre 2016 e 2021, e empregados na análise os conceitos de interdiscursividade, dialogismo, testemunho, multimodalidade, ética do espetáculo, relato autobiográfico, além dos estudos sobre *ethos* e *pathos* para a categorização dos canais. As contribuições da Retórica Clássica e da Semiótica Discursiva em Dominique Maingueneau e José Luiz Fiorin nos permitiram interpretar o aspecto audiovisual dos episódios. Nossos resultados deixaram perceber que as representações iniciais sobre HIV/aids ainda não foram totalmente superadas no discurso. Os *youtubers*, atualmente, podem falar em “viver com HIV”, quando os relatos se configuram numa condição crônica, distinta da época do início da epidemia, há 40 anos. A construção textual em primeira pessoa, nas mídias digitais, carrega os aspectos políticos, de entretenimento, de vigilância, de prazer e do cuidado de si na perspectiva neoliberal da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; HIV; Saúde; Influenciadores digitais; Aids

ABSTRACT

This study addresses the struggle for the meaning of AIDS, from the first news about the epidemic, in 1981, to the possibility of reporting positive serology on three YouTube channels of persons living with HIV. The main aim of this research was to analyze the discursive production of first-person communication about the virus, focusing on how the discourse of three cisgender gay men who live with the virus is configured, and how they communicate about positive serology in their channels. The theoretical-methodological path brought the historical contribution to contextualize the voices that broke a silencing cycle about sexuality in the LGBTI community and about HIV. Nine videos were selected from 2016 to 2021, and used in the analysis of the concepts of interdiscursivity, dialogism, testimony, multimodality, ethics of the spectacle, autobiographical report, in addition to studies on *ethos* and *pathos* for the categorization of channels. The contributions of the Classical Rhetoric and the Discursive Semiotic of Dominique Maingueneau and José Luiz Fiorin allowed us to interpret the audiovisual aspect of the episodes. Our results showed that the initial representations about HIV/AIDS have not yet been totally overcome in the discourse. YouTubers, currently, can talk about “living with HIV”, when the reports take place in a chronic condition, different from the epidemic beginning, 40 years ago. The textual construction in the first person, in digital media, carries the political, entertainment, surveillance, pleasure, and self-care aspects in the neoliberal perspective of health.

KEYWORDS: Discourse; HIV; Health; Digital Influencers; AIDS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cazuza na capa da Veja (1989)	20
Figura 2 – Gabriel na capa da Galileu (2017)	20
Figura 3 – Foto de Therese Freare na campanha da Benetton.....	54
Figura 4 – Prímula, do artista plástico Leonilson.....	56
Figura 5 – Gravura Margarida, assinada por Leonilson.....	56
Figura 6 – Triângulo rosa usado pelo grupo ACT UP.....	63
Figura 7 – A máscara de fazer calar	67
Figura 8 – Primeiro cartaz para prevenção da aids (1985)	70
Figura 9 – Campanha <i>Wasted Blood</i> da ONG <i>All Out</i>	81
Figura 10 – Canal Super Indetectável, de João Geraldo Netto.....	102
Figura 11 – Canal do ator Rafael Bolacha.....	103
Figura 12 – Capa do canal Positivo Matheus.....	104
Figura 13 – Capa do canal “Sou soropositivo e daí? ”,	105
Figura 14 – Canal de Gabriel Estrela (Projeto Boa Sorte)	106
Figura 15 – Capa do canal Gabriel Comicholi.....	107
Figura 16 – Capa do canal de Ruggery Gonzaga.....	108
Figura 17 – Capa do canal Léo Cezimbra.....	109
Figura 18 – Capa do antigo canal de Thiago Rangel	110
Figura 19 – Capa do canal de Max Ziller.....	111
Figura 20 – Capa do canal Prosa Positiva.....	112
Figura 21 – Canal da “coletiva” Loka de Efavirenz.....	113
Figura 22 – Capa do canal Vida Positiva.....	114
Figura 23 – Capa do canal Há Vida com HIV	115
Figura 24 – Capa do canal Posithividades.....	116
Figura 25 – Capa do canal de Silvia Almeida.....	117
Figura 26 – Capa do canal de Felipe Mastrandéa.....	118
Figura 27 – Capa do canal Discordantes.....	119
Figura 28 – Capa do canal de Jardiel Cavalcante.....	120
Figura 29 – Capa do canal de Blenda Silva.....	121
Figura 30 – Capa do canal de Lucas Raniel.....	122
Figura 31 – Capa do canal de Letícia de Assis.....	123
Figura 32 – Capa do canal de Heitor Longo.....	124

Figura 33 – Capa do canal da youtuber Bárbara Gomes.....	125
Figura 34 – Capa do canal de Saullo Hipolito.....	126
Figura 35 – Capa do canal de José Carlos Fogo Puro.....	127
Figura 36 – Capa do canal do jornalista Francisco Garcia.....	128
Figura 37 – Capa do canal de Diego Krausz.....	129
Figura 38 – Capa do canal de Thaís Renovatto.....	130
Figura 39 – Capa do canal Nossa Hannis.....	131
Figura 40 – Capa do canal do ator Drew Persi.....	132
Figura 41 – Capa do canal de Cláudio Souza (Soropositivo.org)	133
Figura 42 – Capa do canal de Caio Régis.....	134
Figura 43 – Capa do canal de Cris Rafael.....	135
Figura 44 – Capa do canal de Ezio Rosa (Bixa Nagô)	136
Figura 45 – Capa do canal de Marina Vergueiro (LaVergui)	137
Figura 46 – Capa do canal HIVIVA, do youtuber Allan Bruno.....	138
Figura 47 – Capa do canal de Caio César Xavier (Entrenós)	139
Figura 48 – Capa do canal de Guilherme Lima.....	140
Figura 49 – Capa do canal de Kaique Castro.....	141
Figura 50 – Capa do canal de Diego Moi.....	142
Figura 51 – Capa do canal de Valmir Santos.....	143
Figura 52 – Capa canal de Carlos Mendes (HIV VIDA)	144
Figura 53 – Capa do canal de Raquel Baptista.....	145
Figura 54 – Capa do canal de Eduardo Matildes.....	146
Figura 55 – Capa do canal de Victor Bebiano (ViBe)	147
Figura 56 – Capa do canal de Alexandre Berton (Liberton)	148
Figura 57 – Capa canal Cantinho do Xande.....	149
Figura 58 – Capa do canal Barba Ruiva.....	150
Figura 59 – Capa do canal de Carlos Roberto.....	151
Figura 60 – Segundo vídeo de Gabriel Comicholi.....	167
Figura 61 – Primeiro vídeo de Gabriel Comicholi.....	177
Figura 62 – HDiário #1, imagem do exame.....	178
Figura 63 – Edição na imagem do vídeo <i>Conto pro boy?</i>	182
Figura 64 – Inserção de imagem da coleta de sangue.....	184
Figura 65 – Vídeo Haulinha #2.....	185
Figura 66 – Vídeo <i>Camisinha</i> paródia <i>Paradinha</i>	187

Figura 67 – Amostra de temas nos vídeos do Super Indetectável.....	190
Figura 68 – João Geraldo Netto no vídeo sobre logística.....	195
Figura 69 – João Geraldo Netto na sala de casa.....	197
Figura 70 – Live sobre juventude e raça na luta contra aids.....	199
Figura 71 – Live com o psicanalista Flávio Calile.....	201
Figura 72 – Conversa entre Flávio Calile e João Geraldo Netto.....	203
Figura 73 – Temas dos vídeos de Léo Cezimbra.....	205
Figura 74 – Léo Cezimbra no vídeo de fevereiro de 2021.....	207
Figura 75 – Léo Cezimbra no vídeo Confissões #3.....	210
Figura 76 – Léo Cezimbra no vídeo sobre terminologia para o HIV.....	211
Figura 77 – Campanha da ONG francesa <i>Aides</i> , de 2004.....	213

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Dados dos vídeos mais vistos do Super Indetectável.....	102
Quadro 2	– Dados dos vídeos mais vistos de Rafael Bolacha.....	103
Quadro 3	– Dados dos vídeos mais vistos do Positivo Matheus.....	104
Quadro 4	– Dados dos vídeos mais vistos do Sou soropositivo e daí?.....	105
Quadro 5	– Dados dos vídeos mais vistos do Projeto Boa Sorte.....	106
Quadro 6	– Dados dos vídeos mais vistos do Gabriel Comicholi.....	107
Quadro 7	– Dados dos vídeos mais vistos do Ruggery Gonzaga.....	108
Quadro 8	– Dados dos vídeos mais vistos do Léo Cezimbra.....	109
Quadro 9	– Dados dos vídeos mais vistos do Meu Diário Positivo.....	110
Quadro 10	– Dados dos vídeos mais vistos do Max Ziller.....	111
Quadro 11	– Dados dos vídeos mais vistos do Prosa Positiva.....	112
Quadro 12	– Dados dos vídeos mais vistos do Loka de Efavirenz.....	113
Quadro 13	– Dados dos vídeos mais vistos do Há Vida com HIV.....	115
Quadro 14	– Dados dos vídeos mais vistos do Posithividades.....	116
Quadro 15	– Dados dos vídeos mais vistos do Sílvia Almeida.....	117
Quadro 16	– Dados dos vídeos mais vistos do Discordantes.....	119
Quadro 17	– Dados dos vídeos mais vistos do Jardiel Cavalcante.....	120
Quadro 18	– Dados dos vídeos mais vistos do Blenda Silva.....	121
Quadro 19	– Dados dos vídeos mais vistos do Lucas Raniel.....	122
Quadro 20	– Dados dos vídeos mais vistos do Letícia de Assis.....	123
Quadro 21	– Dados dos vídeos mais vistos do Heitor Longo.....	124
Quadro 22	– Dados dos vídeos mais vistos do Bárbara Gomes.....	125
Quadro 23	– Dados dos vídeos mais vistos de Saullo Hipolito	126
Quadro 24	– Dados dos vídeos mais vistos de José Carlos Fogo Puro.....	127
Quadro 25	– Dados dos vídeos mais vistos de Francisco Garcia.....	128
Quadro 26	– Dados dos vídeos mais vistos do Diego Krauzs.....	129
Quadro 27	– Dados dos vídeos mais vistos de Thaís Renovatto.....	130
Quadro 28	– Dados dos vídeos mais vistos de Nossa Hannis.....	131
Quadro 29	– Dados dos vídeos mais vistos de Drew Persi.....	132
Quadro 30	– Dados dos vídeos mais vistos de Caio Régis.....	134
Quadro 31	– Dados dos vídeos mais vistos de Cris Rafael.....	135

Quadro 32 – Dados do vídeo do Bixa Nagô.....	136
Quadro 33 – Dados dos vídeos mais vistos de LaVergui.....	137
Quadro 34 – Dados dos vídeos mais vistos de HIVIVA.....	138
Quadro 35 – Dados dos vídeos mais vistos de Caio César Xavier.....	139
Quadro 36 – Dados dos vídeos mais vistos de Guilherme Lima.....	140
Quadro 37 – Dados dos vídeos mais vistos de Kaique Castro.....	141
Quadro 38 – Dados dos vídeos mais vistos de Diego Moi.....	142
Quadro 39 – Dados dos vídeos mais vistos de Valmir Martins.....	143
Quadro 40 – Dados dos vídeos mais vistos de Valmir Martins.....	144
Quadro 41 – Dados dos vídeos mais vistos de Raquel Baptista.....	145
Quadro 42 – Dados dos vídeos mais vistos de Eduardo Matildes.....	146
Quadro 43 – Dados dos vídeos mais vistos de Victor Bebiano.....	147
Quadro 44 – Dados dos vídeos mais vistos de Alexandre Berton.....	148
Quadro 45 – Dados dos vídeos mais vistos de O cantinho do Xandre.....	149
Quadro 46 – Dados dos vídeos mais vistos de Barba Ruiva.....	150
Quadro 47 – Dados dos vídeos mais vistos de O tal do Carlos.....	151

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Picos noticiosos do HIV/aids nos Estados Unidos.....	58
Gráfico 2 – YouTube na primeira posição na faixa entre 16 a 24 anos.....	84
Gráfico 3 – Distribuição dos youtubers entre as cinco regiões do país.....	88
Gráfico 4 – Representatividade dos canais por estados (2010-2020)	89
Gráfico 5 – Homens e mulheres falando da sorologia no YouTube.....	90
Gráfico 6 – Gráfico dos canais surgidos por ano, entre 2010 e 2020.....	95

ABREVIATURAS

- ACT UP** – AIDS Coalition to Unleash Power
- ANVISA** – Agência Nacional de Vigilância Sanitária
- ARV** – Medicamentos antirretrovirais
- CD4** – Linfócitos T CD4, são os glóbulos brancos do sistema imunológico encarregados de defender o organismo do HIV.
- PEP** – Profilaxia Pós-Exposição para o HIV
- PrEP** – Profilaxia Pré-Exposição para o HIV
- SARS-CoV-2** – Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave, em inglês
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- TARV** – Terapia antirretroviral
- TasP** – Treatment as Prevention (tratamento como prevenção)
- UNAIDS** – Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	DO BOLETIM MÉDICO PARA A MÍDIA: “EPIDEMIA DE SIGNIFICADOS	29
2.1	O “DIAGNÓSTICO-DENÚNCIA” NA MÍDIA E NOS CONSULTÓRIOS.....	34
2.2	MÍDIA BRASILEIRA: VEÍCULOS, CONTEXTO DA SAÚDE E POLÍTICA.....	41
2.3	CULTURA E AIDS: NEM TODA METÁFORA SERÁ CASTIGADA.....	47
2.3.1	Uma “iconografia da aids” e as identidades clínicas	52
2.4	HIV/AIDS NA ERA DA ROTINIZAÇÃO.....	57
3	MOVIMENTO HOMOSSEXUAL: PIONEIRISMO CONTRA A AIDS	60
3.1	RESISTÊNCIA E REARTICULAÇÃO: A LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO	65
3.2	A IMPRENSA ARTESANAL: UMA “ESCRITA HOMOSSEXUAL” NO BRASIL.....	68
3.2.1	Luta pela significação e as primeiras ações práticas	71
3.3	DISCURSO JURÍDICO: EFEITOS COLATERAIS NOS DIREITOS.....	73
3.3.1	Necropolítica, biopolítica e os corpos imunes	78
4	O YOUTUBE E OS RELATOS SOBRE VIVER COM HIV	83
4.1	OS YOUTUBERS: REGIÃO, GÊNERO, IDADE.....	85
4.2	CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DO CORPUS.....	90
4.3	RELATOS QUE NÃO FAZEM PARTE DO CORPUS. POR QUÊ?	93
4.4	OS CANAIS ESCOLHIDOS E A METODOLOGIA	99
4.5	MAPA DE RELATOS DA SOROLOGIA POSITIVA DO HIV NO YOUTUBE.....	102
5	O EU INDIVIDUAL E TRAÇO COLETIVO NOS RELATOS	152
5.1	ETHOS NO YOUTUBE E O TEXTO CONSTRUÍDO COM A AUDIÊNCIA.....	162
5.1.2	Desvio para abordar o relato: testemunho e confissão	171
5.2	ANÁLISE DOS TRÊS CANAIS SOBRE VIVER COM HIV.....	177
5.2.1	Gabriel comicholi: <i>arete</i>	177
5.2.2	Super indetectável (joão geraldo netto): <i>phronesis</i>	190
5.2.3	Léo cezimbra: <i>eunoia</i>	205
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
	REFERÊNCIAS	220

1 INTRODUÇÃO

Em setembro de 2018, o BuzzFeed apresentou no YouTube o vídeo *New HIV patient meets survivor from the 80's* (Um novo paciente HIV positivo encontra um sobrevivente dos anos 1980)¹. O encontro entre Keith, nascido em 1962, nos Estados Unidos, e o filipino Raphael, trinta anos mais jovem, nos coloca diante de duas realidades distintas em relação à história de um vírus, de como ele age no sistema imunológico, destruindo as defesas e tornando Keith, como apresentado no título, um sobrevivente. O filme de sete minutos e vinte seis segundos poderia ser uma introdução multimídia deste trabalho. Keith foi passeando pela história dos ativistas, pela construção do memorial transformado em obra de arte na gigantesca colcha, o *quilt*, do grupo de ativismo ACT UP, fundado em 1987, para cobrar de maneira performática e incisiva, acesso às pesquisas sobre medicações e estratégias efetivas do governo, nos Estados Unidos. O material fala sobre as notícias desencontradas, o aspecto biomédico, como age um fármaco que trabalha na protease reversa, o mecanismo de ação dos medicamentos divulgados na 11ª Conferência Internacional de AIDS, em Vancouver, em 1996. O coquetel de três drogas, contendo um inibidor de protease (BARROS, VIEIRA-DA-SILVA, 2017), permitiu uma narrativa distinta dos primeiros anos da aids, quando a o resultado positivo para o vírus significava morte iminente. Começou a existir perspectiva de futuro. Portanto, outras histórias para contar. E partir dessa mudança, um campo discursivo também em formação, na literatura, seja a dos boletins científicos, da imprensa, e, também, na produção ficcional. A história da doença, do vírus e dos discursos sobre eles, em reformulação. Antes e depois dos remédios. O relato autobiográfico, a vida com HIV ou com aids – e aqui vale lembrar de condições distintas entre estar infectado, e desenvolver a doença. Ou melhor, a síndrome, representada por um conjunto de sintomas clínicos – não surgiu no primeiro momento.

Pearl (2013), em seu fundamental trabalho que aborda a “literature of loss”, fala que, antes de escrever uma história em primeira pessoa, como fazem Keith e Raphael no vídeo, houve uma tentativa de organizar o caos, tentar ordenar a “avalanche de informações” que as epidemias carregam em seu início, com boletins e outras narrativas. Keith relembra da luta por direitos das pessoas vivendo com HIV/aids

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eETWlZHZWEY>> Acesso em 15 de maio 2020.

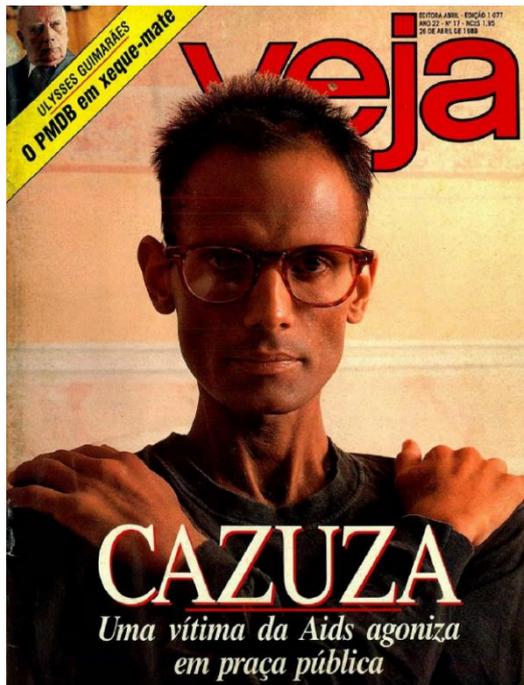
(PVHA), uma batalha discursiva que Larry Kramer, escritor e ativista da aids, entendeu antes de todo mundo, quando começou as reuniões em sua própria casa, com atas disponíveis no acervo da New York Library. Raphael fala do seu tratamento, em 2018, com um comprimido por dia, diferente da época em que “o sobrevivente” tomava 18 deles, três vezes por dia. As experiências parecem tão distantes no tempo até o momento que eles decidem falar dos sentimentos sobre a revelação da sorologia. O medo do estigma, a vergonha e o cuidado para contar sobre o HIV para colegas de trabalho, família, amigos, expor o status sorológico para parceiros, parece quase apagar a evolução tecnológica da medicina e da indústria farmacêutica, que possibilitou a cronificação do HIV. 40 anos depois de uma nota publicada no relatório semanal do Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos, em junho de 1981, “os sentimentos em relação ao diagnóstico do HIV ainda são quase os mesmos”, Keith conclui ao ouvir o relato de Raphael.

No Brasil, Gabriel Estrela, um dos youtubers a relatar a sua experiência com o HIV, o primeiro a postar vídeos de forma ordenada e trabalhar o conteúdo de suas redes em articulação com fontes institucionais, como o UNAIDS Brasil, com checagem, atualização e compartilhamento de pesquisas sobre HIV/aids chega à mesma conclusão. “O HIV perdeu aquela cara (da magreza extrema e manchas na pele), mas não perdeu a imagem daquela cara”, explica Gabriel Estrela no canal da youtuber JoutJout Prazer, numa conversa que alcançou 700 mil visualizações quando foi ao ar, em julho de 2015. A repercussão do seu trabalho permitiu que a peça *Boa Sorte - o musical*, percorresse o país quase todo. Gabriel apareceu na capa da revista Galileu, em agosto de 2017, quase trinta anos depois de Cazuza, em abril de 1989, ter estampado capa de Veja. Dois homens falando sobre o vírus de formas distintas, como no vídeo. Mas em países com realidades bem diferentes. Gabriel utiliza o Sistema Único de Saúde, que oferece testagem, acompanhamento e tratamento para o HIV. O esquema de combinação de drogas que ele adotou é capaz de baixar a carga viral ao ponto de ser denominada indetectável. Nessa condição, a pessoa vivendo com HIV, não transmite mais o vírus, o que significa mais uma estratégia de prevenção.

Todas essas informações sobre dados biomédicos e práticas preventivas estão na maioria dos canais de PVHA. Mas o preconceito e a desinformação ainda persistem. Foi o que descobriu, na prática, a equipe de redação da revista Galileu, após a publicação do material com Gabriel Estrela. Os comentários feitos no

Facebook, com acusações de que a publicação tentava “glamorizar” o vírus, feitos com o termos carregados de estigma, e em desuso, como *aidético*, geraram uma nova matéria no site da publicação: *8 comentários que provam que nossa capa sobre HIV é necessária*².

Figura 1 – Cazuzza na capa da Veja (1989)



Fonte: Medium.³

Figura 2 – Gabriel na capa da Galileu (2017)



Fonte: Wikipedia.⁴

O canal de Gabriel Estrela deixou de ser atualizado no primeiro semestre de 2019, quando ele passou a focar na carreira artística. Outros youtubers falam, hoje, sobre como é viver com HIV na rede social de compartilhamento de vídeos, mesmo quando a recomendação de boa parte dos profissionais de saúde, ainda, segundo esses influenciadores digitais, é manter uma certa clandestinidade. “Ela (a psicóloga responsável pelo teste rápido de HIV) disse pra que eu não contasse (RENOVATTO, 2020, informação eletrônica)⁵. A postura revela sentimentos como culpa e preconceito relacionados ao HIV/aids, construídos nos primeiros anos, e reverberam nas representações sobre PVHA quarenta anos depois do boletim publicado pelo CDC. O

² Disponível em: <<https://glo.bo/3mib0bo>>. Acesso: 03 de maio 2020.

³ Disponível em: <<https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuzza-15933a4f909a>>. Acesso: 03 de maio 2020.

⁴ Foto Gabriel Estrela: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu_(revista))>. Acesso:03 de maio 2020.

⁵ Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=6be_38lgRI4> Acesso em 12 de set. 2020.

silenciamento vivenciado pelas mulheres é mais agressivo, porque sempre houve uma ligação da genitália feminina como fonte de doenças e, na aids, essa posição foi ocupada pelos homossexuais (GILMAN, 1987). A obra de Sander Gilman é fundamental, seu recorte histórico nas observações de como o corpo gordo e o corpo judeu foram representados na iconografia ocidental ajudaram a pensar e a conduzir o olhar sobre os vídeos no Youtube de pessoas vivendo com HIV. A produção acadêmica das décadas de 1980 e 1990, e do início dos anos 2000, com os trabalhos de Paula Treichler, Simon Watney, Kenneth Rochel de Camargo Jr., Susan Sontag, Jane Galvão, e Marcelo Secron Bessa são basilares para esta dissertação.

A partir das contribuições desse material, poderemos tentar ler uma narrativa crônica no caso de quem vive com o HIV, uma parte da experiência das PVHA que os meios tradicionais de comunicação não conseguem dar conta ao longo desses 40 anos de notícias sobre o vírus. As pautas seguiram por um lado científico, comportamental, jurídico, de descobertas biomédicas, que continuam seguindo a agenda anual no 1º de dezembro, Dia Mundial Contra a Aids. “A rotinização da problemática da aids”, como observa Traquina et al (2007). O surgimento desses canais de influenciadores que vivem com HIV, corpus e parte do problema desta pesquisa, trazem indícios de que se pode falar de um vírus sem tratá-lo como um organismo independente, maior que as pessoas apresentadas em reportagens. Aspectos como vida amorosa, desconforto causado pela medicação, reações após o diagnóstico entram como temas centrais. Uma comunicação pessoal, sem atravessadores, o “diário íntimo tornado público”, Paula Sibilia (2008). Este projeto se mostra relevante por propor a compreensão dessa narrativa e como ela pode colaborar para que a comunicação, em veículos tradicionais, como Galileu ou Veja, citadas anteriormente, seja produzida obedecendo a critérios éticos, não reforçando o estigma e os estereótipos. E, sobretudo, observando o exercício de exotopia, de que trata Todorov/Bakhtin, para tentar captar o olhar do outro. “Tentar entender como o outro olha, como o outro vê” (AMORIM, 2012, p.96).

Esta pesquisa analisa de que forma se configura o discurso em relação ao HIV/aids a partir do conteúdo produzido por influenciadores digitais que vivem com o vírus. O percurso envolve história, política, legislação, ficção e linguagem científica, além de olhar para o espaço autobiográfico, para o dialogismo nos canais de pessoas vivendo com HIV. Essa proposta revela-se nos estudos de literatura pré e pós-coquetel de Pearl (2013), que avalia em perspectivas distintas como aconteceu o

processo de narração do que era, no início, uma doença que acontece no tempo (SONTAG, 1989). Para olharmos esses discursos, construímos um tópico inteiro sobre a literatura dos textos científicos, dos boletins, do noticiário, e a literatura ficcional, contendo enredos apresentados ao longo das décadas, constituindo o que Treichler (1987) classificou de “epidemia de significados”. Esses enredos aparecem na **segunda seção**, que une imprensa, ciência, literatura, iconografia da aids em sua teia complexa. Jornais, TV, rádio ajudaram a mostrar que a aids tem a cara de cada lugar (DANIEL, 2018). Neste país, até mesmo o termo aids traz a sua especificidade. Não é SIDA, como em outros países de língua espanhola e portuguesa. Aqui, a padroeira da nação, Nossa Senhora Aparecida, Cida, na abreviação carinhosa, também usada para se referir às mulheres batizadas em sua homenagem, fez com que usássemos aids, como a sigla em inglês (BARROS, 2013). As diferentes grafias são explicadas adiante.

Na **terceira seção**, falamos da reação do movimento homossexual, nos Estados Unidos, e a seguir no Brasil. O que interessou, nesta parte, foi mostrar que a aids surge associada a homens que fazem sexo com homens (HSH). Porque nem todos os homens que praticam sexo com outros homens declaram-se homossexuais. A partir da construção de enunciados, pela medicina e pela mídia, no momento inicial, de uma doença misteriosa que, aparentemente, afetava só homossexuais, surgiam termos como “peste rosa”, “câncer gay”, ou GRID (*Gay-related immune deficiency*), esta última adotada em maio de 1982 pelo The New York Times, antes que surgisse, de fato, AIDS, usada em setembro do mesmo ano pelo CDC. Abandonando as evidências em contrário do continente africano (Sontag, 1989) a aids é operada nos meios de comunicação como condição dos homossexuais. Forças políticas conservadoras trataram de usar a metáfora de castigo e punição (SONTAG, 1989) para explicar a epidemia. Em setembro de 2020, um vídeo feito em 2016 da pastora e cantora evangélica Ana Paula Valadão retoma o discurso da culpa da aids para os gays⁶. De novo, a confusão temporal entre discurso e tecnologia para tratar o HIV repete-se com a declaração equivocada e genocida, visto que na associação da sexualidade com doença e culpa, as pessoas “postergam os diagnósticos, adoecem e morrem. Sozinhas. Morrem física e socialmente”, (BORGES, 2020, informação eletrônica). O infectologista, que em sua conta de Instagram adota a persona de

⁶ Disponível em <<https://bit.ly/3iCJBhW>>. Acesso: 12 de set. 2020.

Doutor Maravilha, lembra que em números absolutos, há mais héteros que gays e pessoas trans infectadas: “Olhe para a África, olhe para as crianças. Olhe para os idosos”⁷.

O discurso conservador utiliza-se de dados descontextualizados de prevalência entre as populações-chave para novas infecções pelo HIV, como HSH e mulheres trans, para a construção de uma narrativa baseada no passado. É preciso frisar essa questão ao mostrar que entre a população em geral, a incidência do vírus fica em torno de 0,4%. Enquanto no universo da pesquisa conduzida por Kerr (2018), em 12 capitais do Brasil, em 2016, esse número está 46 vezes maior entre os HSH. E, deve-se, segundo a pesquisadora,

À intensa redução das medidas preventivas voltadas a estas populações específicas que se iniciou logo após a realização do primeiro estudo. Campanhas governamentais foram coibidas por interferência direta daquilo que foi chamado Bancada BBB (KERR, 2018, informação eletrônica).

A crítica está focada nas bancadas evangélica, ruralista e armamentista. Existe desde o início da aids um movimento contra o “imperialismo semântico” (TREICHLER, 1988) da mídia e da ciência, para não permitir que a naturalização de algumas posturas sobre a síndrome ganhasse um viés de neutralidade usado por movimentos conservadores. Os integrantes do movimento homossexual e os ativistas da aids (TREICHELER, idem) foram fundamentais para esse questionamento e as mudanças propostas nas estratégias de tratamento e da terminologia adotada para abordar o HIV e a aids, que são questões distintas. O foco da análise do trabalho é sobre pessoas vivendo com HIV quarenta anos depois das primeiras informações. Mas é responsável marcar que, apesar da tecnologia da medicação, as pessoas ainda morrem de aids. “Definham como no passado. Se não houver tratamento”, lembra Thaís Renovatto na *live Literatura e HIV: autobiografias positiHIVas*⁸. Em relação às mortes decorrentes de aids existe a questão social, do acesso à informação e aos serviços de saúde. Observar a realidade dos youtubers, pessoas que seguem o tratamento e acessam as políticas de saúde da forma que parece a mais próxima do ideal, em nossa realidade brasileira, não apaga uma outra vivência do HIV, de que trata o infectologista e ativista Caruê Contreras. “A gente fala muito da violência e das mortes, dos homicídios LGBTfóbicos, a gente tá sempre contando isso e é

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/doutormaravilha/>>. Acesso: 12 de set. 2020.

⁸ Disponível em: <<https://bit.ly/3izxRgu>>. Acesso: 06 de ago. 2020

superimportante. Mas ninguém fala do número de LGBTs mortos por aids” Contreras, no documentário *Cartas para Além dos Muros*, 2019. O médico mostra que, em 2015, morreram 3.600 homens gays, bissexuais, mulheres trans e travestis de aids. “Um número 10 vezes maior que as mortes causadas por violência”. Ele lembra que, “se puder considerar isso um genocídio, no sentido amplo, o principal mecanismo para um genocídio LGBT não é a violência, mas a aids”. Neste trabalho, abordamos, brevemente, os conceitos de necropolítica (MBEMBE, e corpos imunes). Mas o foco não é exatamente este. Embora, fazer uma leitura do contexto, antes de chegar ao relato sobre HIV, em primeira pessoa no YouTube, fosse essencial.

Na **quarta seção**, apresentamos as tabelas dos 50⁹ espaços de relato do HIV no YouTube, criados entre 2010 a 2020 por pessoas vivendo com HIV/aids. Não chamamos mais de canais sobre o tema porque nem todos se apresentam dessa maneira, trazendo, às vezes, apenas um ou dois vídeos. Esses espaços foram encontrados em buscas no Google, no próprio YouTube e no Social Blade, ferramenta que apresenta métricas como: número de inscritos, dados de visualização, ranking por categorias e, ainda, os 50 vídeos mais visualizados em cada canal. Por que a escolha pelo YouTube? Por ser, em 2019, a rede social mais acessada, no Brasil, superando o Facebook, de acordo com uma a pesquisa global do Relatório Digital In 2019. Esses números mudaram e o YouTube já não ocupava mais o topo, em 2021. Além dessa alteração nos números, nos interessava, ainda, o debate intenso sobre o impacto no cenário político brasileiro a partir do material compartilhado na plataforma a partir de influenciadores ligados ao atual projeto de poder do Governo Federal. Um ano antes das eleições de 2022, um inquérito do Tribunal Superior Eleitoral descobriu os valores pagos a youtubers responsáveis por divulgação de *fake news* sobre o processo eleitoral no país. De janeiro de 2019 a agosto de 2021, o YouTube pagou

⁹ O mapa foi construído sobre os relatos da sorologia positiva para o HIV no YouTube. No início da pesquisa, levou-se em consideração apenas o relato produzido para a plataforma de vídeos a partir das leituras de Paula Sibilia (2008) sobre a produção de diários na internet. A proposta de “Broadcast Yourself” (transmita-se, em livre tradução. Por isso, o uso do termo canal) era o requisito de mapeamento dos espaços. Decidimos ampliar a pesquisa, na última checagem de dados do YouTube, feita entre fevereiro e o início de abril de 2021. Incluímos mais relatos que não traziam somente o material feito para o YouTube, mas replicavam o conteúdo audiovisual de campanhas e de programas para a TV que pessoas vivendo com HIV disponibilizaram. Essa adequação foi a ideal, porque trabalhar com o contexto histórico e os marcos da política do HIV/aids no Brasil sem elencar os canais da ativista e consultora em prevenção Sílvia Almeida, e Cláudio Souza, do site Soropositivo.org, não nos parecia prudente. Os dois vivem com HIV desde os anos 1990.

R\$ 10 milhões a 11 canais bolsonaristas, que passavam por desmonetização na tentativa de barrar as notícias falsas¹⁰. Declarações homofóbicas do apresentador de programa policial Sikêra Jr., transmitido nacionalmente pela Rede TV, também foi alvo de campanha ativista para desmonetizar seu canal, reduzindo o alcance e os patrocínios.

Este desvio nos pareceu importante, na Introdução, para dizer que o jogo político, a representatividade no YouTube, apresentava-se de maneira cada vez mais complexa. O youtuber e ativista Gabriel Estrela fala na possibilidade de “educação continuada” no YouTube, mas precisamos atentar para outros elementos nessa mídia social que envolve entretenimento, política e tantas outras camadas. Falar de si e educar sobre temas importantes, como saúde sexual, é relevante. Mas há outras características que podem passar despercebidas. Por exemplo, lembra Estrela, o sentido de verdade [não a verdade referencial, nos lembra Arfuch (2010)], de proximidade com quem fala, que os vídeos projetam. “No Facebook, como era só um texto, não havia tanto compartilhamento. Quando foi vídeo, já era ‘ah, o meu amigo’, ‘o filho do meu amigo’, ‘meu professor’”¹¹, (ESTRELA, 2017, informação eletrônica). A questão para o influenciador é que os usuários dessa mídia passaram a compartilhar “uma pessoa falando sobre HIV, com os recursos do gestual, do áudio, que afetam muito quem recebe a mensagem”. O texto integral, composto de signos verbais e não-verbais, o conceito que se aproxima da multimodalidade, o estilo e tom, como entendidos por Bakhtin (1997) são fundamentais para lermos os vídeos, para entendermos como falam os três youtubers que analisamos. A enunciação no YouTube mobiliza a gestualidade, escolha de vocabulário, pautas, cenografia, trilha sonora, nos levando à Retórica Aristotélica, à Semiótica Discursiva, e à Análise de discurso (FIORIN, 2008c; MAINGUENEAU, 2008) para observar sobre o que e como falam esses comunicadores.

“Por que quase todos eles são homens homossexuais?”, perguntava a escritora Thaís Renovatto ao participar de um vídeo do canal Diego Krausz¹². Thaís, uma das oito mulheres a contar sobre a sorologia positiva para o vírus no YouTube. Os vídeos postados em sua rede não foram produzidos, exatamente, para o seu canal,

¹⁰ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/onze-canais-bolsonaristas-lucraram-r-10-milhoes-com-propagacao-de-fake-news/>>. Acesso: 17 de set. 2021.

¹¹ Fala retirada do documentário Positive Youtubers, de Leandro Goddinho (2017). Disponível em: <https://vimeo.com/218473429>. Acesso: 12 de set. 2020.

¹² Disponível em: <<https://bit.ly/2RiiKMe>> Acesso: 24 ago. 2020.

replicando participações em programas de TV, em canais de outras pessoas vivendo com HIV e em campanhas. Não são todos os canais de homens homossexuais, como veremos adiante. Blenda Silva, Bia Nickytinha, Bárbara Gomes, Sílvia Almeida, Letícia de Assis, Raquel Baptista, e Marina Vergueiro, também falavam sobre viver com HIV. Sendo que cinco delas mantinham alguma regularidade de postagens sobre o tema. Os homens somam 42 relatos sobre o HIV no YouTube. O percentual, na questão de gênero, mostra que 84% da narrativa sobre HIV e aids¹³ é de homens. Dois deles abordaram a sua heterossexualidade. Dois influenciadores não tratavam da orientação sexual. Um deles, inclusive, não mostrava o rosto e utiliza a edição de áudio para alterar a voz.

Para a definição do corpus, a escolha dos youtubers foi baseada em três canais que nos apresentavam um conjunto maior de dados, para a leitura de uma totalidade do *ethos* do enunciador, e o conseqüente *pathos* do enunciatário, conceitos detalhados na parte teórica. A partir, também, dos dados mostrados pela própria mídia social, apontando que a construção discursiva é dominante entre homens gays, cisgêneros, jovens, orientamos o foco de análise foram nos youtubers com essas características. Nos nove episódios analisados, olhamos para o relato da descoberta, que carrega o acento biográfico, para os vestígios históricos, a garantia de direitos e para a desconstrução, ou a perpetuação, de estigmas. Observamos que os influenciadores digitais se tornaram, neste sentido, ativistas digitais (CEZIMBRA, 2016, informação eletrônica). Os relatos partem do pessoal para mostrar uma construção coletiva, em parcerias com outros canais e ativistas, alcançando uma “autoridade”, palavra usada no marketing digital, e descortinando questões de representação até sobre como o racismo perpassa o depoimento do HIV no YouTube. Na continuação dos critérios usados para determinar os três canais, a interação enunciador-enunciatário também se deu a partir do alcance de público expressivo. Os números, no YouTube, contam, por ser a monetização um dos aspectos desta mídia social. Determinamos que, pelo menos, cada canal alcançasse 10 mil inscritos. Eram também fundamentais a manutenção dos canais no ar, com frequência de produção, e uma narrativa continuada para a escolha. O universo de 50¹⁴ canais, a partir desses

¹³ Alguns depoimentos abordam o estágio de síndrome, a aids. E não somente a questão da sorologia.

¹⁴ Nos quadros da seção de metodologia é possível visualizar quais canais estão fora do ar, seja por decisão pessoal ou por violar regras do YouTube. Há vários canais sem atualização há meses, ou mesmo anos, caso do Positivo Matheus, com última postagem em novembro de 2017.

requisitos, cai consideravelmente. Se levássemos em conta apenas os relatos com produção específica para o YouTube, e com mais de um vídeo sobre o HIV, alcançaríamos 37 relatos. A avaliação das métricas de inscritos ou das visualizações serviu para refinar ainda mais. Os youtubers compõem o corpus:

1. Gabriel Comicholi (Paraná¹⁵)
2. Super Indetectável/João Geraldo Netto (Goiás¹⁶)
3. Léo Cezimbra (Rio Grande do Sul)

Na **quinta seção**, depois de entendermos o contexto, apresentamos os conceitos de espaço biográfico, do dialogismo na construção do eu individual e do coletivo, as características do testemunho e da confissão [usamos relato como um hiperônimo] e as características da vigilância distribuída. Assim, poderíamos investigar os canais com mais ferramentas, sem esquecer que, antes dos youtubers que abordam a sorologia positiva em primeira pessoa, houve o período de grande hiato na literatura sobre o HIV. “Como fala Danilo Melo em sua dissertação” (BOLACHA, 2020, informação eletrônica). Rafael Bolacha reiniciou, de acordo com o autor referenciado por ele, um trajeto autobiográfico no livro *Uma vida positiva* (2012), na fase em que “as referências ficaram relacionadas àquela aids do passado. O HIV estava relacionado a números no final do ano (o 1º de dezembro, Dia Mundial contra a Aids). O ator e escritor citado utilizou o Facebook como “processo terapêutico”. Não criou um canal com a finalidade de contar, em material audiovisual, sobre sua sorologia, como explicamos melhor na nota de rodapé dedicada aos dados do seu site de compartilhamento de vídeos. Os canais no YouTube, e o relato da sorologia foram surgindo gradativamente. Consideramos, aqui, como primeiro o espaço de João Geraldo Netto. Entre os vídeos mais vistos de cada canal, informação conseguida através das métricas apresentadas pelo site Social Blade, havia pistas sobre a “vontade de saber”, como disse o Professor Doutor Carlos Alberto Carvalho, da faculdade de comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em reunião por Skype, durante o período de isolamento, em maio de 2020. O pesquisador citou Michel Foucault ao tratar dos vídeos “da descoberta” da sorologia positiva, dos

¹⁵ O primeiro vídeo foi feito ainda no Rio de Janeiro. O material que analisamos foi produzido quando o youtuber já morava em Curitiba, de onde produziu quase todos os vídeos.

¹⁶ Ao lançar seu primeiro canal, o goiano João Geraldo Netto morava em Petrópolis (RJ). Mudou-se para Brasília e, atualmente, reside em Goiás.

episódios de “como me infectei”, que apareciam entre os mais visualizados e mais comentados da maioria dos canais.

Era o material autobiográfico, o relato da sorologia positiva em vídeos que nos interessava, desde o primeiro momento. Entre os primeiros três meses de 2021, quando observamos os números da análise em profundidade do Índice de Estigma em Relação às Pessoas Vivendo com HIV e Aids, no Recife, percebemos a necessidade de manter o foco neste recorte, pela dificuldade que pessoas vivendo com HIV e aids ainda têm de externar o status sorológico positivo. Na capital pernambucana, 87% das entrevistas apontavam ser difícil contar para a família que vive com HIV e aids (GESTOS, 2020, informação eletrônica)¹⁷. Em outras seis capitais, os números não estavam muito distantes. Essa interdição no discurso poderá afetar a adesão ao tratamento que garante a qualidade de vida que os youtubers relatam em seus vídeos. Para analisar esse material audiovisual, olhamos para o traço coletivo no relato autobiográfico, uma relação dialógica apresentada por (ARFUCH, 2010), enxergando o YouTube na perspectiva de “(...) um lugar de diálogo – um diálogo que, muitas vezes, começa pelo entretenimento”, (CORUJA e COCA, 2017, p. 121). Seguindo no mapa conceitual, os conceitos de interdiscursividade, intertextualidade, foram fundamentais para a compreensão do que aparecia nesses relatos. Vigilância, entretenimento e exibição, ou a ética do espetáculo em rede são abordados aqui a partir de Bruno (2013), Sibilia (2008) e Sacramento (2018).

Para analisar os canais selecionados, partimos ponto de vista histórico e político como condições que possibilitaram falar do HIV em primeira pessoa no Youtube. Visto que “nenhum processo histórico acontece a partir do nada. É o adensamento das ideias que faz esses eventos existirem” (COLAÇO, 2020, informação eletrônica)¹⁸. Nessa perspectiva, olhamos para as características de cada youtuber dentro do universo relacional de vídeos abordando o HIV, categorizando os canais com os três tipos de *ethos* da Retórica Clássica: *arete*, *phronesis* e *eunoia*. Respectivamente: Comicholi, Super Indetectável e Cezimbra. Selecionamos três episódios de cada dentro de sua totalidade discursiva, fechando o corpus analítico nos nove episódios produzidos entre 2016 e 2021.

¹⁷ Disponível em: <<https://gestos.org.br/2020/12/recife-hiv-aids-tratamento/>>. Acesso: 12 de jan. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qgRjbVV1P-Y>. Acesso em 20 de fev. 2021.

2 DO BOLETIM MÉDICO PARA A MÍDIA: “EPIDEMIA DE SIGNIFICADOS”

Em 2021 faz, exatamente, 40 anos desde que o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), com sede em Atlanta, publicou um comunicado em seu Relatório Semanal de Morbidade e Mortalidade (MMWR)¹⁹ descrevendo casos de uma infecção pulmonar rara em cinco jovens gays, brancos, que eram previamente saudáveis, moradores de Los Angeles (HIV.GOV, 1981, informação eletrônica)²⁰. No dia 5 de junho de 1981²¹, o médico Michael Gottlieb, imunologista, e Wayne Shandera, integrante do CDC, e alguns colegas relataram que todos os homens também tinham outras infecções incomuns, indicando que o sistema imunológico deles estava falhando. Dois morreram quando o relatório foi publicado e os outros, logo depois. Esse teria sido o primeiro relato oficial do que seria conhecida como pandemia de AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida). Naquele mesmo dia, o documento do HIV.GOV mostra que o dermatologista Alvin Friedman-Kien, de Nova York, informa ao CDC casos do Sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer também incomum, em gays jovens, de Nova York e da Califórnia. Horas mais tarde, essas informações já estavam disponíveis na Associated Press, no Los Angeles Times e no San Francisco Chronicle. “Em alguns dias, o CDC recebe relatos de todo o país de

¹⁹ O Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR) divulga informações e números atualizados a cada semana pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, Centers for Diseases Control) dos Estados Unidos. “O veículo traz publicação científica com informações e recomendações oportunas, confiáveis, autorizadas, precisas, objetivas e úteis sobre saúde pública”, (CDC, 2020).

²⁰ Disponível em: <<https://www.hiv.gov/hiv-basics/overview/history/hiv-and-aids-timeline>>. Acesso: 20 de fev. 2021.

²¹ Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015) informam que desde 1978, “e principalmente a partir do final de 1979, o médico Joel Weisman, de Los Angeles, percebeu entre seus pacientes homossexuais casos de síndrome de mononucleose like, com crises de febre, emagrecimento, linfadenopatia diarreia e candidíase oral e anal”. Em 2014, pesquisadores das Universidades de Oxford e Leven, publicaram na revista Science um estudo mostrando que o vírus HIV teria surgido no início do século 20 na região sul de Camarões, transmitido aos humanos através da manipulação ou do consumo da carne de caça de chimpanzés. Na década de 1920, a infecção deixa de ser regional. “Encontrou as condições ideais quando chegou ao então Congo belga”, (OLIVEIRA, 2014, informação eletrônica). A partir da cidade de Kinshasa, capital da atual República Democrática do Congo, espalha-se pela África Subsaariana por conta de alguns fatores: intensa circulação humana nas embarcações no Rio Congo; transporte por linhas férreas na então colônia belga; prostituição; e até o sistema de saúde, que usava injeções esterilização, contribuiu para epidemia. “A AIDS como conhecemos é causada especificamente pelo vírus HIV-1 grupo M, e começou a ser diagnosticada fora da África no início dos anos 1980, nos Estados Unidos” (Oliveira, 2014). Disponível em: <<https://glo.bo/3itsxuW>> Acesso: 7 de jul. 2020.

casos semelhantes daqueles tipos específicos de pneumonia e do câncer. Além de outras infecções oportunistas entre homens gays”. A aids²² aparece, quase simultaneamente, no boletim científico, nas páginas dos dois jornais e no banco de dados de uma das maiores agências de notícias do mundo. Mostrar a aids, inicialmente, nessa forma de boletim científico é um caminho deliberado para discutir a forma de narrar da ciência, que, amparada na construção textual de neutralidade, de objetividade, chegou no caso deste vírus e da síndrome, a obliterar a crítica dentro da própria ciência. Treichler (1988)

Os cientistas acreditavam que a aids chegou na hora certa, quando as pesquisas médicas e a biomedicina já tinham trilhado um caminho que forneceria o que consideravam muito rápido (TREICHLER, 1988). Ela mesma cita autores que contestavam essa agilidade e mobilização da ciência, como Randy Shilts, o jornalista que cobriu a aids desde os casos iniciais, autor do, hoje, polêmico *And the Band Played on* (1987). Na verdade, foram seis anos desde o relatório do CDC, em 1981, e a aprovação do tratamento do AZT pelo FDA, nos Estados Unidos.

Como Simon Watney aponta, no entanto, as investigações das últimas duas décadas fornecem uma base crucial para a análise da AIDS nas ciências humanas também. Tal fundação nos prepara para analisar a AIDS em relação a questões de linguagem, representação, mobilização de narrativas culturais, ideologia, diferenças e hierarquias sociais e intelectuais, divisões binárias, interpretação e concursos de significado. (TREICHLER, 1988, p. 213).

Membros da comunidade gay, ativistas da aids, como o próprio Watney, moldaram o discurso da mídia e da ciência sobre a doença. A autora lembra que a própria terminologia inicial, as interpretações e significados carregados de estigma foram contestados. Um termo como “promíscuo” foi trocado por descrições “mais neutras como ‘sexualmente ativas com múltiplos parceiros’ (muitos exemplos de tais mudanças são demonstrados nas coleções de artigos sobre aids da *Science* e do *Journal of the American Medical Association*) ” (p.213). Essa era uma forma de desafiar o que Paula Treichler denomina de “imperialismo semântico da ciência e da medicina”. Além de questionar o ponto hegemônico na linguagem, o uso de metáforas

²² aids, em minúsculas, é usada em todo o trabalho por ser substantivo comum, referindo-se ao quadro clínico (doença), de acordo com o Aurélio. Também é uma estratégia de combater o estigma da sigla em inglês, usada como maiúscula. As diferenciações de escrita seguem o título original dos trabalhos utilizados como referência bibliográfica. A sigla AIDS (em inglês) começou a ser usado em setembro de 1982 (CARMARGO JR.) e síndrome passa a ser identificada como de incidência em homossexuais, hemofílicos, haitianos, usuários de drogas injetáveis, prostitutas, então chamada de Doença dos 5 H, trabalhando com a ideia inicial de “grupo de risco”.

e as associações apresentadas como verdade para falar do sexo, também passaram por esse embate discursivo proporcionado pela aids. A necessidade de escrutínio, de arrancar confissões e detalhes desde a contrarreforma, passada da religião para a medicina, e posteriormente, para outros setores, como o direito e a educação (FOUCAULT, 2019), intensificou-se naquele período inicial.

O marco que acendeu o sinal de alerta para a comunidade gay nos Estados Unidos, o artigo assinado pelo médico epidemiologista Lawrence K. Altman, foi publicado na página 20 do primeiro caderno do *The New York Times* (FERREIRA, 2018). Um dia antes do feriado da Independência dos Estados Unidos de 1981, o título: *Rare cancer seen in 41 homosexuals: outbreak occurs among men in New York and California - 8 died inside 2 years*. Dunlop (2014), contextualiza o impacto daquela notícia na seção *Times Insider* do *The New York Times*:

A publicação do artigo de Altman foi um ponto de virada na conscientização de muitos homens gays. A notícia aparece no filme Longtime Companion e na peça de Larry Kramer, The Normal Heart. Quando a peça começa, a Dra. Emma Brookner relata ao protagonista, Ned Weeks, como a imprensa estava desatenta. (DUNLOP, 2014, tradução do autor)²³

No trecho acima, o primeiro filme citado recebeu no Brasil a tradução de *Meu querido companheiro* (1990), um dos primeiros blockbusters sobre a temática da aids. *The Normal Heart*, a peça que se tornou um clássico de Larry Kramer, escrita em 1985, que virou filme pelo canal HBO. Os enunciados sobre uma doença ainda misteriosa, naquela altura, foram amalgamados pela comunicação de massa. Não apenas jornais e revistas, mas cinema, teatro, publicidade, TV, literatura foram construindo uma rede de enunciados. O regime de existência de discursos sobre HIV/aids nos vários campos comunicativos, junto com o discursivo médico, o mais presente, óbvio, por tratar-se de uma doença, definiram a forma como veríamos a aids. Paula Treichler classifica como “epidemia de significados”. Em seu artigo *AIDS, Homophobia, and Biomedical Discourse: An Epidemic of Signification*, ela não deixa de evidenciar o perigo real, concreto da síndrome que irá causar mortes e sofrimento, embora seja esta uma das camadas de observação. “No entanto, a epidemia de Aids

²³ The publication of Altman’s article was a [turning point in awareness](https://nyti.ms/35r9BjQ) for many gay men. It served that role dramatically in the movie “[Longtime Companion](https://nyti.ms/35r9BjQ)” and in Larry Kramer’s play, “[The Normal Heart](https://nyti.ms/35r9BjQ).” As the play opens, Dr. Emma Brookner recounts to the protagonist, Ned Weeks, how inattentive the press had been. Disponível em: <<https://nyti.ms/35r9BjQ>> Acesso em 07 de jul. 2020.

- com seu genuíno potencial de devastação global - é simultaneamente uma epidemia de uma doença letal transmissível e uma epidemia de sentidos ou significados.²⁴ (TREICHLER, 1987, p.32)

A “doença que acontece no tempo (SONTAG, 1989) foi se transformando por conta dos avanços no tratamento, chegando no estágio de cronificação, sem os estereótipos das obras ficcionais e das primeiras notícias, mas ainda está no imaginário popular como aquela da “morte iminente”. No último tópico desta seção, vamos observar que a mídia não esteve sozinha no papel de criar metáforas e ampliar estigmas. Mas “A AIDS é a primeira doença da mídia”, Spink et al (2001). É importante frisar que a autora utiliza a frase de impacto retirada do jornal francês *Le Figaro*, de 30 de outubro de 1985. No tópico sobre o estágio de rotinização da aids na mídia (TRAQUINA, SILVA e CALADO, 2007) traremos essa questão do ápice noticioso e a fase de um tema abordado a partir do Dia Mundial contra a Aids. Em seu trabalho, Spink considera um dos principais traços da epidemia da aids,

Sua ampla difusão no mundo pelos meios de comunicação de massa. E a construção de um novo fenômeno social: a AIDS-notícia. Para além de uma doença e de uma epidemia, a AIDS tornou-se um fenômeno social marcado por tecnologias modernas no campo das pesquisas médicas, pelo ativismo social e pela impressionante dimensão midiática que assumiu. (SPINK ET AL, 2001, p. 852).

Dos boletins científicos direto para o noticiário, criou-se em pouco tempo o destaque para a nova doença que ganharia as capas das maiores revistas norte-americanas, como a *Time Magazine* e a *Newsweek*, quando os relatos sobre o vírus apresentavam os homens gays como pessoas em quarentena, mantidos sob vigilância, e se possível, como pleiteavam alguns, afastados do convívio social. Essa exclusão não se deu de forma praticada nos antigos sanatórios para o tratamento da tuberculose, da lepra ou dos transtornos mentais. No novo conceito de “estar doente”, ou contaminado, como se usou na terminologia daquele período para tratar as pessoas infectadas — e ainda verificamos a presença da palavra nos dias atuais — as consequências do afastamento se daria na prática. “Algumas pessoas são despedidas quando vem à tona que são portadoras do HIV (embora, nos Estados Unidos seja ilegal despedir um empregado por esse motivo” (Sontag, 1989, p.39).

²⁴ Texto original: “Yet the AIDS epidemic - with its genuine potential for global devastation - its simultaneously an epidemic of a transmissible lethal disease and an epidemic of meanings or signification”, (Treichler, 1987, p.32)

A autora lista outras impossibilidades para as pessoas que tinham a sua condição revelada. Por exemplo, emigrar para qualquer país era vetado²⁵. O aspecto jurídico é constitutivo da questão da aids em todo o mundo. No Brasil, em especial, a política de distribuição e acesso da terapia antirretroviral (TARV) é garantida por Lei 9.313/96, sempre reaparece no discurso dos youtubers e mereceu um tópico adiante. A doença, mesmo quando não tinha o nome ou conhecimento do agente patogênico do quadro de imunodeficiência, tratada como “peste rosa” ou “câncer gay”, exigia de qualquer um considerado “suspeito”, o silêncio absoluto para evitar retaliações, para se afastar da “espécie de morte social que precedia a morte física” (SONTAG, idem, p.41). “os portadores²⁶ deveriam sentir-se fortemente tentados a esconder o fato” (p.39). Um silenciamento que se perpetua, em muitos casos, e originou pesquisas como a dissertação de Rezende (2012), que trata “das representações e sentidos do silêncio (e silenciamento) nas experiências de adoecimento de mulheres vivendo com HIV e aids” (REZENDE, 2012, p. 13). No caso deste trabalho, é, justamente, a revelação do vírus nas redes sociais dos influenciadores digitais que motiva a pesquisa.

A “morte civil” (DANIEL, 2018) é um dos aspectos recorrentes na narrativa de quem descobria sua sorologia positiva nos anos 1980, e ressurge no interdiscurso dos relatos confessionais em momentos históricos distintos. A maioria dos youtubers apresentados, no mapa da seção de Metodologia, compõem o perfil de um esquema avançado da Terapia antirretroviral (TARV), adotado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) a partir de 2010, no momento da descoberta da sorologia. Todos eles descobriram o HIV na fase de condição crônica e controle imediato das células de defesa CD-4 e CD-8, quando o vírus não representaria mais a morte física, ou adoecimento que marcava o estágio de aids. Como acontecia antes da administração de uma Terapia Antirretroviral (TARV) eficaz, a combinação de drogas do “coquetel” apresentado na Conferência Internacional de Aids, em Vancouver, em 1996. No

²⁵ O UNAIDS e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) pediram em 2019, que os países mantenham promessas feitas em 2016, na Declaração Política das Nações Unidas sobre o Fim da AIDS de remover todas as restrições relacionadas ao HIV. 48 países e territórios impõem alguma forma de restrição de viagem com base no estado sorológico ou exigem um teste de HIV, o que impede as pessoas vivendo com o vírus de entrar, transitar ou estudar, trabalhar ou residir legalmente nesses lugares. Entre eles, Austrália, Cuba, Israel, Líbano, Nova Zelândia, Paraguai. Egito, Rússia e Cingapura deportam estrangeiros usando como base o estado sorológico para HIV. (Nações Unidas, 2019, informação eletrônica).

²⁶ “Não se utiliza mais este termo porque é incorreto, estigmatizante e ofensivo para muitas pessoas vivendo com HIV” (UNAIDS, 2017). Pessoa vivendo com HIV é o termo adequado.

Brasil, o acesso a essa tecnologia foi garantido pela lei citada acima, que dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos para pessoas com HIV e doentes de aids.

Esse acesso à testagem para conhecer a sorologia e à adesão ao tratamento ainda são questões que deixam clara a necessidade de revisões frequentes do recorte social para entender e apresentar estratégias sobre a epidemia em países com desigualdades acentuadas, como o Brasil. O intuito, aqui, é a observação dos diversos atores sociais na disputa semântica, e na construção de narrativas, sobre o vírus e sobre a vida com o HIV. A seguir, vamos analisar como medicina e mídia operavam para “conseguir” uma confissão.

2.1 O “DIAGNÓSTICO-DENÚNCIA” NA MÍDIA E NOS CONSULTÓRIOS

A homossexualidade, mesmo em grandes cidades, era vivida na clandestinidade quando a aids surgiu no noticiário. “Com a Aids revelou-se o aspecto mais trágico dessa situação de vida na sombra. Para muitos, o pior não é a doença; é a necessidade de se revelar homossexual. De um modo patético, o doente de Aids é obrigado a revelar a forma de sua contaminação. É a transformação do diagnóstico numa denúncia” (DANIEL, 2018, p.46-47). A confissão sobre a sorologia positiva para o HIV foi também exigida quando os claros sintomas físicos da aids se apresentavam na época em que ainda não havia medicação ou quando o tratamento causava danos colaterais tão fortes quanto à própria enfermidade. A imprensa informava a população a partir de dados laboratoriais e documentos oficiais, mas também tentava descobrir e anunciar quem seriam os doentes. A princípio, os homossexuais e os usuários de drogas intravenosas. Naquele “grupo de risco”, conceito ultrapassado no campo do HIV, e retomado na eclosão de casos do Sars-CoV-2, em 2020, também entraram os hemofílicos, as prostitutas e os haitianos. Para Moscovici (2011), “existe a necessidade contínua de reconstituir o ‘senso comum’, ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma realidade pode operar” (p.48).

Quando surge uma doença sem identificação, como foi a Aids nos anos 1980, as mudanças no ambiente social e nessa realidade geram insegurança e pedem reconfigurações. Assim, o processo de ancoragem foi utilizado nas representações sociais da Aids, que passou a ser associada a grupos já vulneráveis, fora do grupo

hegemônico. “Uma nova doença epidêmica, também tem sido ligada a nações estrangeiras e a grupos marginais” (JOFFE, 2003, p. 297). Em vários momentos na história da humanidade, esses recursos foram utilizados para uma construção de sentido.

É no mundo das representações que administramos nosso medo da doença, isolando-o com tanta certeza como se o tivéssemos colocado em quarentena. Mas dentro desse isolamento, os ícones permanecem visíveis para todos nós, prova de que ainda estamos inteiros, saudáveis e sãos; que não somos diferentes, doentes ou loucos (GILMAN, 1987, p.107).

A condição do outro, do diferente, que aparece, como o eixo da construção discursiva nos relatos sobre a Aids. “[...] o núcleo central do ‘outro’ é um instrumento protetivo de defesa” (JOFFE, idem, p.310). Em sua pesquisa, a autora identifica em epidemias do passado, como a sífilis, “o laço entre grupos estranhos, aberração e doença voltou à cena principal nas representações sociais da Aids” (p.310). A sífilis, junto com a lepra, “foram as primeiras doenças a ser sistematicamente encaradas como repulsivas” (SONTAG, 1989, p.55). Foi a sífilis que, nas primeiras descrições feitas por médicos, no final do século XV, gerou uma versão das metáforas que proliferaram em torno da AIDS: a ideia de uma doença que não era apenas repulsiva e punitiva, como também representava uma invasão que atingia toda a coletividade (SONTAG, idem, ibidem). Diferente do câncer, “doença provocada pelos hábitos do indivíduo”, a autora mostra que a “a AIDS é concebida de maneira pré-moderna como uma doença provocada pelo indivíduo enquanto tal e enquanto membro de algum ‘grupo de risco’ – essa categoria burocrática e aparentemente neutra” (p.56). No entanto, essa terminologia “ressuscita a ideia arcaica de uma comunidade poluída para a qual a doença representa uma condenação” (SONTAG, 2007, p.114).

Embora “comparar a epidemia de HIV/AIDS a outras epidemias não é, obviamente, o intento de Susan Sontag; muito menos incluí-la em uma série de doenças e epidemias ao longo da história, naturalizando-a” (BESSA, 1997, p. 19). Neste caso, a comparação das metáforas usadas em outras epidemias, é para particularizar a Aids na sua análise. Para uma observação “dos campos ideológicos que a acompanham e amoldam, ao se utilizarem de certas metáforas para determinar um controle não especificamente epidemiológico, mas, principalmente, discursivo” (BESSA, 1997, p.19).

A medicina, evidencia a pesquisa de Kenneth Rochel Camargo Jr. entre profissionais que tratavam a aids, demonstravam um “fascínio quase voyeurístico. Alguns médicos perguntam ao saber de um novo caso de AIDS em pacientes do sexo masculino: ‘como pegou?’ Tudo o mais deixa de ter importância” (CAMARGO JR. 1994, p. 141). Na análise dos vídeos, os altos números de audiência e interação (engajamento, no jargão das redes sociais) revelados nos episódios em que são apresentados o diagnóstico e a forma de infecção pelo vírus HIV, nos canais de todos os youtubers, afirmam esse desejo de saber sobre a sexualidade do outro. Sobretudo, quando esse outro é alguém vivendo com o HIV. Uma das médicas entrevistadas por Camargo Jr. chega a criar a sua hipótese a respeito dessa curiosidade, no início dos anos 1990, nos consultórios. Para ela, seria uma tentativa (inconsciente?) daqueles profissionais, “presumivelmente heterossexuais, sentirem-se protegidos em suas atividades sexuais, em especial, as ‘clandestinas’ (‘escapadinhas’)” (CAMARGO JR. idem, p.141).

O pesquisador destaca a tentativa de negar a infecção que se daria de mulheres para homens - desprezando por completo a heterossexualidade da aids no continente africano - da maioria dos seis médicos e professores de medicina que responderam ao questionário em hospitais do Rio de Janeiro. Esse desacordo que a infecção fosse, também, de heterossexuais alcança seu grau mais acentuado quando um dos questionados diz que ele e outros médicos gostariam de ter um exame de detecção para anticorpos anti-espermatozoides, o que seria, segundo o autor, uma proposição de “teste da homossexualidade”. Algo parecido com a detecção de anticorpos anti-HIV nos testes simples para o vírus, com o ELISA (*Enzyme-Linked Immunoabsorbent Assay*), usado a partir de 1985. “(...) [eles dizem] ‘aí eu queria ver o homem soropositivo que ia negar ser bicha” (CAMARGO JR. 1994, p. 142). No ambiente clínico-hospitalar, “aventou-se, ainda que por vias indiretas”, que havia maior chance de um homem com práticas homoeróticas negá-las do que um usuário de drogas ocultar o uso de alguma substância. Para ele, essa seria, talvez, uma sugestão da hierarquia valorativa na discriminação. Sendo “homossexual” pior que “viciado”.

Diante de uma análise como esta, chegamos à dupla “genealogia metafórica da AIDS. Enquanto microprocesso, ela é encarada como o câncer: como uma invasão” (SONTAG, 1989, p. 21). Quando o que está em foco é a transmissão da doença, invoca-se uma metáfora mais antiga, a da sífilis, a da poluição. A doença e

os doentes eram consideradas o mal. “O corpo atingido pela síndrome revela-se impuro’, seja pela sexualidade ‘desviante’ dos padrões ditos normais, seja pelas culpabilidades atribuídas ao doente” (CARVALHO, 2009, p.70). Nem mesmo a cristalina, afecção que “apresentava uma espécie de quintessência da doença vergonhosa” (BLOUIN et al, 1987, p.23), teve o peso estigmatizante da aids para a sociedade. No século 18, a aparição de tumores cheios de um líquido translúcido (daí o seu nome) sobre o prepúcio ou na região anal era a denúncia de ‘prática contra a natureza”.

De acordo com os autores, da mesma forma que a AIDS, a cristalina surgia como o mal e o castigo dos homossexuais, e tinha uma letalidade elevada, matando 9 de cada 10 casos da infecção. “Outra reação estranhamente similar face à AIDS, em comparação com a cristalina, de parte do corpo médico e dos poderes públicos: os hospitais se recusam a receber estes doentes²⁷” (BLOUIN et al, idem, p.24). Os médicos não tinham o direito de tratar a cristalina. Os casos deviam ser reportados ao Chefe Geral de Polícia. “Mas a doença não chegou ao conhecimento público, processo inverso ao que ocorre com a Aids, que de imediato atinge o status de tema relevante para os meios de comunicação de massa” (CARVALHO, idem, ibidem). Ter o nome vinculado à doença, revelava não só o medo de morrer, mas o temor do estigma, trazendo à tona um traço da homofobia cultivada em toda a sociedade e, também, entre os homossexuais.

Quando em 25 de julho de 1985 vazou na mídia dos Estados Unidos a informação de que Rock Hudson, a figura que representava a “imagem brilhante da América, (...), do maior e mais belo país (sic) do mundo” (BLOUIN et al, idem, p. 113), estava com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi um choque para a nação. O ator de Hollywood recebeu o diagnóstico em 5 de junho de 1984, após uma biópsia²⁸ feita por Michael Gottlieb, um dos profissionais citados no primeiro parágrafo. Hudson faleceria um ano e quatro meses depois. A forma como a mídia trabalhou a

²⁷ Ao abordar os casos no ano de 1985, João Silvério Trevisan (2000) informa que os hospitais particulares conveniados ao INAMPS, no Brasil, se recusavam até mesmo a atender casos suspeitos de aids, alegando que poderiam afugentar os pacientes e amedrontar funcionários. O custo de instalações e de equipes especializadas, para o autor, eram o real problema para que hospitais negassem os doentes de aids. Blouin et al (1987) traçam um panorama que vai além do financeiro, uma histeria generalizada nos Estados Unidos, indo de atrizes que reformularam seus contratos para não beijar atores “suspeitos”.

²⁸ Em 1985, o agente etiológico causador da Aids é denominado *Human Immunodeficiency Virus* (HIV). Surge o primeiro teste diagnóstico para a doença, baseado na detecção de anticorpos contra o vírus. (IOC/FIOCRUZ, 2007). Disponível em: <<https://bit.ly/2ZriVJs>> Acesso em 08 de jul. 2020.

morte dos “olimpianos” é abordada por Fausto Neto (1991), ao utilizar o conceito apresentado em 1962 por Edgar Morin em seu livro *Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo*, para falar das celebridades. Na obra *Mortes em Derrapagem – os casos Corona e Cazuzza*, Antonio Fausto Neto observa a construção de sentidos na mídia brasileira durante a cobertura da morte de dois olímpianos: o ator, galã de telenovelas Lauro Corona, e o cantor popular Cazuzza.

As estrelas, fossem de Hollywood ou dos folhetins televisivos brasileiros, tentaram evitar ao máximo a revelação a doença. Os sintomas físicos associados à síndrome, como a magreza acentuada, geravam especulações, numa época em que a única droga disponível para tratamento era o AZT, a zidovudina, medicamento para tratar células cancerígenas (Ministério da Saúde, 2018), “o primeiro antirretroviral disponível nos Estados Unidos a partir de março de 1987 (RACHID, 2020). Foi entre outubro e dezembro daquele ano que Cazuzza viajou para os Estados Unidos, ficando dois meses internado no New England Hospital, em Boston (RENOVATTO, 2019). A vontade de saber da imprensa aumentou, sua confissão da doença era aguardada com perguntas sobre o estado físico feitas em entrevistas, como a exibida no dia 06 de dezembro de 1988, no programa *Cara a Cara*, na TV Bandeirantes, para divulgar o show *O tempo não para*, dirigido por Ney Matogrosso. Ali, a jornalista Marília Gabriela pergunta: “Você sabe, tá sempre muito associado teu nome à aids. Você tá aidético?”²⁹.

A terminologia usada por ela já era motivo de protestos quando os ativistas da Rede Nacional de Direitos Humanos em HIV e Aids conseguiram mostrar, em maio de 1997, através de um documento intitulado “Não à palavra aidético”, o quanto o termo era estigmatizante (RACHID, 2020). “Por destituir o cidadão dos seus direitos individuais, passando a ser visto como uma pessoa com morte anunciada”, informava o texto. Adotou-se os termos soropositivo para o HIV, portador do HIV ou doente de aids, sendo este último para quem desenvolvia as doenças oportunistas. A questão da terminologia será discutida de forma mais detalhada na análise do conteúdo dos vídeos. Voltando ao programa, Cazuzza deixa claro, ao longo da conversa, que “deveria participar mais do debate e das ações (sobre a aids)”, mostrando que, se tinha inquietações, como por exemplo, sobre palavras discriminatórias, ali, não deixou transparecer. A entrevistadora cita duas músicas compostas por ele no período de

²⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VTDIySsrnPw>>. Acesso em 21 fev.de 2021.

internação, o *Blues da Piedade* e *Boas Novas*, que compõem o álbum *Ideologia*. Neste trecho da entrevista, ele revela que esteve no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) “pra morrer”. Mas nega a doença. “Um problema de pulmão, “algo muito estranho”. Dois meses depois, em fevereiro de 1989, a matéria tão aguardada aparece no caderno *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo*. “Há algum tempo eu deixei de esconder isso (a aids). Acho que foi graças à Marília Gabriela (apresentadora de TV) que me deu um toque” (CAMARGO, 1989)³⁰. Diferente dos questionamentos no programa de televisão, o tom aqui relaciona aids e morte. “Você ainda faz planos?”, é a última pergunta do repórter.

O posicionamento de Cazuza não seguia a linha de argumentação do pesquisador, escritor e ativista Herbert Daniel, que entendia o contexto social da doença no Brasil recém-saído do período de ditadura militar. O anonimato da sorologia positiva, para ele, era considerada “clandestinidade”, como lembra Azevêdo (2019), ao analisar a discussão em três youtubers³¹, citados neste trabalho, sobre revelar ou não o status sorológico para o HIV. Hoje, “o anonimato estratégico em relação a soropositividade é, portanto, característico de um contexto de cronicidade e que se resguarda pela garantia jurídica” (p.83). Em seu texto, lembra da diferença entre HIV e aids, sendo o último o estágio de adoecimento físico. Vários estudos atualizados mostram que o uso da medicação antirretroviral funciona como TasP (Terapia como Prevenção), significando que ao atingir um nível de carga viral indetectável, a pessoa vivendo com HIV, também não transmite o vírus. No passado, as pessoas foram “empurradas em função de marcadores que indicam diferenças socialmente hierarquizadas, como a homossexualidade e/ou a soropositividade” (AZEVEDO, 2019, *ibidem*). Outra das principais contribuições de Herbert Daniel era sobre a problemática da sexualidade no país, muito distinta daquela vivida entre os homossexuais dos Estados Unidos. Qualquer programa de intervenção e prevenção sobre a aids deveria levar em conta, para Daniel, essas especificidades. Na década de 1980, ele alertava sobre a urgência de falar abertamente da aids e combater as construções metafóricas da doença, no artigo *Notícias da outra vida*, publicado no *Jornal do Brasil*, que compõe o livro *Vida antes da Morte* (2018):

³⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3qH0gVI>>. Acesso: 12 de ago. 2020.

³¹ Em sua dissertação, analisa os canais de Gabriel Comicholi, Super Indetectável e Falo Memo. Disponível em: <<https://bit.ly/3hngD4i>> Acesso: 12 de ago. 2020.

(...) quando se tem Aids, dizem más e poderosas línguas que a gente é “aidético” e, para fins práticos, carrega um óbito provisório, até o definitivo passamento que logo virá. Eu, por mim, descobri que não sou “aidético”. Continuo sendo eu mesmo. Estou com Aids. Uma doença como outras doenças, coberta de tabus e preconceitos (DANIEL, 2018, p.21).

Cazuza, ao expor sobre a sua doença na Folha de São Paulo e, posteriormente, para a reportagem da revista *Veja*, contribuía para gerar um debate maior sobre a aids na sociedade. Essa publicização da aids, o fenômeno noticioso, também trazia para o centro das discussões outras pautas: a dificuldade de reflexão sobre a história da epidemia e de seus vários atores no ambiente médico, por exemplo. “Platitudes como a ‘relação entre sexualidade e morte’ tornaram-se um chavão comum nas narrativas sobre AIDS, demandando um esforço inicial de nossa parte: pensar o que é realmente específico na AIDS” (CARMARGO JR, 1994, p.44). A crítica, em sua tese, é dirigida às ciências médicas, principal fonte de informações sobre o que estava acontecendo naquele período em que não havia muitas respostas sobre uma doença grave, tratada como o novo mal, “por sua capacidade de estigmatizar, de gerar identidades deterioradas” (SONTAG, 1989, p.20).

Esse sentido, Para Fausto Neto (1999), “é construído pelo trabalho das enunciações discursivas” (p.9). Exemplar é a capa da *Time* de 04 de julho de 1983: *The Aids Hysteria* (A histeria da Aids), síntese da narrativa sobre a doença naquele período, nessa arquitetura discursiva de que trata o pesquisador. Cada etapa investigativa era sobre o retrovírus³² humano HIV foi “simultaneamente” noticiada. Desde o momento de incertezas até o momento em que o agente da infecção foi isolado, Vírus da Imunodeficiência Humana, e revelado no que os cientistas consideravam período recorde, quando a medicina achava ter encontrado todas respostas.

O vírus da aids foi identificado em dois anos e meio. Jamais uma doença infecciosa teve sua causa esclarecida em período tão curto. A autoria da descoberta, no entanto, foi cercada de controvérsias entre dois grupos: o de Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, na França, e o de Robert Gallo, do National

³² O médico Robert Gallo, em 1980, junto com sua equipe nos Estados Unidos, havia descrito o primeiro retrovírus humano que infectava o homem, o HTLV (vírus da leucemia de células T humano). “Como o nome indica, o HTLV causa uma leucemia no homem, que pode ser mortal ou causar uma paralisia de membros inferiores. Em função dessa então descoberta, começou-se a procurar por retrovírus nas células T dos pacientes com a nova síndrome”, (Soares, 2001).

Cancer Institute (NCI), nos EUA (VARELLA, 2002, informação eletrônica)³³.

Na fase inicial da epidemia, desencontros de informações e avanços científicos estiveram simultaneamente articulados. Jornalistas sustentam seus textos tendo por fontes autoridades científicas, médicos e representantes do poder público. Os pacientes, quando aparecem, se encontram envoltos num clima de pavor, como o da primeira grande reportagem na TV brasileira, exibida no programa dominical Fantástico, na TV Globo, em 27 de março de 1983. “Em 18 meses, cerca de mil pessoas contraíram a doença nos Estados Unidos. Mais da metade delas já morreu”, diz Hélio Costa na abertura do texto. Há outro aspecto importante, além do pânico.

Os jornais procuram estabelecer uma noção de causa e efeito entre Aids e sexualidade. Não contextualizam origens e causas mais profundas, pelo contrário, instituem logo uma classificação para a doença, que, além de *incurável*, *misteriosa*, *irreversível*, etc., é tudo isso porque é uma doença que afeta um conjunto de pessoas de comportamentos sexuais passíveis de serem contaminadas pela doença. (FAUSTO NETO, 1999, p.44, grifos do autor).

2.2 MÍDIA BRASILEIRA: VEÍCULOS, CONTEXTO DA SAÚDE E POLÍTICA

Em 12 de julho de 1983, o Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, veicula os primeiros casos da doença no país: “Brasil registra dois casos de câncer gay”³⁴. Nas reportagens, leitores e espectadores brasileiros veem a AIDS associada a uma síndrome, ou ao câncer enquanto enfermidade, via marcas que tratam de lembrar o caráter irreversível da doença. Porém, há algo mais nessa doença, quando a mídia trata de qualificá-la como uma enfermidade “muito particular”: são pacientes especiais, por exemplo, os homossexuais” (FAUSTO NETO, 1999, p.43). Através de exemplos de manchetes no momento que ainda se não tinha informações claras sobre a epidemia, o autor mostra um título do jornal Correio Braziliense em 16 de outubro de 1983: “O Segredo da AIDS, misteriosa enfermidade mortal que desencadeou uma

³³ Disponível em: <<https://bit.ly/3saMHOM>>. Acesso: 12 de ago.2020.

³⁴ Na sua dissertação, Galvão (1992) analisa as matérias do Jornal do Brasil entre 1981-1990, encontrando o primeiro registro em 3 de agosto de 1981, com o título: “Câncer em homossexuais é pesquisado nos EUA”. Do período 1981-1982 também há matérias de agências internacionais na Folha de São Paulo, O Globo e na revista Veja. As teses criadas para explicar a “doença dos homossexuais” neste período serão retomadas no tópico 2.2 desta seção.

onda de pânico entre homossexuais, hemofílicos e viciados em drogas”. Fausto Neto apresenta na sua pesquisa quatro jornais de grande circulação no país, nas regiões Sudeste, Centro-oeste e Nordeste (O Globo, Folha de São Paulo, Correio Braziliense e A Tarde), investigando os anos 1983 a 1995. Mas o pique do noticiário se deu entre 1987-1990.

Poder-se-iam apontar alguns fatos como justificativa para esses registros são: 1) domínio de parte das instituições pública das ocorrências sobre AIDS, e de sua respectiva visibilidade. 2) disputas dos diferentes setores no âmbito da saúde sobre a corrida em torno de questões como pesquisa e possíveis caminhos da cura: 3) revelações de estudos do setor farmacêutico sobre o uso de drogas e remédios: 4) “explosão” de matérias envolvendo o “lado civil” da AIDS, relativo aos seus efeitos sociais, em termos de cidadania: 5) “tomada de fôlego do processo de disseminação, especialmente com a explosão de casos em segmentos que extrapolam aos universos inicialmente circunscritos pelas pesquisas e dados epidemiológicos” (FAUSTO NETO, 1999, p.37)

Biancarelli (1997) lembra que a imprensa, no início da epidemia, “explorou o caldo propício que temperava a ‘peste gay’, como chegou a ser chamada”, imprimindo um tom sensacionalista à epidemia. O tema era presença frequente no jornal Folha de São Paulo, com cerca de duas matérias por dia, formando um total de 7.074 textos diretos ou relacionados à aids de alguma maneira, entre setembro de 1987 a dezembro de 1996, contabilidade feita por Aureliano Biancarelli. É importante tratar a abordagem midiática da aids no Brasil, nessas primeiras notícias, não apenas para checar títulos e espaço dado à nova doença nos veículos. O caminho da investigação aponta que, diferente dos Estados Unidos, onde a imprensa divulgou os casos notificados de uma doença, entre nós, “a AIDS chegou antes da AIDS” (DANIEL, 2018). Para Galvão (2000), tem-se, com essa informação, uma característica distinta e fundamental, em que “a nova enfermidade se torna conhecida e popular através da mídia, antes que casos de AIDS fossem oficialmente reportados” (GALVÃO, 2000, p.48). A avaliação dela é que na história social da aids brasileira, a participação dos meios de comunicação, principalmente jornais e revistas, foi como uma resposta da sociedade civil que se antecipou a outros setores. Utilizando uma expressão de Carrara e Moraes (1985), nos dois primeiros anos, 1981 e 1982, a aids era, para os brasileiros, um “Mal de Folhetim”.

É uma importante dimensão que deve ser compreendida para análises da história social da AIDS no país. Sem uma literatura médica disponível, sem iniciativas governamentais ou não-governamentais e sem casos de pessoas oficialmente identificados como ‘doentes’, esses anos iniciais destacam um dos setores responsáveis pela

formulação de um tipo de resposta: a mídia, ou seja, um seguimento do setor privado. Para esse momento da AIDS no Brasil, a mídia se coloca como o principal, e quase único, meio de informação, sobretudo, dada a abrangência nacional de alguns veículos de comunicação, sobre o que era o então denominado ‘câncer gay’ e ‘praga gay’, entre outros nomes. (GALVÃO, 2000, p.49).

As metáforas moralistas de uma doença que “caiu sob medida no discurso da direita e da igreja”, como disse o cantor Cazuza na entrevista à jornalista Marília Gabriela, no final de 1988, são ponto de partida para algumas análises sobre construção discursiva nos veículos nacionais. Galvão (2000) prefere ampliar esse campo de visão quando retoma a análise dos dados epidemiológicos dos primeiros anos, no momento em que não havia um programa com abrangência nacional de aids articulado pelo Ministério da Saúde, algo que somente ocorreria em 1986, quando os dados de notificação compulsória da aids passaram a ser registrados. No Estado de São Paulo, a resposta foi mais rápida, com a articulação de um programa desde em 1983. Essa lentidão para o combate da doença é percebida na subnotificação dos óbitos. “O número de casos de AIDS atribuídos à década de 80, principalmente, nos anos iniciais, não reflete o peso real da epidemia na sociedade brasileira naquele momento” (Galvão, idem, p.50). Dessa forma, ela vê que a mídia teve lugar de destaque ao oferecer informação, em escala nacional, quando não havia casos de aids oficialmente registrados. De acordo com Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015):

Alguns médicos que se tornariam especialistas em aids referem ter tomado conhecimento da doença pelas publicações na imprensa leiga. São poucas as referências aos artigos científicos publicados nesse período por revistas de renome como “The Lancet” ou “New England Journal of Medicine. (p.35)

Mesmo com a carga de preconceito que muitas das matérias tratavam da doença e dos doentes, os equívocos foram vários, é preciso notar que a mídia, lembra Galvão (2000) que os jornalistas “não somente conseguiram enxergar algo naquela nova doença que ia além dos números de pessoas doentes”. Em sua opinião, as reportagens também se adiantaram em alguns anos, às repostas de vários setores. “Sejam eles governamentais e não governamentais, aqui incluídos tanto o setor público de saúde quanto os profissionais de saúde, a área de saúde pública e movimentos sociais” (Galvão, idem). Uma avaliação parecida foi feita pelo

pesquisador francês Luc Montagnier³⁵, cientista que descobriu o vírus HIV, no Instituto Pasteur, em Paris, com sua equipe em 1983.

É através da imprensa que nos chegam as primeiras informações sobre o que poderíamos chamar, à época, de ‘doença dos homossexuais’. No geral, a imprensa transmitiu corretamente o avanço das pesquisas. Seria necessário que a imprensa parasse de criar pavor inutilmente; porém, a imprensa é indispensável para criar a consciência de que o problema é importante. E também para combater a inércia administrativa. (Blouin, et al., 1987, p.14).

A análise dele é dirigida, obviamente, aos veículos de comunicação da França e dos Estados Unidos, para onde o cientista deslocava-se com frequência. Mas a mídia brasileira, mesmo não oferecendo o tratamento adequado em muitas situações, tratou o HIV/aids com destaque, como mostra Robalinho (2019), em sua pesquisa na revista *Veja*, investigando a coleção do mais longo semanário nacional entre setembro de 1968 a dezembro de 2014. Ele destaca que no grupo das doenças infecciosas, o HIV/AIDS foi a patologia que mais apareceu na publicação: 56 vezes.

Sua presença ocorreu a partir da segunda fase da revista (divisão feita em seu estudo, entre 1983-1996), quando o vírus do HIV e os primeiros casos da doença foram descobertos e divulgados na imprensa no início dos anos 1980. (ROBALINHO, 2019, p.85).

Para Carvalho (2009), que se debruçou sobre a cobertura feita pelo veículo entre 1983 até 1987, o editorial com título *Aids, medo e informação*, no dia 4 de agosto de 1985, vai além do posicionamento do jornal sobre questões polêmicas, mas delinea, como ele coloca, uma espécie de “política editorial” sobre o tema. A motivação foi uma pesquisa que identificava relativa tolerância à homossexualidade, já que a Aids estava muito ligada aos homossexuais como *grupos de risco (grifo do autor)*, “o texto lembra que, desde há muito se fazem associações entre doenças e sexualidade, com todos os riscos que tal fato pode acarretar em termos sociais” (CARVALHO, idem, p. 103).

³⁵ Em 1980, nos Estados Unidos, a equipe de Robert Gallo, descreveu o primeiro retrovírus a infectar humanos, o HTLV (vírus da leucemia de células T humano). Quando surgiram os primeiros casos de aids, “começou-se a procurar por retrovírus em células T dos pacientes com a nova síndrome da imunodeficiência”, (SOARES, 2001, p. 23). Em 1983, a equipe do laboratório de Luc Montagnier propôs uma biópsia de um linfonodo do estilista Frédéric Brugière, paciente do médico Willy Rozembaum no Hospital Pitié-Salpêtrière, descobrindo que o vírus era diferente daquele encontrado por Gallo. Instalou-se uma batalha da França e dos Estados pela descoberta (KALLEN, 2012, tradução do autor). “Em 1987, o então presidente Ronald Reagan, e o primeiro-ministro francês Jacques Chirac assinaram um acordo para que o HIV fosse tratado como uma descoberta em conjunto”, (SOARES, idem, p.24)

Evidencia-se a postura contrária a qualquer forma de preconceito contra os grupos mais afetados, para evitar pânico e sensacionalismo. A finalidade das matérias seria contribuir para a transformação do contexto cultural, não prejudicando os trabalhos de investigação científica. Um trecho final do texto, em sua dissertação, evidencia a posição bem marcada pela FSP. Aqui, destacamos apenas uma parte que diz: “cabe à imprensa, em todas as suas formas, empenhar-se para que nada fique oculto, mas também para que as revelações se deem num clima de esclarecimento e tranquilidade”. A responsabilidade da mídia, diz Carvalho, é convocada. Mas a Folha avança ao mostrar que a doença “não é exclusivamente uma realidade médica, mas antes de tudo um problema social”, conceito que ganharia, segundo o pesquisador, traços mais nítidos e sofisticados ao longo dos anos. O caráter ainda discreto da cobertura iniciada em 1983, muda em 1985. No primeiro ano, foram seis textos, sendo dois deles de agências estrangeiras, o primeiro, um artigo assinado pelo colunista Paulo Francis, sobre os primeiros casos nos Estados Unidos. Uma característica desde a segunda matéria do jornal, em 03 de março de 1983, sobre um congresso médico, mesmo com os cuidados adotados, como mencionamos, é associação da aids como “doença dos gays”. “Repetindo um procedimento comum a jornais do mundo todo, inclusive do Brasil” (CARVALHO, idem, p.98).

Também em 1983, no dia 5 de junho, surge na imprensa de todo o país a notícia da morte de Marcus Vinícius Resende Gonçalves, mais conhecido como Markito, o estilista mineiro conhecido por suas roupas para artistas e socialites, em decorrência da aids, em Nova York. “A morte de um famoso estilista não trazia uma novidade ao país; ao contrário, como disseram Herbert Daniel e Richard Parker, aqui a AIDS chegou antes da AIDS” (BESSA, 1997, pp.43-44). Ele compara a notícia à obra de Gabriel Garcia Marquez, *Crônica de uma morte anunciada*.

Todos já sabiam quem iria morrer e como, só não sabiam quando — e essa era a grande expectativa. Esse quem, entretanto, não é um indivíduo, mas indivíduos metamorfoseados em uma estranha personagem: o homossexual. (BESSA, idem, ibidem).

Embora houvesse episódios de respeito, e as claras contribuições da mídia apontadas anteriormente, não é possível negar que o preconceito e uma “intolerância travestida de ciência”, como define Bessa, fossem traços não apenas do fazer

jornalístico, mas de toda a sociedade brasileira. Daniel³⁶ (2018) traz as informações que, para Galvão é fundamental sobre uma elaboração de discurso antecipando o que ele trata como inevitabilidade da chegada de uma peste.

Antes mesmo que qualquer médico registrasse um único caso verificável de AIDS, a imprensa, sobretudo a sensacionalista, marcava a chegada da “peste gay”, no Brasil, como uma inevitabilidade. O recurso usado para falar de uma epidemia – ao mesmo tempo real e distante, ao mesmo tempo mortal e sexual, ao mesmo tempo concreta e enigmática – era usar uma linguagem com que se fala de curiosidades de feira, não sem apelo a uma ironia que chegava, frequentemente, à zombaria mais desrespeitosa. (DANIEL, 2018, p.37)

O seu texto original, escrito em 1990, reeditado (ABIA), em 2018, traz o olhar de quem estava pensando e combatendo a doença no seu cotidiano de pessoa vivendo com aids, escrevendo vários textos e desenvolvendo pesquisas com o sociólogo Richard Parker, com uma perspectiva, de fato, multidisciplinar. É dele, por exemplo, a primeira pesquisa sobre a abordagem de orientação social em consultórios no Rio de Janeiro, para exemplificar que, assim como notícias no Brasil traziam características muito particulares, a doença e o vírus também precisavam ser apreendidos a partir de seu traço cultural e sociológico.

A epidemia entre nós vai se desenvolver de acordo com características culturais bem próprias. Bem próprias de nossa cultura sexual, bem próprias dos nossos recursos materiais e simbólicos para enfrentar as doenças e saúde, bem próprias de nossos preconceitos e de nossa capacidade de exercer a solidariedade. A Aids se inscreve em cada cultura de um modo distinto. Cada cultura constrói a sua Aids própria e específica. Bem como as respostas a ela. (DANIEL, 1989; 2018, p.43).

Na seção seguinte, sobre os esforços do movimento homossexual em questionar o que Paula Treichler (1987) classifica como “imperialismo semântico” da ciência e da medicina, abordaremos outras questões da luta pelo discurso e o posicionamento da mídia de massa. Interessa-nos, agora, percorrer, sobretudo, a partir das pesquisas conduzidas por Nelson Traquina, como a aids entrou na era da

³⁶ Herbert Daniel foi um dos candidatos na primeira eleição direta para presidente após a ditadura, pelo Partido Verde (PV), 1989, mesmo ano em que descobriu sua sorologia positiva. “Guerrilheiro, exilado político e uma liderança no movimento homossexual brasileiro, foi um exemplo de pessoa que, a partir da epidemia de HIV/AIDS, transitou não somente na área genericamente classificada como ‘ativismo’, mas também realizou análises sobre o que a epidemia representava”, (GALVÃO, 2000, p.17). Ainda integrou, como cita a autora, a Global AIDS Policy Coalition, criado por Jonathan Mann. “E a ele foi dedicada a edição norte-americana do livro Aids in the world”, de 1992. O interdiscurso dos youtubers se origina, também a partir desse autor que falava do vírus do lugar de um homem gay que vivia com aids. Um dos pontos centrais do seu discurso era evitar a morte civil do doente de aids negando a clandestinidade. Ele faleceu em 1992, em decorrência da síndrome.

“rotinização”, tornando-se tema, já no final dos anos 1980, ligado a acontecimentos específicos ou obedecendo à lógica do calendário vinculado ao Dia Mundial contra a Aids, em primeiro de dezembro.

2.3 CULTURA E AIDS: NEM TODA METÁFORA SERÁ CASTIGADA

Ao buscar em *As ciências da AIDS e AIDS das ciências: discurso médico e a construção da AIDS* (1994) dados epidemiológicos para construir a parte inicial desta seção, havia uma característica intrigante na crítica às ciências médicas feita por Kenneth Rochel de Camargo Jr. O argumento da neutralidade, no universo científico, pode encobrir um traço importante da prática clínica, que surge mesmo durante o processo de aprendizado nas faculdades, “a ilusão de eterna pré-existência dos objetos, simplesmente *descobertos*” (CAMARGO JR. 1994, p. 114, grifo do autor). Associações, reducionismos fazem com que “o discurso biomédico, ao contrário do que se poderia esperar, não pode oferecer uma caracterização isenta da doença, depurada de pensamentos metafóricos”. (BESSA, 1997, p. 23). O pesquisador articula sua argumentação a partir do trabalho de alguns autores como Paula Treichler (1987) e Camargo Jr., e conclui que:

As ferramentas para escrever literatura, portanto, são as mesmas para o empreendimento científico. O alienígena — o figurativo, a metáfora — sempre estará presente em qualquer discurso, pois a linguagem contamina a si própria. E a ficção, o locus presumivelmente natural da metáfora, pode apontar a contradição da aparente autoidentidade do discurso que se pretende literal. A literatura de ficção, deste modo, também faz parte da epidemia discursiva da AIDS. (p.23)

É preciso dizer que o “discurso biomédico e discurso literário não estão num mesmo plano, não possuem igualdade de valores. É um fato. E deve-se perceber nessa divisão uma opção ideológica e profundamente política ao hierarquizar valores distintos” (BESSA, idem, p. 20). Se o literário, diz o pesquisador, “é ligado ao metafórico, ao ficcional, e o biomédico está associado ao literal e ao real, nada mais justo que, segundo essa ótica, o último conduza as discussões sobre AIDS”. É preciso defender, como faz Bessa, que “mais do que simplesmente mimetizar um real que lhe é superior, ou reproduzir reações sociais, políticas e culturais” (p.23), a ficção ainda “se coloca ao lado de inúmeros discursos, pois apresenta novas concepções e

abordagens da epidemia”. Ela deveria, assim, aparecer como um tópico importante desta dissertação.

Ao apresentar o seu conceito de discursos constituintes, como o filosófico, o científico, o religioso, Maingueneau (2008) argumenta que uma das pretensões desse discurso é de “não reconhecer outra autoridade além de sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles”, (p.37). Mas, na prática discursiva, na produção verbal, “existe uma interação constante entre discursos constituintes e não-constituintes, assim como discursos constituintes”. Embora seja da natureza deles operar como fonte, princípio ou “archeion”, como observa o autor. O discurso político, para exemplificar, não integra essa categoria. Situa-se “na confluência dos discursos constituintes, sobre os quais se apoia (invocando a ciência, a religião, a filosofia, etc.), e os múltiplos extratos da doxa da coletividade” (MAINGUENEAU, idem, p.38). Nos parece, aqui, aparecer uma fotografia inicial dos canais de youtubers que vivem com HIV. A partir do relato pessoal, existe uma construção narrativa que se utiliza da ciência, mas ainda da militância LGBTI e do senso comum da forma que Correia (2005) apresenta a fenomenologia de Alfred Schutz.

No “circuito narrativo” das representações sobre a aids, para observar a linguagem do momento inaugural da epidemia, e dos canais analisados, recorreremos à literatura ficcional desde as primeiras notícias sobre o que era, naquela época, doença fatal. Aqui, nos interessa as metáforas, metonímias e a produção de sentido das figuras de linguagem. Nos anos 1980, é preciso frisar, como fazem Freitas e Serruya (2020, informação eletrônica) esses recursos de linguagem “estavam concentradas em teses sociológicas e nos ensaios”. O mais lembrado é *Aids e suas metáforas* (SONTAG, 1989), embora o já citado *Assim vivemos agora*, publicado na revista *The New Yorker*, em 1986, “mesmo sendo um texto de ficção, sua veia ensaística e crítica dificilmente pode passar despercebida” (BESSA, idem, p. 68) compõe esse trajeto. Na França, o clássico *Os homossexuais e a aids: sociologia de uma epidemia*, do sociólogo Michael Pollak, que pesquisa os leitores da publicação mensal *Gai Pied Hebdo*, nos verões de 1985, 1986 e 1987, com “caráter qualitativo, através de relatos biográficos sobre trajetórias individuais na tentativa de reconstruir a lógica do universo homossexual e sua dinâmica” (MENDONÇA, 1992, p. 104). Além de fazer uma série de entrevistas com homens homossexuais para analisar os reflexos comportamentais da aids. No Brasil, o olhar visionário de Herbert Daniel já apresenta, em 1983, ano em que a imprensa informa sobre os primeiros casos de

aids no país, “um pequeno ensaio sobre a epidemia, no anexo intitulado *A síndrome do preconceito*, do livro *Jacarés e lobisomens*, coescrito com Leila Míccolis” (BESSA, idem, p.63). Tratava-se, naquele primeiro momento, da necessidade de afastamento para entender a “catástrofe” e poder inserir, ou construir alguma poética sobre a aids dali por diante. Serruya e Freitas (2020) tratam dessa produção dos primeiros anos utilizando Theodor Adorno a partir da pergunta lançada em 1949 no texto *Crítica Cultural e Sociedade*, quando o mundo acabara de conhecer os horrores dos campos de concentração nazistas.

A bielorrussa Svetlana Aleksievitch, ganhadora do Nobel de literatura em 2015, disse sobre o tempo de catástrofes - como foi a da aids por quem vivia ou convivia de perto com a doença – que é necessário um movimento parecido ao das pessoas que estiveram próximas da experiência de explosão da usina nuclear de Tchernóbil, ocorrida em 26 de abril de 1986. “Em *Vozes de Tchernóbil – A história oral do desastre nuclear*, a autora trabalha com a necessidade de tempo para conseguir processar o trauma, para falar em primeira pessoa” (SERRUYA, idem, informação eletrônica). Tratava-se, também, naquela altura, de criar uma literatura de não-ficção sobre cuidado e prevenção de homens gays feita para outros gays (PEARL, 2013). Em seu livro *AIDS literature and gay identity: the literature of loss* (Literatura da AIDS e identidade gay: a literatura da perda, sem edição no Brasil), ela cita quais obras fariam sentido em meio ao pânico e do excesso de informações, a maioria desconhecida, vinda da imprensa, naquele período. “*Como fazer sexo em uma epidemia*, de Michael Callen e Richard Berkowitz (1983), era uma resposta prudente e convincente à crise, sem alarmes nem medidas draconianas em relação ao sexo” (PEARL, idem, p. 3, tradução do autor). Tentar compreender o que estava acontecendo, diante daquela avalanche de representações, pedia uma curadoria para não embarcar na “vertigem narrativa” que as epidemias carregadas de mistério, e de metáforas, trazem consigo.

É apenas 1988, sete anos depois das primeiras notícias apresentadas nos dois primeiros tópicos iniciais, que a pesquisadora analisa a chegada de romances e livros de contos sobre a aids. Mais que isso, era literatura sobre a aids com alta qualidade artística. Em sua investigação, Pearl observa que “a primeira leva de ficção sobre AIDS, em geral, foi ficção gay. Houve uma mudança, embora não tão rápida nem tão drástica”. À exceção do livro *At risk* (traduzido no Brasil como *Risco de vida*) de Alice Hoffman, de 1988, que trata do tema aids na infância. Deve ficar claro que “a produção literária dos anos 1980 era feita por homens gays sobre homens gays. Quase não

havia relatos de outros grupos afetados, como mulheres ou usuários de drogas” (PEARL, idem, ibidem).

Alós (2019), usa as contribuições de Monica B. Pearl na tentativa de compreender a estrutura dos relatos confessionais surgidos a partir da segunda metade dos anos 1990. Nesse período, “começa a se consolidar uma nova tradição, espécie de desdobramento da *gay and lesbian fiction*, que pode ser chamada de ‘literatura de aids’, ‘narrativa(s) de aids’ ou, ainda, ‘ficção/ficções da aids’ (ALÓS, 2019, p. 3, grifo do autor). Em seu artigo *Corpo infectado / corpus infectado: aids, narrativas e metáforas oportunistas*, analisa a contribuição de obras com acento confessional sobre a aids, produzidas entre os anos 1990 e as primeiras décadas do novo milênio no Brasil. O livro autobiográfico *O segundo armário: diário de um jovem soropositivo* Gabriel de Souza Abreu³⁷ (2014) que é apontado por Alós (idem) como referência. E lista produções com proposta autobiográfica: Cinema Orly, de Luís Capucho (1999) que tem a experiência pessoal da aids na narrativa, uma das obras mostradas como guia no curso, com a presença do próprio Capucho. O maior fenômeno do mercado editorial brasileiro sobre a confissão da vida com HIV, de 1997, Valéria Polizzi, uma mulher heterossexual, conta sua vida em *Depois daquela viagem: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com aids*. A obra retornará na seção sobre os depoimentos femininos e o processo de invisibilidade das mulheres no início da epidemia.

Ao contrário das narrativas de aids que retratam a década de 1980, esses três artefatos culturais relatam enredos ficcionais que se passam já ao longo das décadas de 1990 ou dos anos 2000, momentos históricos nos quais tanto a *síndrome* quanto o *vírus* a ela associado já estão recobertos por algumas camadas semânticas, muito em função das metáforas e alegorias criadas ao longo da década de 1980 para significar culturalmente a aparição de um quadro clínico (ou, ainda, de uma *sintomatologia*) até então sem antecedentes. (ALÓS, idem, p.5)

Mas é preciso cuidado com os discursos da aids reunidos nesta literatura. Entender o que estava sendo dito naquele período específico, e tentar compreender como, e de que maneira existe, ou segue como lacuna, uma reverberação nas histórias, no interdiscurso encontrado, atualmente, nos canais do YouTube de pessoas que vivem com HIV. Há muitas e “novas camadas semânticas” sedimentadas

³⁷ Pseudônimo de Salvador Corrêa, que descobriu a sorologia positiva para o HIV em 2011 e começou a relatar em seu blog anônimo as experiências e “o medo de ser soropositivo. Foi um diário durante essa vivência”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8iNs0AuSWY>>. Acesso: 20 de fev. 2021.

na aids dos primeiros anos para as histórias que vieram a seguir e os textos produzidos atualmente. A tentação é fazer uma leitura contemporânea com bases fincadas num contexto que, se guarda, semelhanças com a realidade do HIV/aids, hoje – ou desde a terapia dos inibidores de protease, apresentada em 1996 na Conferência de Vancouver, como acentua Pearl (2013) - definitivamente, não é a mesma condição. Seja pela resposta da medicina, o enfrentamento a conceitos como “grupos de risco” dos anos iniciais, ou as críticas dos ativistas ao processo de cronificação do vírus. Alós (2019) adverte que,

Cada uma dessas décadas teve suas próprias idiossincrasias históricas com relação aos processos de *narrativização* da aids, ou mesmo com os diferentes graus de estigma que eram associados à infecção pelo vírus HIV nessas diferentes décadas. Chamo a atenção, entretanto, que todos os artefatos culturais que menciono ao longo dessa discussão reportam, *em seus universos ficcionais*, à década de 1980 e ao momento mais crítico da “aparição” da aids como fenômeno social a ser significado. (ALÓS, 2019, p. 4, grifo do autor)

Portanto, trabalhar com a perspectiva da época, concentrando a leitura nas manifestações de construção da identidade positiva para o HIV. Observemos que a metaforização e outros recursos da linguagem literária não são o problema. É preciso considerar como usar a crítica de Susan Sontag e não desprezar o valor das metáforas ou elipses para ler, por exemplo, o espelho como um dos elementos observados por Bessa (1997) nas obras que inauguram uma narrativa sobre a aids na primeira década e meia após o aparecimento da síndrome.

A alteridade, na epidemia discursiva da AIDS, parece ser o ponto crucial. A criação inicial — *e ainda persistente* — dos "grupos de risco" esclarece bastante essa questão. A AIDS é percebida e vivenciada como uma doença do outro, daquele que é visto como estranho, diferente, marginal à sua própria sociedade. (BESSA, 1997, p. 86, grifo do autor)

Entre essas obras estão *O amigo que não me salvou a vida* (1987), de Hervé Guibert, contemporâneo e integrante do círculo social de Michel Foucault, a quem a personagem Muzil parece ter sido dedicada. Na obra de Caio Fernando Abreu, o espelho também aparece quando as marcas púrpuras do Sarcoma de Kaposi, o tipo raro de câncer que era associado a aids, são reconhecidas no reflexo que o personagem vê na sala de sua mãe em *Linda, uma história horrível*, conto introdutório do livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, de 1988. A aids nos textos de Abreu vai aparecer em elipses ou metáforas. Até mesmo na série de crônicas epistolares *Cartas para além dos muros*, publicadas em 1996 na coluna quinzenal no Estado de São

Paulo, quando revela ter aids na última delas, ele vai informando aos poucos. Bessa (1997) diz tratar-se mais de estilo que um jogo de culpa ou vergonha associados à aids. No caso do conto *Linda, uma história horrível*, há, ainda, algo mais que a elipse. “A doença é entendida paulatinamente pelo leitor, com as poucas e crescentes pistas sugeridas pelo texto” (BESSA, idem, p. 83):

No fundo do espelho na parede da sala de uma casa antiga, numa cidade provinciana, localizou a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feito os de uma criança. Colocou a garrafa sobre a mesa, tirou o casaco. Suava muito. Jogou o casaco na guarda de uma cadeira. E começou a desabotoar a camisa manchada de suor e uísque. Um por um, foi abrindo os botões. Acendeu a luz do abajur, para que a sala ficasse mais clara quando, sem camisa, começou a acariciar as manchas púrpura, da cor antiga do tapete na escada - agora, que cor? - espalhadas embaixo dos pêlos do peito. Na ponta dos dedos, tocou o pescoço. (ABREU, 1988, p. 21-22).

2.3.1 Uma “iconografia da aids” e as identidades clínicas

As imagens construídas nos textos são essenciais e merecem destaque no conjunto desta dissertação. Mas a construção de significado do HIV/aids foi constituída, também, com colorido do audiovisual, das artes plásticas, do ambiente cênico. Esse entendimento de como algumas imagens perduram, mesmo com avanço biomédico e militância por novas representações, pela cronificação do vírus, exige, ainda que brevemente, uma leitura sobre a “iconografia da aids”. Serruya e Freitas (2020) perguntam no primeiro inicial da versão virtual do curso *Como eliminar Monstros*: “Qual a primeira referência da aids? ”. A minha era uma fotografia, suporte usado como recurso da verdade, de comprovação da realidade pela medicina na constituição dos personagens desviantes como o homossexual (Foucault, 2018). A partir do texto *Picturing Deviancy*, de Stuar Marshall, Bessa (1997), mostra de que forma a fotografia serviu aos ideais burgueses: na caracterização honorífica, marcando de maneira clara como deveria ser o aspecto da “normalidade”. Algo que nós, ainda, hoje, nos pegamos apontando como “natural”, ou categorizando como “fora do padrão” depois do que o autor chama de um taxinomia produzida com o discurso da arte, das ciências médicas e da economia. Para Marshall apud Bessa (1997), o homossexual ganhou, de início, nessa catalogação, um momento de superexposição, para que fosse reconhecido. A partir dos estudos de microestruturas

(hormônios, cromossomos) passa por operação inversa, de apagamento, de invisibilidade.

A epidemia de HIV/AIDS tornou isso claro. A inicial e ainda persistente ligação homossexualidade = AIDS deve-se, em grande parte, a essa invisibilidade. Essa ligação fez mais do que reforçar o caráter patológico dessa identidade: reforçou o tipo, a essência comum a todos os homens same sex oriented. (BESSA, idem, p.90)

Antes de revelar qual a minha lembrança marcante, é preciso dizer que, no caso da aids, essas operações de reconhecimento, de tipificação, de representação “muito pobres”, completa o autor:

Como é um tipo duplamente doente—perverso sexualmente, carregando um vírus perigoso —, é preciso que lhe mostre a face, o corpo, para que seja identificado, apontado e excluído. Reconhecê-lo ajuda a impedir que o vírus ultrapasse o seu corpo doente. Esse controle pela imagem — da face e do corpo — dá-se, principalmente, com o doente de AIDS. (BESSA, idem, ibidem).

É, dessa maneira, que as personagens nos textos citados anteriormente, se olham no espelho. Não por reconhecer o rosto, mas um outro, o do doente de aids, aquele que carrega o passaporte da doença, o que ninguém quer portar em nossa sociedade (SONTAG, 1989). Por isso, a imagem de Therese Freare, feita em 5 de maio de 1990, no momento em que o ativista David Kirby falecia de aids, aos 32 anos, na Pater Noster House, em Columbus, Ohio, tenha causado tanto desconforto. Era a imagem de um homem doente da doença “daqueles”. Havia algo mais em cena, diferente das fotos de Rock Hudson, de Cazusa nas capas de revista, que estavam sozinhos, a foto documenta cenas de intimidade e de amor em meio ao cenário devastador da doença. Ela trazia um pai, a irmã, a sobrinha e um pedaço da mão de Peta, o cuidador do ativista David. Sua história de medo e rejeição provocados pela aids são chocantes. “Quando a equipe do hospital de Stafford, uma cidadezinha em Ohio, soube que sua doença era aids, mandou queimar a ambulância”, conta Therese. A imagem foi publicada na Life Magazine depois de sua morte e, depois, utilizada para estampar a campanha publicitária criada por Oliviero Toscani para a marca italiana Benetton, em 1992.

Figura 3 – Foto de Therese Freare na campanha da Benetton



Fonte: Time Magazine

Os protestos foram vários porque a foto e a logo da companhia italiana estavam reunidas, bagunçando os campos da publicidade, do jornalismo e a das campanhas de ajuda humanitária. Revistas recusavam o material, ativistas do ACT UP de várias cidades do mundo boicotaram a Benetton, publicitários acusavam Toscani e a empresa de comercialização da tragédia pessoal. Em 2016, a *Time Magazine* produziu um documentário de 11 minutos chamado *The Face of AIDS: the story behind Therese Freare's photo*³⁸, mostrando os muitos lados da polêmica. Para Toscani, os protestos eram por ter colocado “você de frente para a sua consciência. O que eu estou fazendo diante do problema (da aids)? Foi isso que causou tanta raiva”. O nome da foto de Therese era *Família*, rebatizada *La Pietà*, por Toscani. A finalidade era impactar um bilhão de pessoas vendo a morte de Kirby (de acordo com o departamento de comunicação da Benetton na época), em decorrência da aids, e trazer o sofrimento de toda a família. A aids poderia não ser mais aquela metáfora do castigo dos desviados, a doença “daqueles”, como se apresenta na seção sobre estigma e representações sociais. Bill e Kay, os pais de David, também acreditavam na mensagem da campanha para sensibilizar outros pais que não aceitavam seus

³⁸ Disponível em: <<https://time.com/4592061/colorization-benetton-aids-ad/>> Acesso em 25 de jul. 2020.

filhos gays e os deixavam morrer na solidão. O caso dos Kirby, para Barb Cordle, diretora do Pater Noster, era incomum. O normal na sua instituição era o doente abandonado, amparados por algum amigo ou pelo companheiro. Kay, quando convocada pela mídia, aproveitava para dizer verdades em tom maternal: “Ninguém deveria morrer só”.

Esta morte solitária estava ligada a uma “nova classe de párias vitalícios, os futuros doentes” (SONTAG, 1989, p.40) anunciados a partir da sorologia positiva detectada em exames biomédicos. Ainda, hoje, “levar um fora”, passar por discriminação ao relatar o status sorológico em novos relacionamentos, é abordado nos canais de youtubers que deixam claro a desinformação, uma falta do outro em relação à saúde sexual, como aponta o influenciador Daniel Fernandes no vídeo mais visto do canal Prosa Positiva³⁹. No passado, esse peso sobre o olhar do outro e todas as representações que a doença suscitava. No início da década de 1990, Leonilson, um dos artistas, hoje, mais cultuados da Geração 80, decidiu fazer a primeira experiência de diário eletrônico nos moldes muito próximos dos analisados neste trabalho, gravando cada um dos seus dias em fitas cassete desde 1º de janeiro de 1990, alguns meses antes do seu diagnóstico, até sua morte, em 1993. Ele levantada a questão: “Qual é o cara que vai querer namorar com um cara que é positivo? ”. No documentário a Paixão de JL (NADER, 2015)⁴⁰, acompanhamos o conteúdo das fitas como se fossem episódios do YouTube.

Em 1991, assustado com os efeitos “de bomba” do AZT que tentou tomar por uma semana, ele fala em suicídio. Em 2018⁴¹, também no vídeo mais visto do canal *Falo Memo*, Lucas Raniel, lembra que no momento conturbado do seu resultado reagente para o HIV, em mais um relato da falta de cuidado na interação médico-paciente, o suicídio apresentou-se como uma possibilidade. O julgamento e o estigma relacionados ao HIV ficam explícitos quando olhamos para o que Valle (2015) cita como “identidades biossociais”. Nas palavras usadas no campo biomédico, as pessoas começam a criar essa outra identidade. “*Soropositivo e soronegativo* logo se tornaram identidades clínicas pelas quais pessoas e indivíduos eram rotulados” (VALLE, idem, p. 56, grifo dele, tradução do autor). Outro ponto em comum, com trinta anos de distância no tempo, e terapias antirretrovirais que permitem a cronificação do

³⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7wYG7cJ4_bc>, Acesso em 25 de jul. 2020.

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z7phl2w34Z8>>. Acesso em 20 de fev. de 2021.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EHYcplOCip4>>. Acesso em 25 de jul. 2020.

HIV, é o discurso biomédico como linguagem dos influenciadores digitais, e do artista plástico. “Hoje, o número de linfócitos T diminuiu bastante”, Leonilson (2015), acompanhando a baixa da imunidade, a suscetibilidade às doenças oportunistas. A biomedicina está no intertexto que liga o diário em suporte analógico, a fita cassete, aos relatos virtuais dos youtubers. Estes últimos falando em carga viral indetectável, CD4, exames laboratoriais, prevenção combinada. Para Alós (2019), ao tratar da literatura, mas consideramos que caiba também nas artes e nos canais do YouTube,

A narrativização e a discursivização da aids são procedimentos epistemológicos de extrema importância política e existencial, uma vez que funcionam como o meio através do qual é possível dar ordem ao caos, dar sentido ao sem sentido da doença, da pandemia e do convívio com o vírus. (ALÓS, idem, p.5)

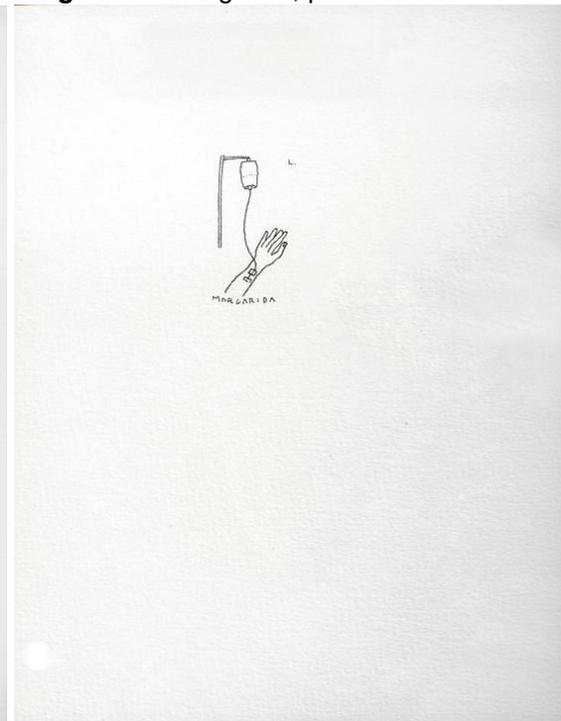
Quando o médico informa a Leonilson que medicina não pode mais ajudar, o trabalho de contar sobre a sorologia e o processo de adoecimento viram sua medicina. “Uma tela não é muito diferente de uma manhã minha”. Leonilson passou a produzir o que (SERRUYA, FREITAS, 2020) classificam de sua “iconografia da aids”. Na série *O perigoso*, de 1992, os objetos e os procedimentos na vida de alguém com aids aparecem nas obras, como *Margarida* e *Prímula*, surgindo como recurso visual de uma história que ainda não contava com muitos desenhos e pinturas.

Figuras 4 – Prímula, obra de Leonilson



Fonte: Rubens Chiri / divulgação.

Figura 5 – Margarida, produzida em 1992



Fonte: Rubens Chiri / divulgação.

2.4 HIV/AIDS NA ERA DA ROTINIZAÇÃO

Para o pesquisador português Nelson Traquina (2007), “os jornalistas são uma comunidade ou tribo interpretativa transnacional, e a cobertura noticiosa em países diferentes revela semelhanças significativas” (p.29), uma hipótese testada por ele a partir da investigação em notícias sobre a aids produzidas em jornais de quatro países distintos. Na pesquisa específica sobre o jornal português *Diário de Notícias*, com mais de um século de tradição, “comparável ao The New York Times”, ou “um jornal de referência, que fornece toda a informação que um cidadão deve possuir”, feita de junho de 1981 a 31 de dezembro de 1991, a primeira notícia apareceu em abril de 1982. “As notícias sobre a problemática AIDS não aumentaram sistematicamente a partir de 1981; na verdade, o número de itens publicado sobre AIDS no *Diário de Notícias* caiu desde o ponto mais alto de 1987” (TRAQUINA, 2001, p.131). Ao contrário dos Estados Unidos, aponta o autor, não houve uma evolução significativa em números, entre 1981 a 1983. Mas há um fenômeno próximo, entre os dois países, o anúncio da aids do ator Rock Hudson e, depois, sua morte, em 1985, causaram um pico na cobertura (ver gráfico 1⁴²).

Em Lisboa, o interesse no evento trouxe o aspecto de humanização da morte de um olimpiano para o tema, gerando 67 itens (contabilizando notícias, artigos e notas) naquele ano, subindo para 75 registros em 1986 e alcançando 253 informações sobre aids em 1987. O ingrediente humano não significa, como apresenta na análise, que a narrativa da aids no diário português, seja baseada na história das pessoas. “No *Diário de Notícias*, as notícias sobre a AIDS são mais sobre os médicos e os cientistas que sobre os doentes; a AIDS é sobretudo uma ‘estória’ contada em números e não com as pessoas” (p.144). Em sua pesquisa em quatro jornais brasileiros entre 1982 a 1995, Fausto Neto (1999), observa que a fala das PVHA na mídia impressa do Brasil, quando surge, é um discurso ritualizado, “submetido à competência e às condições de produção do discurso jornalístico. É um dito feito em algum lugar, mas sempre submetido à constituição de um ‘modo de dizer’ do jornal”, (p.141). Apenas em um número limitado de matérias, ele observou que “vítimas diretas ou indiretas da AIDS têm voz nos jornais. Temos visto que, de modo geral,

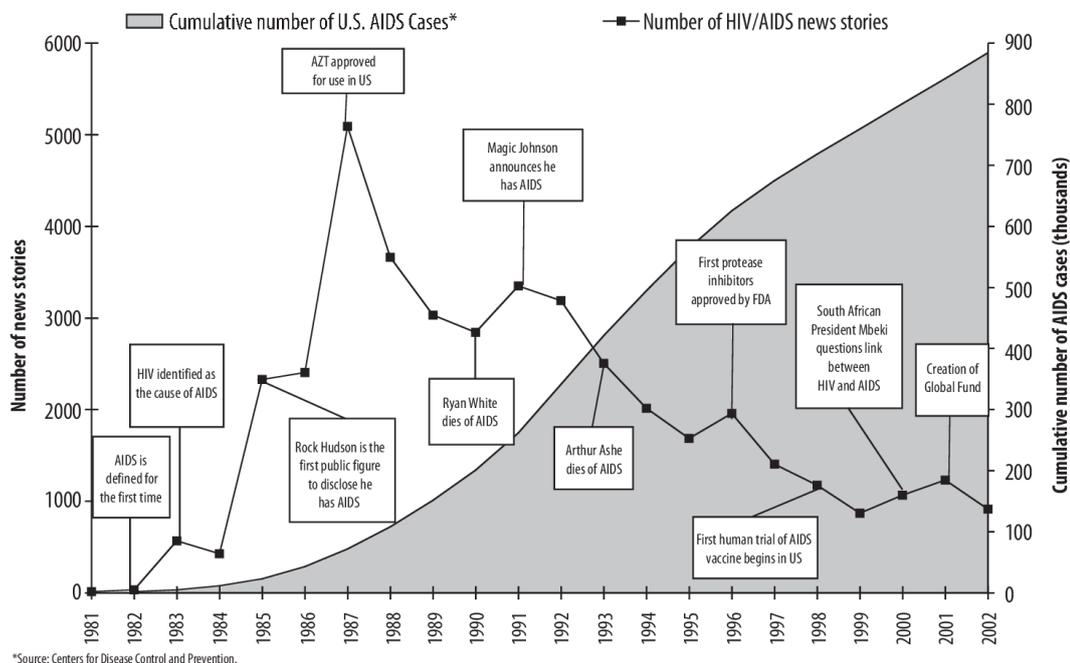
⁴² Dados do CDC, Estados Unidos, no gráfico produzido para o estudo AIDS at 21: Media Coverage of HIV Epidemic 1981-2002 (BRODIE ET AL. 2004, p. 3)

elas travam lutas árduas para produzir a oferta de sentidos sobre a questão”, (FAUSTO NETO, 1999, idem).

“O número de itens encontrados caiu então para 174 em 1988, subiu de novo em 1989 e tem caído continuamente” (TRAQUINA, idem, p.133). De acordo com sua análise, a partir daquele período, o tema, perdia o impacto dos primeiros anos:

Essa diminuição no número de itens corresponde à rotinização na problemática por parte do campo jornalístico, isto é, desde a sua tipificação como *acontecimento excepcional*, (*what a story!* na terminologia de Gaye Tuchman, 1978). (TRAQUINA, ibidem)

Gráfico 1 — Picos noticiosos do HIV/aids nos Estados Unidos



Fonte: Brodie, Mollyann, et al. (2004)

Não se trata apenas de uma “queda em números”, mas a cobertura também demonstra uma defasagem em relação ao contexto para apresentar a aids. Nos Estados Unidos, a tendência, segundo Brodie et al (2004), é a mesma: o pico de notícias acontece no ano de 1987, e sobre uma queda gradual até o ano de 2002. Na sua pesquisa no jornal Estado de São Paulo, nos anos de 1985 e 2015, Almeida (2017), observa que os textos não diminuíram apenas em tamanho. A contextualização também ficou comprometida. “Como se em 2015 a Aids já fosse suficientemente conhecida, excluindo a necessidade de se aprofundar sobre as formas de contaminação pelo vírus, as populações vulneráveis e o próprio histórico da doença. Essa informação também surge na pesquisa *The Color of AIDS: An*

Analysis of newspaper coverage of HIV/AIDS in the United States from 1992–2007, que faz análises usando programas de computador e avaliação de pesquisadores na cobertura jornalística sobre o tema nos Estados Unidos em 24 jornais diários, nacionais e locais, e na agência de notícias Associated Press. O período compreendido vai de dezembro de 1992 a dezembro de 2007. “O estudo examina a cobertura noticiosa do HIV / AIDS na segunda metade da epidemia, com foco em raça e atribuições de risco” (STEVENS e HULL, 2013, p. 353).

Este recorte dos autores é sobre a negligência de uma cobertura da imprensa que evidencie a necessidade de se abordar o aumento cada vez mais preocupante de novas infecções entre afro-americanos. “As disparidades domésticas no HIV / AIDS foram relegadas às margens, e a epidemia no mundo em desenvolvimento tornou-se mais proeminente” (STEVENS e HULL, idem, p. 365). A rotinização, aponta Traquina, hoje, está ligada ao Dia Mundial contra a Aids, o 1º de dezembro, o que merece críticas de ativistas e PVHA. É o dia mundial de combate à AIDS que têm mantido a problemática na agenda jornalística (TRAQUINA, p.141). Em sua pesquisa de mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sobre a cena pós-coquetel, Fonseca (2020) aponta uma das consequências dessa lógica midiática de rotina e agendamento. “A dificuldade de um artista que revela sua sorologia positiva é entrar na lógica da agenda, tendo o trabalho inteiro reduzido à condição de viver com o vírus, e tornar-se um artista do 1º de dezembro” (FONSECA, 2020, informação eletrônica). Almeida (2017) mostra que a aids perdeu espaço considerável nos últimos anos na versão impressa do veículo que analisa. Ao fazer uma busca pela palavra-chave aids nas edições de 2015 do jornal, a pesquisadora encontrou “91 textos que citam a doença de forma direta ou indireta, dentre notas, notícias, reportagens, artigos de opinião, colunas e editoriais; número cerca de 60% menor que o de 1985” (p. 128).

3 MOVIMENTO HOMOSSEXUAL: PIONEIRISMO CONTRA A AIDS

Na formação discursiva sobre a aids, os homossexuais sempre estiveram relacionados à doença nos Estados Unidos. Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015), marcam essa questão também para a construção de um debate brasileiro:

Os intelectuais homossexuais souberam antes dos médicos, reconhecer a necessidade de levar o problema a sério, com medidas concretas para enfrentar a epidemia que chegava ao Brasil. Quando em São Paulo contavam-se os casos de aids nos dedos de uma mão, os homossexuais a tiraram dos congressos acadêmicos brasileiros e reivindicaram das autoridades de saúde pública responsabilidade no combate à doença e apoio aos que eram mais vulneráveis a ela, (p.49-50).

Os autores reconhecem que “a aids veio a público pela imprensa, mas foi comunicada às instâncias públicas de saúde pela comunidade homossexual. Esse fato não é sem importância, quando na França e nos Estados Unidos ocorreu o inverso” (LAURINDO-TEODORESCU, TEIXEIRA, idem, p.50). Os leitores do “famigerado artigo do The New York Times, de 3 de julho de 1981” (FERREIRA, 2018) souberam da aids como um tipo de câncer em 41 homossexuais, material citado na abertura da seção 2. No filme *Meu querido Companheiro* (1989), que inicia exatamente naquele dia anterior ao maior feriado nacional, é possível perceber o impacto das notícias na comunidade gay de Nova Iorque, e de como as hipóteses no texto foram construídas, reunindo homossexualidade, promiscuidade, e o uso de drogas para aumentar o prazer, como LSD e poppers. O que forma uma notícia “famigerada”, como classifica o diretor-artístico do *Festival de Cinema Queer de Lisboa* no texto intitulado *O vírus-cinema: cinema queer e VIH/sida*⁴³. João Ferreira faz alguns questionamentos pertinentes a respeito de “como lidar com a construção de uma identidade que é eminentemente sexual (e que a partir dessa sexualidade constrói identidades sociais, culturais, pessoais) quando aquilo que a define, afirma e dá poder, pode ter agora consequências mortais? ” (FERREIRA, 2018, informação eletrônica). Em seu texto, pergunta ainda “como responder à epidemia – e ao estigma social e homofobia que ela carrega –, ao mesmo tempo em que se afirmam esses corpos, essas sexualidades e essas expressões de gênero? ”

⁴³ Disponível em: <<http://www.cinamateca.pt/programacao.aspx?ciclo=1020>>. Acesso em 20 de jul. 2020.

Eram todas as questões que pediam respostas e ações imediatas para lidar com a doença sem precedentes e seus sintomas clínicos naquele momento. Ao mesmo tempo que exigia articulação para defesa de direitos civis conquistados a partir de uma luta que tem como um marco, nos Estados Unidos, a revolta do Stonewall Inn, o bar no Greenwich Village, em junho de 1969⁴⁴. Toda a complexidade da síndrome, que se apresentava como “pneumonia gay”, no *Bay Area Reporter*, jornal semanal para a comunidade de gays e lésbicas de São Francisco, em 2 de julho de 1981, e, posteriormente recebendo “léxico público de câncer gay” (HIV.GOV, 2015) também exigia uma resposta rápida dos homossexuais. O escritor e produtor de cinema Larry Kramer foi muito rápido em articular reuniões que se iniciaram no dia 11 de agosto de 1981, em seu apartamento em Nova York para discutir o “câncer gay” com o Dr. Alvin Friedman-Kien. (New York Public Library, 1982-1988)⁴⁵. No dia 4 de janeiro de 1982, Kramer e outros cinco amigos criaram a The Gay Men’s Health Crisis (GMHC), a primeira e mais antiga organização de AIDS no mundo. O conjunto de ações e as metas definidas ali, apresentadas em documentos doados à Biblioteca Pública de Nova York, são impressionantes por evidenciar a percepção do grupo sobre apoio médico para quem necessitasse, e, ainda, educação sexual e auxílio jurídico.

GMHC serves to educate the public about HIV/AIDS, provide care services for People with AIDS (PWAs), and advocate at all levels of government for fair AIDS policies. It is a volunteer-supported, community-based organization that provides programs to clients and members of the general public regardless of HIV status, gender, or sexual orientation. (NYPL, 1982-1988).

Além de arrecadar dinheiro, US\$ 50 mil no evento em abril de 1982, a organização sabia que na comunidade gay de Nova York, aids significava pânico. Por isso, instalou-se uma central telefônica para aqueles que tivessem alguma suspeita de estar com aids, ou mesmo dúvidas a respeito de como fazer sexo em tempos de aids. No primeiro dia da *hotline*, mais de 100 ligações. Em *Aids e suas metáforas* (1989), Susan Sontag faz um instantâneo do que viria a ser o doente de aids e, por

⁴⁴ Este é um marco histórico mais recente comemorado pela comunidade gay do mundo como nascimento do *Movimento de Orgulho LGBT*. Rodrigues (2012) mostra eventos anteriores, no século 19 na Europa, associações nas primeiras décadas do século 20, nos Estados Unidos, e, ainda, traz a ação na cafeteria Compton’s, em 1966. “Esses atos explosivos dos homossexuais, produto de um acúmulo de violências e interdições, operam no mesmo campo simbólico da revolta de maio de 68 dos estudantes parisienses: promovem a desestabilização nos sentidos das representações, no caso dos GLBTs, sobre a homo e a travestilidade, investindo-as de novas significações”, (RODRIGUES, idem, p.20). Desconsiderar essa elaboração discursiva às opressões seria inviabilizar a argumentação histórica em que baseia este trabalho.

⁴⁵ Disponível em: <http://archives.nypl.org/mss/1126>>. Acesso: 20 de jul. 2020.

associação de muitas pessoas, qualquer integrante da comunidade gay, saindo de uma América do Norte de sua fase de liberação sexual direto para um estado de tensão e discursos moralistas.

O medo da sexualidade é o novo registro, patrocinado pela doença, do universo de medo no qual todos vivem agora. A fobia do câncer nos ensinou a temer o meio ambiente poluente; agora temos medo das pessoas poluentes, consequência inevitável da ansiedade causada pela AIDS. Medo da taça da comunhão na missa, medo da sala de cirurgia: o medo do sangue contaminado, seja o sangue de Cristo ou o do próximo. (SONTAG, 1989, p.87).

Em plena era Ronald Reagan (1981-1989), o presidente republicano foi ator em Hollywood, mas não concedeu tratamento especial a um antigo conhecido, o ator Rock Hudson. Ao pedir auxílio do Hospital Militar dos Estados Unidos em Paris, enquanto fazia tratamento de aids, Hudson foi a testemunha que por parte do governo, aids era assunto a ser evitado. Em seu livro *O amor é a cura: sobre vida, perdas e o fim da Aids*, o compositor e cantor Elton John, lembra de informações desencontradas em publicações que deveriam ser confiáveis, como o *Journal of The American Medical Association*. Em maio de 1983, lançou um comunicado para a imprensa sobre os riscos de contrair aids em contatos casuais, caso o doente estivesse dentro de casa. O próprio Reagan, citado por Elton John, só foi pronunciar a palavra aids publicamente em 1985, após o falecimento de Rock Hudson. Era preciso convocar a opinião pública quando o conjunto de ideias sobre a aids, sua origem, causalidade, grupos atingidos ganhou um estatuto de verdade (GÓIS, 2002). Segundo o autor, por volta de 1984, a descoberta do vírus que causava a aids, o HIV, e dos testes para a sua detecção, “mostrava-se consolidado e, conseqüentemente, constituía um - campo científico - conforme a aceção dada a esse termo por Pierre Bourdieu. Tal campo, diz Góis (2002), definiu a biomedicina empregada e demarcou “as dinâmicas sociocomportamentais que em tese respondiam pela expansão do HIV em diversas populações”. Essas certezas começaram a desmoronar a partir de 1986.

Esse edifício perceptivo foi permanentemente tensionado pelas indicações claras de que se elevava o número de infectados pelo HIV, aumentavam os óbitos por complicações relacionadas à Aids e expandia-se esta epidemia entre os segmentos sociais mais pauperizados. (GÓIS, idem, p.516).

Este é, exatamente, um dos pontos decisivos no que o pesquisador apresenta como luta pelo “monopólio da verdade sobre a aids” entre órgãos governamentais, as

Aids Service Organizations (ASOs)⁴⁶, e “o então chamado ‘novo ativismo’ em Aids”. Dentre este último grupo, a sua análise é sobre o ACT UP / New York, sigla da *AIDS Coalition to Unleash Power* (Coalizão da AIDS pelo empoderamento), um coletivo internacional de ação direta em defesa das pessoas que vivem com HIV/AIDS (ACT UP 1990, 2016). Seu slogan *Silence = death* (silêncio = morte) é sobre visibilidade, poder do discurso e luta contra o sucessivo silenciamento que a sociedade estava impondo aos homossexuais e, a partir de 1981, às pessoas positivas para o HIV. *Silence = death* “pretende incitar as comunidades mais afetadas pelo HIV e pela AIDS a se manifestarem, a produzirem discursos, sem especificar quais, mas que se tornam um contradiscurso ao oficial (que, com o respaldo do discurso científico, pretende-se neutro e objetivo)” (BESSA, 1997, p.21). O autor destrincha a fórmula a fórmula de $A = B$, Silêncio = Morte, mostrando que mais do que transformar o matemático em poético, o literal em metafórico, “é um texto que apela à produção de novos e mais textos para uma reação defensiva contra aqueles discursos que tentam passar por ‘verdade literal’ (BESSA, idem, p.22). Assim, apresentam “a própria duplicidade que lhes é intrínseca”.

Figura 6 – Triângulo rosa usado do grupo ACT UP



Fonte: ACT UP.

⁴⁶ No Brasil, o trabalho de Galvão (2000) mostra como se deu a construção das ONG/aids, com suas especificidades e contexto do país. Algumas desorganizações continuam em atividade.

Não só a palavra, mas um símbolo estigmatizante como o triângulo rosa adotado pelos nazistas para marcar os uniformes dos corpos homossexuais foi ressignificado pelo ACT UP, surgindo com o vértice apontado para o alto. A palavra, “o medium mais apurado e sensível da comunicação social”, (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p. 99) aparece reunida a esse outro signo para que “a consciência se realize e se torne um fato efetivo, encarnada em um material sígnico” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, idem, p.95, grifos do tradutor). Esta é uma interpretação a partir de Bakhtin para a simbologia do ACT UP. Outras várias construções de sentido sobre o triângulo rosa são possíveis, como a feita por (BESSA, 1997):

Como o discurso oficial da AIDS manteve um inicial e persistente caráter de pós-holocausto, identificando homossexualidade (e, por extensão, homossexuais) com a doença, o triângulo retomado no slogan reforça essa identificação, conscientemente, para que o discurso arbitrário que uniu práticas sexuais à doença seja questionado, e também o próprio preconceito extracientífico que levou a essa identificação. Incitando à produção de discursos, de mais textos, o slogan estabelece a equação de igualdade entre discurso e defesa: assumir não só a própria doença, mas também a opção sexual para a sobrevivência e afirmação sociais. (BESSA, idem, p.21)

Em sua prática, o grupo ACT UP se mostrava tão poderoso e contundente quanto o seu discurso e a sua construção simbólica. Para citar uma das ações, o evento dirigido ao laboratório Burroughs Wellcome, que produzia o AZT, em 1988, chamada “*Curb the greed!* (controle a ganância)”, o preço do medicamento foi reduzido em 20%, quatro dias depois. Aquele momento “foi um dos mais celebrados pelo grupo: pelo seu significado simbólico, o de invadir um centro de poder e por seus resultados práticos na redução do preço do medicamento” (GÓIS, idem, p. 526). Mais uma vez, Larry Kramer, falecido 28 de maio de 2020, responsável pelo surgimento do GMHC, entra para a história da aids como cofundador do ACT UP. Ele não costumava usar eufemismos nem poupava críticas aos próprios grupos. Era preciso despertar a fúria para a sobrevivência diante de uma sociedade que apostava no genocídio homossexual.

Em seu artigo *1.112 and Counting*, de maio de 1983, Kramer tenta despertar a consciência e o ativismo da população mais atingida: “If this article doesn't rouse you to anger, fury, rage, and action, gay men may have no future on this earth. Our continued existence depends on just how angry you can get” (KRAMER, 1983). Na tentativa de sintetizar este tópico, como homenagem a Larry Kramer, falecido em maio de 2020, indicamos a leitura do fundamental artigo citado de João Bôsco Hora Góis

(2002), além de assistir ao documentário *How to Survive a Plague* (2012), de David France, que mostra os grupos ativistas nos primeiros anos da aids. E ainda, o episódio *Acting Up*, o primeiro da segunda temporada da série *Pose* (FX TV, 2019), que aborda a questão das transexuais e da vida gay em comunidades pobres de Nova York, entre os anos 1980 e 1990, refazendo o lendário protesto de ativistas na Catedral de São Patrício, que aconteceu, de fato, na manhã de 10 de dezembro de 1989.

3.1 RESISTÊNCIA E REARTICULAÇÃO: A LUTA CONTRA O SILENCIAMENTO

No Brasil, o movimento homossexualista, como também era chamado no início, tem a “consolidação de sua historiografia no marco fundador da militância homossexual com a criação do grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual –, em 1978” (FERREIRA e SACRAMENTO, 2019, p. 234). Os autores argumentam sobre a necessidade de se questionar esses marcos históricos, embora reflitam sobre a importância de uma memória que não contempla todos os indivíduos de um grupo, e também discutem as lutas e as violências de um segmento marginalizado já antes da chegada da aids. Aqui, me concentro, no caminho histórico, embora não-linear e repleto de contradições de um grupo que passou por várias fases até formar a “sopa de letrinhas” (Facchini, 2002) da atual sigla LGBTI⁴⁷. Vou seguir na perspectiva do Sudeste, sobretudo baseada em eventos ocorridos em São Paulo, por sua proximidade temporal com a chegada da aids no Brasil, e a participação de alguns dos seus integrantes nas primeiras ações de prevenção e controle da doença em 1983. Também não refaço, de forma detalhada, cada tópico da organização de movimentos pelo país, o que tornaria esta Dissertação muito extensa, exigindo um outro percurso de pesquisa. Mas há registros de associações basilares, anteriores ao Somos, como mostra o importante trabalho de doutoramento de Rita de Cássia Colaço Rodrigues (2012). No título *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*, a pesquisadora, ativista homossexual desde o final dos anos 1970, destaca a travesti Daniele, que em matéria de 1972, trazia “um

⁴⁷ Adotamos no trabalho as expressões movimento homossexual e militância LGBTI, que marcam dois momentos distintos da luta pelos direitos civis no contexto brasileiro, nos anos 1980 e atualmente. A sigla aparece grifada de formas distintas, sendo adotada no nosso texto a forma acima.

discurso que pode ser chamado protoativista” (RODRIGUES, 2012, p.77). O livro *A revolta dos Homossexuais*, de Norman Winski (1969)⁴⁸, foi uma das referências de Daniele, assim como *O sexo equívoco*, de Martin Hoffman, e *O quarto de Giovanni*, de James Baldwin, como pontua o texto, baseado nas pesquisas do antropólogo Luiz Mott. A obra de Winski apresentava não apenas o histórico de debates e lutas nos Estados Unidos, mas também as organizações anteriores, no século 19, na Holanda, na Suécia, Alemanha, Noruega e Bélgica. O padre Henrique Monteiro, da Igreja Ortodoxa Italiana, no período mais difícil da ditadura militar no Brasil, tentou articular o congresso homossexual em Caruaru, em maio de 1972. Trechos transcritos de uma matéria em tom estigmatizante no jornal Tribuna da Bahia, entre abril e maio de 1972, compartilhados com Rodrigues (2012), por Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), traz, entre as notas de sarcasmo e preconceito, as posições de Daniele sobre políticas públicas, estigma e a necessidade de uma educação sexual nas escolas. “Tópicos de uma agenda política que apenas no século XXI se vê o Movimento GLBT⁴⁹ conseguir sistematizar” (RODRIGUES, idem, p.85).

Naquele contexto de ditadura militar surgia, “a consolidação de movimentos identitários que estabeleceram novas agendas públicas (movimento negro, movimento feminista, movimento homossexual)” (FERREIRA e SACRAMENTO, idem, p.236). Para voltar ao grupo Somos, vale salientar que era formado por intelectuais, jornalistas, homens que chegaram do exílio, ou do autoexílio, como foi o caso de João Silvério Trevisan, e “inicia as atividades em São Paulo nesse cenário de resistência e reconfiguração da esquerda”, apontam os autores. O grupo inicial trazia “à cena pública o anseio de que a homossexualidade, como toda forma de amor e desejo, pudesse ser vivida e exaltada sem restrições” (Simões in Facchini, 2012, p.13). Era o momento de deixar o campo da invisibilidade, da prática contínua de fazer calar aplicada em outros grupos que estavam se articulando, como o dos negros e das mulheres. As táticas de silenciar, de oprimir, os corpos negros aparecem no

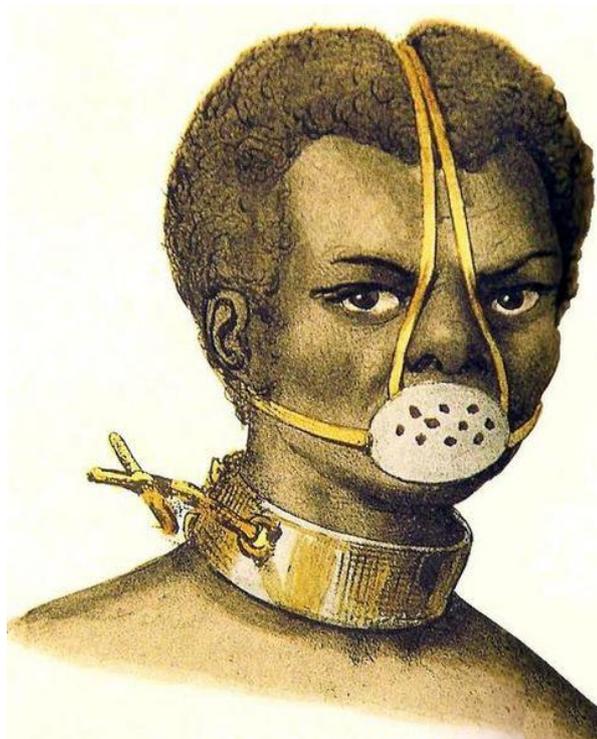
⁴⁸ Há críticas sobre a perspectiva de Norman Winski, que coloca no homossexual a tarefa de aceitar-se plenamente. “Esquecendo-se que trata de uma relação e (...) precisa ser bilateral”, (RODRIGUES, idem, p. 78). Embora, Winski fale em fraternidade como “valor universal” para que exista a interação. A autora ainda observa que as teorias dele desestimulam os homossexuais a “comportamentos escandalosos” e reivindicações “injustas e irracionais”, entre eles, o casamento igualitário e a adoção.

⁴⁹ A sigla usada por Rodrigues (2012) é anterior à reformulação adotada em 2009, LGBT, uma reivindicação por maior visibilidade por parte das lésbicas. (BULGARELLI, 2018)

artefato brutal da “máscara de silenciamento”, apresentado em *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano*, texto de doutorado de Grada Kilomba, editado em forma de livro.

A autora recupera do período colonial a prática comum, que tinha como justificativa evitar que escravos comessem a cana de açúcar e o cacau. Na verdade, a implementação “da mudez e do medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura” (KILOMBA, 2019, p. 33). Como afirma a autora sobre o racismo, “a negação é usada para manter e legitimar estruturas de exclusão racial” (KILOMBA, idem, p.34). Se a sociedade nega ou glorifica a sua história colonial, “não permite que novas linguagens sejam criadas. Não permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento” (KILOMBA, idem, p. 12-13). Mulheres, negros e homossexuais, durante período de luta por direitos civis, não estavam, de certa, forma unidos, por acaso.

Figura 7 – A máscara de fazer calar



Fonte: Wikipedia.org.⁵⁰

3.2 A IMPRENSA ARTESANAL: UMA “ESCRITA HOMOSSEXUAL” NO BRASIL

⁵⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrava_Anast%C3%A1cia>. Acesso: 20 de ago. 2020.

A aids, como dito anteriormente, chegou no Brasil, através das primeiras notícias publicadas com material de agências. “Antes da AIDS, homossexualismo, identidade e comunidade gays pouquíssimas vezes tiveram espaço na mídia, salvo em representações estereotipadas” (BESSA, p. 30). Em 1983, na notícia da morte do estilista Markito, de aids, os grupos homossexuais já estavam, em sua maioria, desarticulados. Havia uma série de divergências internas, inclusive sobre vincular-se ou não à questão da aids, como Rodrigues (2020) atesta na *live* produzida pelo Museu da Diversidade Sexual⁵¹ para comemorar o *Dia do Orgulho LGBTQIA+*, em 28 de junho de 2020. Durante a conversa, a pesquisadora recuperou uma memória importante da luta contra o silenciamento, por visibilidade e representatividade que nascia na “imprensa artesanal homossexual”, citando o jornal *Baby*, de Salvador, nos anos 1960. Na Bahia, na mesma década, lista *O gay*, *Gay Society*, ou *Zéfiro*, documentados por Leila Mícolis, citada por Colaço em sua tese. Naquelas publicações, “não havia só o humor *camp*, que é característico de nossa comunidade”. O que, em geral, é percebido e enfatizado. “Esses jornais trazem os rudimentos de uma identidade política da imprensa homossexual. Todas essas experiências que vieram antes possibilitam o surgimento do *Lampião da Esquina*, publicação homossexual que teve tiragem entre 10 e 15 mil exemplares, e encerrou suas atividades justamente em junho de 1981, quando os primeiros casos de aids foram relatados pelos CDC, nos Estados Unidos.

O veículo fazia críticas à própria esquerda, fosse a brasileira ou de fora do país, denunciando, por exemplo, a perseguição do governo de Fidel Castro aos homossexuais. Além das pautas, a linguagem inovava por trazer um jeito de falar dos “entendidos”, gíria que a *Aurélia*⁵², a *Dicionária da Língua Afiada* (VIP e LIBI, 2006), define como “o homossexual; o homossexual dos anos 1970 que gosta de romance à la hétero”. A diversão marcava mais uma preocupação de grupo, um fortalecimento das políticas identitárias que estavam sendo discutidas em várias partes do mundo no final dos anos 1970 (CARVALHO E AZEVÊDO, 2019). Era o vocabulário “do gueto homossexual” (TREVISAN, 2000). Embora houvesse uma ligação com a esquerda por

⁵¹ Na página do Cultura em Casa SP, a Live com Renan Quinalha e Rita Colaço Rodrigues está dentro do material de 6 horas da programação do *Dia do Orgulho LGBTQIA+*, entre 1h02 e 2h25 do vídeo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/culturaemcasasp/videos/766474130764347>>. Acesso: 28 de jun. 2020.

⁵² O título lançado em 2006 só pode ser encontrado, com dificuldade, em sebos. A versão nos formatos Word ou TXT disponível em: <<https://groups.google.com/g/liesfi/c/enjGWax4bxA?pli=1>>. Acesso: 28 de jun. 2020.

defesa de igualdade e luta contra a ditadura militar, as matérias do *Lampião* desobedeciam a todas as orientações políticas.

Onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados 'secundários' – tais como sexualidade, discriminação social, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual. (TREVISAN, 2000, p. 339).

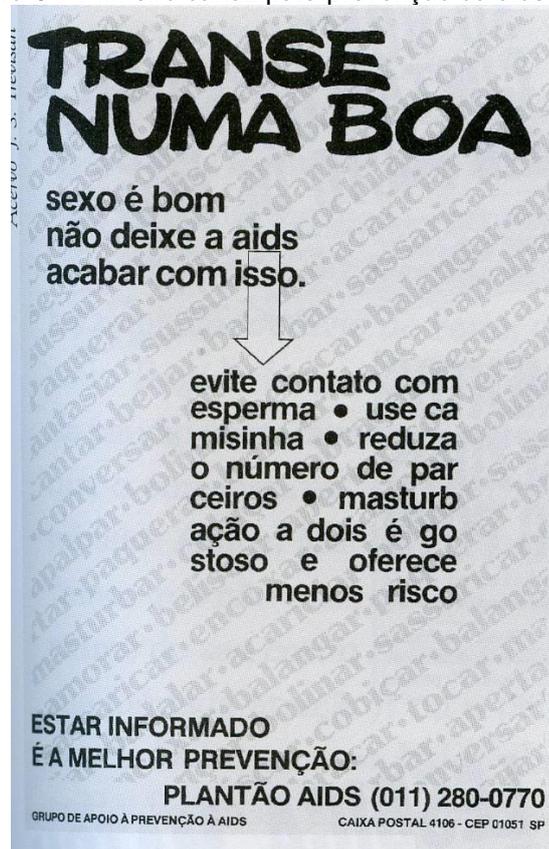
Antes de sua extinção, o *Lampião da Esquina* teve papel fundamental por ousar falar quase tudo o que queria e como desejava para um público mais amplo que qualquer outra publicação do gênero. Era a primeira vez que o discurso da comunidade acontecia a partir dos seus representantes para um público amplo. Essencial deixar claro que a representação era feita por uma parte dos homossexuais, visto ser impossível congrega e falar por todos de um grupo social. Mas falava, diz MacRae (2018) “sobre o que até então era impubliável, como a série de artigos na qual a masturbação era altamente elogiada como fonte de prazer, o jornal ajudou a ampliar as fronteiras da discussão na imprensa” (p.53). O antropólogo, na tese sobre militância homossexual no Brasil da abertura política, apresentada em 1986, diz que o “*Lampião*, mais que qualquer outro órgão da imprensa, abriu e sustentou a discussão sobre a homossexualidade e teve importância ao difundir a ideia de militância política homossexual” (MACRAE, idem, p.54).

Essa ênfase no jornal se faz necessária porque, como o próprio pesquisador assinala, o Brasil, diferente dos Estados Unidos, não dispunha de “uma imprensa dirigida ao público gay e tampouco *existem* organizações que sejam reconhecidas como tendo qualquer legitimidade para falar por esse segmento da população” (MacRae, idem, p. 84, grifo meu). O conceito de “gueto”, de uma comunidade organizada, estava deslocado, quase todo o tempo, para o sentido comercial, de “lucro fácil”, como articulou-se nos anos 1990 em torno da sigla GLS, que para (Bulgarelli, 2019) não representa uma posição do movimento LGBTI, e, sim, uma questão mercadológica, de marketing a partir do conceito de *pink money*. O distanciamento entre o mercado interessado no “público gay” e “seus clientes”, na prática, representava riscos, como MacRae ilustra, pela dificuldade, na fase inicial da aids, de se articular campanhas e métodos preventivos em ambientes de socialização dos homossexuais.

Nas saunas, por exemplo, a falta de entendimento entre proprietários, funcionários e clientes, dificultava que as poucas “iniciativas de esclarecimento a esse

respeito têm sido enfraquecidas a tal ponto que chegam a perder quase toda a sua eficácia”, criticava MacRae. Ele cita a campanha do Gapa, de São Paulo, em 1985, primeira ONG/aids (GALVÃO, 2000) no Brasil, que produziu o cartaz “*Transe numa boa*” para ser afixado em lugares de encontros entre homens. Além da falta de compreensão dentro do próprio “gueto”, as reações contrárias foram rápidas, como explica Almeida (2017) sobre a postura da Igreja Católica. O Ministério da Saúde no Brasil só faria uma promoção da prevenção em 1987, com veiculação em emissoras de televisão. “A campanha era composta por cinco filmes e tinha como mote *Aids: você precisa saber evitar*, com informações em uma linguagem extremamente técnica sobre como evitar a Aids” (ALMEIDA, idem, p.36).

Figura 8 – Primeiro cartaz para prevenção da aids (1985)



Fonte: Blog Radar (Revista Veja)⁵³.

O artista plástico Darcy Penteado foi o criador do cartaz. Ele faleceu em 1987, em decorrência da aids.

Muitos homossexuais entraram em guerra contra a aids. Antônio Carlos Tosta, líder do grupo Outra Coisa – Ação Homossexualista, remanescente do Somos, tomou a iniciativa de distribuir, nos principais locais de encontro homossexual, folhetos de advertência sobre a

⁵³ Disponível em <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/veto-catolico/>>. Acesso: 22 de ago. 2020.

doença, antes mesmo das primeiras ações governamentais. Elaborou uma apostila com informações detalhadas sobre a aids, que eram vendidas pelos membros de seu grupo, nos locais de maior frequência gay. (LAURINDO-TEODORESCU, TEIXEIRA, 2015, p. 22)

3.2.1 Luta pela significação e as primeiras ações práticas

A partir do evento da campanha do grupo já era necessário que a linguagem adotada sobre a sexualidade, sobre o vírus, a doença e as pessoas necessitava de uma operação muito bem construída. Em uma das cenas do documentário *Cartas para Além dos Muros* (CANTO, 2019), Paulo César Bonfim, vice-presidente do Gapa aparece em embate com o infectologista Ricardo Veronesi, um dos principais oponentes do protagonismo dos homossexuais na articulação de políticas públicas para conter o avanço da aids. “O senhor se pega num discurso muito ultrapassado. Eu acho que está na hora do senhor mudar o discurso”. O médico, o ex-secretário de saúde da cidade de São Paulo na gestão de Paulo Maluf, no período de ditadura militar, pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), referia-se ao que considerava erro do programa brasileiro de aids, articulado apenas em 1986 (GALVÃO, 2000). “Não se pode dar a questão da aids ao homossexual, que não tem condições nem psíquicas”. No programa exibido no final dos anos 1980, ele desqualifica o interlocutor a partir da prerrogativa da homossexualidade ainda ser classificada como doença pela Organização Mundial de Saúde, como foi até 1990. Aqui, podemos pontuar que “o itinerário pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta na história. É preciso levar em conta o intertexto para ler o texto” (FIORIN, 1995, p.77). Por isso, a necessidade de toda contextualização do cenário de fundo, anterior à doença e ao vírus, para observar estigma e discriminação nas representações sociais do HIV.

Os ativistas do movimento homossexual que se engajaram na questão da aids no Brasil sabiam que lutar por uma posição de destaque na construção discursiva a respeito do vírus e da doença, era questão de sobrevivência simbólica e real.

A significação de eventos é parte daquilo pelo que se deve lutar, pois esse é o meio pelo qual o entendimento coletivo social é criado – e, assim, os meios pelos quais o consentimento para resultados particulares pode ser efetivamente mobilizado (HALL, 2010, p.299)

Porque “estigma e discriminação, leis repressivas, ignorância e até ódio impedem pessoas em vulnerabilidade de acessar a prevenção que pode salvar vidas,

o tratamento e o cuidado” (UNAIDS, 2019). Entre esses grupos marginalizados e vulneráveis em relação à infecção pelo vírus estão os homens que fazem sexo com homens (HSH), sobretudo, os homens jovens. Lima (2019), ao pesquisar a experiência da aids para o movimento LGBTI no Rio de Janeiro, entre 1986 a 1995, mostra como os homossexuais, no Brasil, ou na pesquisa de Michael Pollak, na França, *Os homossexuais e a aids: sociologia de uma epidemia* (1990) eram considerados culpados. “Não só culpados pela origem da doença, como também pela sua disseminação” (LIMA, 2019, p. 25). Deste ponto, podemos pensar sobre o nível aparente da realidade. “Que é a inversão do nível profundo, da essência, no capitalismo” (FIORIN, 1995, p.28). E as ideias dominantes na formação social são construídas no nível fenomênico da sociedade. “Essas ideias são racionalizações que explicam e justificam a realidade. [...] Daí se deduz que as desigualdades sociais são naturais” (FIORIN, idem, p.28). A inversão da realidade é, aqui, a ideologia. A aids e a homossexualidade estavam ligadas à ideia de promiscuidade em sua origem.

A associação entre o HIV e um comportamento promíscuo, levando a crer que a infecção, por ser sexual, é algo que se escolhe, sempre retorna em relação ao vírus. Em algumas das declarações sobre políticas públicas de saúde para prevenção e controle de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), do presidente Jair Bolsonaro - a última no dia 5 de fevereiro de 2020 - a ideia do acesso ao tratamento do vírus como despesa ao Estado, remete ao contexto da “escolha”. Mostra ainda que o vírus e doença, na sociedade, não são os mesmos para todos. Havia, no início da epidemia, essa ideia de quem merecia contrair o vírus e de quem era vítima do HIV. “As crianças e os hemofílicos eram os ‘aids, coitadinhos’. Mas para os homens que faziam sexo com homens, heroinômanos e trabalhadores do sexo, era ‘bem feito’ ter contraído o vírus”, relata o infectologista Ricardo Tapajós em *Carta para Além dos Muros* (CANTO, 2019). A visão estigmatizada, “qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017, p.117). E “essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, idem, p. 113).

3.3 DISCURSO JURÍDICO: EFEITOS COLATERAIS NOS DIREITOS

Para Corrêa⁵⁴ (2016) a “trajetória da resposta brasileira ao HIV e à AIDS é tributária do processo de democratização” (p.10). A política de saúde universalista proposta pelo Movimento de Reforma Sanitária, implementada a partir da Constituição de 1988 com a operacionalização do Sistema Único de Saúde (SUS), depende, no caso do HIV/aids também da garantia de direitos efetivos. Uma legislação para as demandas de PVHA abrange desde direitos trabalhistas até a rejeição de crianças em escolas e creches⁵⁵. Para iniciar esse trajeto pela possibilidade de falar no acesso às medicações e acompanhamento médico garantidos pelo SUS, precisamos voltar à Lei 9.313/96, que universalizou a TARV para todos as PVHA. Antes de 1996, o critério de fornecimento dos remédios era clínico, quando surgiam os sintomas de aids. “O que era esporádico, excepcional, para poucas pessoas, foi universalizado a partir dessa lei” (MESQUITA, 2015, informação eletrônica)⁵⁶. O então diretor do Departamento de Aids do Ministério da Saúde, que pediu demissão ainda na fase de governo provisório de Michel Temer, cita as consequências da Lei 9.313/96, quando o Brasil apresentou a maior queda de mortalidade do mundo, em razão dessa oferta.

A reforma do sistema de saúde público - gravada na nova Constituição de 1988 com base na premissa do direito à saúde - estabeleceu o arcabouço institucional necessário para ancorar a resposta sanitária ao HIV, favorecendo o desenho e a implementação de ações qualificadas na prevenção do HIV e na assistência às pessoas com AIDS, como, por exemplo, a aprovação da Lei 9313 no ano de 1996. Essa definição, por sua vez, habilitou medidas para superar as barreiras ao acesso ao ARV decorrentes do regime dominante de propriedade intelectual. (CORRÊA, idem, ibidem).

Falar sobre o HIV, qualidade de vida de quem acessa a medicação e encontra suporte para divulgar a sorologia positiva para o vírus, hoje, nos canais do YouTube, é necessário fazer um caminho interdiscursivo nestas reivindicações de PVHA que utilizaram o recurso jurídico para sobreviver após o diagnóstico. A autora observa,

⁵⁴ Disponível em: <http://abiids.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Mito-vs-Realidade_HIV-e-AIDS_BRASIL2016.pdf> Acesso em: 09/07/2020

⁵⁵ São Paulo foi o primeiro estado a ter a lei 11.199/02 vetando “qualquer forma de discriminação aos portadores do vírus HIV ou às pessoas com AIDS” (UNAIDS, 2017). No âmbito Federal, a lei 12.984/14, criminaliza a discriminação contra pessoas vivendo com HIV ou AIDS, punindo o crime com reclusão de um a quatro anos, e multa em condutas discriminatórias contra a pessoa vivendo com HIV/aids. Nos parágrafos do Artigo 1º estão previstos a recusa, cancelamento ou segregação de crianças em creches ou estabelecimentos de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado. Negar emprego ou trabalho, exonerar ou demitir funcionários do cargo a partir do status sorológico também configura crime. Divulgar a sorologia com intuito de ofender a dignidade, além da recusa ou retardamento no atendimento de saúde podem ter denúncia feita na delegacia de polícia mais próxima da ocorrência do fato.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O1BvR7aGw7s>> Acesso em 09/07/2020.

ainda, que esse trajeto não é linear ao abordar as forças conservadoras sobre a sexualidade na política nacional a partir da reforma ministerial ocorrida a partir de 2015. Corrêa (2015) recorda que o Programa Nacional de Direitos Humanos criado em 1995, que, em 2003, seria transformado em Secretaria Nacional com status ministerial, “foi, durante muito tempo, um suporte importante para a agenda de acesso a tratamento e não discriminação da política de AIDS” (p.13). Já em 2010, “durante a terceira revisão de suas diretrizes de política, a pauta foi duramente atacada pelas forças conservadoras e, a partir daí seu desempenho se debilitou” (p.13). Ela retrocede a 2008, quando o primeiro relatório apresentado pelo Brasil para a Revisão Periódica Universal (RPU) do Conselho de Direitos Humanos “nem mesmo mencionava a política de HIV e AIDS, um padrão que se repetiu na RPU de 2012” (p. 13-14).

Articulações da bancada evangélica, citada em seu artigo, são uma das explicações para coibir campanhas governamentais de prevenção do HIV. Em seu estudo sobre o aumento de infecções entre populações-chave como os HSH, como trazemos na Introdução, Kerr (2018) mostra que, dentro do universo de sua pesquisa, em 12 capitais, a prevalência de infecções alcançou um percentual de 18,4% de HSH. “Ou seja, 46 vezes maior do que a população geral” (KERR, 2018, informação eletrônica)⁵⁷. Uma das explicações, para ela, está relacionada,

Por interferência direta daquilo que foi chamado Bancada BBB, termo empregado para se referir aos parlamentares armamentistas, bancada “da Bala”; à bancada ruralista, denominada “do Boi”; e à bancada evangélica, chamada “da bíblia. (KERR, 2018).

Importante reafirmar que os números sobre prevalência não podem ser lidos como forma de naturalizar a infecção pelo HIV apenas nas populações-chave. Mas devem ser observados para pensar campanhas e estratégias mais efetivas. Especialmente em países com histórico de conservadorismo, como o Brasil, a infecção pelo HIV, sempre esteve associada a uma faixa específica, mesmo na ficção literária dos anos pós-pandemia, como observa Alós (2019) e o campo do direito marca, também, essas narrativas, ao apresentar “os bens e as posses listados” como traço da produção daquele período. “A herança e a impossibilidade dos amantes e companheiros de recebê-la por ocasião da morte de um homem gay apontam para uma preocupação com a recusa do Estado em reconhecer as parcerias entre pessoas

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opinioao/segunda-onda-daids-no-brasil/34641/>>. Acesso: 17 de ago. 2020.

do mesmo sexo” (ALÓS, 2019, p. 5). O pesquisador cita o romance *Risco de vida*, de Alberto Guzik, escrito em 1995, retratando os anos 1980.

Na “vida real”, a longa batalhada conhecida no Brasil, em decorrência da aids, durou 31 anos e instaurou a jurisprudência sobre a questão da herança entre casais do mesmo sexo. O artista plástico Jorge Guingle Filho faleceu em 1987. Seus pais entraram na justiça para anular o testamento que beneficiava o companheiro dele por 17 anos, com direito a 50% dos bens e o apartamento no bairro carioca do Leblon, comprado na planta nos anos 1970, de onde o fotógrafo Marco Rodrigues foi despejado e passou dois anos fora do imóvel. Em maio de 2018, por unanimidade, a 4ª Turma do Superior Tribunal de Justiça manteve uma decisão do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ) de 1989, confirmando, definitivamente, o apartamento como propriedade de Marco Rodrigues. Entre os recursos sem fim do processo, “a mãe do artista plástico, a (*norte*) americana Dolores Sherwood Bosshard (falecida em 2014, com quase 100 anos) ficou com 75% da herança do filho – os outros 25% foram para o pai (*o playboy Jorge Guinle*)”, (LACERDA, 2018, grifos do autor, informação eletrônica)⁵⁸.

Além das significações produzidas pela mídia, pela medicina (incluindo não só as construções clínicas e biomédicas, mas a epidemiologia), o campo jurídico também foi convocado a posicionar-se. E, também, de forma não-linear, mostrava como as questões sobre sexualidade e aids repercutiam na justiça do Brasil. O texto constitucional de 1988 protege as variadas constituições familiares (Vecchiatti, 2019). E o julgamento em favor de Marco Aurélio Cardoso Rodrigues, em agosto 1989, no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, reconhecendo o casamento homoafetivo, aparecia como decisão inédita no Brasil, ligando, novamente, a aids ao movimento pela garantia de direitos civis, neste caso, os dos homossexuais.

Há críticas, na perspectiva atualizada dos juristas, do entendimento da união de Guinle e Rodrigues como sociedade, naquela época e nos anos posteriores. Embora, não se despreze a jurisprudência no reconhecimento da parceria para orientar ações de espólio da mesma natureza.

A princípio, as uniões entre pessoas do mesmo gênero (homoafetivas) foram classificadas como sociedades de fato, em uma (desrespeitosa) analogia com o Direito Empresarial, como se “sociedades empresariais não registradas na Junta Comercial” fossem, pela qual seria devida a divisão do patrimônio obtido pelo esforço comum, na lógica da apuração de haveres societária. Exemplificativo desse entendimento

⁵⁸ Disponível em: <<https://bit.ly/3bO3noQ>>. Acesso: 17 de ago. 2020.

paliativo, temos o caso de Jorge Guinle, em 1989 (Vecchiatti, 2019, p.5)

Existe uma necessidade, a partir deste exemplo no Rio de Janeiro, de delinear aspectos sociais da epidemia. Embora, em sua chegada ao Brasil a doença fosse vista como restrita a um grupo elitizado⁵⁹, que contraía o vírus em viagens internacionais, a partir de 1985, a aids não era mais uma “estrangeira”. Galvão (2000) observa que o crescimento de casos gerou a consolidação, a apropriação da doença por distintos setores sociais, instituições e indivíduos. Nem todos as pessoas vivendo com HIV/aids sabiam, ou teriam condições financeiras para contratar um advogado para resolver as questões da vida cotidiana trazidas pelo preconceito e a discriminação da sorologia positiva. Essa condição estava associada, no imaginário da população, e nos ataques promovidos por um setor da imprensa e mesmo da medicina, com “a ideia de que apenas os ‘viados’ contraíam o HIV” (COLAÇO, 2012, p.152):

Seres cuja orientação do desejo os tornaria tão vis ao ponto de não fazerem jus a quaisquer direitos assegurados à pessoa humana e mesmo aos demais animais. Ideia disseminada por jornalistas, veículos de comunicação e mesmo profissionais de saúde ao investirem na veiculação da aids como ‘câncer gay’ e ‘peste gay’. (COLAÇO, *ibidem*).

Para a autora, essa representação “irresponsável”, levava os doentes ou aqueles que tivessem o resultado do exame positivo para o vírus, para o terreno da delinquência. Havia campanhas “promovidas em Salvador⁶⁰ pelo jornalista José Augusto Berbert, do jornal *A Tarde*, para desqualificação e o ódio aos homossexuais, entre eles o seu alvo preferido: Luiz Mott, antropólogo e fundador do *Grupo Gay da Bahia*” (COLAÇO, *idem*, p. 154). Em 14 de janeiro de 1985, um texto assinado por Berbert trazia o título *A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay*. No acervo de notícias criminosas, a pesquisadora mostra outra, em 15 de novembro de 1988, do mesmo autor e no mesmo veículo intitulada *Mantenha Salvador limpa: mate uma bicha todo dia*. O GGB organizou um dossiê em

⁵⁹ Dos dois primeiros doentes de aids diagnosticados em São Paulo, em 1983, apenas um deles esteve por diversas vezes nos EUA, o outro jamais havia saído do país. (LIMA, 2019, p. 23).

⁶⁰ Apesar da resistência apresentada pelo GGB através de Luiz Mott, a truculência dos ataques e a “omissão do veículo de comunicação”, (COLAÇO, 2012) parecem reverberar até hoje. É significativo o fato que a Bahia, segundo Estado da região Nordeste em casos notificados de HIV número absolutos entre 2007-2019 (Boletim Epidemiológico 2019), ficando atrás apenas de Pernambuco, não tenha um youtuber falando sobre a experiência de viver com HIV.

1985 denunciando essas práticas criminosas que feriam a Lei de Imprensa 5250, de 1967. O número e os tipos de crimes decorrentes⁶¹ dessas ações são apresentados na tese de Colaço (2012), em que ela confirma ter iniciado nos anos 1980, “por força da pandemia da aids, o processo do homossexual enquanto demandante, ou seja, Autor nas ações judiciais”, (pp.151-152). Apesar do Código Criminal de 1830, inspirado no Código Napoleônico, considerado bem avançado para a época, ter descriminalizado a sodomia no Brasil (TREVISAN, 2000), a homossexualidade, “se situava no lugar da ‘imoralidade, da ‘depravação’, da enfermidade e do vício. Esse conjunto representacional através do qual era percebida, produzia, e mesmo justificava variados mecanismos de controle” (COLAÇO, 2012, pp. 151-152).

Em maio de 1985, nascia a primeira organização não-governamental de luta contra a aids do Brasil e da América Latina (Laurindo-Teodorescu e Teixeira, 2015). O Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa), como o nome apresenta, foi além das ações educativas sobre o sexo seguro, tendo que entrar nas ações de *advocacy* na militância contra a discriminação das pessoas vivendo com HIV/aids, e também na “educação entre pares, ou iguais”, como Galvão (2000) traduz a *peer education*. A autora apresenta o quadro complicado e decisivo para o debate da aids naquele ano de 1985, que exigia respostas cada vez mais rápidas dos militantes. Um dos adversários: a igreja católica em sua ala mais conservadora, representada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales. A influência e o trânsito livre na mídia do religioso possibilitavam a publicação no *Jornal do Brasil*, em 27 de julho de 1985 de um dos primeiros artigos sobre a aids. No texto, denominado *O mal e o castigo dos bons*⁶², “Dom Eugênio aborda a AIDS como uma punição, um castigo

⁶¹ Em sua tese, Rita de Cássia Colaço Rodrigues mostra que, em São Paulo, o repórter e radialista de programas policiais Afanásio Jazadji colocava-se contra os homossexuais incitando a onda de violência, espalhando inverdades como “você poder pegar aids se usar uma xícara de cafezinho usada por eles”. Ela mostra que o radialista usava números do IBOPE, em 1983, para apresentar seu alcance massivo. “Mais de um milhão e quarenta e um mil ouvintes por minuto”, (COLAÇO, 2012, p. 157). Em documento produzido por Luiz Mott e o GGB, em 2005, apresentado pela autora, esse estímulo à violência resultou entre 1980 a 1989, um total de 503 assassinatos de homossexuais e travestis, subindo para 1.256 entre 1990-1999. “Essas compilações são reconhecidamente subcontabilizadas”, (p.158).

⁶² Os artigos assinados por Dom Eugênio Sales continuariam atacando as campanhas de prevenção e políticas de educação sexual. Em sua dissertação, Lima (2019), lista o texto de 27 de julho de 1991, intitulado “A desordem sexual” publicado no jornal *O Dia*. Replicado na mesma data no *Jornal do Brasil* com o título de *A Aids e seu antídoto* e no *Jornal do Commercio* como *Aids: não ocultar a verdade*. Contra as campanhas de distribuição de preservativos pelo Ministério da Saúde, durante o carnaval, suas aparições midiáticas tornaram-se conhecidas. Em 27 de fevereiro de 1993, publicaria *Aids e promiscuidade* em *O Globo*.

divino, um revide da natureza contra as inversões que estavam acontecendo no campo da sexualidade” (Galvão, 2000, p. 65).

Era neste campo de embate que os militantes precisavam atuar. Não só os efeitos funestos de uma pandemia sem controle e, naquela altura, sem uma medicação que o Gapa teria que apresentar soluções. Os doentes começaram a perder emprego, acesso ao seguro saúde e outras questões decorrentes do estigma da doença.

Além das ações de prevenção, a militância política do grupo se traduziu principalmente na assistência jurídica para a defesa dos direitos das pessoas afetadas. A reivindicação e a defesa dos direitos dos doentes conduzidas pelo Gapa foram importantes para assegurar a provisão de aposentadoria aos pacientes de aids, o direito de herança do companheiro quando o doente assim estabelecia, para resolver problemas com empresas que começavam a demitir seus funcionários portadores de HIV” (LAURINDO-TEODORESCU, TEIXEIRA, 2015, p. 41)

3.3.1 Necropolítica, biopolítica e os corpos imunes

As ONG/aids (GALVÃO, 2000) continuam a prestar assessoria jurídica para questões que pareciam superadas com o avanço da tecnologia da medicação e da possibilidade de uma vida saudável. Os reflexos de uma política de retrocesso, no caso da aids, foram evidenciados com destaque em 2019, quando os cálculos do INSS apontavam 59,5 mil contribuintes recebendo o benefício de aposentadorias⁶³ por invalidez e auxílio-doença em decorrência do HIV/AIDS (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019, informação eletrônica)⁶⁴. Já em 2016, o problema para as PVHA iniciou-se no governo de Michel Temer, que implementou um programa de “desaposentadoria”, exigindo reavaliações para passar um “pente fino” no setor previdenciário com a finalidade de “desonerar a folha de pagamento”. A medida levou a uma série de ações trabalhistas em todo país por parte dos que estavam há mais de duas décadas fora do mercado, quando o diagnóstico da sorologia envolvia as complicações como a tuberculose, ou mesmo as reações adversas dos medicamentos, impossibilitando atividades

⁶³ No Recife, em 1991, o caso do estudante de sociologia Antônio Peixoto ficou bastante conhecido. “Ele acionou a Justiça contra a companhia aérea Air France, onde trabalhava, por discriminação em razão de sua soropositividade, ganhou a ação judicial e a Air France foi condenada a indenizá-lo”, (LAURINDO-TEODORESCU, TEIXEIRA, 2015, p. 150). A sua ação solitária, lembra a autora, “demonstrou a importância dos dispositivos jurídicos para defender os pacientes de aids”. As poucas palestras de prevenção que aconteciam no Recife, nesse período, eram dadas por Antônio Peixoto.

⁶⁴ Disponível em: <<https://glo.bo/3uKEenG>>. Acesso em 08 de jul. 2020.

profissionais. Eram os motivos da aposentadoria de PVHA entre os anos 1980 até início dos anos 2000. Para proteger essa população foi necessária a criação de uma lei específica, que dispensa PVHA das reavaliações de perícia que poderiam retirar o direito, caso um médico pericial decidisse. “A Lei 13.847/19, oriunda de um projeto do senador Paulo Paim (PT-RS) aprovado pelas duas Casas do Congresso, foi vetado⁶⁵ pelo presidente Jair Bolsonaro” (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2019).

Para (CARVALHO, AZEVÊDO, 2019, p. 249), o resultado da conjuntura política, sobretudo nas eleições de 2018 para os poderes executivos e legislativos estaduais e federais são, reveladores de cenários de lentos avanços e de retrocessos em ritmos mais acelerado. O que exige o fortalecimento de articulações para a manutenção dos direitos conquistados para PVHA e a proposição de novas demandas. No canal do youtuber Léo Cezimbra, a partir de setembro de 2018, a questão das políticas públicas e do discurso vinculado antes mesmo da campanha para presidência do então candidato Jair Bolsonaro, começam a surgir⁶⁶ para informar a população e, sobretudo ao seu público, a respeito das posições do político em relação a PVHA.

Outro assunto que retorna ao noticiário no início de 2020 é a questão da proibição de doação sangue por HSH. Tema abordado por Gabriel Comicholi⁶⁷ no episódio em seu canal em que informa do desperdício de 19 milhões de litros de sangue todos os anos. Um exemplo de intervenção em conjunto para combater essa prática discriminatória envolvendo a área médica e o poder público, com necessidade de intervenção da justiça. Adotada no início da epidemia da aids, que impedia que homens que fizeram sexo com homens nos últimos 12 meses, por parte dos hemocentros, recebesse o seu sangue. A campanha Wasted Blood⁶⁸ (sangue desperdiçado), da ONG All Out, iniciada em abril de 2016, com filme e peças publicitárias mostrando que, no Brasil, um caminhão de sangue de homens gays, bissexuais, mulheres trans e travestis é descartado todos os dias (Peixe, 2016). O veículo percorria as ruas de São Paulo mostrando a quantidade de bolsas de sangue para que a população tivesse a dimensão do estrago causado pelo preconceito em

⁶⁵ O veto foi derrubado pelo Congresso duas semanas antes da publicação no Diário Oficial.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aaSteYFSneQ>> Acesso em 09 de jul. 2020.

⁶⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jEE-R2SwwQ0>> Acesso em 09 de jul. 2020.

⁶⁸ A ação disponibilizava até um site em que os homens impedidos de doar entrassem na lista de doadores virtuais, deixando explícito a quantidade de material desperdiçado por conta do preconceito. O mesmo que acontece em países como Finlândia, Estados Unidos* e Nova Zelândia, que mantêm as restrições, seguindo orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), mesmo no período de estoques em níveis críticos durante a pandemia do coronavírus. O HIV e a homossexualidade ainda aparecem em correlação nessas práticas exclusórias.

termos práticos. A construção imagética seguia os moldes das ações do grupo de ativismo ACT UP, que atuou, sobretudo, em Nova York, a partir de 1987, e em Paris, a partir de 1989, trabalhando para balançar as imagens estabilizadas, protestando e chocando (GÓIS, 2002). Assim, toda a sociedade poderia ter uma ideia mais realista de arbitrariedades cometidas em decorrência do estigma e da naturalização da aids, o tratamento dos doentes e desfazer a ideia de mortos como números. Eles também faziam algo, na França, até então desconhecido no ativismo que era lutar pela saúde e por identidade. O escritor Philippe Mangeot recorda o que “além disso, falávamos em nome próprio. ‘Eu sou gay, eu sou seropositivo’” (HORTA, 2017)⁶⁹

Apresentar o desgaste do corpo que a aids provoca e lembrar que a dor e a perda devem ser medidas menos a partir de uma lógica espiritualizante e mais a partir de dados bem concretos. Daí porque se asseverava que a Aids significava duzentos mil mortos. Que significam 14.580 toneladas de ossos e carne humana; 63 mil libras de matéria cerebral; 197 mil galões de sangue e 84.929.300 anos de vida que nunca serão vividos, (ACT UP/NY, 1994, apud Góis, 2002, p. 520).

Em abril de 2020, em meio aos níveis críticos nos bancos de sangue de todo o Brasil, em decorrência da pandemia do novo coronavírus, a proibição de doação por conta da discriminação reacendeu a questão com toda a força. Ainda assim, “o Ministério da Saúde informou à BBC News Brasil que vai manter as restrições atuais à doação de sangue por gays, apesar de um grande número de hemocentros pelo país relatar estoques baixos” (BARUCHO, 2010), dizia a reportagem veiculada no portal UOL em 09 de abril. Um mês depois, na noite do dia 8 de maio, o Supremo Tribunal Federal derrubou, por 7 votos a 4, as restrições da Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) através da Resolução RDC nº 34/14, e da Portaria nº 158/16 do Ministério da Saúde. Não sem antes enfrentar um pedido de rejeição da ação pela Advocacia-Geral da União, em 30 de abril. A conduta classificada como “encharcada de preconceito” pela advogada e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), Maria Berenice Dias, não se justificaria por conta dos exames que identificam qualquer impossibilidade, aplicados em bancos de sangue. Até meados de junho de 2020, a decisão da justiça não foi cumprida. A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) enviou uma

⁶⁹ Philippe Mangeot foi integrante do ACT UP Paris entre 1990 e 2003. O trecho de sua fala foi retirado de uma matéria do diário português público sobre o lançamento do filme 120 Batimentos por Minuto, de Robin Campillo, que refaz a história dos ativistas. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/12/01/culturaipilon/noticia/queriamos-ser-soldados-das-ruas-e-usar-o-nosso-corpo-ate-morrer-foi-incrivel-1794022>> Acesso: 23 de jun. 2020.

Reclamação, a RCL 41506, ao STF contra a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Figura 9 – Campanha *Wasted Blood* da ONG *All Out*



Fonte: Twitter All Out.⁷⁰

A relação de direitos violados a partir de uma epidemia com o potencial estigmatizante do HIV foi tratada em sequência temporal aqui, com uma cronologia específica (1985, 2016 e 2019) para observar como determinados modelos de gestão, ou de governos, reverberam nas questões de saúde/doença. “O vírus atua à nossa imagem e semelhança, apenas reproduz e estende a toda população as formas dominantes de manejo biopolítico (FOUCAULT, 1976) e necropolítico (MBEMBE, 2018) que já estavam trabalhando no território nacional” (PRECIADO, 2020, p. 168). Em março de 2020, Preciado apresentou uma leitura biopolítica sobre a pandemia da Covid-19, que podemos utilizar para entender os mecanismos usados em relação à aids, guardando as especificidades em relação aos vírus, obviamente. Apoiado nos conceitos apresentados por Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (1976), o autor nos lembra que:

⁷⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/AllOut/status/727135588147597317>>. Acesso: 07 de jul. 2020.

A coisa mais importante que aprendemos com Foucault é que o corpo vivo (e, portanto, mortal) é o objeto central de toda política. *Il n'y a pas de politique qui ne soit pas une politique des corps* (não existe uma política que não seja uma política dos órgãos). Mas o corpo não é para Foucault um organismo biológico no qual o poder age. A própria tarefa da ação política é fabricar um corpo, colocá-lo em funcionamento, definir seus modos de reprodução, pré-configurar as modalidades de discurso através das quais esse corpo se torna ficcionalizado até poder dizer “eu”. Todo o trabalho de Foucault poderia ser entendido como uma análise histórica das diferentes técnicas através das quais o poder gerencia a vida e a morte das populações. (PRECIADO, 2020, pp. 163-164, grifo meu).

O artigo que integra a coletânea *Sopa de Wuhan* apresenta autores que, “durante e após a crise da aids, expandiram e radicalizaram as hipóteses de Foucault e suas relações com as políticas imunológicas”, como Roberto Espósito. A partir da etimologia de comunidade e imunidade, e o sentido desta última, o de exoneração dos deveres comuns a todos, conclui que toda biopolítica é imunológica:

(...), supõe uma definição de comunidade e o estabelecimento de uma hierarquia entre os órgãos isentos de impostos (aqueles que são considerados imunes) e aqueles que a comunidade considera potencialmente perigosos (os demuni) e que serão excluídos em um ato de proteção imunológica. Esse é o paradoxo da biopolítica: todo ato de proteção implica uma definição de imunização da comunidade, segundo a qual a comunidade se dará a autoridade para sacrificar outras vidas, em benefício da ideia de sua própria soberania. O estado de exceção é a normalização desse paradoxo insuportável. (PRECIADO, idem, pp. 165-166).

Essa noção de imunidade, que ainda é usada no âmbito do direito para falar de “imunidade parlamentar”, por exemplo, ganha o âmbito médico exatamente no século 19, com a primeira vacina da varíola e os experimentos desenvolvidos por Louis Pasteur e Robert Koch.

As democracias liberais e patriarcais-coloniais europeias do século 19 constroem o ideal do indivíduo moderno não apenas como um agente econômico livre (masculino, branco, heterossexual), mas também como um corpo imune radicalmente separado que não deve nada à comunidade. (Preciado, 2020, idem).

Espósito cita a Alemanha nazista que caracterizou uma parte de sua população, compartimentalizando os homossexuais, os ciganos, os judeus e os deficientes, que “ameaçavam a soberania da comunidade ariana é um exemplo paradigmático dos perigos da gestão imunitária”.

4 O YOUTUBE E OS RELATOS SOBRE VIVER COM HIV

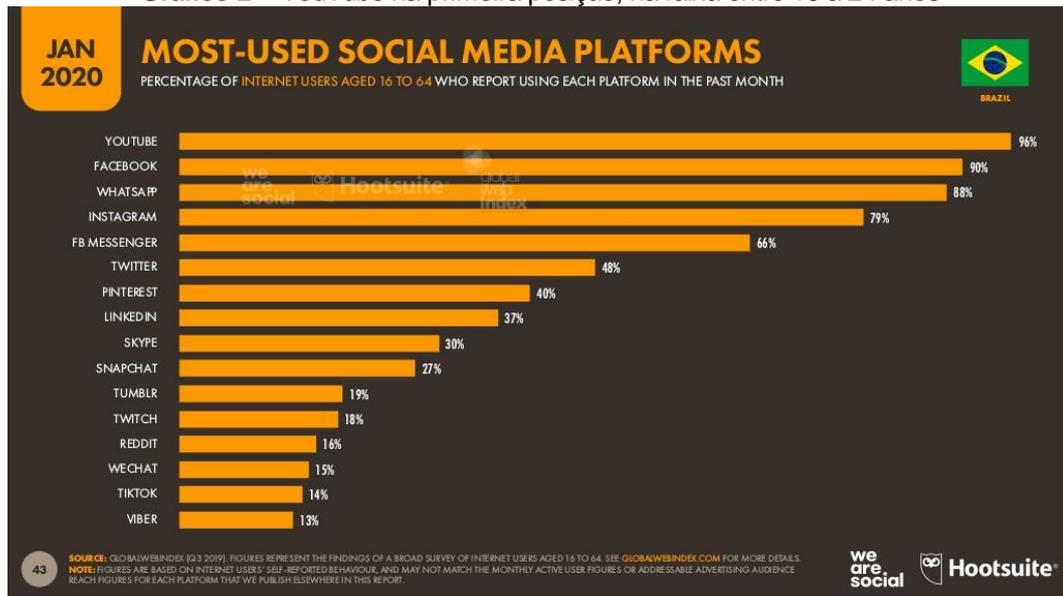
A partir deste ponto, trazemos a seção sobre os procedimentos metodológicos aplicados para analisar o discurso do HIV/aids no conteúdo produzido pelos influenciadores digitais em seus perfis no YouTube. Vale salientar que no momento da qualificação desta pesquisa, em outubro de 2020, o YouTube era apontado como “a principal rede social de vídeos online da atualidade, com mais de 1 bilhão de usuários ativos e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente”, (IMME, 2020, informação eletrônica)⁷¹. Esse ranking foi alterado, como pode ser visto no link atualizado na nota de rodapé. Mas não é, ainda, a rede preferida dos internautas no mundo, ficando o Facebook com a primeira colocação, seguido do YouTube e deixando o terceiro lugar para o aplicativo de mensagens WhatsApp. Essa configuração foi alterada, pela primeira vez no Brasil, em 2019, de acordo com dados do Relatório Digital In 2019⁷², da empresa *We are social*, que mapeia o comportamento e as tendências dos usuários em mais de 200 países. O YouTube ganhou o topo desse ranking com 96% dos internautas acessando os seus vídeos.

O canal brasileiro *KondZilla* dedicado à música é usado para comparar o alcance da produção audiovisual nas redes, sendo o campeão no país em todos os critérios de métrica adotados pelo *Social Blade*, site usado para ler as informações dos youtubers aqui analisados, ficando em quarto lugar de todo o do mundo, quando as primeiras aferições foram feitas a partir desta ferramenta, em maio de 2020. O resultado foi o mesmo no início de julho de 2020. O que parece ser apenas diversão e entretenimento precisa ser repensado a partir da discussão proposta por Azevêdo (2019) de tópicos da história do YouTube — comprado pelo Google em 2006. O autor aponta a campanha presidencial de 2008, nos Estados Unidos, que elegeu Barack Obama, como um ponto importante a ser observado. Além da projeção, os usos feitos pela campanha demonstram uma apropriação da plataforma com finalidades políticas e distintas da simples produção e compartilhamento de conteúdo amador e não profissional”, (p.48).

⁷¹ Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso: 20 de maio de 2020.

⁷² Disponível em: <<https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>>. Acesso: 20 de maio de 2020.

Gráfico 2 – YouTube na primeira posição, na faixa entre 16 a 24 anos



Fonte: Hootsite, 2020

Há o traço militante, e mesmo o aspecto ativista, em muitos momentos nos canais do YouTube de pessoas vivendo com HIV. Mas o aspecto de mercado nessa apresentação do relato íntimo é percebido por Paula Sibilía (2008) já na formação de uma narrativa proposta pelo site como: *“Broadcast Yourself!”*, como trazemos na análise. Ela alerta que “as subjetividades podem se tornar mais um tipo de mercadoria; um produto dos mais requeridos, como marcas, que é preciso colocar em circulação, comprar e vender, descartar e recriar, seguindo os voláteis ritmos das modas”, (p.275). A autora parecia antever todo o fenômeno que se desenvolveria com mais rapidez a partir dos anos 2010. No universo da comunicação atual, da plataforma investigada neste trabalho, as coisas se dão desta maneira. E não se pode deixar de apontar “os perigos que também assediam essas subjetividades construídas na deslumbrante espetacularização das deslumbrantes vitrines midiáticas”, (SIBILIA, idem, ibidem).

Mas é preciso notar que no campo pessoal, quem decide falar da sorologia para o HIV em primeira pessoa nas redes sociais, ou no campo das artes, como na literatura e na dança, trazendo o conceito de ativismo como temática de seus trabalhos “corre o risco de virar um artista do 1º de dezembro” (FONSECA, 2020, informação eletrônica)⁷³. O dramaturgo e ator lembra que associar, no YouTube, ou

⁷³ O relato aconteceu no Encontro 5 do curso “Como eliminar Monstros”, ministrados pelos atores, pesquisadores e dramaturgos Fabiano de Freitas e Ronaldo Serruya, entre 22 e 26 de junho de 2020. Franco Fonseca é autor da dissertação *“Teatro Positivo como metáfora política: de onde vem e para onde vai Cida?”*. Disponível em: <<https://bit.ly/34Xi1ll>>. Acesso: 25 de jun. 2020.

fora desse espaço, o nome ao vírus, pode levar a pessoa que relata a sorologia, a um processo de estigmatização ligado à rotinização (TRAQUINA, 2009). Algo parecido ao que se dá com as notícias sobre HIV/aids na pesquisa em jornais. A pessoa ou sua obra, muitas vezes, surgem apenas no Dia Mundial contra a Aids. Gabriel Estrela (2019)⁷⁴ se despede do seu canal falando dessas dificuldades em manter uma plataforma de negócios que surgiu dentro de um projeto maior, com peça de teatro, participação em roteiro de TV, palestras, quando ainda existe preconceito e a ressalva de empresas em associar o nome ao tema. O que se apresentava, bem no início, como terapia em rede, foi ganhando matizes mercadológicas que ocupam todos os espaços da sociedade do espetáculo. Marcas de preservativo, testes de HIV para se fazer em casa, a questão da biomedicalização, que faz parte da prevenção combinada⁷⁵, mas não deixa de ser um traço mercadológico que perpassam o discurso do HIV/aids na rede social YouTube.

4.1 OS YOUTUBERS: REGIÃO, GÊNERO, IDADE

Entre 2010, ano de surgimento do canal de João Geraldo Netto [que aparece como pioneiro no mapa dos relatos da sorologia positiva], e 2020, quando decidimos fechar no período de uma década dos registros no YouTube, listamos 50 relatos de pessoas vivendo com HIV no Brasil. Para essa varredura, nos últimos 18 meses, fizemos buscas no Google, pesquisas diretamente no site de compartilhamento de vídeos, e em outras redes sociais como Instagram e Facebook. Dessa maneira, poderíamos chegar a canais com menos visualizações, não apresentados, em geral, pela lógica de algoritmos do site de vídeos, que monetiza a partir de anúncios em vídeos e nos espaços com mais inscritos e visualizações. A checagem por palavras-chave, como soropositivo, no recurso de pesquisas do Social Blade, ferramenta que disponibiliza os dados de métrica em redes como YouTube, Twitter, Instagram e Facebook⁷⁶, também foi adotada. No banco de dados dessa plataforma há a possibilidade de visualizar o número de inscritos, ver a colocação no ranking mundial

⁷⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mJGa4FuoKQQ>>. Acesso: 23 de jul. 2020.

⁷⁵ O programa da PrEP no Brasil é oferecido pelo SUS desde janeiro de 2018. A combinação de Emitricitabina e Tenofovir para evitar a infecção por HIV tem o nome comercial de Truvada.

⁷⁶ O acesso aos números nem sempre está liberado pelo responsável pelo canal. Dessa forma, o Soropositivo.org, por exemplo, está sem o quadro.

por categoria, a estimativa de monetização por vídeos dos youtubers. Além da seleção por “50 vídeos mais vistos”, “os mais bem avaliados” e “os mais relevantes”⁷⁷. A partir desse conjunto de ferramentas foi possível montar o mapa com as tabelas apresentadas adiante, trazendo ranking dos cinco vídeos mais vistos, quando os canais chegam a esse número de produções. Dados como idade, localização e data do primeiro vídeo sobre o testemunho da sorologia positiva foram conseguidos com a análise no conteúdo de cada canal. A verificação desses dados foi feita com a maioria dos influenciadores, através de mensagens em redes sociais como o recurso de *direct message*, do Instagram.

Consideramos que a sistematização desses dados, embora possa apresentar alguma ausência, seria uma das maiores colaborações deste projeto para observar os relatos em rede sobre o HIV no período de 2010 a 2020. O primeiro vídeo, vale salientar, de João Geraldo Netto, colocado como marco inicial, não segue o modelo de produção e performatividade típica do YouTube, hoje. Está mais próximo do material postado como vlog, quando as produções seguiam uma postagem “aleatória”, utilizando “pedaços” do cotidiano para abastecer o site de vídeos, sem produção com equipamento de áudio e iluminação ideais, e sem pautas definidas. Percebemos a necessidade da construção desse “acervo” em momentos distintos da tecnologia e da própria plataforma para contar a história em primeira pessoa sobre o HIV, em vídeos. Após uma troca de e-mail com o então consultor de comunicação do UNAIDS Brasil, em abril de 2020, essa percepção sobre um traço tecnológico, e estético, sobre as narrativas do HIV e da aids, no momento em que debate os 40 anos da epidemia, mostrou que a questão era prática, também. Por conta da alteração nas agendas, provocada pelo período de distanciamento social, durante a pandemia do novo coronavírus, as perguntas enviadas não tiveram resposta. Embora o UNAIDS tenha adotado a estratégia de convidar youtubers que vivem com HIV para seus projetos e campanhas de educação e prevenção, não foi possível, em nosso rastreamento, listar quantos canais sobre relatos do HIV havia no Brasil, qual a idade dos youtubers no momento de exposição da sorologia, de onde postavam o material e qual o gênero, ou a orientação sexual, das pessoas que falam sobre viver com HIV YouTube.

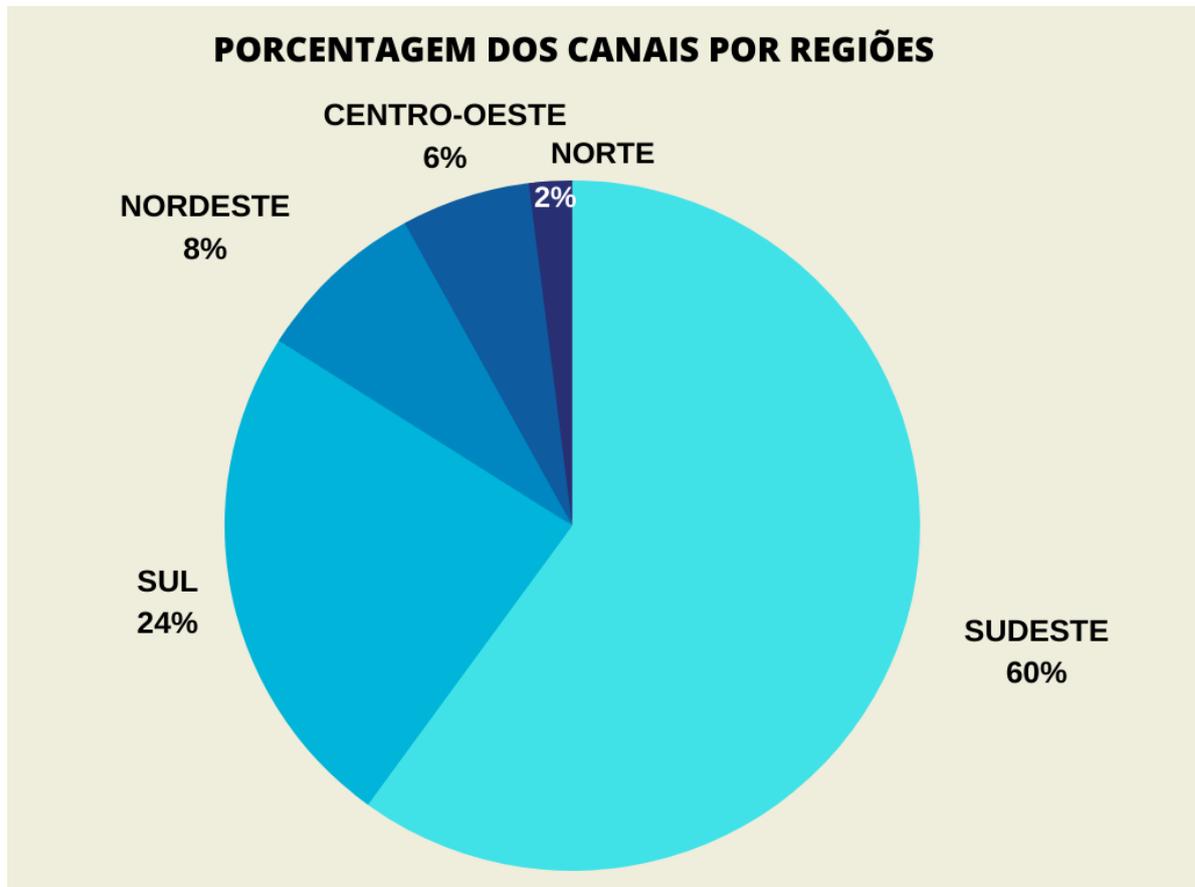
⁷⁷ Os dados dos 50 canais foram atualizados entre fevereiro e março de 2021, seguindo a lógica de desempenho das redes sociais. O canal de Felipe Mastrandéa não disponibilizou os dados por “vídeos de usuários” no site Social Blade, o que inviabilizou a produção da tabela para este canal. O site de vídeos de Lucas Martins já não estava mais no ar nesta data. Assim como o Vida Positiva, de Felipe Santos. A ausência de algumas tabelas deve-se a essas indisponibilidades.

Para ser concluído, o mapa passou pelas checagens das métricas de visualizações, de inscritos, do ranking dos mais vistos, além da mudança de visual das páginas iniciais, e da inclusão de temas que trouxessem um recorte do momento em que este texto estava em produção. Os critérios, para incluir o maior número possível de relatos, foram alterados na fase final da dissertação, a partir de janeiro de 2021. O número total de 50 espaços para o relato da sorologia para o HIV no YouTube, não significa que sejam todos canais de youtubers nos moldes tradicionais, como explicamos em nota de rodapé no mapa a seguir. Alguns deles trazem apenas um vídeo sobre o HIV, outros canais replicam o material de entrevistas ou participação em campanhas. Assim, consideramos, de fato, para a uma análise que tente buscar uma totalidade do enunciador (FIORIN, 2008c), 37 canais. Desses influenciadores digitais que informam sobre o vírus a partir do relato autobiográfico, alguns mesmo como a construção de um diário público (SIBILIA, 2008), como Gabriel Comicholi, que nomeou anteriormente o seu canal de Hdiário, a maioria aborda a “contribuição para quebrar o preconceito e o estigma sobre o tema”, um discurso recorrente, deixando ver que esta rede pode ser espaço educativo, terapêutico e “configura-se como espaço de diálogo - que, muitas vezes, começa pelo entretenimento” (CORUJA, 2017, p.24). Soma-se a esse desenho inicial o componente da vigilância, onde “os afetos e as subjetividades contemporâneas não encontram na vigilância apenas um meio de inspeção e controle ou de segurança e proteção, mas uma forma de diversão, prazer, sociabilidade”, (BRUNO, 2013, p.34).

Há nessas narrativas que iniciam em primeira pessoa, características do testemunho, de interação na mídia social YouTube, e do traço vigilante, uma “tríade” que compõe a intersubjetividade no universo digital contemporâneo. Precisamos indicar qual a lógica que as pessoas ocupam dentro desse jogo maior, de algoritmos, antes de tratar de números. A abordagem aqui é o relato, portanto, o pessoal, que sempre será dialógico, trazendo questões como o tom, o *ethos* dos enunciadorees e o *pathos* do enunciatário a cada nova postagem.

Assim, o percurso de “mapeamento” pode iniciar a partir do lugar de onde falam os youtubers: 60% deles estão no Sudeste, sendo 20, do total de 50, residentes em São Paulo. Embora nem todos tenham nascido na cidade. No Rio de Janeiro, encontramos nove pessoas, sendo três mulheres, das oito que falam no YouTube sobre a sorologia positiva. Vejamos a distribuição nas cinco regiões do país com a ajuda do gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Distribuição dos youtubers entre as cinco regiões do país



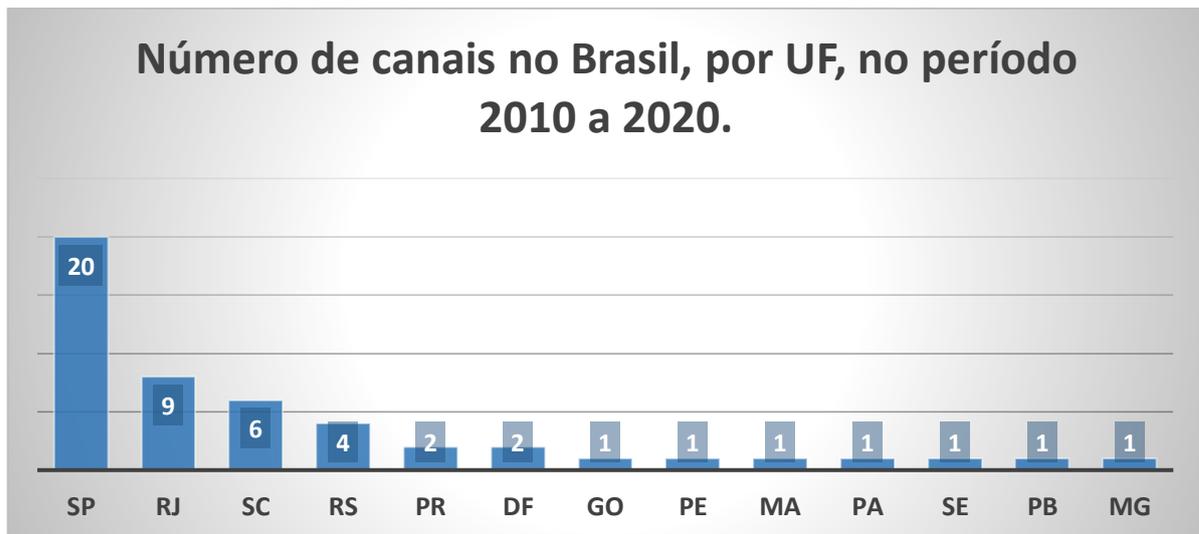
Fonte: Autor, 2021.

Ao olhar para as unidades da federação⁷⁸, fazendo um recorte ainda mais detalhado, temos: seis relatos em Santa Catarina, e quatro Rio Grande do Sul. Paraná e Distrito Federal, cada, tem com dois canais. Apenas um relato em Goiás, Pernambuco, Maranhão, Sergipe, Paraíba, Pará, e Minas Gerais. Essa visão para o contexto geográfico traz elementos sobre políticas públicas e histórico, mostrou-se importante a ponto de exigir a inclusão de um vídeo sobre o HIV em cidades do interior no corpus de análise, um material do canal de Léo Cezimbra, que vive em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. A localização do discurso é fundamental para entender os vestígios do estigma e dos ataques aos homossexuais, apresentados pelas pesquisas de Rodrigues (2012) e Trevisan (2001) nesta dissertação. Mas não é a finalidade do nosso trabalho esmiuçar a perspectiva geográfica, que merece cada vez mais

⁷⁸ Consideramos neste trabalho o local de residência na época da postagem do vídeo, que pode ser diferente do estado de nascimento do influenciador. Abordamos essa questão geográfica no tópico de análise, a partir de um vídeo do youtuber Léo Cezimbra.

atenção, como objeto de pesquisas, para a redução do preconceito relacionado ao HIV/aids para levantar dados como estratégia de *advocacy*. Essa é a proposição, por exemplo, da análise em profundidade do Índice de Estigma e Preconceito sobre o HIV/aids, apresentada no final de 2021, pelo UNAIDS BRASIL.

Gráfico 4 – Representatividade dos canais por estados (2010-2020)

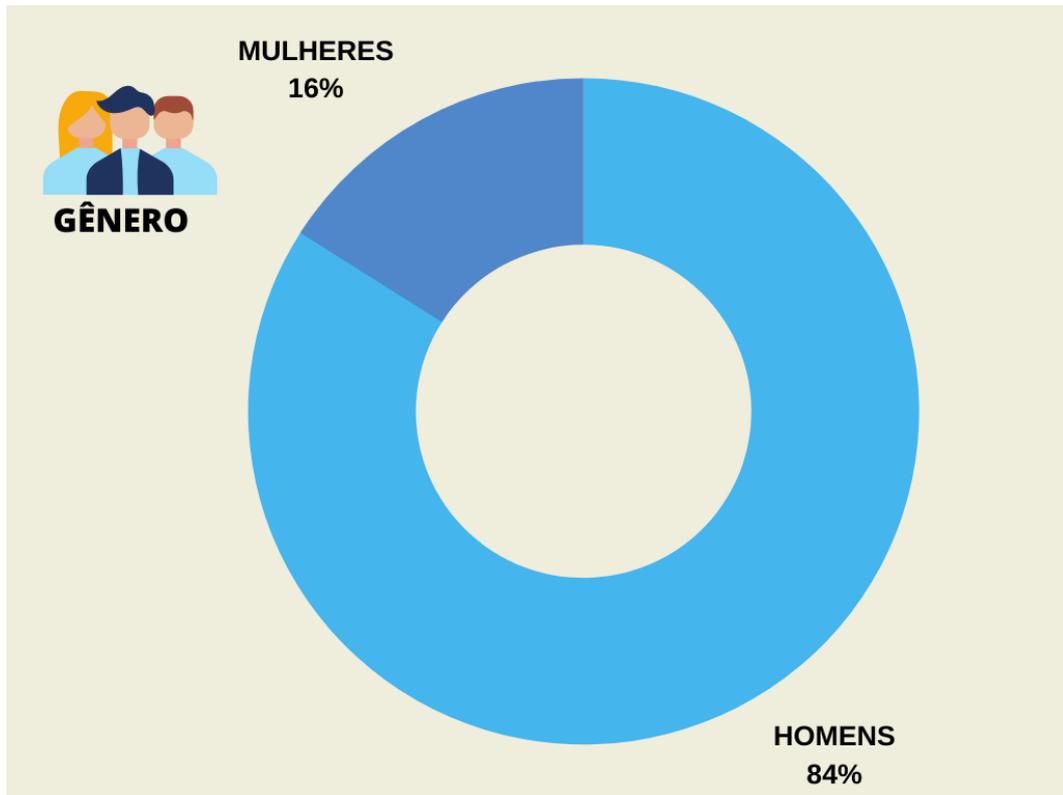


Fonte: Autor, 2021.

Outro ponto a se considerar para pesquisas no futuro aparece com o gráfico por gênero, que nos mostra como o discurso, no YouTube, entre 2010-2020, é, predominantemente, produzido por homens. De 50 canais, apenas oito são de mulheres⁷⁹. Adiante, quando falarmos de cada um dos canais, para explicarmos os critérios de escolha do *corpus*, retomaremos a discussão de Gilman (1987) sobre o papel dos homossexuais na iconografia de uma doença, e o silenciamento feminino nesse processo, já nos primeiros anos da epidemia, como destaca o autor.

⁷⁹ O mapeamento foi definido no período 2010-2020. Vale ressaltar, em caso de pesquisas futuras, que em 18 de março de 2021, Bianca Mancini, começou a postar o primeiro dos três vídeos em sequência sobre a sorologia positiva. Única mulher trans a abordar o tema em seu canal no YouTube, ela tinha 57 inscritos e 260 visualizações na data da checagem. Mulheres trans estão entre as populações-chave para novas infecções pelo HIV, a influenciadora mora em Cascavel (PR) e tem 21 anos. Disponível em: <<https://bit.ly/3vSYe7Q>>. Acesso: 22 de mar. 2021.

Gráfico 5 – Homens e mulheres falando da sorologia no YouTube



Fonte: Autor, 2021

4.2 CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DO CORPUS

A contextualização histórica do movimento homossexual e da formação de uma imprensa alternativa, possibilitando o surgimento de vozes importantes como o *Lampião da Esquina*, jornal gay mais importante do Brasil, no final dos anos 1970 e início da década de 1980, na seção três, mostra como os discursos que vieram anteriormente foram fundamentais na “epidemia discursiva” do HIV dentro da realidade brasileira. Assim como a “luta pela significação”, (HALL, 2010) das lideranças dissidentes do grupo Somos, e de outros coletivos de intelectuais, todos homossexuais, que ajudaram a criar o primeiro programa brasileiro de aids, em São Paulo, no ano de 1983. Para a leitura dos dados deste trabalho, precisamos, também, atentar para o fato: dos 42 homens que relataram a sorologia positiva no YouTube, a

maioria deles era jovem, cisgênero⁸⁰, com idade entre 21 e 55 anos⁸¹. Entre eles, quase todos abordavam a homossexualidade falando da orientação sexual. Apenas dois dos relatos são feitos por homens que se declaram heterossexuais: **Diego Moi** e **Cláudio Souza**. O recorte do corpus de análise também foi definido a partir dos dados coletados neste mapeamento, levando em conta essa representatividade dos homens gays sobre a temática.

Para a análise, selecionamos os youtubers que abordassem, ainda, os aspectos históricos do HIV/aids, além do relato autobiográfico, que já era uma condição essencial de cada canal. Os números de inscritos e de visualizações, como dissemos acima, são estratégias do YouTube para pensar, além do alcance do material produzido, a remuneração. É uma espécie de “selo de autoridade”, ou de notoriedade na rede social de compartilhamento de vídeos, o *total grade*, a nota fornecida pela ferramenta de métrica Social Blade. Os youtubers mais vistos sobre o tema “viver com HIV/aids” tiveram atenção da mídia de massa, aparecendo em capas de revista e programas de auditório, com redes de visibilidade que se retroalimentavam. O critério de visibilidade também nos orientou na escolha do corpus. Apenas como base comparativa dessa fama no YouTube, precisamos falar dos três principais canais no país, a partir das regras do Social Blade Rank: a KondZilla Records recebeu *total grade* A no período pesquisado. Produtora independente, que trabalha, sobretudo, com funk, fica em primeiro lugar em números, com mais de 30 bilhões de visualizações, o dobro do segundo lugar, o canal infantil Galinha Pintadinha. A listagem seria diferente a partir da configuração de busca pelo número de visualizações. Caso escolhido o mecanismo “inscritos” do canal, KondZilla ganharia o topo com 57.700 milhões de assinantes, deixando o comediante Whindersson Nunes em segundo posto, com 39 milhões e 500 mil inscritos. No item nota total, a dupla Maria Clara e JP ganhava a pontuação máxima com (A+). O canal de entretenimento para crianças dos dois irmãos cariocas ultrapassava os 8 bilhões de visualizações na terceira checagem dos números, em maio de 2020. A mesma nota, A+, era dada a Luiz1227, canal de games com quase 259 milhões de

⁸⁰ Luiz Felipe, ou Pisci Loka, no momento dos vídeos do Loka de Efavirenz, usava o artigo feminino, mas não tinha iniciado seu processo de transição, acompanhado em redes sociais como Instagram e Facebook. O que não foi mostrado no YouTube.

⁸¹ Considera-se, neste trabalho, a idade na data do relato da sorologia no YouTube. Sendo Gabriel Comicholi o mais jovem, com 21 anos, e Cláudio Souza, com 55 anos, o mais velho.

visualizações. Na terceira posição, Lucas Neto e Lucas Toon⁸², recebia A, um canal voltado para o público infantil com mais de 11 bilhões de visualizações.

Diante desse ranking nacional, no início da observação dos relatos de pessoas vivendo com HIV, em 2019, foi estabelecido um patamar de 30 mil (ou 30k) inscritos. A base mínima dos números era a partir do youtuber Gabriel Comicholi. A medida restringiu muito os perfis. Foi adotado um novo padrão de 20k. E, por último, 10k inscritos. A atualização dos sites também era outra questão. Alguns youtubers passaram mais de um ano sem postar material novo, perdendo a linha do contexto histórico e das demandas sobre o HIV/aids no universo da política brasileira de saúde, um traço de ativismo virtual, ou mesmo off-line, em alguns casos. A comunicação em rede, apoiada em outros youtubers que vivem com HIV, pessoas ligadas ao tema ou instituições foram mais elementos a considerar na definição dos perfis. Vamos agora ver como se deu a seleção.

4.3 RELATOS QUE NÃO FAZEM PARTE DO CORPUS. POR QUÊ?

Em outubro de 2020, no texto apresentado para a banca de Qualificação, a lista de canais somava 25 espaços que abordavam a sorologia positiva para o HIV no YouTube. Nossa proposta foi ampliar esse mapeamento para criar um documento histórico dos projetos que surgiram a partir de 2010, considerando como marco o vídeo do youtuber **João Geraldo Netto** sobre a campanha do Ministério da Saúde naquele ano, com jovens que viviam com o vírus, em seu primeiro canal homônimo⁸³. Incluímos, nesta versão, mais 25 espaços com relatos sobre viver e conviver com o HIV, fechando o mapa no total de 50 produtores de conteúdo sobre a temática, em março de 2021⁸⁴. Para alcançar esse número, flexibilizamos os critérios de inserção

⁸² Irmão de Felipe Neto, Lucas também tem brinquedos licenciados, faz turnês pelo país e fatura com livros. “Seus livros já venderam mais de dois milhões de exemplares e já se tornaram os mais vendidos na história da Bienal do Rio, em 2019”, (Palomares, 2019). Disponível em: Disponível em: <<https://bit.ly/3c119Ss>> Acesso: 20 de maio 2020.

⁸³ João Geraldo Netto tem dois canais. Sendo os primeiros dois vídeos sobre HIV/aids um making of da campanha para o Ministério da Saúde e outro do evento de lançamento do material. Mas o relato mesmo da sorologia, dentro da plataforma YouTube, consideramos a entrevista para a TV.

⁸⁴ O canal de Ivan Costa, encontrado em fevereiro de 2021, trazia um áudio com imagem de um modelo masculino. O vídeo HIV/AIDS – Como eu descobri que tenho HIV, foi postado em 08 de fev. 2021, com 34 visualizações. Em março, o material foi retirado do ar. Disponível em: <<https://bit.ly/2P53h4h>>. Acesso: 24 de fev. 2021.

dos canais para além do material produzido estritamente por youtubers⁸⁵, incluindo pessoas que contam sua experiência sobre a sorologia positiva a partir de um, ou de poucos vídeos. Por tratar-se de documentação de uma época, avaliamos a necessidade de rastrear o máximo de relatos postados no YouTube a respeito do HIV, sem restringir número mínimo de inscritos, visualizações ou a quantidade de vídeos postados.

Nos canais **Bixa Nagô**, em 2019, no **Barba Ruiva**, em 2020, e no de **Saullo Hipolito**, em 2018, por exemplo, havia somente um vídeo de depoimento⁸⁶. Eram dois vídeos apenas nos canais de Carlos Roberto (**O tal do Carlos**), e no de **Valmir Martins**, com material de comédia *stand up* ligado ao tema. O mesmo quantitativo, duas produções para contar a descoberta da sorologia e a vida com o vírus no espaço de **Heitor Longo**.

Carlos Mendes (**HIV VIDA**), militante do Rio de Janeiro, mantém dois vídeos que tratam da sua sorologia. O número de inscritos, apenas 37 pessoas, verificado em fevereiro de 2021, inviabilizaria a inclusão em nosso corpus, por adotarmos a leitura em conjunto, do *ethos*, em busca do sentido da produção. Ao identificar esses canais com baixo número de inscritos, e a dificuldade em rastreá-los, percebemos como funciona o mecanismo de visibilidade em buscas no Google e dentro do próprio YouTube, aos relatos sobre viver com HIV em canais com pouca audiência. Dessa forma, ficaram fora da seleção da análise: **Max Ziller**, Caio César Xavier (**Entrenós**), **Guilherme Lima** e **Cris Rafael**, respectivamente: 131, 120, 19 e 7 inscritos. Todos relatos foram produzidos em 2019. Três canais surgidos a partir de 2020, quando os dados de análise e o conjunto teórico para a leitura dos vídeos já tinham sido desenhados, foram incorporados à listagem apresentada adiante: **ViBe** (Victor Bebiano), **Liberton** (Alexandre Berton) e **Cantinho do Xande** (Michael Alexandre).

Na comunidade de vídeos online, a consultora em prevenção ao HIV/aids **Silvia Almeida**, que teve o diagnóstico positivo para o HIV na década de 1990, tem três materiais de campanhas e uma entrevista para um programa de TV. Não foi um conteúdo audiovisual produzido para o site de compartilhamento de vídeos. Ela tornou-se reconhecida por seu trabalho de informação e depoimentos na mídia de

⁸⁵ Definição dos produtores de conteúdo que postam de maneira constante e dedicam-se a um determinado tema, como um “especialista” na plataforma de vídeos.

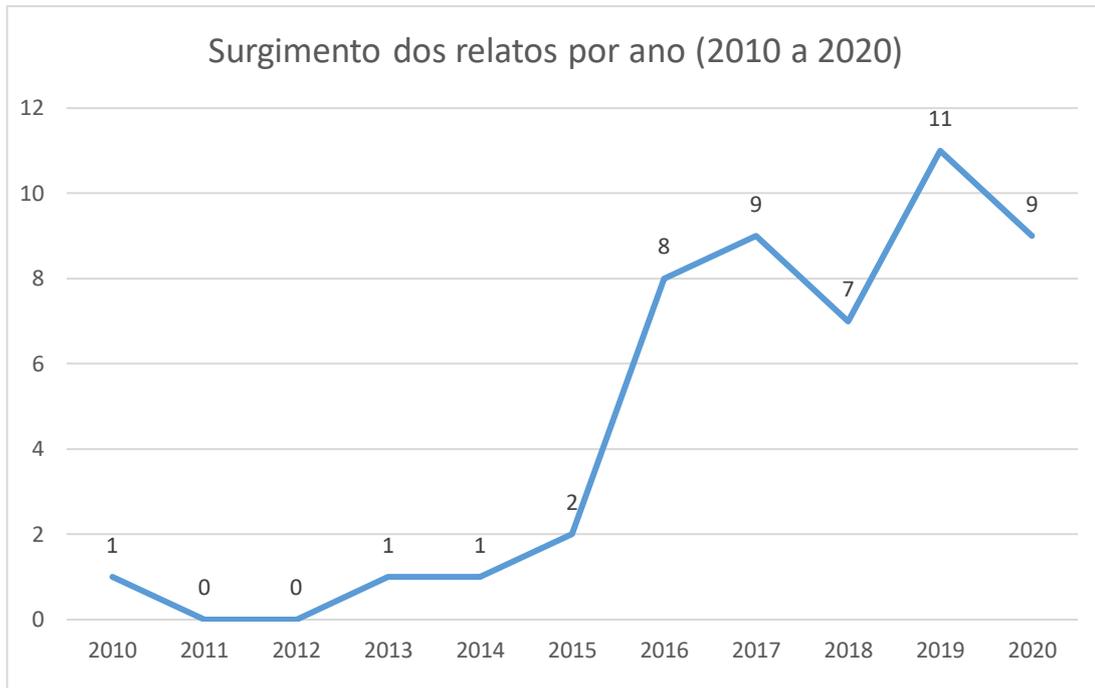
⁸⁶ No canal *Bixa Nagô*, de Ezio Rosa, o material Ato 1- Fé é um vídeo arte com a compilação de imagens de 2016, 2018 e 2019 “costuradas pelo texto Fé”. Mais próximo da performance que dos relatos convencionais no YouTube.

massa. Deixar de fora deste mapa o material de uma das vozes mais significativas para a divulgação da sorologia positiva e da perspectiva de viver bem com o HIV, criaria uma lacuna em nossos registros. O mesmo critério foi adotado para a inclusão de Cláudio Souza, responsável pelo blog **Soropositivo.org**, que descobriu a sorologia em 1994, dois anos antes do surgimento do “coquetel”, em 1996. Junto com o treinador físico **Diego Moi**, são os únicos relatos feitos da perspectiva de homens heterossexuais encontrados em nossas buscas ao longo dois anos da pesquisa.

Mesmo que alguns espaços que abordam a sorologia positiva para o HIV em primeira pessoa já estejam fora do ar, decidimos mantê-los no mapa, com dados de 2020. Caso do canal **Há vida com HIV**, de Lucas Martins, do Paraná, e do **Vida Positiva**, de Felipe Santos de Farias, produzido a partir de Santa Catarina, que dispõe de um último vídeo de despedida em sua rede, postado em março de 2018. O canal **Boa Sorte**, do ator e cantor Gabriel Estrela, de Brasília, feito de São Paulo no momento de sua mudança para a cidade, foi o primeiro a falar sobre a vida com HIV no YouTube com periodicidade, seguindo pautas definidas. O projeto, no YouTube, foi encerrado no primeiro semestre de 2019. A partir de uma entrevista, em julho de 2015 (que aparecia com a marca de 888 mil visualizações em fevereiro de 2021) para o canal JoutJout Prazer, lançou seu projeto em vídeos. “Eu já tinha decidido uma data pra sair do segundo armário, contar pra todo mundo que vivia com HIV, e queria ajuda pra fazer isso”, (GRATON, 2016, informação eletrônica)⁸⁷. Sobre a abordagem de “saída do armário” em relação à sorologia, a dissertação de Azevêdo (2019) apresenta a questão com maior detalhamento, ao observar o discurso de quatro youtubers. O **Boa Sorte**, em sua sua página do Facebook continuava ativa em março de 2021, com 15.458 seguidores, sem atualização desde 2018.

É possível perceber que, a partir de 2015, quando Gabriel Estrela, e a carioca Bia Nickytinha, do **Sou soropositivo, e daí?** Começaram a relatar a sorologia positiva no YouTube, o aumento significativo no lançamento de novos canais para falar do HIV em primeira pessoa, como mostramos no gráfico abaixo.

⁸⁷ Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/2016/10/09/entrevista-gabriel-estrela/>>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

Gráfico 6 – Gráfico dos canais surgidos por ano, entre 2010 e 2020

Fonte: YouTube, 2021.

Refinando ainda mais os critérios para se chegar a uma lista “definitiva” de quais canais analisar, encontramos o coletivo **Loka de Efavirenz**, que iniciou o projeto na rede de vídeos em 2016, mas disponibilizava apenas quatro episódios, incluindo um *teaser*. A forma de comunicar, sem rigidez de roteiro, mostra uma proposta combativa, confrontando a indústria farmacêutica e o programa de aids do governo brasileiro, um caminho distinto entre as narrativas dos youtubers. Os integrantes do Loka de Efavirenz passaram a usar outras plataformas, como Facebook, Instagram e encontros presenciais. O youtuber **Felipe Mastrandéa**, único da listagem a ultrapassar meio milhão de inscritos⁸⁸, lançou seu primeiro episódio em junho de 2014, trazendo no texto de apresentação do vídeo a conexão com um app voltado para a comunidade LGBTI. Durante três anos, o youtuber “de esquerda, professor de português/inglês, #LulaLivre” trazia vídeos com cenas íntimas, militância LGBTI, relacionamentos e diários (vlog), apresentados para “Maiores de 18 anos”. Apenas no programa 289, em agosto de 2017, falaria da sorologia positiva do HIV, quatro anos após o seu diagnóstico, revelando como foi aquele momento no episódio 291. A

⁸⁸ Para uma comparação entre canais de comportamento, produção de “diários”, o canal Jout Jout Prazer conta, atualmente, com 2 milhões e 400 mil inscritos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/joutjout/featured>> . Acesso: 20 de ago. 2020.

produção específica sobre HIV/aids apesar de ganhar relevância, não era constante, pois o canal não surgiu com essa finalidade. Um vídeo específico “*Quem me passou HIV*”⁸⁹, em 26 fevereiro de 2020, tratando sobre sua “culpa e promiscuidade” como justificativa para a infecção, associa antigos preconceitos e a culpabilidade ao tema. O canal foi retirado do ar por violar regras do YouTube sobre conteúdo sexual. Outro canal removido por não obedecer a normas de direitos autorais da plataforma foi o **Meu diário Positivo**, de Thiago Rangel.

Em relação aos depoimentos das oito mulheres que abordam a sorologia positiva em vídeos, cinco delas falavam a partir do sudeste do país: Fabiana Gomes (Bia Nickytinha) do canal **Sou soropositivo e daí?**, a primeira youtuber, em 2015, a falar estritamente desse tema, estava no Rio de Janeiro. Do mesmo estado estavam produzindo vídeos: **Bárbara Gomes**, e **Raquel Baptista**. Esta última com o canal lançado em 2020, trazendo o testemunho como se apresenta no modelo das igrejas neopentecostais, com a experiência pessoal do HIV vinculada às mensagens bíblicas. **Thaís Renovatto**, **Sílvia Almeida** (citada anteriormente) e **LaVergui** (Marina Vergueiro), em São Paulo. **Blenda Silva**, em Brasília, desde sua apresentação do diagnóstico positivo, no terceiro vídeo do canal que começa como espaço de DIY (faça você mesmo, nos moldes dos tutoriais do YouTube). Em Santa Catarina, **Letícia de Assis - Tá boa bunita?** Já destacava assuntos como padrão de beleza e gordofobia, quando passou a tratar do seu status sorológico em 2017. Por investigar, nesta dissertação, o discurso a partir do contexto histórico no movimento homossexual, não analisaremos os depoimentos femininos. Há um silenciamento vivenciado pelas mulheres em relação à aids. Gilman (1987) mostra como a representação da mulher foi ocupada pelos homossexuais na questão da aids. O autor, em seu artigo *AIDS and Syphilis: the iconography of disease*, argumenta que, ao contrário de outras epidemias, como a de sífilis, quando a mulher era apresentada em obras de arte ou nos atlas de medicina “no papel de fonte e disseminadora de doenças sexualmente transmissíveis”, na epidemia de aids essa concepção é alterada. Os homossexuais são, a partir das primeiras publicações sobre a doença misteriosa, associados ao vírus.

Feito esse esclarecimento, voltaremos aos canais: único no Norte do país, o **Positivo Matheus**, tinha um comunicador que não mostrava o rosto e trabalhava com

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=La7Sv1KkcBQ>>. Acesso em 1 de setembro de 2020.

edição de áudio para modificar a voz. A proposta de observar o discurso em primeira pessoa sobre o HIV, na desconstrução da clandestinidade de que fala Daniel (2018), impossibilitaria a sua inclusão no critério elementar de exposição da sorologia positiva para o HIV de forma completa. O requisito de apresentar o canal como um espaço para abordar o HIV/aids, já em seu início, era o fator para não incluir os youtubers **Diego Krausz** e **Drew Persi** na lista. Os dois estavam baseados em São Paulo, tinham produzido conteúdo relevante quando veicularam seus primeiros vídeos sobre a sorologia positiva. Uma característica que consideramos importante destacar: ambos são atores (assim como outros youtubers), e divulgam seus trabalhos de atuação, além de informações sobre prevenção, tratamento e sexualidade, entrevistas com pessoas ligadas ao ativismo do HIV/aids nas próprias redes e off-line.

Rafael Bolacha, que inaugurou sua conta no YouTube para divulgar o trabalho de ator, postaria um tempo depois o lançamento da autobiografia *Uma vida positiva*⁹⁰. O tema HIV/aids não é apresentado como depoimento no formato dos outros canais neste espaço, como o fez em sua conta de Facebook, no anonimato na maior parte do tempo, até dar origem ao livro. Em outro projeto para o YouTube, *Chá dos 5*⁹¹, Rafael Bolacha abordava o HIV em alguns episódios, ao lado dos outros três apresentadores. E mantinha no ar um terceiro espaço com o mesmo nome de sua biografia, com apenas 29 inscritos. A importância do seu relato, como dito na Introdução desta Dissertação, é basilar para observar novas configurações sobre viver com HIV e contar essa experiência. Mas não se trata do depoimento como o dos youtubers que observamos aqui.

Do Maranhão, **Francisco Garcia**, apresentador de TV e influenciador digital, colocou seu primeiro vídeo no ar em agosto de 2018, um mês após receber o diagnóstico positivo para o HIV, no noticiário da TV Mirante, afiliada da TV Globo, em Balsas. O episódio inicial era sobre o projeto social e o início do ativismo de Francisco, com palestras em escolas sobre prevenção e educação sexual. Dos 14 vídeos no canal, havia o mais visto, sobre a descoberta, as informações do projeto *Tio Francisco na estrada* e trechos do documentário *Do limão uma limonada*. O canal estava sem atualização na última checagem que fizemos. A mesma condição inviabilizou a leitura da produção de **Ruggeri Gonzaga**, que tinha, fora do YouTube, uma visibilidade maior e um trabalho de ativismo. Ainda que os vídeos mais recentes dos canais

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0mGgTZFPHZU&t=5s>> Acesso: 3 de jul. 2020.

⁹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/chados5/featured>> Acesso: 3 de jul. 2020.

analisados não compõem o material de análise, todo o conteúdo foi visto em conjunto para perceber uma possível mudança no discurso ao longo tempo.

De Santa Catarina, o canal **Posithividades**, de Lucian Ambrós, surgiu como espaço para divulgar informações e apoio a pessoas vivendo com HIV a partir de um aplicativo criado por ele. A sua experiência de viver com HIV seria exposta apenas no sexto vídeo para o lançamento do projeto em São Paulo. O vídeo que fala da sua experiência de viver com HIV, quinto mais visto do canal, é o oitavo material a ser postado. Entre maio de 2017 e fevereiro de 2021, alcançou 5.850 inscritos, ficando abaixo do universo de inscritos para inclusão em nosso *corpus*. O mesmo motivo para não incluir **Jardiel Cavalcante** em nossas análises. Seu número de inscrições estava em 1.410 no fechamento dos canais.

Em agosto de 2019, Allan Bruno postou seu primeiro vídeo *Como eu descobri que tenho HIV* no canal **HIVIVA**. Em seu episódio: *Início do tratamento, efeitos colaterais, vida sexual e tudo mais*, o youtuber trazia a mensagem do aprendizado para o público e para si mesmo. “Estou aqui para aprender”, dando um tom de conversa, propondo troca de ideias como linha condutora dos vídeos. A proposta era apresentar a avalanche de emoções e como dar suporte a alguém que recebeu o resultado positivo. Evitando, por exemplo, perguntas do tipo: “como contraiu? Quem passou HIV pra você?”, que outros influenciadores também alertaram a esse respeito. O discurso político, no caso dos youtubers que vivem com HIV, já estava na própria revelação da sorologia, quando decidiram falar sobre, como adverte Azevêdo (2019). “Seja nas relações interpessoais ou de modo ampliado nas mídias digitais, são respostas resilientes ao diagnóstico e que tem um caráter eminentemente político por reivindicar para si a significação do corpo positivo”, (p.93). Mas aqui, estamos buscando o discurso político com traços históricos que, no caso de Allan Bruno, aparece no vídeo com Drew Persi. Mas não é uma pauta do canal, como nos outros que listamos.

De São Paulo, o canal **Nossa Hannis** não entraria na seleção em decorrência do número de inscritos, com 1.740 na última checagem em fevereiro de 2021. Temas como “crescer na igreja sendo gay”, “relacionamento sorodiferente” e “militância do HIV na Parada de São Paulo” compunham os episódios. Do mesmo estado, **Caio Régis** postou sete vídeos sobre o HIV, a partir do primeiro, em maio de 2019. Todo o material estava baseado na experiência pessoal e nos relacionamentos, escapando dos critérios de análise, como o requisito da atualização.

Do Rio Grande do Sul, Geovanni e Jeandro, um casal que foi responsável pelo canal **Discordantes**. Além da questão da frequência mais baixa de postagens, o canal **Super Indetectável**, que está entre os selecionados para a análise, já trazia a temática. O maranhense criado em Goiás e residente no Recife, Daniel Fernandes, do **Prosa Positiva**, ficou fora do critério de 10 mil inscritos, tendo, no momento da escolha de perfis, pouco mais da metade. O pastor **José Carlos Fogo Puro**, paraibano radicado no Ceará, entraria no critério dos números. Mas a inclusão de seu “testemunho”, como são classificados em igrejas neopentecostais os relatos de vida e de superação dos problemas, levaria a um erro conceitual, já que em seu primeiro vídeo apresentava a sua imagem antiga, com roupas femininas e maquiagem, trazendo uma ideia de regeneração pela fé, acionando o interdiscurso da “cura gay”. Por último, o **Falo Memo**, espaço de Lucas Raniel, que trabalhou sempre a comunicação através de um viés de cultura pop, aproximando-se de um *ethos* sincero, temerário, que usa uma linguagem mais franca, como nos mostra Fiorin (2015), alinhado com *arete*, estando em categoria de análise muito parecida com a de **Gabriel Comicholi**. Assim, delimitamos os nossos canais em três, como mostrados a seguir.

4.4 OS CANAIS ESCOLHIDOS E A METODOLOGIA

A partir dos critérios descritos, foram selecionados três canais. Os dados sobre cada um deles estão nos quadros adiante, com informações sobre todos os espaços que relatam o HIV em primeira pessoa citados acima.

1. Gabriel Comicholi
2. Super Indetectável (João Geraldo Netto)
3. Léo Cezimbra

O estudo é feito a partir da análise do discurso destes quatro influenciadores digitais, escolhidos pela expressividade nas redes, contextualização política/ativismo, frequência das postagens e comunicação em rede para a construção da narrativa em primeira pessoa sobre o HIV. O curitibano Gabriel Comicholi trouxe ainda a comunicação da sua sorologia muito próxima da produção em tempo real, ao divulgar a sorologia, no YouTube, pouco depois do resultado reagente para o vírus. Super Indetectável, canal de João Geraldo Netto, foi construindo no universo online uma persona pública entre o conselheiro, a pessoa que vive o HIV em seu cotidiano e o

profissional de saúde. O youtuber trabalhou como consultor do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (DIAHV) do Ministério da Saúde (o departamento passou por uma mudança na nomenclatura em maio de 2019). O canal de Léo Cezimbra, construiu-se entre uma postura política, ativista e suporte a outras pessoas que descobrem a soropositividade, também fora do ambiente online, em sua cidade natal, Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Esse aspecto é marcado nas suas redes, além do YouTube, quando mostra a disponibilidade para acompanhar pessoas aos centros de testagem e atendimento.

Esses vídeos de cada um dos canais foram considerados a partir de 2016 como o início, seguindo até o primeiro semestre do ano de 2021⁹², data da revisão dos números para a confecção dos quadros sobre os youtubers. Nesse período, o Super Indetectável postou 161 vídeos; Gabriel Comicholi, 89; Léo Cezimbra, 194. Um total de 444 compartilhamentos. Não são todos os episódios, especificamente, sobre o tema HIV/aids. Para selecionar o material da análise dos influenciadores digitais, adotamos, após um estudo da totalidade dos vídeos, aqueles que traziam as características mais destacadas do *ethos* de cada um, marcando o estilo, o tom de cada youtuber. E, a partir, dessa observação, analisamos como a escolha dos temas, do cenário, da linguagem, da performance diante da câmera acionavam os sentidos sobre a comunicação do HIV/aids em primeira pessoa.

Na fase inicial do trabalho, o episódio da “descoberta” da sorologia positiva (entre aspas, por não ser uma condição recente para a maioria dos influenciadores, com exceção de Gabriel Comicholi), no YouTube já seria um dos vídeos selecionados. Percebemos um problema conceitual. A vivência de Gabriel Comicholi, nessa fase de revelação da sorologia para o seu público, era distinta dos outros dois influenciadores. Não apenas em relação ao período entre saber e publicar o resultado positivo do exame. Também foram consideradas as estratégias de tratamento no período do diagnóstico de João Geraldo Netto, do Super Indetectável, quase 15 anos antes de Comicholi, e cerca de uma década em relação a Léo Cezimbra. Após essa revisão, mantivemos o vídeo inicial de Gabriel Comicholi na seleção de análise, por já trazer

⁹² O único canal localizado em 2021 por nossa pesquisa, até a atualização dos dados do mapeamento, foi o de Ivan Costa. Na verdade, tratava-se de um áudio com imagem genérico de um modelo masculino no vídeo HIV/AIDS – Como eu descobri que tenho HIV, postado em 08 de fev. 2021, com 28 visualizações. Por isso, não entrou na lista. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCrO4IHVwCw1fTV3Pn2MyCUg>. Acesso: 23 de fev. 2021.

sua abordagem sobre o assunto HIV/aids em primeira pessoa demarcada. Além de outros dois materiais postados em 2016 e outro, em 2017, período de atividade mais intensa do youtuber, com produções que falam de testagem e prevenção de maneira a destacar o seu *ethos*.

Entre os três vídeos postados por João Geraldo Netto, do canal Super Indetectável, também selecionamos três episódios, seguindo o mesmo critério do estilo marcado pela “prova pelo *logos*”, pela argumentação, que caracteriza o seu tom entre o conselheiro profissional e o ativista. No primeiro vídeo, vemos a sua explanação com números e infográfico sobre armazenamento e distribuição dos antirretrovirais no Brasil. Para não perder a chance de analisar a sua interação com convidados na fase das *lives*, as conversas ao vivo, um produto audiovisual recorrente no ano de 2020, elegemos as produções com os temas juventude e raça, além da dificuldade para aceitar o diagnóstico do HIV. Além dos sentidos em sua fala, pudemos encontrar na interação dialógica dos participantes, as questões sociais que nos falam de biopolítica, ou de necropolítica.

A questão geográfica, em relação a Léo Cezimbra, foi preponderante para ler o acento pessoal com atenção ao auditório, ao outro, ao *pathos*. Sendo homem gay e soropositivo no interior do Rio Grande do Sul, a rede de apoio e solidariedade é debatida frequentemente no seu espaço. Um dos vídeos, para “desenhar” o seu *ethos* é sobre a vida de homossexuais fora dos grandes centros, onde estão a maioria dos influenciadores nos canais sobre HIV. Os outros dois são:

4.5 MAPA⁹³ DE RELATOS DA SOROLOGIA POSITIVA DO HIV NO YOUTUBE

1. João Geraldo Netto – Super Indetectável⁹⁴ / Goiás (28 anos)

Vídeos: 161 / Inscritos: 43.9k / Total de Visualizações: 4.239.131

Tipo: **sem fins lucrativos** / Total Grade **B -** / Primeiro vídeo: **11/12/2010**⁹⁵

Figura 10 – Canal Super Indetectável, de João Geraldo Netto.



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 1 – Dados do canal Super Indetectável

Ranking dos vídeos	
1	Retirada dos splints nasais após turbinectomia, septoplastia e pólipos (30/10/2020) Visualizações: 734.6 / comentários: 195
2	Como descobri que tinha HIV (30/05/2018) Visualizações: 708,2k / comentários: 2k
3	Primeiros sintomas do HIV (08/05/2018) Visualizações: 604,3k / comentários: 2k
4	Autoteste anti-HIV comprado da farmácia (08/08/2017) Visualizações: 322,7 k / comentários: 1k
5	O que é e qual a janela imunológica do HIV (14/05/2018) Visualizações: 94.6k / comentários: 3k

⁹³ Seguimos a ordem cronológica a partir dos primeiros vídeos sobre sorologia positiva no YouTube.

⁹⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/3vNAhiA>>. Acesso em 15 de fevereiro 2021.

⁹⁵ Consideramos a data no primeiro canal de João Geraldo Netto. Vídeo iniciais: a campanha do Ministério da Saúde e entrevista postada em 07/11/2012. O Super Indetectável surgiu em janeiro de 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3qlyzfo>>. Acesso: 20 de fev. 2021.

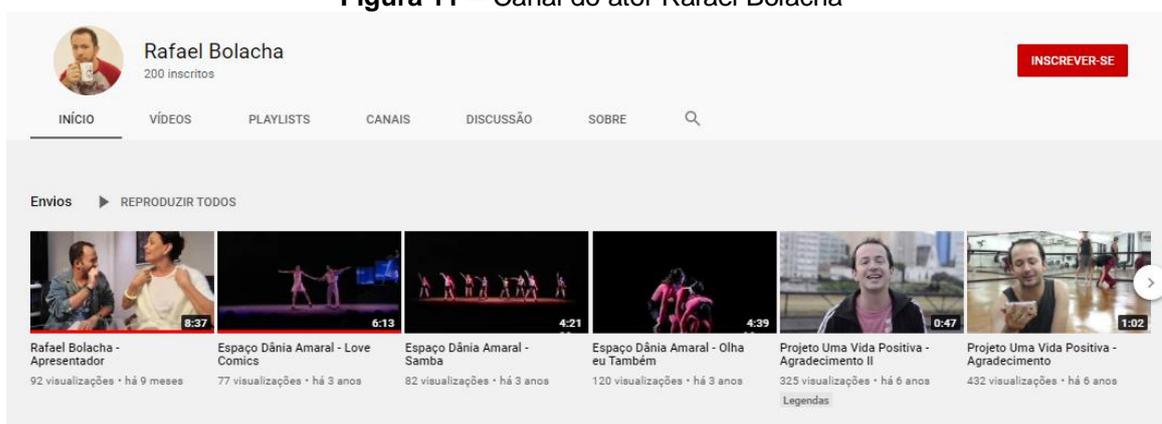
Fonte: Social Blade, 2021.

2. Rafael Bolacha⁹⁶ / São Paulo (28 anos)

Vídeos: **15** / Inscritos: **200** / Visualizações: **7.316**

Tipo: - / Total grade: **C** / Primeiro vídeo: **06/02/2013**⁹⁷

Figura 11 – Canal do ator Rafael Bolacha



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 2 – Dados dos vídeos mais vistos do canal Rafael Bolacha

Ranking dos vídeos	
1	Uma Vida Positiva – FNAC/SP - Jan/2013 - (06/02/2013) Visualizações: 1.2K / Comentários: 3
2	Cia. Pé na Tábua (25/06/2008) Visualizações: 1.1K / Comentários: 1
3	Rafael Bolacha Ator (31/05/2010) Visualizações: 1.0K / Comentários: 2
4	Espaço Dânia Amaral - Horizonte Perdido (06/12/2007) Visualizações: 934 / Comentários: 0
5	Espaço Dânia Amaral - Entre Amigos (Sapateado) (26/06/2008) Visualizações: 591 / Comentários: 0

Fonte: Autor, 2021.

⁹⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/35bmDLe>>. Acesso em 15/02/2021.

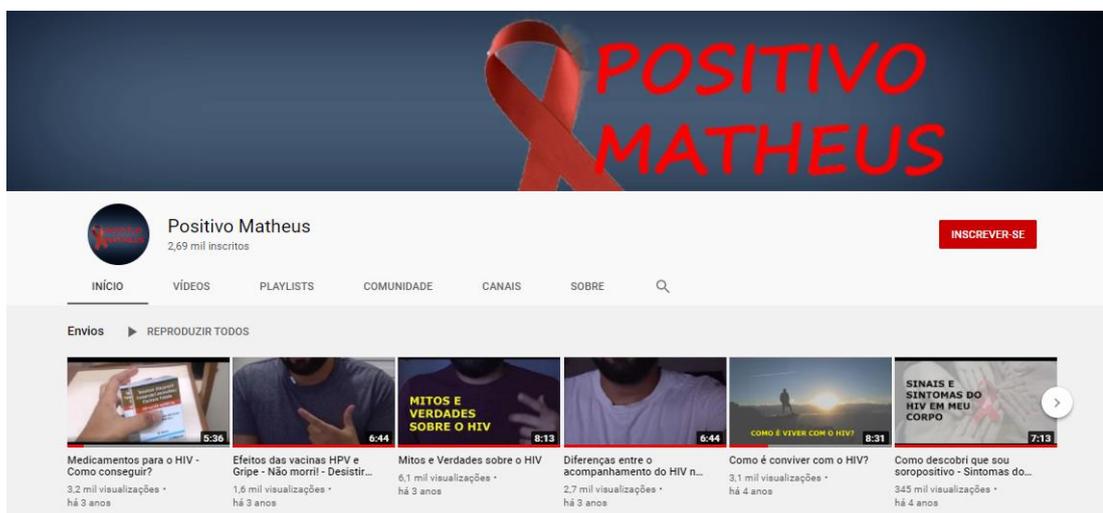
⁹⁷ Data do vídeo de lançamento de “Uma vida positiva”, sua autobiografia. “Tudo começou com um blog simples, em tom confessional e anônimo, que devido à importância da temática, ganhou destaque e originou uma série de outras ações” (ABIA, 2018). O material virou livro (2012), espetáculo de dança “Da razão do Vermelho” e o curta Dia 1. Melo e Penna (2017) citam o livro de Rafael Bolacha, e “O segundo Armário: diário de um jovem soropositivo”, escrito por Salvador Corrêa sob o pseudônimo de Gabriel Abreu (2016), como exemplos da literatura pós-coquetel. “Ambos têm sua origem em blogs publicados na internet, iniciados imediatamente ou logo após a descoberta da soropositividade por seus autores, e possuem um viés assumidamente autobiográfico” (MELO, PENNA, 2017, p.5). Rafael está ainda nos canais “Chá dos 5” e “Uma vida positiva”.

3. Positivo Matheus⁹⁸ / Pará (23 anos)

Vídeos: **14** / Inscritos: **2.69K** / Visualizações: **571.165**

Tipo: **Educação** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **30/04/2014**

Figura 12 – Capa do canal Positivo Matheus



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 3 – Dados do canal Positivo Matheus

Ranking dos vídeos	
1	Como descobri que sou soropositivo - Sintomas do HIV (11/11/2016) Visualizações: 345.6k / Comentários: 736
2	HIV Coquetel e seus efeitos colaterais (30/04/2014) Visualizações: 106.3k / Comentários: 84
3	Deu Positivo e agora? Conversa sobre o HIV e o diagnóstico (05/09/2015) Visualizações: 36.5k / Comentários: 128
4	Medicamento 3 em 1 Para HIV (25/06/2015) Visualizações: 21.8k / comentários: 47
5	HIV e Sífilis juntas - O que fazer? (28/10/2016) Visualizações: 19.5k / comentários: 81

Fonte: Social Blade, 2021.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCrVvcphDBKg5YwZLE3Q0yww>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

4. Sou soropositivo e daí?⁹⁹ – Fabiana Gomes / Rio de Janeiro (29 anos)

Vídeos: **44** / Inscritos: **8.34k** / Visualizações: **859.313**

Tipo: **comédia** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **01/11/2015**

Figura 13 – Capa do canal “Sou soropositivo e daí?”



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 4 – Dados do canal Sou soropositivo e daí?

Ranking dos vídeos	
1	Como eu descobri que tinha HIV (04/09/2016) Visualizações: 348.1K / Comentários: 1 k
2	A cura do Hiv (25/08/2017) Visualizações: 187K / Comentários: 554
3	HIV/Aids “Sou soropositivo e daí” (11/11/2015) Visualizações: 175.5K / Comentários: 821
4	Namoro com Soropositivo (22/09/2017) Visualizações: 47.6K / Comentários: 490
5	Coquetel Hiv/Aids (20/09/2017) Visualizações: 20.7K / Comentários: 132

Fonte: Autor, 2021.

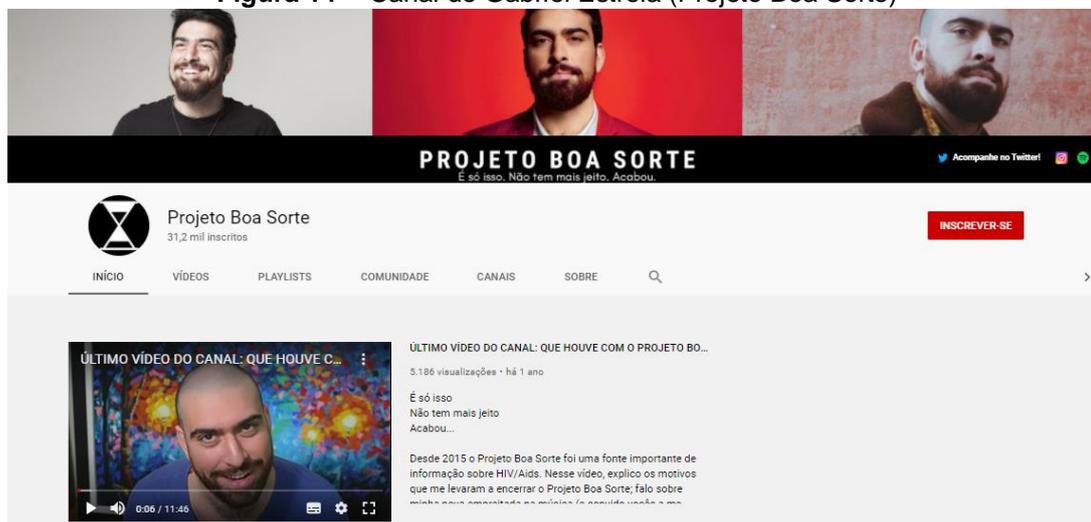
⁹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCV9inJ9HZyTxTt970xyu4Rg>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

5. Projeto Boa Sorte¹⁰⁰ – Gabriel Estrela¹⁰¹ / Brasília (23 anos)

Vídeos: **104** / Inscritos: **31.2k** / Visualizações: **866.619**

Total Grade: C+ / Tipo de canal: música / Primeiro vídeo: 21/01/2016¹⁰²

Figura 14 – Canal de Gabriel Estrela (Projeto Boa Sorte)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 5 – Dados do canal Projeto Boa Sorte

Ranking dos vídeos	
1	Amigo Secreto LGBT: Projeto Boa Sorte - Gabriel Estrela (01/01/2017) Visualizações: 131.8K / Comentários: 129
2	Como descobri e tratei o HPV (08/08/2018) Visualizações: 62.7K / Comentários: 386
3	A verdade sobre a cura do HIV (28/11/2018) Visualizações: 46.9K / Comentários: 254
4	Quais são os sintomas do HIV? (07/06/2018) Visualizações: 38.2K / Comentários: 217
5	Esqueceu da camisinha? Você precisa conhecer esses 10 mitos sobre a PEP (11/02/2016) Visualizações: 34.9K / Comentários: 359

Fonte: Autor, 2021

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3bEqBx1>> Acesso: 15 de fev. 2021.

¹⁰¹ Em 13 de julho de 2015, na sua conta de Facebook, o influenciador revelou “viver bem e em tratamento para o HIV desde 2010. A partir do seu relato sobre HIV/aids, montou a peça *Boa Sorte – o musical*, tornou-se ativista, faz consultorias e assinou em co-autoria *Eu só quero amar* série original que compõe o seriado *Malhação*, da Rede Globo, abordando sexualidade, prevenção e HIV/aids para o público jovem em 2016. Considero aqui a data que Gabriel fala da sua sorologia em seu canal do YouTube, considerando que o visitante não tenha a informação a partir de outras redes.

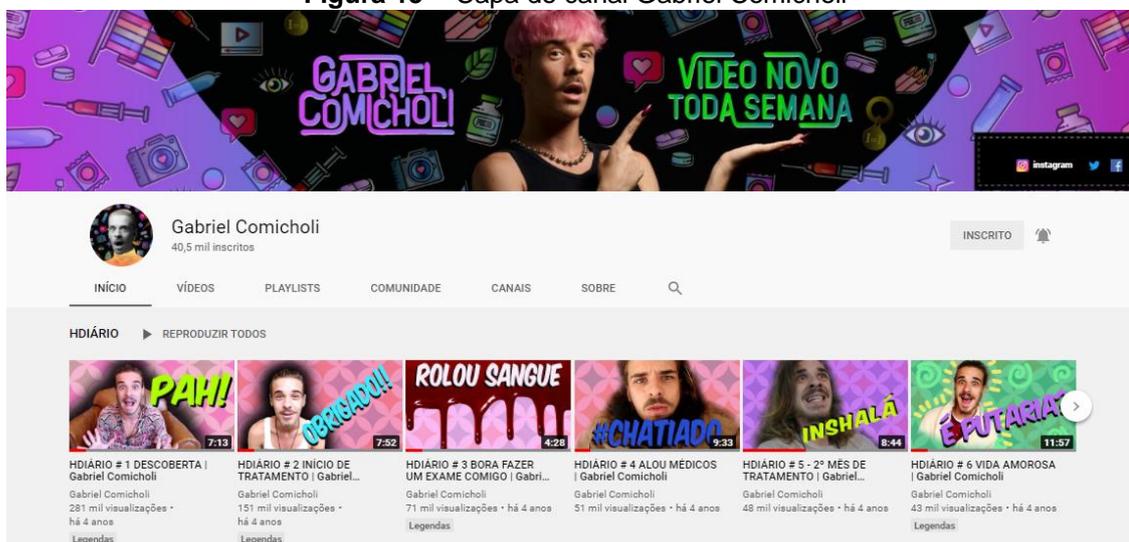
¹⁰² Considero aqui o relato completo em seu canal. No mapa de surgimento dos relatos na internet, a data é de julho de 2017, no canal de *Jout Jout Prazer*, vídeo citado anteriormente.

6. Gabriel Comicholi¹⁰³ / Paraná (21 anos)

Vídeos: **89** / Inscritos: **40.5** / Visualizações: **2.162.419**

Tipo de canal: **educação** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **01/04/2016**

Figura 15 – Capa do canal Gabriel Comicholi



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 6 – Dados do canal Gabriel Comicholi

Ranking dos vídeos	
1	Garota de Programa se cuida? feat. Dafne Anãzinha (27/04/2016) Visualizações: 706,7k / comentários: 336
2	HDIÁRIO # 1 Descoberta (02/04/2016) Visualizações: 281k / comentários: 1k
3	HDIÁRIO # 2 Início de Tratamento (06/04/2016) Visualizações: 152k / comentários: 542
4	HDIÁRIO #3 Bora fazer um exame comigo (11/04/2016) Visualizações: 71,2k / comentários: 225
5	HDIÁRIO # 4 / Alou médicos (29/04/2016) Visualizações: 51,6k / comentários: 245

Fonte: Autor, 2001.

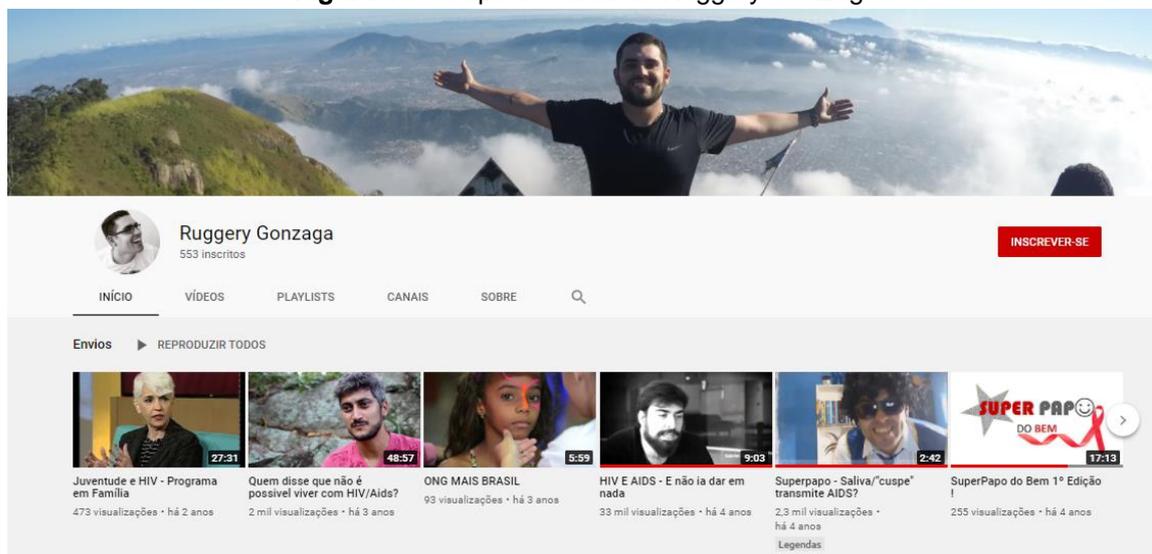
¹⁰³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Gabrielcomicholi/featured>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

7. Ruggery Gonzaga¹⁰⁴ / Rio de Janeiro (25 anos)

Vídeos **8** / Inscritos **553** / Visualizações: **106.685**

Tipo de Canal: **Pessoas** / Total Grade: **C** / Primeiro vídeo: **25/04/2016**¹⁰⁵

Figura 16 – Capa do canal de Ruggery Gonzaga



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 7 – Dados do canal Ruggery Gonzaga

Ranking dos vídeos	
1	Quem disse que viver com HIV-AIDS não é possível (19/07/2015) Visualizações: 66,0k / comentários: 161
2	HIV e AIDS – E não ia dar em nada (01/05/2016) Visualizações: 33,8k / comentários: 77
3	Superpapo – Saliva / “cúspide” transmite AIDS? (25/04/2016) Visualizações: 2,4k / comentários: 2
4	Quem disse que não é possível viver com HIV / Aids? (13/09/2017) Visualizações: 2.0k / comentários: 6
5	Arianne Senna – Histórias Positivas (19/07/2015) Visualizações: 1.8k / comentários: 1

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁰⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/ruggerygonzaga>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

¹⁰⁵ No vídeo *Superpapo – Saliva / “cúspide” transmite AIDS?* Ruggery Gonzaga fala em vídeo pela primeira vez sobre a sorologia positiva. Embora na descrição do canal, sua história seja contada em detalhes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aa7JZFQEEbl&t=719s>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

8. **Léo Cezimbra**¹⁰⁶ / Uruguaiana – Rio Grande do Sul (35 anos)
 Vídeos: **194** / Inscritos: **21k** / Total de visualizações: **1.575.781**
 Tipo: Entretenimento / Total Grade: **B-** / Primeiro vídeo: **27/04/2016**

Figura 17 – Capa do canal Léo Cezimbra



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 8 – Dados do canal Léo Cezimbra

Ranking dos vídeos	
1	HIV/aids - Como eu descobri que eu tenho HIV (27/12/2018) Visualizações: 509.6K / comentários: 2k
2	HIV/aids – Como tratei meu HPV (24/04/2019) Visualizações: 248.8K / comentários: 2k
3	HIV/aids - O que a família Bolsonaro pensa sobre as pessoas que vivem com HIV (16/09/2018) Visualizações: 126.5K / comentários: 2k
4	HIV/aids – Afinal...Como eu “pequei” HIV? (18/05/2019) Visualizações: 100.8K / comentários: 440
5	HIV/aids – HIV + Bebidas Alcoólicas (23/10/2017) Visualizações: 53.7K / comentários: 184

Fonte: Autor, 2021.

¹⁰⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/TheLeocez>>. Acesso: 15 de fev. 2021. O canal surgiu como *Confissões de um soropositivo*, editado depois como autobiografia de Léo Cezimbra.

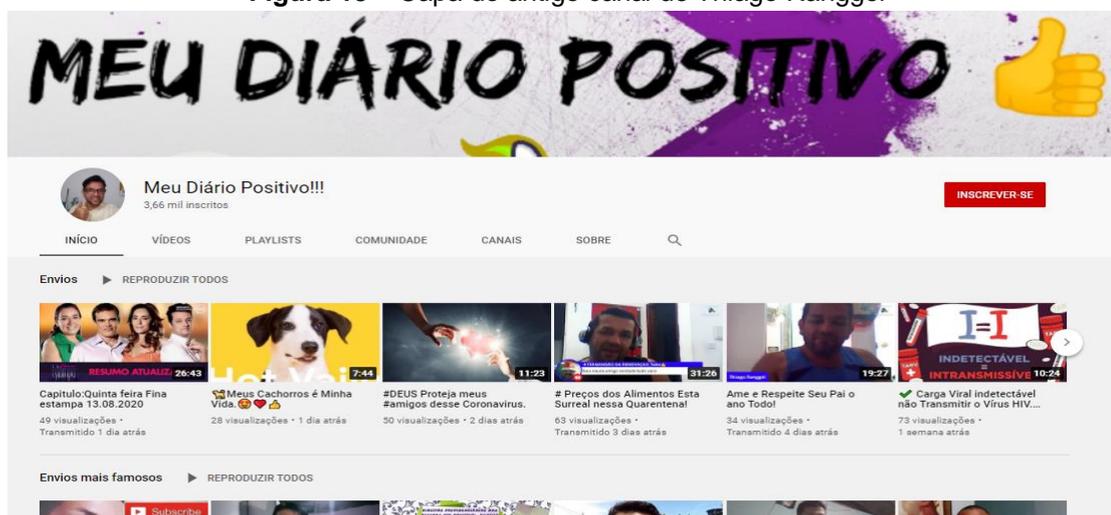
9. Meu Diário Positivo¹⁰⁷ – Thiago Rangel / Rio de Janeiro (32 anos)¹⁰⁸

Primeiro vídeo: **29/06/2016**

Vídeos: **299** / Inscritos: **3.73k** / Total de visualizações: **306.562**

Tipo: sem fins lucrativos / Total Grade: **C**

Figura 18 – Capa do antigo canal de Thiago Rangel



Fonte: YouTube, 2020.

Quadro 9 – Dados do canal Meu Diário Positivo

Ranking dos vídeos	
1	Como eu descobrir que estava com o Vírus HIV? A resposta (11/03/2018) Visualizações: 64.2k / comentários: 422
2	Resenha do K-Othrine Sc 25 (02/03/20018) Visualizações: 49.3k / comentários: 221
3	Direitos do cidadão HIV positivo! (13/03/2018) Visualizações: 33.3k / comentários: 164
4	O Brasil que eu quero para o futuro? (21/01/2018) Visualizações: 23.6k / comentários: 53
5	Explicando o exame de HIV/AIDS (20/05/2017) Visualizações: 8.1k / Comentários: 28

Fonte: Autor, 2020.

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC0pGqjiW6VnPxxThkrYu86g>>. Acesso: 28 de ago. 2020.

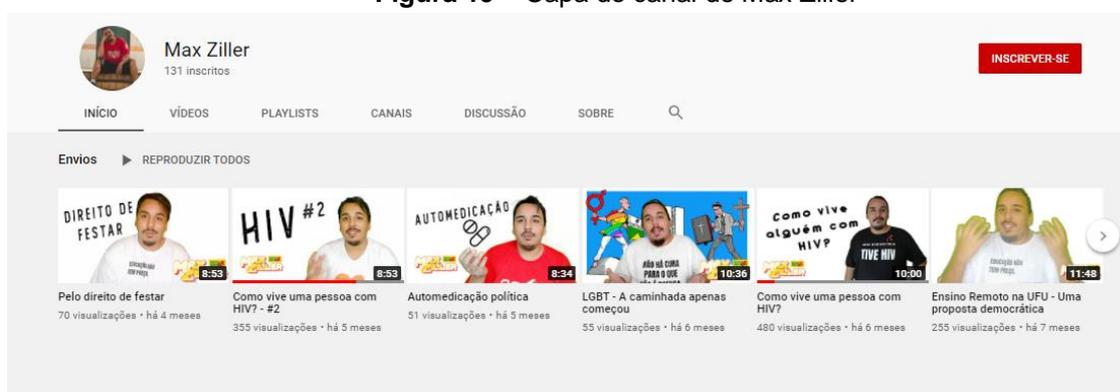
¹⁰⁸ O canal foi tirado do ar em outubro de 2020 por não seguir regras do YouTube relacionadas a direito autoral, ao compartilhar conteúdo audiovisual de entretenimento. Thiago Rangel criou outro espaço, Conexão Positiva, com 57 inscritos até a última checagem dos dados no YouTube. Dessa forma, a data na nota de rodapé acima não segue o calendário da maioria dos sites de vídeo listados aqui. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCQKJohGnuwzv9nfMLZVEZFg>>. Acesso: 19 de fev. 2020.

10. Max Ziller¹⁰⁹ / Minas Gerais (24 anos)

Vídeos **12** / Inscritos **131** / Visualizações: **9.731**

Tipo de Canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: **15/07/2016**

Figura 19 – Capa do canal de Max Ziller



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 10 – Dados do canal Max Ziller

Ranking dos vídeos	
1.	Mensagem a meus amigos, família e demais portadores de HIV (15/07/2016) Visualizações: 7.3k / comentários: 25
2.	Entrevista para a TV Universitária (19/04/2012) Visualizações: 630 / comentários: 0
3.	Como vive uma pessoa com HIV? (31/07/2020) Visualizações: 483 / comentários: 1
4.	Como vive uma pessoa com HIV? - #2 (07/09/2020) Visualizações: 357 / comentários: 1
5.	Ensino Remoto na UFU – Uma proposta democrática (06/07/2020) Visualizações: 255 / comentários: 3

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/ZillerMax>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

11. Daniel Fernandes¹¹⁰ – Prosa Positiva / Recife (32 anos)

Vídeos: **56** / Inscritos: **5.41** k / Visualizações: **253.162**

Tipo do canal: **Pessoas** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **02/08/2016**

Figura 20 – Capa do canal Prosa Positiva



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 11 – Dados dos 5 vídeos mais vistos do canal Prosa Positiva

Ranking dos vídeos	
1	10 perguntas que você sempre quis fazer para um soropositivo (25/07/2017) Visualizações: 101.5K / Comentários: 443
2	Ser trans é... Brenda Oliveira (12/08/2017) Visualizações: 27.7K / Comentários: 74
3	Relacionamento sorodiferente com João Geraldo Netto / 17/01/2017 Visualizações: 19.9K / Comentários: 48
4	Como descobri que tenho HIV! / 02/08/2016 Visualizações: 14.4K / Comentários: 128
5	Episódio 1 - TransVisão - Brenda Oliveira Visibilidade / 30/01/2017 Visualizações: 10.4K / Comentários: 36

Fonte: Autor, 2021.

¹¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCvORuPRYH92ZGHRxb3OugoQ>>. Acesso:15 de fev. 2021.

12. Luis Felipe “Pisci Loka” – Loka de Efavirenz¹¹¹ / São Paulo (25 anos)
 Vídeos: 4 / Inscritos: 272 / Visualizações: 10.238
 Tipo: - / Total Grade: C- / Primeiro vídeo: 07/08/2016

Figura 21 – Canal da “coletiva” Loka de Efavirenz



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 12 – Vídeos mais vistos do canal Loka de Efavirenz

Ranking dos vídeos	
1	Teaser da Loka (07/08/2016) Visualizações: 7.5k / Comentários: 33
2	Olá, indústria Farmacêutica. Olá Classe Médica. Olá Lobistas (25/09/2016) Visualizações: 1.8K / comentários: 7
3	Financiamento Coletivo - Gravação do Curta sobre Transmissão Vertical (15/07/2017) Visualizações: 501 / comentários: 2
4	Coletivo Loka de Efavirenz (29/06/2017) Visualizações: 435 / comentários: 1

Fonte: Autor, 2021.

¹¹¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UC22LJQmhTZ4VwKp8zcgqSHg>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

13. Felipe Santos de Farias¹¹² – Vida Positiva / Santa Catarina (22 anos)
(Fora do ar)

Vídeos: 1¹¹³ / Inscritos: 4.86k / Visualizações: 4.839

Tipo: Pessoas / Total grade: C-

Figura 22 – Capa do canal Vida Positiva



Fonte: YouTube, 2021.

¹¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCKWzX5GOiOLrOGBC883Oj-g>> Acesso: 15 de fev. 2021. Números gerais verificados com a ferramenta Social Blade em 15 de fev. 2021.

¹¹³ O canal foi ao ar de outubro de 2016 a março de 2018. O vídeo de despedida, postado em 26/03/2018, alcançou \$800 visualizações, com 107 comentários. Ao contrário dos outros canais, o quadro com a estatística do Social Blade não aparece para o canal por ter apenas um vídeo no ar.

14. Lucas Martins – Há Vida com HIV¹¹⁴ / Paraná (23 anos

Vídeos: **14** / Inscritos: **1.43k** / Visualizações: **77.842**

Tipo de Canal: **pessoas** / Total Grade: **C** / Primeiro vídeo: **14/05/2017**

Figura 23 – Capa do canal Há Vida com HIV



Fonte: YouTube, 2020

Quadro 13 – Dados do canal Há Vida com HIV

Ranking dos vídeos	
1	Medicação (03/06/2017) Visualizações: 27.6 / comentários: 91
2	Diagnóstico (14/05/2017) Visualizações: 13.1 k / comentários: 69
3	Por que Deus não me cura (24/05/2017) Visualizações: 10.2 k / comentários: 151
4	Efeitos colaterais (20/11/2017) Visualizações: 8.5k / comentários: 45
5	Carga Indetectável (20/09/2017) Visualizações: 7.5 k / comentários: 27

Fonte: Autor, 2020.

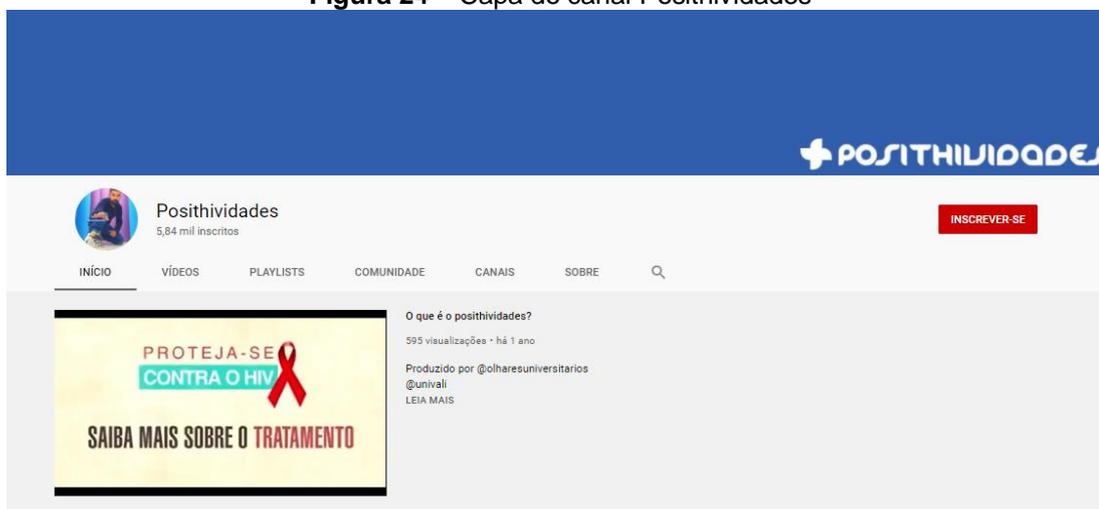
¹¹⁴ O canal saiu do ar em 2020. Vídeo da campanha Indetectável 2018 do Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AAb5T1jYp10>>. Acesso: 28 de ago. 2020.

15. **Posithividades**¹¹⁵ – **Lucian Ambrós**¹¹⁶ / **Santa Catarina (29 anos)**

Vídeos: **69** / Inscritos: **5.84k** / Visualizações: **329.658**

Tipo: **Sem fins lucrativos** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **21/06/2017**

Figura 24 – Capa do canal Posithividades



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 14 – Dados dos vídeos mais vistos do canal Posithividades

Ranking dos vídeos	
1	#5 Eu vivo com HIV - Blenda Silva (15/12/2017) Visualizações: 44.3K / comentários: 281
2	Casal sorodiscordante - Geovanni e Jeandro / (21/08/2017) Visualizações: 39.8K / comentários: 114
3	#2 Eu vivo com HIV - Lucas Martins / (01/12/2017) Visualizações: 33.7K / comentários: 202
4	Qual a relação CD4 e CD8 para pacientes com HIV? (08/06/2017) Visualizações: 29.0K / comentários: 55
5	01 - HIV Minha História Positiva - A descoberta – Tenho HIV e agora vou morrer? (29/06/2017) Visualizações: 25.0K / comentários: 102

Fonte: Autor, 2021.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCk6LPTThGpXdfC6Gv8KKZzw>>. Acesso: 28 de ago. 2020.

¹¹⁶ O primeiro vídeo traz a reportagem no *Jornal do Almoço*, da rede RBS em Santa Catarina, afiliada da Rede Globo, com o projeto de um aplicativo para pessoas vivendo e convivendo com o HIV... No sexto vídeo, em 21/06/2017, durante o lançamento do ano na *Feira Cultural LGBT*, em São Paulo, fala sobre sua sorologia positiva pela primeira vez.

16. **Sílvia Almeida**¹¹⁷ / **São Paulo (51 anos)**

Vídeos **4** / Inscritos **124** / Visualizações **661**

Tipo de Canal: - Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: **20/07/2017**¹¹⁸

Figura 25 – Capa do canal de Sílvia Almeida



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 15 – Dados dos vídeos mais vistos do canal de Sílvia Almeida

Ranking dos vídeos	
1	Gabi entrevista os soropositivos Rafael Bolacha e Sílvia Almeida (22/07/2017) Visualizações: 219 / comentários: 0
2	O cartaz HIV Positivo – Depoimento Sílvia Almeida (21/07/2017) Visualizações: 205 / comentários: 5
3	Sílvia Almeida na Campanha Envelhecer Sem Vergonha (21/07/2017) Visualizações: 137 / comentários: 0
4	GIV – O Cartaz HIV Positivo (20/07/2017) Visualizações: 100 / comentários: 0

Fonte: Autor, 2021.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCkKKuljOY1aoQk-kIE943rg/featured>>. Acesso: 19 de fev. 2021.

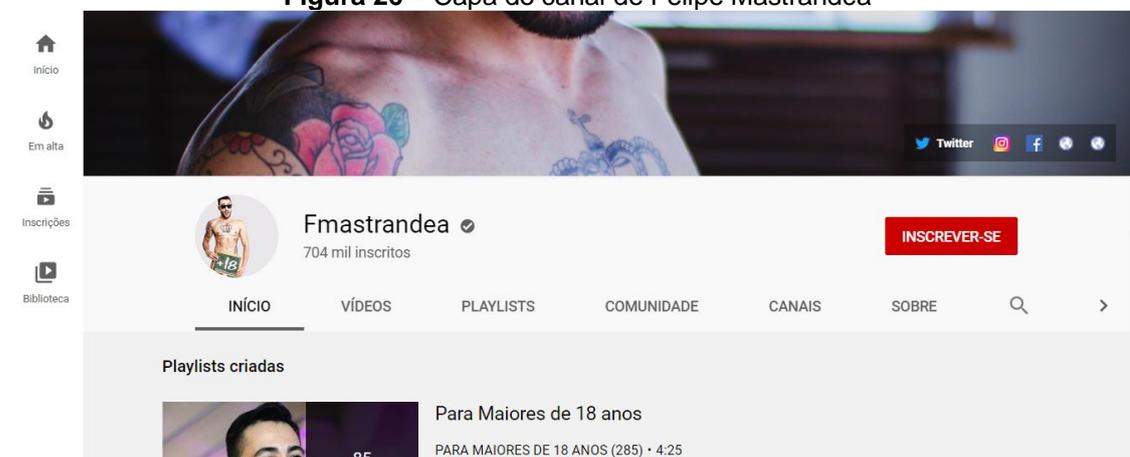
¹¹⁸ Levamos em consideração a data do primeiro vídeo do canal, que já traz o relato da sorologia positiva de Sílvia Almeida na curta biografia da descrição do canal.

17. Felipe Mastrandéa¹¹⁹ / Itapetininga (SP) / Conta Encerrada

Vídeos: **342** / Inscritos: **717k** / Visualizações: **171.216.432**¹²⁰

Tipo: **Pessoas** / Total grade: **B** / Primeiro vídeo: **08/2017**

Figura 26 – Capa do canal de Felipe Mastrandéa



Fonte: YouTube, 2020.

¹¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/fmastrandecanal>>. Acesso: 28 de ago. 2020. Os números gerais foram verificados no Social Blade em 15 de fev. 021.

¹²⁰ O canal não surge com a proposta de abordar o HIV. Em seu primeiro episódio, em junho de 2014, o texto de apresentação do vídeo faz uma conexão com um app voltado para a comunidade LGBTI já extinto, o Moovz. É o único canal com mais de 500k inscritos, com alto volume de produção, além de frequência na periodicidade de conteúdo ao longo dos últimos seis anos, totalizando 426 uploads em agosto de 2020. No entanto, a sorologia positiva do HIV só foi abordada pelo influenciador no vídeo 289, em agosto de 2017, quatro anos após o seu diagnóstico, que revela como se deu no episódio 291. Na última checagem de 2021, o YouTube informava que a conta foi encerrada por violações recorrentes ou graves da política da plataforma sobre nudez ou conteúdo sexual.

18. **Discordantes**¹²¹ – Jeandro e Giovanni / Rio Grande do Sul (24 anos¹²²)

Vídeos: **15** / Inscritos: **7.34k** / Visualizações: **355.785**

Tipo: **Pessoas** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **25/08/2017**

Figura 27 – Capa do canal Discordantes



Fonte: Youtube, 2021.

Quadro 16 – Dados dos vídeos mais vistos do canal Discordantes

Ranking dos vídeos	
1. Sexo oral sem camisinha transmite HIV? feat Doutor Maravilha (19/12/2017)	Visualizações: 105.4K / comentários: 311
2. Se eu namorar um soropositivo eu vou contrair HIV? Fizemos o Teste Oral (29/05/2018)	Visualizações: 78.3K / comentários: 234
3. Giovanni Henrique no Programa Encontro (01/09/2017)	Visualizações: 48.1K / comentários: 99
4. Como contar que você tem HIV para a pessoa que está conhecendo (11/10/2017)	Visualizações: 38.0K / comentários: 220
5. Deu HIV positivo, eu vou morrer? (17/09/2017)	Visualizações: 35.5K / comentários: 160

Fonte: Social Blade, 2021.

¹²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCGJ0bgsIQM-gZgCOvpHd4zw>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

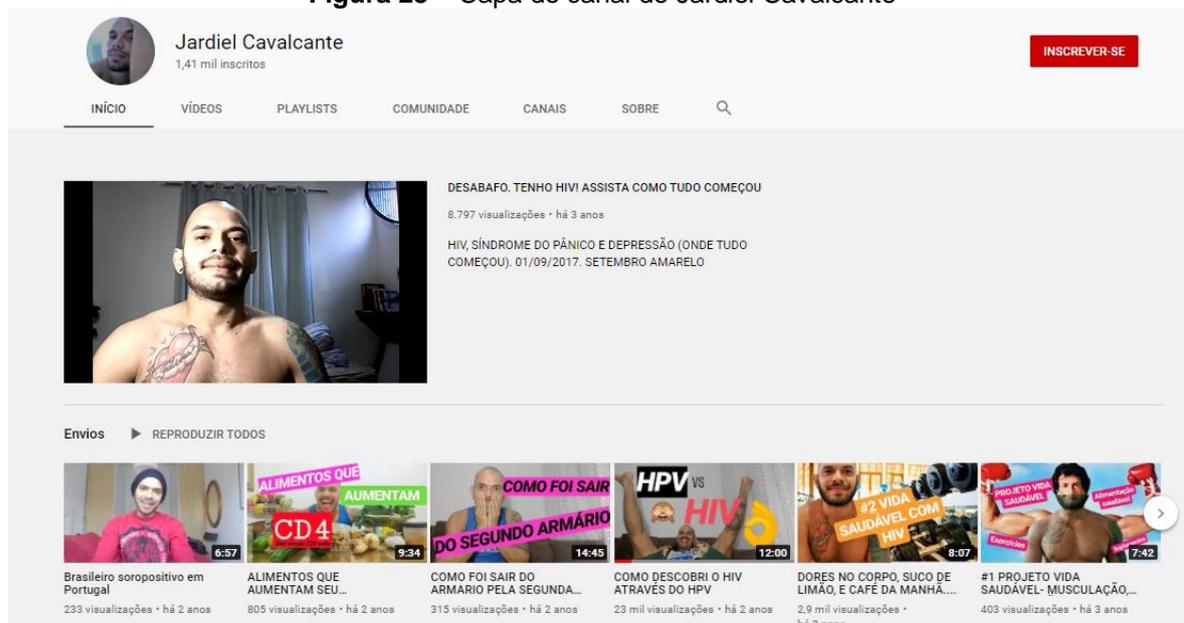
¹²² Idade do goiano Giovanni Henrique Lima em 2017, quando morava no Rio Grande do Sul, e publicou seu relato sobre a sorologia positiva para o HIV no Facebook. O post teve mais de 16 mil curtidas, segundo matéria no UOL: Disponível em: <<https://bit.ly/3uFu7QH>>. Acesso: 20 de fev. 2021. O casal aborda a sorologia diferente entre eles, por isso o canal chama-se Discordantes.

19. Jardiel Cavalcante¹²³ / Rio de Janeiro (30 anos)

Vídeos: 15 / Inscritos: 1,41 mil / Visualizações: 94.549

Tipo de canal: pessoas / Total Grade: C / Primeiro vídeo: 18/09/2017

Figura 28 – Capa do canal de Jardiel Cavalcante



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 17 – Dados dos vídeos mais vistos do canal de Jardiel Cavalcante

Ranking dos vídeos	
1	ANTIRRETROVIRAL, QUE HORAS TOMAR? (01/11/2017) Visualizações: 29k / comentários: 83
2	COMO DESCOBRI O HIV ATRAVÉS DO HPV (20/11/2018) Visualizações: 24k / comentários: 210
3	RELACIONAMENTO SORODISCORDANTE (02/11/2017) Visualizações: 12,1k / comentários: 110
4	DESABAFO. TENHO HIV! ASSISTA COMO TUDO COMEÇOU (18/09/2017) Visualizações: 8,8k / comentários: 119
5	ANTI-RETROVIRAL, VIVENDO COM HIV, VIVENDO POSITIVO (19/09/2017) Visualizações: 6,0k / comentários: 63

Fonte: Social Blade, 2021.

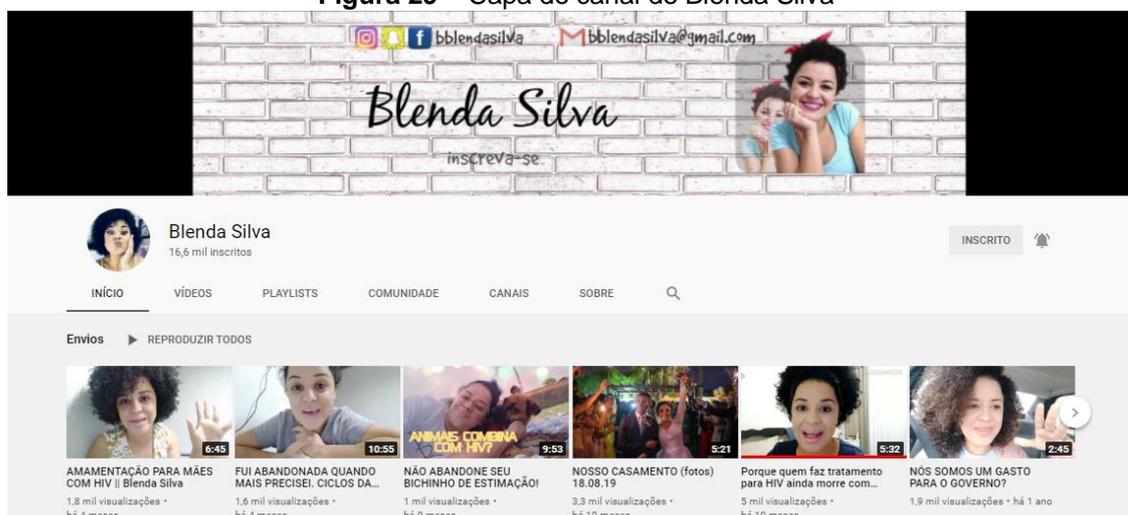
¹²³ Disponível em: <<https://bit.ly/3r9bban>>. Acesso: 21 de fev. 2021.

20. **Blenda Silva**¹²⁴ / Brasília (23 anos)

Vídeos: **51** / Inscritos: **16.6K** / Visualizações: **1.321.366**

Tipo: **Entretenimento** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **04/11/2017**¹²⁵

Figura 29 – Capa do canal de Blenda Silva



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 18 – Dados dos vídeos mais vistos do canal de Blenda Silva

Ranking dos vídeos	
1	Maquia e fala: estágio, HIV, nova vida... (04/11/2017) Visualizações: 285.7K / Comentários: 1k
2	Meu tratamento para HIV #BlendaDeFerias14 (19/07/2018) Visualizações: 167.5K / Comentários: 0
3	DIY – Como fazer parede de tijolinho fake (01/03/2017) Visualizações: 151.8K / Comentários: 0
4	Efeitos colaterais dos antirretrovirais #Blendadeférias (12/07/2018) Visualizações: 146.2K / Comentários: 850
5	Pai e mãe, sou HIV positivo e agora? (18/02/2018) Visualizações: 71.5 K / Comentários: 398

Fonte: Social Blade, 2021.

¹²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCY452XLLJj5BmGp39dV8uyQ>>. Acesso em 15 de fev. 2021.

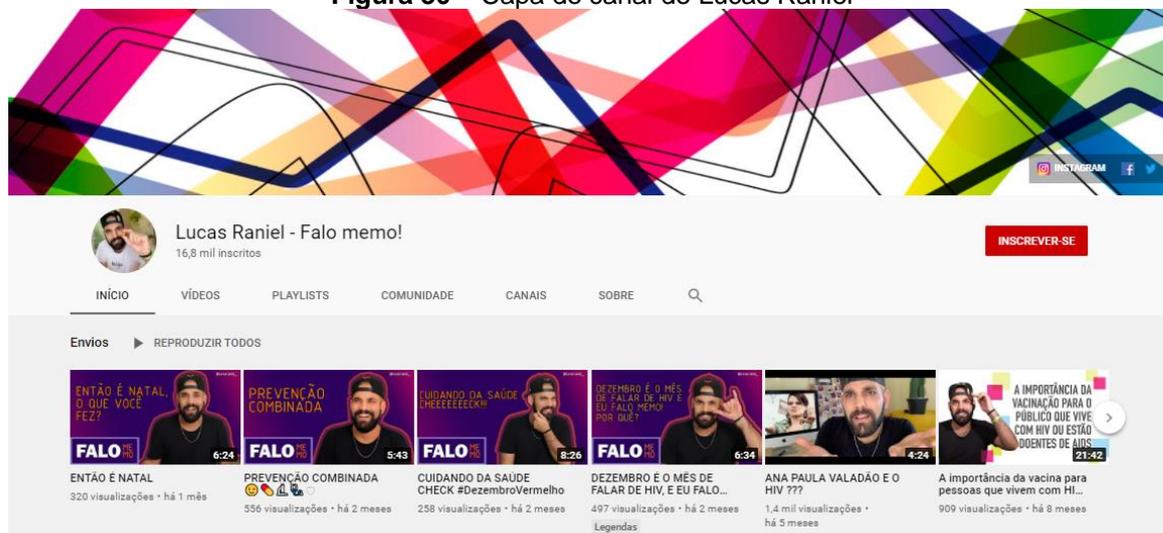
¹²⁵ Data do quinto vídeo do canal, sendo o primeiro episódio sobre a descoberta e o relato da sorologia positiva para o HIV.

21. Lucas Raniel¹²⁶ – Falo Memo / São Paulo (25 anos)

Vídeos: **16** / Inscritos: **16.8k** / Visualizações: **1.072.398**

Tipo de canal: **Pessoas** / Total grade: **C+** / Primeiro vídeo: 01/12/2017

Figura 30 – Capa do canal de Lucas Raniel



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 19 – Dados dos vídeos mais vistos de Lucas Raniel

Ranking dos vídeos	
1	Como descobri que estava com HIV / 22/03/2018 Visualizações: 942.3K / Comentários: 3k
2	Mulheres com HIV / 15/03/2018 Visualizações: 45.2K / Comentários: 152
3	Perguntas e respostas sobre o HIV - #DesafioUNAIDS / 27/12/2017 Visualizações: 27.4K / Comentários: 136
4	HIV tem cura??? // TOP 5 remédios “milagrosos” Visualizações: 24.5k / Comentários: 181
5	Viver com HIV / 01/12/ 2017 Visualizações: 15.3K / Comentários: 50

Fonte: Autor, 2021.

¹²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC5T4b6Nbe-rBRjqtOzMG7tg>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

22. Letícia de Assis – Tá Boa Bunita¹²⁷? / Santa Catarina (39 anos)

Vídeos: **41** / Inscritos: **426** / Visualizações: **23.431**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **22/12/2017**

Figura 31 – Capa do canal de Letícia de Assis



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 20 – Vídeos mais vistos do canal de Letícia de Assis

Ranking dos vídeos	
1	Adesão ao tratamento e medicação – Gorda e com HIV (30/01/2018) Visualizações: 5.2k / comentários: 42
2	Viver com HIV (17/10/2018) Visualizações: 4.3k / comentários: 59
3	Entrevista para Encontro com Fátima Bernardes (05/02/2017) Visualizações: 3.2k / comentários: 2
4	22 de dezembro de 2017 – Gorda com HIV (22/12/2017) Visualizações: 2.7k / comentários: 19
5	Tempestade - Gorda com HIV (22/01/2018) Visualizações: 2.3k / comentários: 16

Fonte: Social Blade, 2021.

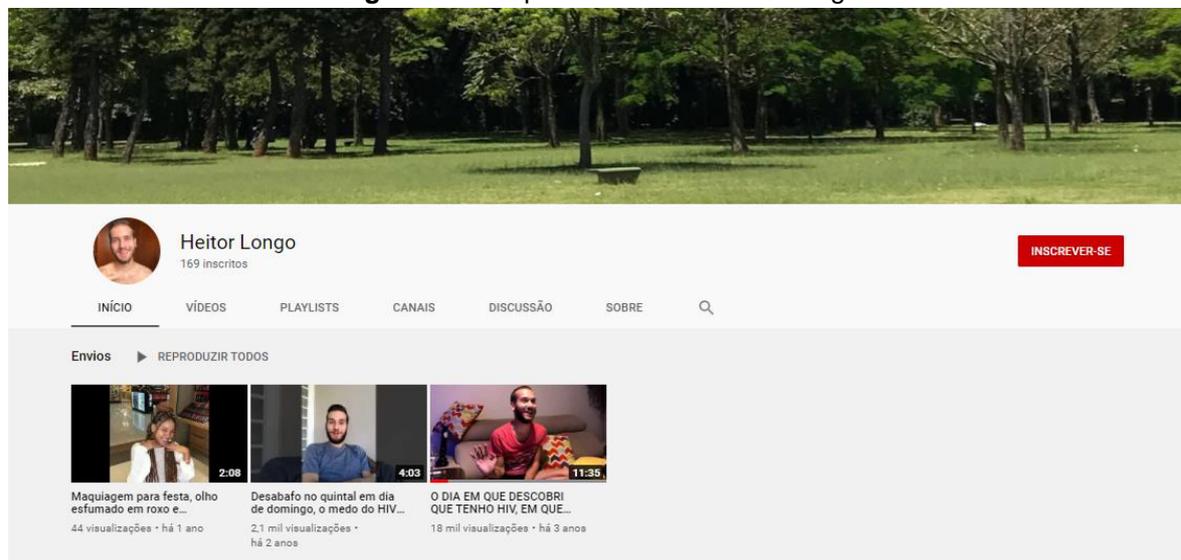
¹²⁷ Disponível em: < <https://www.youtube.com/channel/UC93StG1YECmFCZn-N8xVXsQ>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

23. Heitor Longo¹²⁸ / São Paulo (24 anos)

Vídeos: **3** / Inscritos:**169** / Visualizações: **20.239**

Tipo de Canal: **Pessoas** / Total Grade: **C** / Primeiro vídeo: **11/01/2018**

Figura 32 – Capa do canal de Heitor Longo



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 21 – Dados dos vídeos do canal de Heitor Longo

Ranking dos vídeos	
1	O DIA EM QUE DESCOBRI QUE TENHO HIV, EM QUE SUMI E COMO MEUS PAIS DESCOBRIRAM (11/01/2018) Visualizações: 18,1k / comentários: 46
2	Desabafo no quintal em dia de domingo (20/05/2018) Visualizações: 2,1k / comentários: 12
3	Maquiagem (28/06/2019) Visualizações: 44 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

¹²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCzfNvh2ntdroWfbx4i-36iQ/featured>>. Acesso em 22 de fev. 2021.

24. **Bárbara Gomes – Babi Mais Você**¹²⁹ / Rio de Janeiro (43 anos)

Vídeos: **80** / Inscritos: **1.12k** / Visualizações: **69.429**

Tipo de Canal: Pessoas / Total Grade: C+ / Primeiro vídeo: 14/04/2018¹³⁰

Figura 33 – Capa do canal da youtuber Bárbara Gomes



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 22 – Dados do canal de Bárbara Gomes

Ranking dos vídeos	
1.	#Barbara Gomes está em casa e veio conversar e desabafar (17/07/2020) Visualizações: 3,0k / comentários: 117
2.	Quem é você para mim julgar? Nunca tive medo do lama (15/09/2020) Visualizações: 2,1k / comentários: 76
3.	Como estou?!? Aqui esta a resposta (25/07/2020) Visualizações: k / comentários: 93
4.	REVELEI TUDO #ComProvas (28/07/2020) Visualizações: 2,0k / comentários: 53
5.	#Bárbara Gomes lutando para vencer a #Covid 19 (19/07/2020) Visualizações: 1,9k / comentários: 49

Fonte: Social Blade, 2021.

¹²⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/31854bq>>. Acesso: 20 de mar. 2021. Segundo projeto da youtuber Bárbara Gomes. Seus vídeos sobre a sorologia positiva estavam no espaço em que aborda a técnica de ASMR, sobre relaxamento e controle da ansiedade.

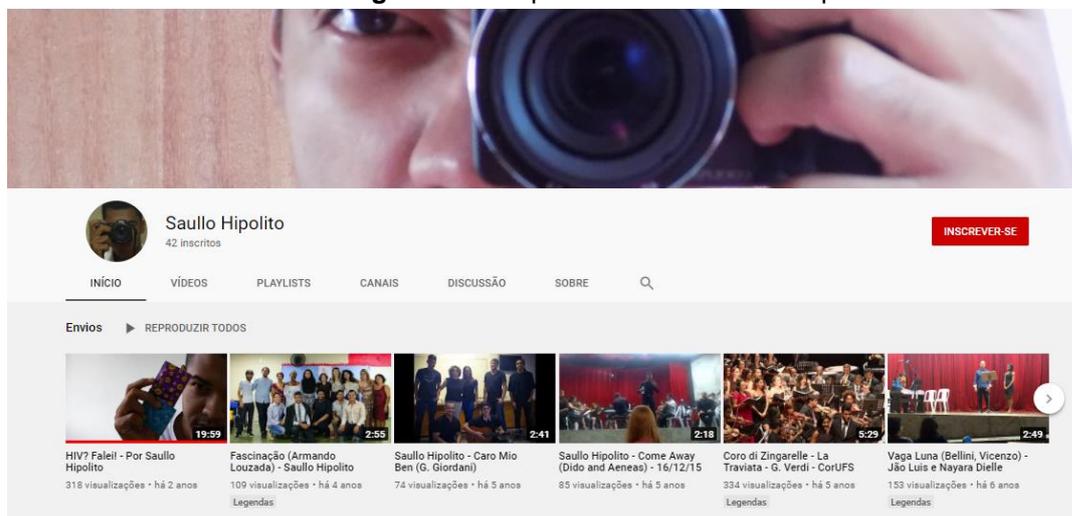
¹³⁰ No vídeo *O que me levou a fazer o teste do HIV/AIDS?* Bárbara relata a sorologia descoberta há mais de duas décadas. Consideramos a data do primeiro vídeo no primeiro canal. A referência ao HIV aparece no trecho sobre antirretrovirais e nos comentários.

25. Saullo Hipolito¹³¹ / Sergipe (24 anos)

Vídeos: **15** / Inscritos: **42** / Visualizações: **17.009**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **27/05/2018**

Figura 34 – Capa do canal de Saullo Hipolito



Quadro 23 – Dados dos vídeos do canal de Saullo Hipolito

Ranking dos vídeos	
1	Quadrilha Pioneiros da Roça Final 2014 (02/06/2014) Visualizações: 6,6k / comentários: 1
2	Izabelly Mix (09/08/2012) Visualizações: 5.0k / comentários: 0
3	Abertura da saudade do Japoatã 2013 (11/01/2013) Visualizações: 1,5k / comentários: 0
4	Izabelly Santos - DIVA (26/04/2012) Visualizações: 978 / comentários: 2
5	Duelo (16/07/2012) Visualizações: 648 / comentários: 3

Fonte: Social Blade, 2021.

¹³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/saullohipolito17>>. Acesso: 17 de fev. 2021. O vídeo sobre a sorologia “HIV? Falei!” foi ao ar em maio de 2018.

26. José Carlos Fogo Puro¹³² / João Pessoa

Vídeos: **62** / Inscritos: **11,8k** / Visualizações: **160.510**

Tipo de canal: **Pessoas** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo:

Figura 35 – Capa do canal de José Carlos Fogo Puro



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 24 – Dados dos vídeos do canal de José Carlos Fogo Puro

Ranking dos vídeos	
1	TENHO HIV DESCOBRI A POUCO TEMPO (13/07/2018) Visualizações: 29,9k / comentários: 148
2	Ex travest meu testemunho tenho HIV (23/02/2019) Visualizações: 10,9k / comentários: 60
3	TENHO #HIV MEU #TESTEMUNHO (23/02/2019) Visualizações: 9,5k / comentários: 150
4	Missionário José Carlos #Revelação de Deus (16/09/2018) Visualizações: 7,7k / comentários: 401
5	José Carlos Transmissão ao Vivo (06/01/2019) Visualizações: 4,9k / comentários: 302

Fonte: Social Blade, 2021.

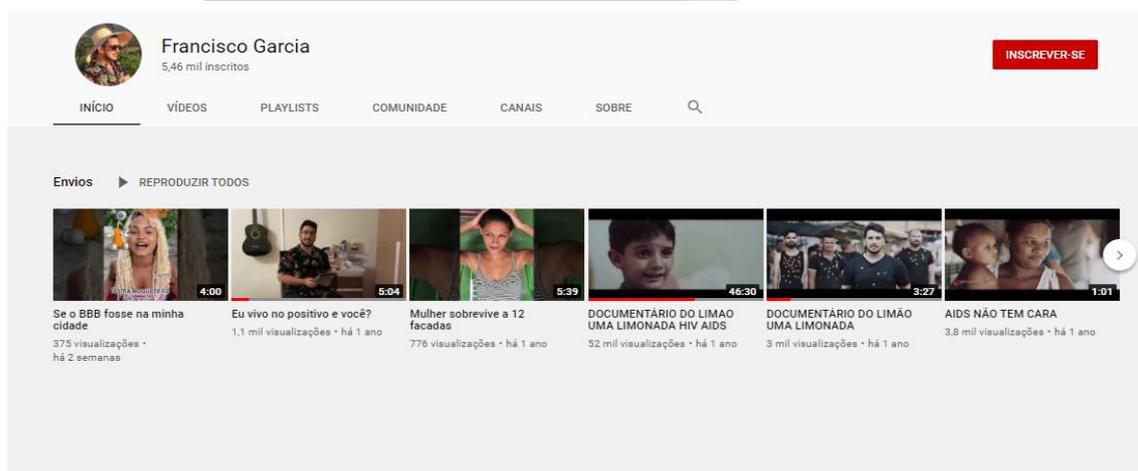
¹³² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCV4jXhCPRSI_TbiwK95Ysmw/videos>. Acesso: 24 de fev. 2021.

27. Francisco Garcia¹³³ / Balsas – Maranhão (27 anos)

Vídeos: **15** / Inscritos: **5.46k** / Visualizações: **219.544**

Tipo: **Pessoas** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **18/08/2018**

Figura 36 – Capa do canal do jornalista Francisco Garcia



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 25 – Dados do canal Francisco Garcia

Ranking dos vídeos	
1	Descobri AIDS/HIV (22/08/2018) Visualizações: 98.4K / comentários: 452
2	Documentário “Do limão uma limonada – HIV/AIDS” (28/04/2019) Visualizações: 52.5K / comentários: 190
3	Ex-apresentador da TV GLOBO revela ser soropositivo (19/08/2018) Visualizações: 21.4K / comentários: 46
4	Tenho HIV/AIDS (20/03/2019) Visualizações: 12.9K / comentários: 54
5	Teste rápido HIV (20/08/2018) Visualizações: 12.0K / comentários: 48

Fonte: Autor, 2021.

¹³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCHZhXkgmLiH5_kHCborFgHA>. Acesso: 15 de fev. 2021.

28. Diego Krauzs¹³⁴ / São Paulo (26 anos)

Vídeos: **181 vídeos** / Inscritos: **24k** / Visualizações: **970.8**

Tipo: **Entretenimento** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **13/09/2018**

Figura 37 – Capa do canal de Diego Krauzs



Fonte: YouTube, 2021

Quadro 26 – Dados do canal Diego Krauzs

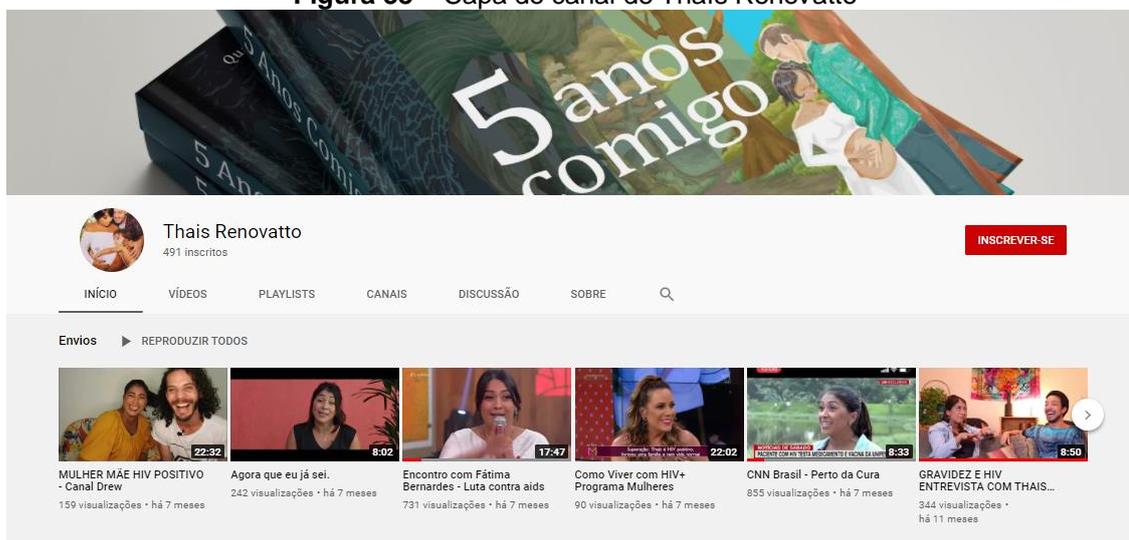
Ranking dos vídeos	
1	Deu Positivo (HIV+) / 04/10/2018 Visualizações: 648.4k / comentários: 3k
2	O que mudou? (HIV+) / 25/10/2018 Visualizações: 40.2k / comentários: 110
3	Crises com HIV / 28/02/2019 Visualizações: 27.3k / comentários: 243
4	Vírus indetectável / 12/11/2018 Visualizações: 26.4k / comentários: 178
5	Teste rápido de HIV / 11/04/2019 Visualizações: 14.9k / comentários: 122

Fonte: Autor, 2021.

¹³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DIEGOKRAUSZ/featured>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

29. **Thaís Renovatto**¹³⁵ / **São Paulo (35 anos)**
 Vídeos: **13** / Inscritos: **491** / Visualizações: **7.061**
 Tipo: **Pessoas** / Total grade: **C** / Primeiro vídeo: **02/12/2018**

Figura 38 – Capa do canal de Thaís Renovatto



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 27 – Dados do canal Thaís Renovatto

Ranking dos vídeos	
1	O que fazer com o que você não pode mudar? (21/01/2019) Visualizações: 1.9K / comentários: 20
2	Teaser ¹³⁶ (02/12/2018) Visualizações: 940 / Comentários: 6
3	HIV – O lado outro do outro lado (31/10/2019) Visualizações: 906 / Comentários: 7
4	CNN Brasil - Perto da Cura (05/07/2020) Visualizações: 855 / Comentários: 0
5	Encontro com Fátima Bernardes – Luta contra aids (02/12/2019) Visualizações: 731 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

¹³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCcMcGW5arg3rJGvbtrezRXA>>. Acesso: 15 de fev. 2020

¹³⁶ Considero aqui o vídeo do dia 21 de janeiro de 2019 como primeiro para o público do YouTube, embora a escritora já tivesse contado uma parte de sua história sobre o HIV na primeira semana de dezembro de 2018 no programa matinal Encontro, da Rede Globo.

30. Nossa Hannis¹³⁷ / São Paulo (24 anos¹³⁸)

Vídeos: **48** / Inscritos: **1.74k** / Visualizações: **48.680**

Tipo de canal: - / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **03/12/2018**

Figura 39 – capa do canal Nossa Hannis



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 28 – Dados do canal Nossa Hannis

Ranking dos vídeos	
1	Eu positivei o HIV, mesmo com todos os desafios (17/05/2019) Visualizações: 14.3k / comentários: 140
2	Os medos que eu senti quando deu positivo (06/09/2019) Visualizações: 3.3k / comentários: 27
3	Andei pela Parada com uma camiseta escrito HIV+ (05/07/2019) Visualizações: 3.2k / comentários: 46
4	Descobrimo o HIV (03/12/2018) Visualizações: 2.1k / comentários: 21
5	Tenho HIV, de quem é a culpa? (24/05/2019) Visualizações: 1.7K / comentários: 21

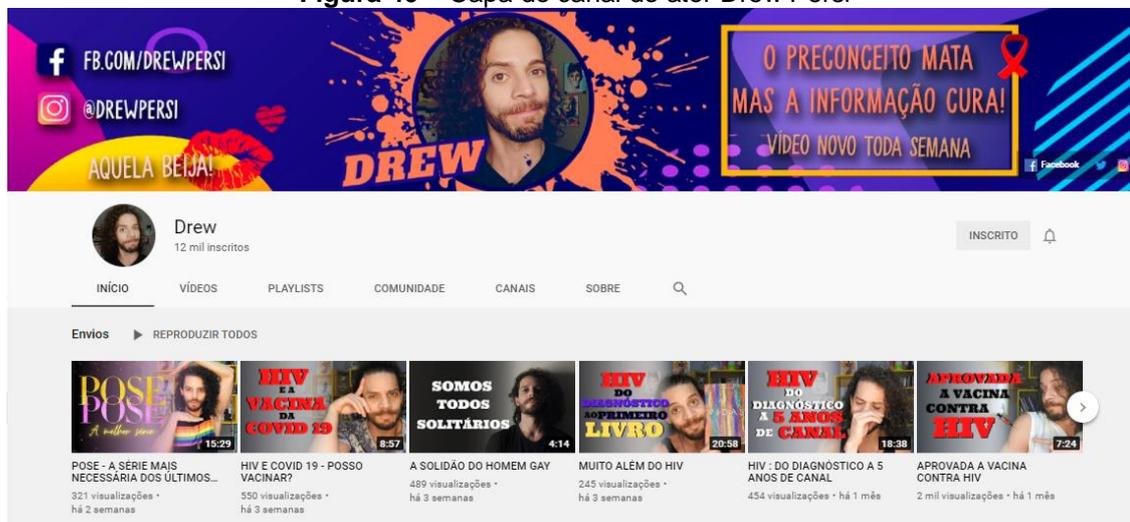
Fonte: Autor, 2021.

¹³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCQ9mppCnb4XRpEC5CXN77sA>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

¹³⁸ O youtuber completou 25 anos duas semanas após o primeiro vídeo.

31. **Drew Persi**¹³⁹ / **São Paulo** (33 anos)
 Vídeos: **325**¹⁴⁰ / Inscritos: **12k** / Visualizações: **740.746**
 Tipo: **Entretenimento** / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **14/01/2019**¹⁴¹

Figura 40 – Capa do canal do ator Drew Persi



Fonte: YouTube, 2021

Quadro 29 – Dados do canal de Drew Persi

Ranking dos vídeos	
1	O dia em que recebi meu diagnóstico HIV+ Positivo (21/02/2019) Visualizações: 348.3K / comentários: 3k
2	Big Brother Brasil e os participantes HIV positivo (29/04/2020) Visualizações: 57.6K / comentários: 325
3	É gay mas nem parece feat. Júnior Chicó (09/05/2019) Visualizações: 40.4K / comentários: 157
4	HIV/aids – Medicamentos e efeitos colaterais (25/04/2019) Visualizações: 30.8K / comentários: 446
5	HIV/aids e o corona vírus (17/03/2020) Visualizações: 27.2K / comentários: 323

Fonte: Autor, 2021.

¹³⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCHmoQmeU4ySIM8bpAGtIBQw>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

¹⁴⁰ Sobre a quantidade de vídeos no canal, Drew Persi já mantinha a rede social para apresentar seu trabalho de ator. O relato sobre o HIV aparece no episódio 210, “Eu sou HIV positivo”, postado em janeiro de 2019. Até esse momento, a média, somando todas as visualizações e dividindo pelo total de episódios, era de 242 views. O vídeo sobre a sorologia alcançava quase 8 mil visualizações no dia da checagem dos dados para a atualização das tabelas.

¹⁴¹ Data do primeiro vídeo em que relata sua sorologia positiva para o HIV.

32. **Cláudio Souza**¹⁴² / **São Paulo (55 anos)**
 Primeiro vídeo: **21/04/2019** / Visualizações: **554**¹⁴³

Figura 41 – Capa do canal de Cláudio Souza (Soropositivo.org)



Fonte: YouTube, 2021.

¹⁴² Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCsSCMSFkkwTiGCR9UmYWR2A>>. Acesso: 24 de fev. 2021.

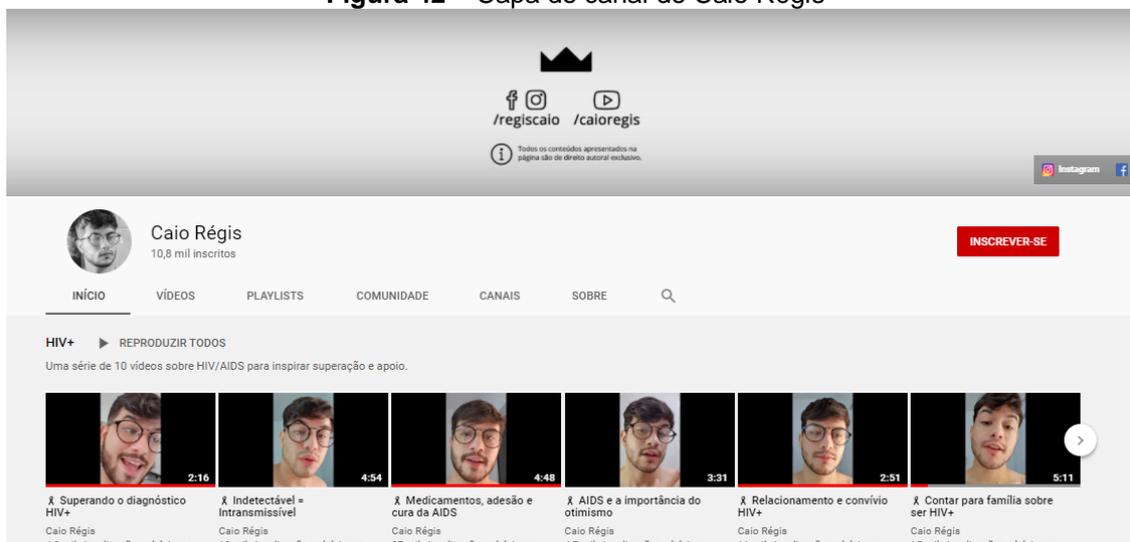
¹⁴³ As informações do canal no Social Blade são bloqueadas. Por isso, não sigo aqui o padrão da maioria dos canais. Cláudio Souza mantém o site soropositivo.org

33. Caio Régis¹⁴⁴ / São Paulo (29 anos)

Vídeos: **11** / Inscritos: **10.8k** / Visualizações: **534.968**

Tipo: **Pessoas** / Total grade: **C+** / Primeiro vídeo: **16/05/2019**

Figura 42 – Capa do canal de Caio Régis



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 30 – Vídeos mais vistos do canal Caio Régis

Ranking dos vídeos	
1	A história de como contraí HIV (17/05/2019) Visualizações: 427.2k / comentários: 3k
2	Medicamentos, adesão e cura da AIDS (17/06/2019) Visualizações: 37.2k / comentários: 304
3	Contar para família sobre ser HIV+ (19/05/2019) Visualizações: 15.8k / comentários: 109
4	Indetectável = Intransmissível (19/05/2019) Visualizações: 13.6k / Comentários:148
5	Relacionamento e convívio HIV+ (26/05/2019) Visualizações: 11.3k / Comentários: 96

Fonte: Social Blade, 2021.

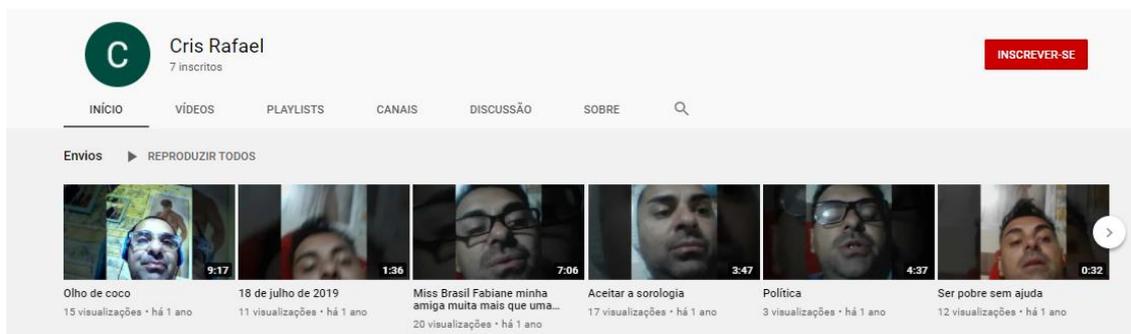
¹⁴⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CaioRegisVideos>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

34. Cris Rafael¹⁴⁵ / Rio Grande do Sul (40 anos)

Vídeos **16** / Inscritos **7** / Visualizações **871**

Tipo de canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: **03/07/2019**

Figura 43 – Capa do canal de Cris Rafael



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 31 – Vídeos mais vistos do canal de Cris Rafael

Ranking dos vídeos	
1	Descobri que sou HIV e agora (08/07/2019) Visualizações: 689 / comentários: 2
2	Início do canal (25/03/2019) Visualizações: 27 / comentários: 0
3	27 março (27/03/2019) Visualizações: 23 / comentários: 0
4	Miss Brasil Fabiane minha amiga muita mais que uma miss (13/07/2019) Visualizações: 252 / comentários: 3
5	Aceitar a sorologia (12/07/2019) Visualizações: 17 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

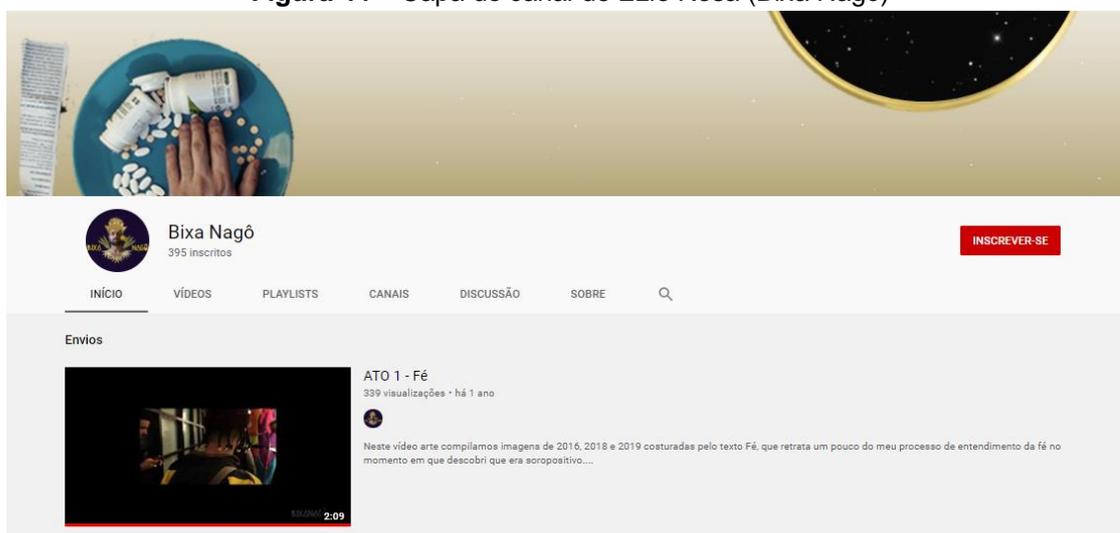
¹⁴⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCnQ27cSskMpKQvqCs3CzSDg>> . Acesso: 17 de fev. 2021.

35. Ezio Rosa – Bixa Nagô¹⁴⁶ / São Paulo (25 anos)

Vídeos 1 / Inscritos 395 / Visualizações: 339

Tipo de Canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: 04/07/2019¹⁴⁷

Figura 44 – Capa do canal de Ezio Rosa (Bixa Nagô)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 32 – Dados do vídeo do canal Bixa Nagô

Ranking dos vídeos	
1	ATO 1 - Fé (04/07/2019) Visualizações: 339 / comentários: 8

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁴⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCdkp9aQuQdnY2q-1iz5Thhw>>. Acesso: 18 de fev. 2021.

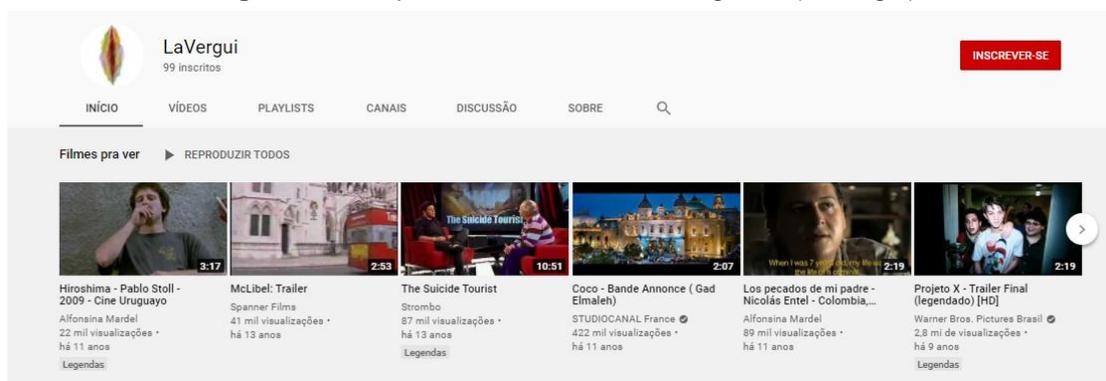
¹⁴⁷ Um segundo vídeo, produzido como documentário, foi retirado do canal na data da última checagem de dados dos canais. O relato de Ezio Rosa, que trabalha a narrativa da sorologia com atravessamentos das questões da “bicha preta, favelada e de luta” e da religião de matriz africana, como apresenta o Festival Bixa Nagô, em sua edição de 2021, no Instagram.

36. Marina Vergueiro – LaVergui¹⁴⁸ / São Paulo (36 anos)

Vídeos: **52** / Inscritos: **99** / Visualizações: **51.244**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **C** / Primeiro vídeo: **16/07/2019**

Figura 45 – Capa do canal de Marina Vergueiro (LaVergui)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 33 – Vídeos mais vistos do Canal LaVergui

Ranking dos vídeos	
1	Tulipa Ruiz + Criolo - só sei dançar com você (02/05/2011) Visualizações: 25,9 / comentários: 2
2	Como eu peguei HIV? (03/12/2019) Visualizações: 4,5k / comentários: 34
3	Versão Popular – O que tiver de ser, será 31/3/12 (02/04/2012) Visualizações: 3,6k / comentários: 3
4	Fernanda Coimbra canta Santa Chuva (12/04/2012) Visualizações: 2,8k / comentários: 5
5	Dona Edite no sarau da Cooperifa 18/05/2011 (19/05/2011) Visualizações: 1,6k / comentários: 1

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁴⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCc7XrBpATxCHGKFznpu2MLQ>>. Acesso: 22 de fev. 2021.

37. Allan Bruno Araújo¹⁴⁹ – HIVIVA / São Paulo (28 anos)

Vídeos: **21** / Inscritos: **10.2K** / Visualizações: **462.424**

Tipo: - / Total Grade: **C+** / Primeiro vídeo: **06/08/2019**

Figura 46 – Capa do canal HIVIVA, do youtuber Allan Bruno



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 34 – Dados do canal HIVIVA

Ranking dos vídeos	
1	HIV/AIDS - Como eu descobri que tenho HIV (06/08/2019) Visualizações: 170K / Comentários: 760
2	Sexo oral transmite HIV? Mitos e verdades ... (04/09/2019) Visualizações: 84.4K / Comentários: 457
3	HIV/AIDS - Inicio do tratamento, efeitos colaterais, ... (13/08/2019) Visualizações: 75.9K / Comentários: 772
4	HIV/AIDS - Quem te "passou" HIV? (27/08/2019) Visualizações: 67.1K / Comentários: 529
5	Fala que eu respondo - Carga Viral Indetectável e várias dúvidas sobre #HIV (22/10/2019) Visualizações: 22.1K / Comentários: 298

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCszQJTGLui1Je3ePNKmVy3w>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

38. Entrenós¹⁵⁰ – Caio César Xavier / São Paulo (30 anos)

Vídeos: **14** / Inscritos **120** / Visualizações: **3.205**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **01/102019**

Figura 47 – Capa do canal de Caio César Xavier (Entrenós)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 35 – Vídeos mais vistos do canal de Caio César Xavier

Ranking dos vídeos	
1	Vivendo com HIV - A Descoberta ENTRENÓS (11/11/2019) Visualizações: 1,2k / comentários: 2
2	Vivendo com HIV - As doenças oportunistas ENTRENÓS (21/11/2019) Visualizações: 641 / comentários: 2
3	Que nós estruturamos um soropositivo gay? ENTRENÓS (01/10/2019) Visualizações: 480 / comentários: 10
4	Na luta contra a AIDS, ABRACE! ENTRENÓS - Teste Social (29/11/2019) Visualizações: 252 / comentários: 3
5	O que você diria para a sua criança viada do passado? ENTRENÓS (06/10/2019) Visualizações: 178 / comentários: 1

Fonte: Social Blade, 2021.

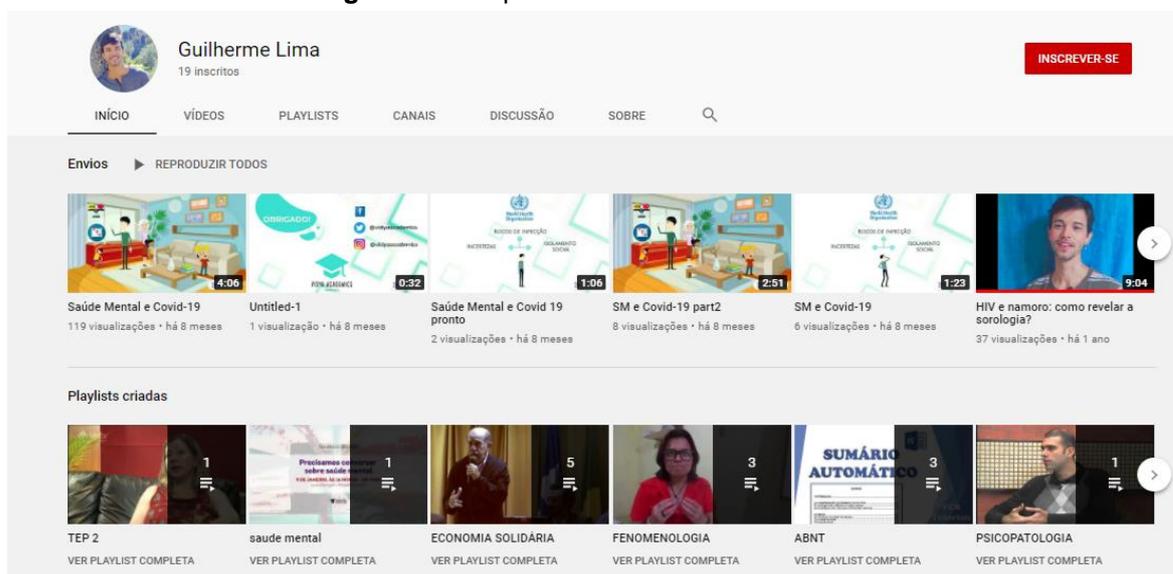
¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC_y3ZpYWSUSXeuQVPNUc-QA>. Acesso: 17 de fev. 2021.

39. **Guilherme Lima**¹⁵¹ / Rio de Janeiro (26 anos)

Vídeos: **10** / Inscritos: **19** / Visualizações: **8.684**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **01/12/2019**

Figura 48 – Capa do canal de Guilherme Lima



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 36 – Vídeos mais vistos do canal de Guilherme Lima

Ranking dos vídeos	
1	Rebola Titanic (18/08/2016) Visualizações: 8.2k / comentários: 8
2	Viver com HIV (01/12/2019) Visualizações: 225 / comentários: 0
3	Saúde Mental e Covid-19 (08/06/2020) Visualizações: 119 / comentários: 0
4	Rede de apoio para pessoas vivendo com HIV (22/12/2019) Visualizações: 49 / comentários: 1
5	HIV e namoro: como revelar a sorologia (22/12/2019) Visualizações: 37 / comentários: 1

Fonte: Social Blade, 2021.

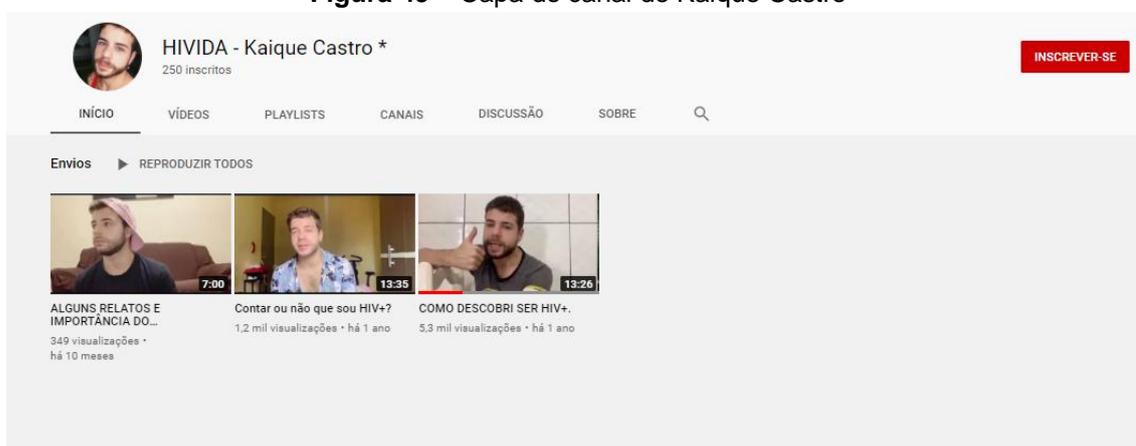
¹⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC_4EVygg2YyUZC5y2Ae6VCCQ.> Acesso: 17 de fev. 2021.

40. Kaique Castro – HIVIDA¹⁵² / São Paulo (26 anos)

Vídeos: 3 / Inscritos: 250 / Visualizações: 6.941

Tipo de canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: 05/12/2019

Figura 49 – Capa do canal de Kaique Castro



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 37 – Vídeos mais vistos do canal de Kaique Castro

Ranking dos vídeos	
1	COMO DESCOBRI SER HIV+ (05/12/2019) Visualizações: 5.3k / comentários: 47
2	Contar ou não que sou HIV+? (21/12/2019) Visualizações: 1.3k / comentários: 16
3	ALGUNS RELATOS E IMPORTÂNCIA DO PRESERVATIVO (06/05/2020) Visualizações: 349 / comentários: 4

Fonte: Social Blade, 2021.

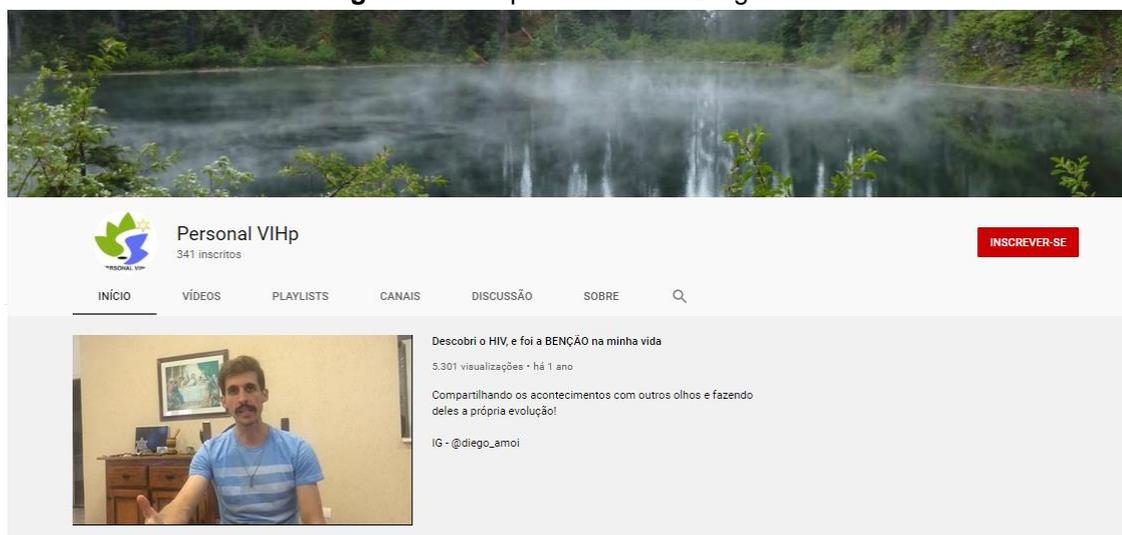
¹⁵² Disponível em: <<https://bit.ly/3scSGTu>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

41. Diego Moi – Personal VIH¹⁵³ / São Paulo (36 anos)

Vídeos: **66** / Inscritos: **341** / Visualizações: **13.019**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **16/12/2019**

Figura 50 – Capa do canal de Diego Moi



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 38 – Vídeos mais vistos do canal de Diego Moi

Ranking dos vídeos	
1. Descobri o HIV, e foi a BENÇÃO na minha vida (16/12/2019)	Visualizações: 5,3k / comentários: 114
2. Ela me passou HIV! E agora? (03/06/2020)	Visualizações: 863 / comentários: 29
3. Como se contrai o vírus HIV? (20/02/2020)	Visualizações: 354 / comentários: 5
4. CORAGEM! (26/12/2019)	Visualizações: 335 / comentários: 11
5. ROMANTIZEI O HIV !!! (04/01/2021)	Visualizações: 332 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

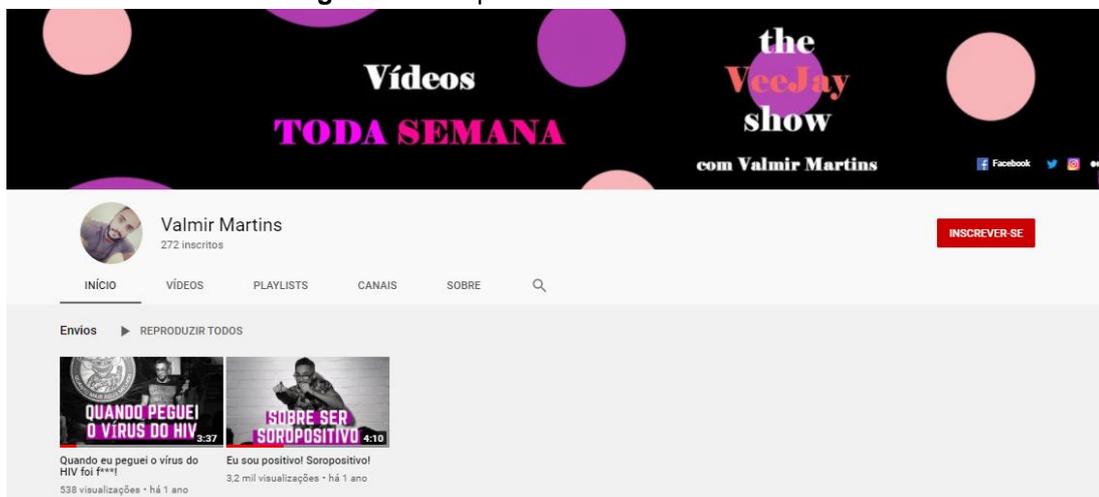
¹⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCIY2fPtOwFB3uh7OUUnV_2FA>. Acesso: 17 de fev. 2021.

42. Valmir Martins¹⁵⁴ / São Paulo (38 anos)

Vídeos: 2 / Inscritos: 272 / Visualizações: 3.783

Tipo de Canal: **Entretenimento** / Total Grade: **C** / Primeiro Vídeo: **18/01/2020**

Figura 51 – Capa do canal de Valmir Santos



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 39 – Vídeos do canal de Valmir Martins

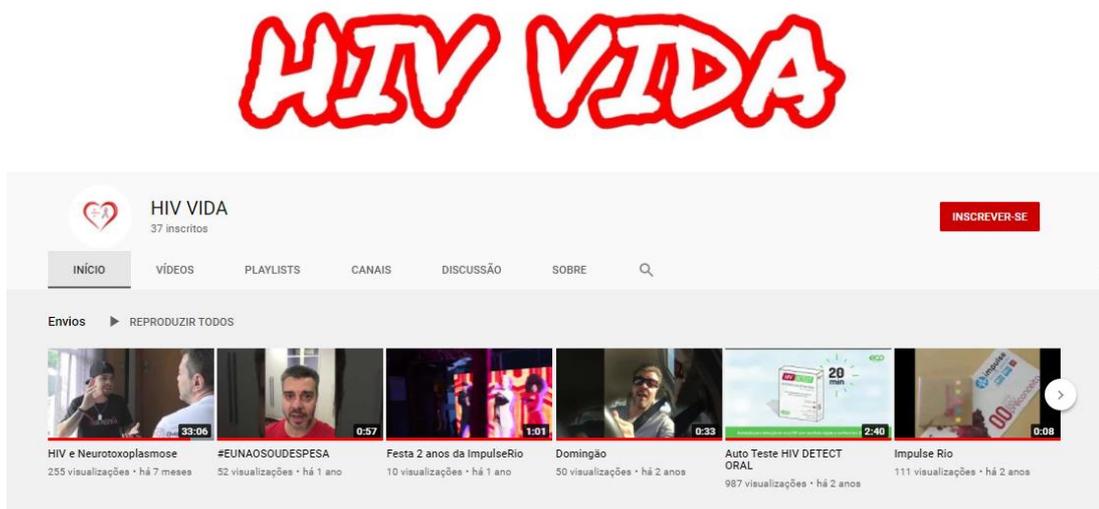
Ranking dos vídeos	
1.	Eu sou positivo! Soropositivo! (18/01/2020) Visualizações: 3,2k / comentários: 0
2.	Quando eu peguei o vírus do HIV foi f***! (28/01/2020) Visualizações: 538 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCGUgvfQvzPHviEa8ME-TJoQ>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

43. Carlos Mendes – HIV Vida¹⁵⁵ / Rio de Janeiro (49 anos)
 Vídeos: **7** / Inscritos: **37** / Visualizações: **1.486**
 Tipo de canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **06/02/2020**

Figura 52 – Capa canal de Carlos Mendes (HIV VIDA)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 40 – Vídeos mais vistos do canal de Carlos Mendes

Ranking dos vídeos	
1	Auto teste HIV DETECT ORAL (01/05/2018) Visualizações: 987 / comentários: 0
2	HIV e Neurotoxoplasmose (17/07/2020) Visualizações: 255 / comentários: 6
3	Impulse Rio (22/04/2018) Visualizações: 111 / comentários: 0
4	Domingão (22/05/2018) Visualizações: 50 / comentários: 3
5	#EUNAOSOUDESPESA (06/02/2020) Visualizações: 50 / comentários: 0

Fonte: Social Blade, 2021.

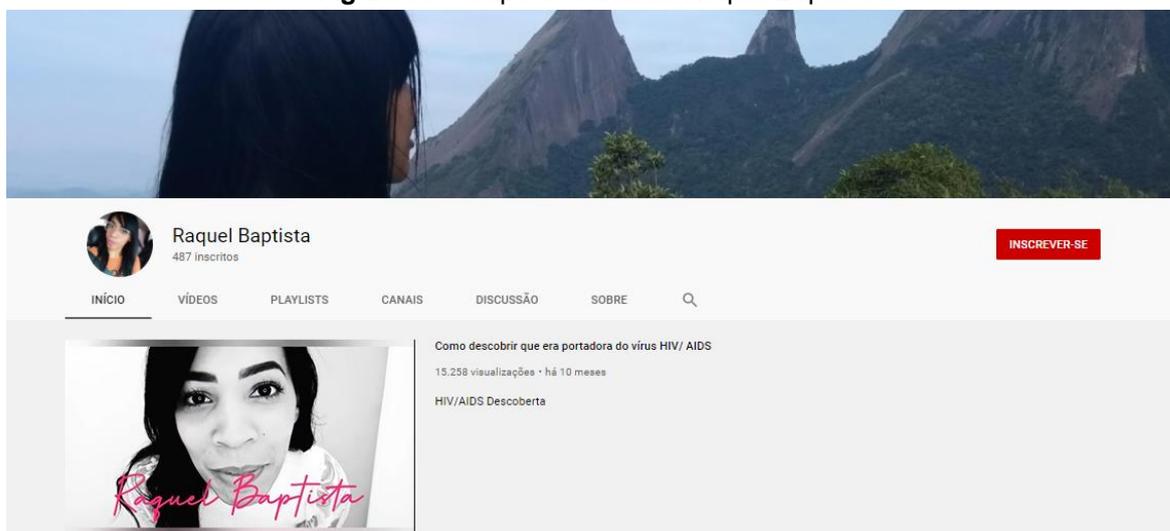
¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKVE6Op3x5JkyoHfQ_Gp4IA>. Acesso: 24 de fev. 2021.

44. Raquel Baptista¹⁵⁶ / Rio de Janeiro (30 anos)

Vídeos: **13** / Inscritos: **487** / Visualizações: **25.620**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **12/02/2020**

Figura 53 – Capa do canal de Raquel Baptista



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 41 – Dados dos vídeos mais vistos de Raquel Baptista

Ranking dos vídeos	
1	Como descobrir que era portadora do vírus HIV/ AIDS (06/04/2020) Visualizações: 15.3k / comentários: 258
2	Sou Raquel Baptista, cristã e soropositivo há 3 anos...(15/02/2020) Visualizações: 4.0k / comentários: 50
3	Curada do HIV/ AIDS? Sou cristã e sou soropositivo (12/02/2020) Visualizações: 2.3k / comentários: 46
4	Depois do diagnóstico de HIV positivo, posso trabalhar? (23/04/2020) Visualizações: 756 / comentários: 31
5	Te abandonaram após o diagnóstico? (18/08/2020) Visualizações: 575 / comentários: 28

Fonte: Social Blade, 2021.

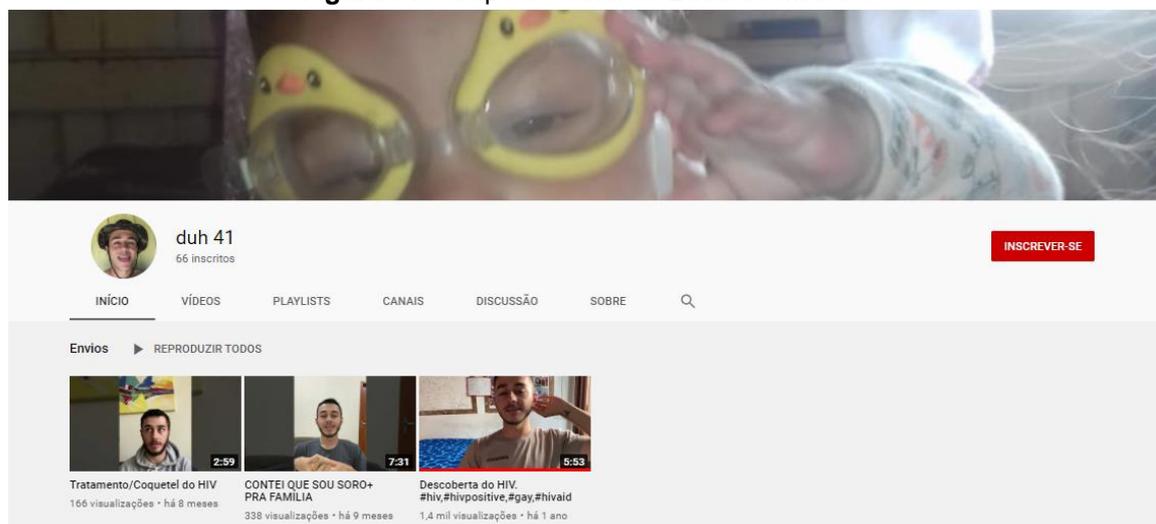
¹⁵⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCM3d6eY0oYDecRr1gaXMSdA>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

45. Eduardo Matildes – Duh41¹⁵⁷ / Santa Catarina (22 anos)

Vídeos: 3 / Inscritos: 66 / Visualizações:1.997

Tipo de Canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: 19/02/2020

Figura 54 – Capa do canal de Eduardo Matildes



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 42 – Dados dos vídeos mais vistos de Eduardo Matildes

Ranking dos vídeos	
1	Descoberta do HIV #hiv, #hivpositive, #gay,#hivaids, #prep, #lgbt, #hivpositivo (19/02/2020) Visualizações: 1,5k / comentários: 0
2	CONTEI QUE SOU SORO+ PRA FAMÍLIA (22/05/2020) Visualizações: 338 / comentários: 5
3	Tratamento/coquetel do HIV (30/06/2020) Visualizações: 166 / comentários: 4

Fonte: Social Blade, 2021.

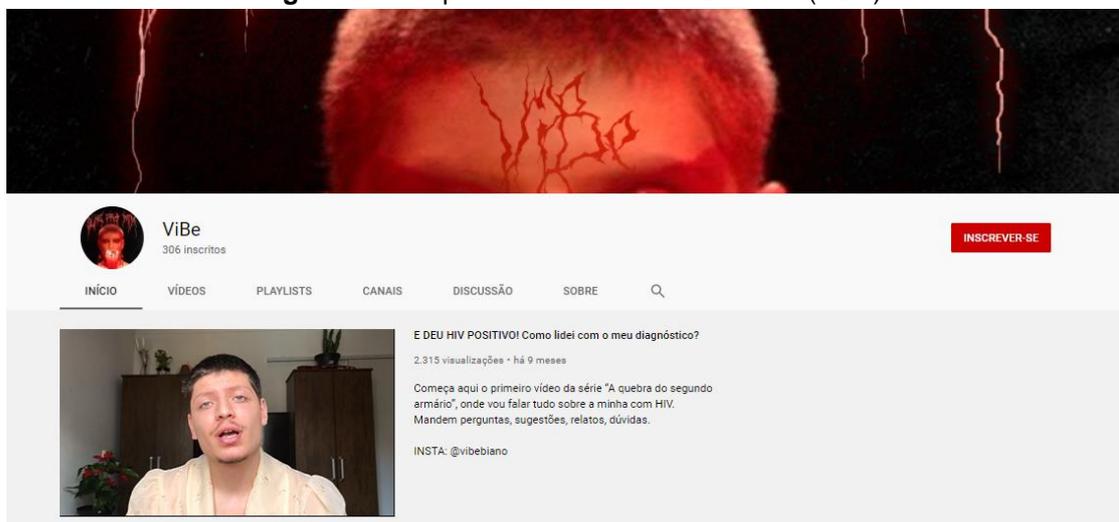
¹⁵⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCCvm65CxODK53tXcZdjo6JA>>. Acesso: 15 de fev. 2021.

46. **Victor Bebiano – ViBe¹⁵⁸ / São Paulo (23 anos)**

Vídeos: **12** / Inscritos: **306** / Visualizações: **7.210**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **13/05/2020**

Figura 55 – Capa do canal de Victor Bebiano (ViBe)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 43 – Dados dos vídeos mais vistos de Victor Bebiano

Ranking dos vídeos	
1	E DEU HIV POSITIVO! Como lidei com o meu diagnóstico? (13/05/2020) Visualizações: 2.3k / comentários: 30
2	ViBe - OLHE PRA MIM (Official Music Video) (01/12/2020) Visualizações: 1.5k / comentários: 61
3	INSCRIÇÃO - CORRIDA DAS BLOGUEIRAS 2ª TEMPORADA Ivy Beesha (09/09/2019) Visualizações: 985 / comentários: 31
4	IVY - CLOSEREA Feat. Dow Jones (Videoclipe oficial) (20/10/2018) Visualizações: 663 / comentários: 7
5	MEU TRATAMENTO CONTRA HIV/AIDS – como funciona? (19/05/2020) Visualizações: 508 / comentários: 8

Fonte: Social Blade, 2021.

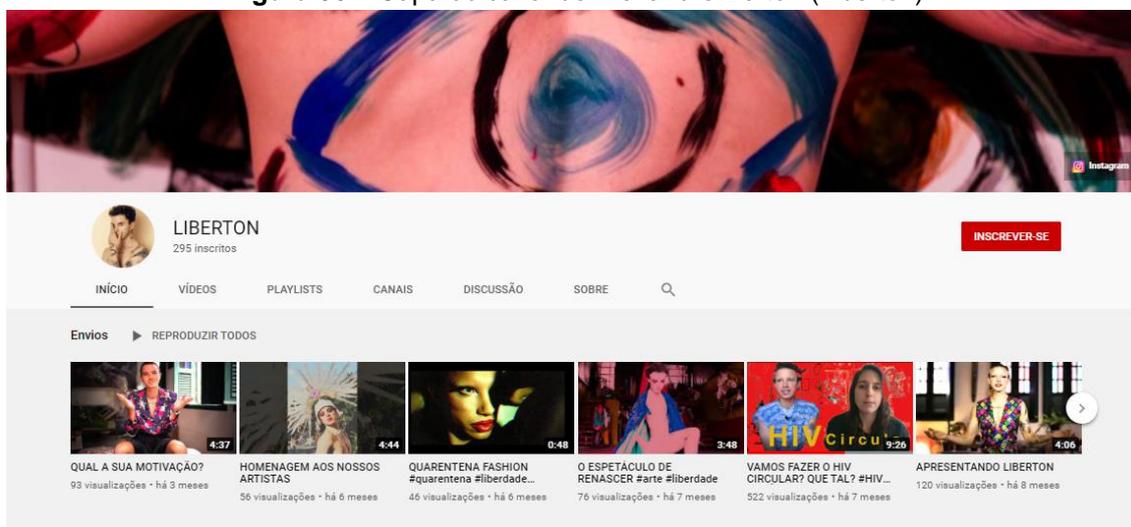
¹⁵⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCwMCvqIKuP6vDCrLdy7rtjQ>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

47. Liberton¹⁵⁹ – Alexandre Berton (28 anos/São Paulo)

Vídeos: 11 / Inscritos: 295 / Visualizações: 9.732

Tipo de canal: - / Total Grade: TBD / Primeiro vídeo: 01/06/2020

Figura 56 – Capa do canal de Alexandre Berton (Liberton)



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 44 – Dados dos vídeos mais vistos de Alexandre Berton

Ranking dos vídeos	
1	COMO DESCOBRI SER HIV+ (meu depoimento parte 1) #HIV #VIVENDOCOMHIV #AIDS #QUEBRANDOTABU (08/06/2020) Visualizações: 5.0k / comentários: 38
2	DEU POSITIVO, E AGORA!? (meu depoimento parte 2) #VIVENDOCOMHIV #HIVPOSITIVO #SAUDE #LIBERDADE (15/06/2020) Visualizações: 2.4k / comentários: 24
3	PRECISAMOS FALAR SOBRE HIV #AIDS #LIBERDADE #VIVENDOCOMHIV #HIV (01/06/2020) Visualizações: 1,2k / comentários: 67
4	VAMOS FAZER O HIV CIRCULAR? QUE TAL? #HIV #SAÚDE #LIBERDADE #AIDS #SUS (25/06/2020) Visualizações: 518 / comentários: 12
5	Estréia um novo canal de informação, conscientização (26/05/2020) Visualizações: 196 / comentários: 15

Fonte: Social Blade, 2021.

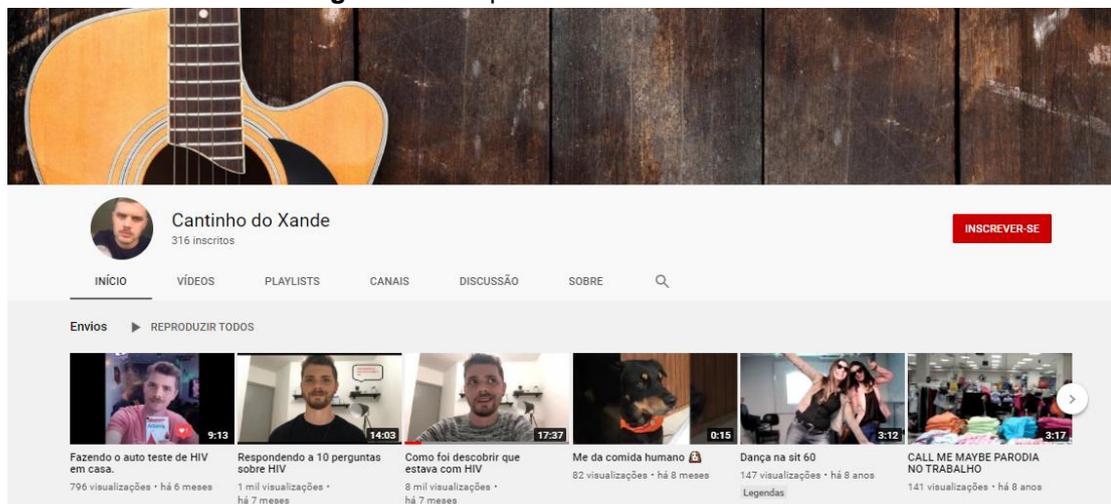
¹⁵⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCoNQoWoIBGIA78KwWyzFVrw>>. Acesso: 23 de fev. 2021.

48. **Michael Alexandre - Cantinho do Xande**¹⁶⁰ (Santa Catarina / 27 anos)

Vídeos: **14** / Inscritos: **316** / Visualizações: **16.042**

Tipo de Canal: - / Total Grade: **TBD** / Primeiro vídeo: **27/06/2020**

Figura 57 – Capa canal Cantinho do Xande



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 45 – Dados dos vídeos mais vistos de Michael Alexandre

Ranking dos vídeos	
1	Como foi descobrir que estava com HIV (27/06/2020) Visualizações: 8.1k / comentários: 169
2	Mamonas Assassinas – Dança É o Tchan (20/08/2010) Visualizações: 2.3k / comentários: 0
3	Mamonas Assassinas – Entrada (20/08/2010) Visualizações: 1.7k / comentários: 1
4	Trabalho de Português – Arcadismo.wmv (01/12/2009) Visualizações: 1.1k / comentários: 0
5	Respondendo a 10 perguntas sobre HIV (12/07/2020) Visualizações: 1.0k / comentários: 13

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁶⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/kinho933/featured>>. Acesso: 18 de fev. 2021.

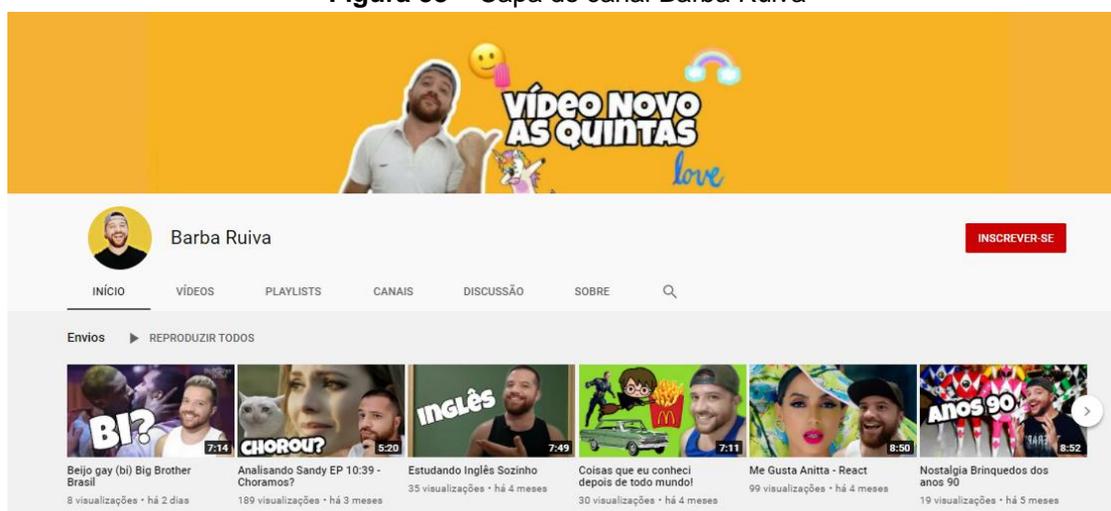
49. Barba Ruiva¹⁶¹ (Santa Catarina / 32 anos)

Primeiro vídeo: 27 de ago. de 2020*

Vídeos: 79 / Inscritos **186** Visualizações: **57.743** Total Grade: **C+**

Tipo de Canal: -

Figura 58 – Capa do canal Barba Ruiva



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 46 – Dados dos vídeos mais vistos de Barba Ruiva

Ranking dos vídeos	
1	Como é morar em Florianópolis (08/08/2019) Visualizações: 25.1k / comentários: 187
2	Barba ruiva? E quando só a barba é ruiva a pessoa pode ser chamada de Ruiva? (01/02/2019) Visualizações: 9.2k / comentários: 40
3	Tinder gay! Fiquei com homens no tinder??? (25/01/2019) Visualizações: 2.0k / comentários: 6
4	Os melhores lugares (países) do mundo para LGBTQ visitarem (28/09/2019) Visualizações: 2.0k / comentários: 38
5	Mariah Carey All I Want for Christmas is you - React Análise Brazil (21/12/2019) Visualizações: 1.8k / comentários: 45

Fonte: Social Blade, 2021.

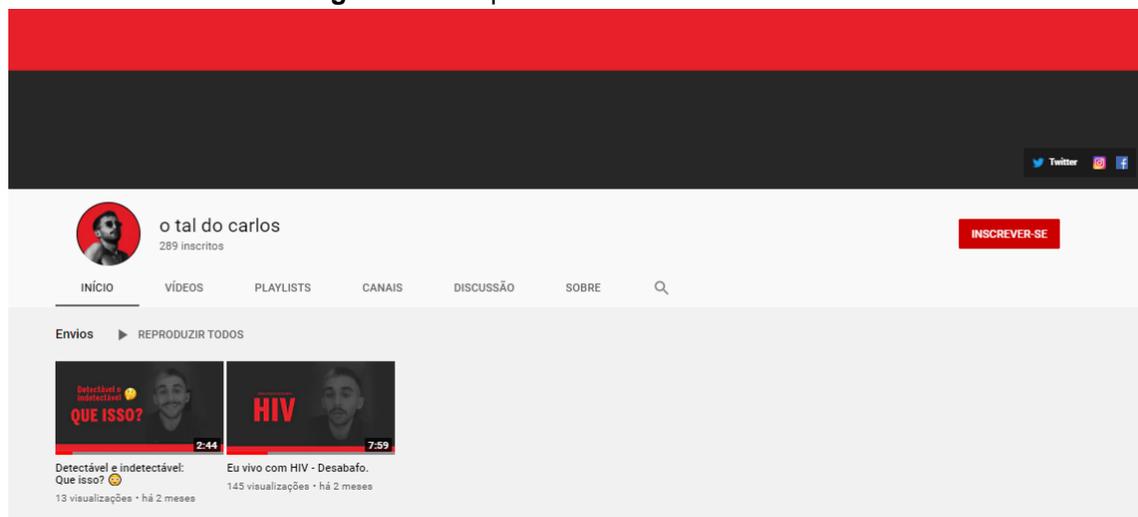
¹⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cxLksVXX_zY>. Acesso: 17 de fev. 2021. O canal conta com apenas um vídeo sobre viver com HIV, na última checagem, em fevereiro de 2021. O influenciador informou que retiraria *Minha História com o HIV* do YouTube por considerar o conteúdo fora do contexto do seu “vlog dedicado a cultura Lgbtq+, experiências pessoais, estilo de vida, pop, clima, geografia e tudo mais do que eu quiser falar”.

50. Carlos Roberto - O tal do Carlos¹⁶² (Rio Grande do Sul / 22 anos)

Vídeos: **2** / Inscritos: **289** / Visualizações :

Tipo de Canal: **People** / Total Grade: **C** / Primeiro vídeo: **03/12/2020**

Figura 59 – Capa do canal de Carlos Roberto



Fonte: YouTube, 2021.

Quadro 47 - Vídeos do canal de Carlos Roberto por ordem de visualizações

Ranking dos vídeos	
1.	Eu vivo com HIV – Desabafo (03/12/2020) Visualizações: 141 / comentários: 0
2.	Detectável e indetectável: Que isso? (04/12/2020) Visualizações: 12 / comentários: 1

Fonte: Social Blade, 2021.

¹⁶² Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCiMfrXq4T0ADrO5KBBka5Jg>>. Acesso: 17 de fev. 2021.

5 O EU INDIVIDUAL E O TRAÇO COLETIVO NOS RELATOS

As narrativas biográficas no YouTube apresentam uma articulação indissociável entre o eu e o nós, por portar um movimento dialógico que abarca contradições sem separar o mundo público do particular, do privado (ARFUCH, 2010). Para lermos o fenômeno dos relatos nas redes sociais, partimos da contribuição de Leonor Arfuch, que se apoia no percurso teórico de Mikhail Bakhtin e Norbert Elias. Os autores são "ambos inscritos no tronco da tradição filosófica alemã, reconhecendo a influência comum pela filosofia de Martín Buber¹⁶³ (ARFUCH, idem, p.92). Isso significa que é na interação que se apreendem os traços constitutivos do eu, porque seria nela que se consegue avistar

o eu verdadeiro, o mais íntimo e pessoal, aquele que expressa pensamentos, convicções, reações afetivas, traços de caráter, [*é nela que se verifica se esse eu*] se conformará não mais no abismo que a sociedade viria avassalar, mas justamente nessa trama de relações sociais da qual emerge e na qual se inscreve (idem, p.93, grifo nosso).

O dialogismo, princípio constitutivo da linguagem, para Bakhtin, se dá sempre entre discursos, que, do ponto de vista da unidade serão reiterativos, acordantes. Ou, do ponto de vista da diversidade, serão desacordantes ou polêmicos. É o que nos explica Fiorin (2008a) em sua vasta leitura acerca da obra bakhtiniana, explicitando que mesmo nos monólogos, as opiniões da sociedade estão “em presença” no enunciado individual. Para o linguista e semiótico, “todo enunciado, além de um destinatário imediato, que é percebido com maior ou menor consciência, dirige-se a um superdestinatário, cuja a compreensão responsiva, idealmente correta, é determinante em sua produção”, (FIORIN, idem, p. 177). Esse superdestinatário muda de época para época, ainda explica o autor, pautando-se nos estudos de Bakhtin, sobretudo em *Estética da criação verbal* (1997). A concepção não constrói um conceito de “sujeito como absolutamente assujeitado, o que seria a própria negação da heteroglossia e do dialogismo” (FIORIN, 2008a, p.177). Decorre dessa concepção, portanto, que é preciso pensar no sujeito social e no sujeito singular, ao mesmo tempo construído pelo seu contexto e construtor dele. Do ponto de vista de quem lê, esse

¹⁶³ Buber é autor de dois trabalhos fundamentais que tratam da existência intersubjetiva: *Do diálogo e do dialógico* (1982), e o clássico *Eu e Tu* (1978). A sua filosofia do diálogo “exige a intersubjetividade como fato antropológico fundamental” (MARTINS, 2010, p.29). Disponível em: <<https://bit.ly/3c2Nzjh>>. Acesso em 24 de jan. 2021.

movimento também se aplica, visto que um eu determinado que enuncia, e que é concomitantemente determinado de um espaço e tempo: em tal movimento, portanto, podem ser apreendidos o eu individual, figurativizado num determinado ator, e o eu coletivo, que carrega as marcas de seu contexto (ideológicas, políticas, econômicas, culturais etc.), que o sobredetermina por meio das coerções sociais. Assim,

(...) compreender é participar de um diálogo com o texto, mas também com seu destinatário, uma vez que a compreensão não se dá sem que entremos numa situação de comunicação, e ainda com outros textos sobre a mesma questão. A leitura de uma obra é social, mas também individual. (...) a compreensão não surge da sua subjetividade. Ela é tributária de outras compreensões. (FIORIN, 2008b, p. 6)

Quando Arfuch (2010) defende que existe a necessidade de olhar para o projeto político, "uma acentuação qualitativa da democracia", que vai além "do caso singular e da *pequena história*" (p. 100, grifo da autora), não é possível abandonar o aspecto da utopia bakhtiniana de "resistência a qualquer processo centrípeto, centralizador" (FARACO, 2003, p.72 apud FIORIN, 2008a, p.177). Para ler, interpretar ou compreender em contexto, sem deixar de lado o fio histórico, como propomos, a partir de *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (ARFUCH, 2010), o papel da literatura especializada e dos grupos envolvidos nas primeiras produções de significado sobre o HIV/aids foram retomados. Desta maneira, entender e situar os youtubers que revelam a sorologia positiva em seus canais a partir de um outro contexto, sob novas camadas semânticas (ALÓS, 2019) e um outro tipo de tratamento, que propicia uma narrativa sobre cuidado de si na perspectiva de condição crônica do HIV. Fala-se, nos canais analisados em viver com HIV, e a apresentação do cotidiano saudável desses youtubers, possibilitado pela adesão à Terapia Antirretroviral adotada no Brasil, que, atualmente, se dá com a adoção de dois comprimidos diários, contendo três medicamentos. Esse enunciado dos youtubers situa-se em um outro tipo de articulação discursiva e política do vírus e da doença, distante no tempo e no discurso dos anos 1980, mas guardando interações, interdiscurso e intertexto. Essas vozes anteriores [e mesmo o interdiscurso que está por vir] são apreendidas e discretizadas nos enunciados dos youtubers. Tal perspectiva se baseia no fato de que "o enunciado está relacionado não só aos que o precedem. Mas também aos que o sucedem na cadeia da comunicação verbal" (FIORIN, 2008a, p. 178). Entendemos, com isso, que as teias discursivas sobre o HIV/aids, e sobre as pessoas vivendo com o vírus, ainda que o acento pronunciado

esteja, por um momento, na narrativa autobiográfica - mobilizam a interdiscursividade e a intertextualidade na produção das narrativas em questão. Essa atenção aos princípios dialógicos, em Bakhtin (2002), corrobora para a análise do espaço autobiográfico de Arfuch (2010), pois ambos afirmam que os enunciados dos influenciadores, em seus canais, evidenciam

(...) identificações, identidades (políticas, étnicas, culturais, religiosas, genéricas, sexuais etc.) novos modelos de vida possíveis, cuja a manifestação à luz do público, supõe a pugna e o conflito, assim como uma revalorização de uma ideia mesma de “minoria”. Não necessariamente na chave do “menor” em número ou importância, mas precisamente, no sentido de Deleuze, como diferenciação da norma - ou da “normalidade”, sempre majoritária, ou da hegemonia - que é desse modo desafiada. (ARFUCH, 2010, p. 100–101)

O conceito de “hegemonia” adotado, aqui, por Arfuch, é decorrente dos estudos e pesquisas de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, que observam a predominância “como uma articulação contingente pela qual um conteúdo ‘particular’ passa a ser investido como ‘universal’, aparecendo assim como o nome de uma plenitude ausente, que é na verdade irredutível à autorrepresentação” (p.101). Há, obviamente, de acordo com a autora,

Nessas relações, embates, e nele, “nenhuma ‘nova’ posição de enunciado advém de graça no espaço discursivo social -, o desafio é, justamente, achar uma voz autobiográfica *em seus acentos coletivos* – que possa dar sentido a um mito de origem, a uma genealogia, a um devir – e defender, portanto, alguma condição de existência (p.101, grifo da autora)

Esse amparo do instrumental teórico que emprega os conceitos de interdiscursividade, dialogismo, o relato autobiográfico, a construção do eu individual e coletivo, além do conceito de *ethos* e *pathos* na Retórica Clássica [para uma categorização dos canais] e na interpretação de Dominique Maingueneau (2008; 20015), de José Luiz Fiorin (2008c) nos permitiu ler os vídeos selecionados. Os dois últimos autores trouxeram a análise francesa de discurso e da semiótica para analisar os relatos dos youtubers da forma como se apresentam no YouTube. Assim, conseguimos identificar as peculiaridades, a característica individual de cada comunicador para, a partir do seu *ethos*, perceber como cada um aborda o HIV/aids com produções de sentido ao relatar a sorologia para o vírus nos vídeos. As contribuições de Bruno (2013), Sacramento (2015, 2018), Illouz (2003) e Sibilia (2008) a respeito da ética do espetáculo e da perspectiva neoliberal no cuidado e no cálculo

de riscos, completou o nosso aparato conceitual para ler os relatos de quem vive com HIV a partir dos três canais. Em suas experiências pessoais, notamos a construção de sentido ampliada olhando para grupos e atores pioneiros, quando a aids era ainda doença que representava uma sentença de morte. Recuperaremos esse período anterior na primeira parte da Dissertação, por que ela, de algum modo, “moldou” o eu coletivo e o eu individual, que precisa se “liberar” das amarras de fake news ou informações errôneas que conduzem o eu coletivo a determinados comportamentos como a exclusão, segregação.

Para pensar em termos mais adequados, ou condizentes sobre o HIV, que compreendem questões epidemiológicas, observamos em textos científicos recentes da literatura especializada (DANCY-SCOTT, 2018) e também apreendidos na plataforma do YouTube, a exemplo do vídeo “HIV/AIDS - A importância do uso da terminologia correta + dicas de terminologia”, produzido e protagonizado por Léo Cezimbra, que trata justamente sobre os modos de se referir ao vírus e à sorologia positiva¹⁶⁴. O exemplo do youtuber citado é, inclusive, uma demonstração da relação eu, do enunciador, e do tu, a quem se dirige, o enunciatário, papéis discursivos que serão mais bem explicitados adiante, nas discussões sobre os elementos que constituem a cena enunciativa, que engloba, portanto, os partícipes da comunicação e as temáticas que a ancoram por meio do dialogismo (seja face a face, mas também nas relações entre discursos), como defende Bakhtin (2002), quando diz que “a vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas” (2002, p. 96). Sendo que tal “pluralidade” é possível de ser apreendida nos enunciados realizados, como projetamos em nossas análises.

O dialogismo nos permite observar como os discursos anteriores aos apresentados nos vídeos analisados ainda se mostram, mas há que se notar que, agora, a construção narrativa das pessoas que vivem com HIV é feita em outro momento histórico – e isso significa dizer que a produção de sentido do eu coletivo mudou – e possibilitou também a mudança do discurso do eu individual, e vice-versa. Por motivos diversos, o discurso do eu individual foi alterado a ponto de transformar também o do eu coletivo, ambos localizados temporal e espacialmente, em contextos

¹⁶⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/391rekb>>. Acesso em 22 de fev. 2021.

diferentes, com tecnologias da medicação e da comunicação também distintas. Não nos referimos apenas à tecnologia biomédica, mas, para o nosso entendimento, destacam-se, como afirmamos, os fenômenos midiáticos surgidos com mais força na primeira década do século XXI.

As mudanças aportadas aos seres humanos com os novos aparatos ressignificaram os meios e sentidos de interação, outrora diferentes, como, por exemplo, explicita Lévy (1999):

No regime clássico da escrita, o leitor encontrava-se condenado a reatualizar o contexto a um alto custo, ou então reabastecê-lo a serviço das igrejas, instituições ou escolas, empenhadas em ressuscitar e fechar o sentido. Ora, hoje, tecnicamente, da iminente colocação em rede das máquinas de todas as máquinas do planeta, quase não há mais mensagem “fora de contexto”, separadas de uma comunidade ativa. Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas em um banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas do qual o ciberespaço surge, progressivamente, como o coração. (p.118)

O prognóstico otimista de Pierre Lévy, no final dos anos 1990, pode ser indicativo das críticas ao filósofo, atualmente. “Entretanto, há de se considerar que a web [*sobretudo em sua versão 2.0, quando os usuários participam de maneira mais dinâmica da produção pelos internautas*] permitiu uma inovação jamais concedida por outro meio de comunicação: nela, os indivíduos possuem o diferenciado poder de publicar conteúdos” (MOTTA, BITTENCOURT, VIANA, 2014, p.2, grifo nosso). Existe essa posição, isto é, a de “publicar conteúdos”, que se destaca no exercício narrativo das redes sociais, mas isso não significa dizer que a formação do relato pessoal surgiu com a internet. Ela foi progressiva, como nos lembram Paula Sibilia (2008) e Fernanda Bruno (2013). As redes sociais expandiram os usos e as formas de relatos pessoais, inclusive possibilitando a produção de novos gêneros por meio dos quais também se apreendem formas de relato – que adiante serão mostradas como a “confissão” e “testemunho” operam na sociedade contemporânea. Mas é necessário pontuar que o espetáculo da vida moderna, no final do século XIX, já tinha as ruas das grandes metrópoles europeias como cenários que aparecem nas pinturas do período (SIBILIA, 2008). “As primeiras euforias do consumo, da publicidade, dos meios de comunicação já estavam ali presentes, bem como a proliferação de imagens e a promoção de uma felicidade eminentemente visível”, (SIBILIA, 2008, p.267). Tudo se instalando, como observa a autora, “ruidosamente tanto nos imaginários como nas realidades daqueles sujeitos modernos que habitaram o século XIX” (ibidem). É preciso diferenciar a

espetacularização da vida cotidiana que acontece nas mídias digitais, como o YouTube, enfatiza a pesquisadora.

Os fenômenos de exibição da intimidade que são tão habituais entre nós não teriam sido possíveis – ou sequer imagináveis – naquele quadro já bastante longínquo. Pois a despeito de todas as vertigens e turbulências daqueles velhos tempos modernos, que logo iriam desembocar na situação atual, naqueles cenários ainda imperavam rígidas separações entre os dois âmbitos em que transcorria a existência: o espaço público e a esfera privada. (p.268)

As diferenças sobre o relato feito, atualmente, e aqueles indícios que já se desenhavam na modernidade, não cessam pelo exemplo do íntimo tornado público nas mídias sociais. A autora recorre à obra *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord (1997), que apesar do seu aspecto visionário, deixa ver que o nosso presente foi “além das tendências tão argutamente vislumbradas nos anos 1960” (ibidem). Para exemplificar, cita o próprio escritor e cineasta, que após sua morte, nos anos 1990, teve a obra relançada em formato luxuoso com farto material biográfico, uma oposição a sua postura de aversão ao espetáculo midiático. Surgiu “(...) a sutil fabricação do personagem Guy Debord como uma mercadoria espetacularizada” (p.269). A vida privada apresentando-se no aspecto mercadológico. Essa questão da lógica neoliberal no relato de si será retomada na parte de análise.

É importante dizer que há uma nova apresentação do espaço íntimo nas redes. Tisseron (2001) vai tratar como “extimidade” e Sibilia (2008) utiliza o termo “diários éxtimos” para explicar o desejo de o sujeito comunicar o seu mundo interior ao outro, sem muitas reservas, como fazemos hoje, para um público muito maior, como o que nos proporcionou o advento das mídias sociais. A revista *Time* elegeu, em 2006, a personalidade do ano: “você”. Paula Sibilia questiona “quais foram os motivos dessa curiosa escolha? Acontece que *eu, você, todos nós*, estamos transformando a era da informação”, (p. 8, grifos da autora). “Nós e não eles, a grande mídia tradicional, tal como eles próprios [os veículos da grande mídia] se ocupam de sublinhar”, (idem, p.9). Os grupos midiáticos sempre trabalharam no sentido do lucro, e essa convocação para que todos atuemos em rede, transmitindo nossa mensagem, traz o aspecto mercadológico do YouTube. O relato íntimo é percebido por Sibilia (2008) já na formação do projeto narrativo de *Broadcast Yourself!* (“Transmita-se!”), como proposta original da plataforma de compartilhamentos de vídeos. A autora nos lembra

que “as subjetividades podem se tornar mais um tipo de mercadoria; um produto dos mais requeridos, como marcas, que é preciso colocar em circulação, comprar e vender, descartar e recriar, seguindo os voláteis ritmos das modas”, (p.275).

No canal *Super Indetectável*, que está entre os analisados, a partir de 2020, surge a alternativa de inscrição para uma área exclusiva na categoria de “membros”¹⁶⁵, que seria para consumidores e internautas que apoiam a produção e que teriam acesso diferenciado ou restrito a determinadas *lives*, recurso potencializado nas mídias digitais, sobretudo *YouTube*, no período de distanciamento social, em decorrência das restrições sanitárias para conter as infecções pelo novo coronavírus, já no primeiro semestre de 2020. Essa adesão a um “clube”, a um conteúdo restrito, nos lembra que, além de relato pessoal, também existe um intenso trabalho de pesquisa e interação entre esses youtubers, instituições e profissionais que lidam com o HIV. Um processo de educação sobre o vírus, sobre a condição estigmatizada que se relaciona com esse vírus, que a maioria da audiência não tem conhecimento.

A apresentação de cada um de nós como mercadoria nas mídias digitais, com a narrativa e a produção audiovisual voltada para um *target* ou nicho nos canais do YouTube (não somente em relação ao discurso do HIV) nos coloca em contato com o conceito bakhtiniano de estilo, de tom, de uma forma pessoal de dizer, de uma voz para um determinado público. Na concepção de Discini (2016), essa voz não diz respeito “a um som laríngeo; é modo de pensar, é ponto de vista, o que encerra um modo de sentir e de interpretar as coisas do mundo” (p. 16). Essa é uma característica que está no texto, permitindo que cada um, sujeito ou enunciador, produza sua textualização com recursos de signos variados nos canais que analisamos. Enquanto o “(...) discurso não é único e irrepitível. Na medida, em que é determinado por formações ideológicas, o discurso cita outros discursos”, (FIORIN, 1995, p. 41), o texto parece se pautar nessa liberdade discursiva: parece que o sujeito faz, quando ele, de fato, é feito, porque segue as coerções sociais apreendidas como traços de sua identidade, que, por sua vez, se revela como orientações ideológicas. No discurso, o “enunciador é suporte da ideologia. (...) Seu dizer é a reprodução inconsciente do seu grupo social” (idem, p. 42). Essa diferenciação é feita, por Fiorin (2008a) pela dificuldade de distinção entre texto, discurso e enunciado na produção de Bakhtin.

¹⁶⁵ A alternativa de ser um membro apoiador faz parte da proposta de alguns canais do YouTube, não apenas o Super Indetectável, ou outros espaços relacionados à temática HIV/aids.

Situar, para nós, discurso e texto é essencial para entender a “trapaça discursiva”, expressão de Edward Lopes (1978) usada por Fiorin, para mostrar que a individualidade textual é “objetivada, uma vez que é formada por operações modelizantes de aprendizagem, que incluem a formação linguística, retórica e de procedimentos de forma de elocução” (ibidem).

Visto pela semântica discursiva, esse sujeito “concebido como responsável por sua própria voz, é correspondente a um posicionamento no mundo” (DISCINI, 2016, p. 26). A autora “articula o conceito de *ethos* com o de estilo na perspectiva da semiótica discursiva” (GONÇALVES, 2015, p. 67). Esta articulação entre o conjunto de características e de conteúdos que formam o *ethos* será fundamental para o exercício analítico dos canais dos três youtubers. Nossa análise está vinculada aos trabalhos de Fiorin (1995, 2008a, 2008b, 2008c) e Maingueneau (2008, 2015), como já dito, mas é basilar o entendimento de Discini (2016) sobre o elo entre o eu e o outro no percurso discursivo:

Apresentado como *éthos*, esse sujeito é firmado conforme determinado preenchimento semântico e tensivo da categoria sintática de *pessoa*, o *eu* logicamente pressuposto aos enunciados. Tal preenchimento é imanente e transcendente. Considerado no interior dos textos, implica o exame feito do plano do conteúdo cotejado na relação com o plano da expressão – é imanente. Considerado em função de determinado lugar ocupado pelo sujeito entre os elos que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* é transcendente, seja o *outro* um enunciado, seja o *outro* o mundo das práticas sociais, ordenadas pela linguagem. A imanência transcendente configura-se na definição de estilos. Como uma das decorrências do trânsito entre o interior e o exterior vem à tona o estilo de gênero, de autor, de época. (pp. 26-27, grifos da autora)

Após os dois anos de observação do YouTube, percebemos o quanto a tecnologia, na própria plataforma, nos mostra um jeito de falar, de como falar, apoiando-se em seu modelo, a sua estrutura: quer dizer, esse modo de comunicar é modelar, porque pautado nas coerções genéricas, mas também o é do ponto de vista de uma modelização/modalização do sujeito enunciator – narrador, relatante, confessor, memorialista dentre outros termos possíveis de quem assume o papel temático – daquele que encarrega-se do discurso, daquele que “diz”. Do ponto de vista do conteúdo dito, aparentemente esse sujeito tem a ilusória liberdade de dizer o que diz e como diz, mas ele está de fato seguindo as normatizações de seu tempo/espaço, e da conjectura de discursos acordantes e polêmicos em relação ao que se diz é que se apreendem os traços ideológicos do sujeito, que, portanto, se manifestam no seu

próprio *ethos*. Interessa-nos, ainda, para acompanhar e reconhecer os significados desses sujeitos, a questão da multimodalidade, que “é levada ao paroxismo com a web” (MAINGUENEAU, 2015, p. 161). A comunicação verbal, como o texto dos youtubers, é “um todo expressivo que associa gestos e signos linguísticos, o que incita os pesquisadores a proporem modelos de produção da linguagem em que cognição verbal e cognição espacial trabalhem juntas” (idem, p. 160). O que é um problema, aponta o autor, para saber como se dão as relações entre esses dois modos.

A gestualidade não se contenta em ilustrar o que a fala diz: cada uma delas mantém relações de complementaridade com a outra, em função do tipo de atividade verbal exercida (descrição, explicação, narração...) e da atitude do locutor em relação a sua própria enunciação e à do outro. (ibidem).

Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (1997) já antecipa a questão do aspecto textual além do verbal, embora não tenha empregado termos como “multimodal”, “multimodalidade”, usados por Maingueneau, mas entende o texto como “conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 1992, p. 329 apud FIORIN, 2008a, p. 178), afirmando não ser o texto “uma entidade exclusivamente verbal” (p.178). Partindo de um conceito bastante simples, pode-se considerar o texto como a manifestação de um discurso. Assim, o texto seria a expressão de um conteúdo, o discurso – e aqui, se discretiza o signo linguístico entre significante e o significado. Nessa lógica, o significante é a expressão, o texto. E o significado, o conteúdo, o discurso. Tal orientação conceitual corrobora o fato de que os discursos são ancorados em textos, que são construídos por diferentes linguagens: um texto verbal pode ser oral ou escrito e se realiza pela colocação de uma língua em uso. Um texto não-verbal, visual, por exemplo, requer uma “escrita” pautada nas especificidades de sua linguagem ou, como no caso de nossa análise, também na linguagem audiovisual. Um texto sincrético conjuga mais de uma expressão, mais de um significante: a verbal e a visual, por exemplo – ou a audiovisual, como nos vídeos que integram o *corpus* desta Dissertação.

O texto audiovisual dos youtubers será analisado tanto pelo discurso proferido verbalmente, mas, na medida do possível, será retomada também a manifestação de seu conjunto languageiro (entonação, gestualidade, expressões faciais, paleta de cores no cenário, enquadramento de câmera etc), cujos traços aportam ao sujeito que “fala” um estilo. Ainda sobre essa questão da linguagem, Fiorin a explica como um “conjunto de procedimentos de acabamento de um enunciado” e que, portanto,

(...) são os recursos empregados para elaborá-lo, que resultam de uma seleção dos recursos lingüísticos à disposição do enunciador. Isso

significa que o estilo é o conjunto de traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, enunciativos, discursivos, etc., que definem a especificidade de um enunciado e, por isso, criam um efeito de sentido de individualidade. Esses traços podem ser desde o uso abundante de aliterações e assonâncias do simbolismo até a figurativização bucólica e pastoril do arcadismo. O estilo é o conjunto de particularidades discursivas e textuais que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade. (FIORIN, 2008b, p.46).

Embora o autor esteja se referindo à apreensão do estilo por meio do texto verbal, pelos enunciados verbais proferidos pelo sujeito, entendemos que o mesmo pode ser extensivo a outras linguagens, como podemos apreender o estilo de um pintor, devido à recorrência de seus traços, usos de cores, perspectivas, formas etc. Ou como podemos apreender o estilo “de moda” de alguma pessoa, pela reiteração de usos particulares de cores, formas, materiais, acessórios e assim por diante. O mesmo aconteceria se decidirmos observar o estilo de um apresentador de auditório ou de um jornalista – que extrapola o dito pelo verbal e requer uma análise do cenário, dos participantes, dos coadjuvantes do espetáculo, dos patrocinadores, das músicas tocadas etc. Ou seja, como defende Fiorin, repetimos: “O estilo é o conjunto de particularidades discursivas e textuais que cria uma imagem do autor”.

Do ponto de vista do conteúdo, o acento autobiográfico e os aspectos sociais aparecem relacionados na observação apreendida para cada um dos três youtubers analisados, e esse já é por si mesmo uma característica modelar com a qual operam esses estilos particulares de enunciação. O traço coletivo do HIV se apresenta de forma individualizada, e nos levou a observar cada um dos canais em três vídeos. A análise é feita com a divisão dos canais pelos aspectos do *ethos* de cada enunciador apreendido a partir de uma totalidade discursiva (FIORIN, 2008c) dos episódios. Assim, buscamos as marcas do pathos do *enunciatário* na relação dialógica eu-tu, considerando que ele se refere àquele a quem se dirige a mensagem ou àquele que está na ponta da cena enunciativa. Aqui, Fiorin, a partir da semiótica discursiva, explica como observaremos essa relação:

Quando falamos em *eu* e *tu*, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele com quem se fala. No entanto, nos diferentes textos, essas posições são concretizadas e esses actantes tornam-se atores da enunciação. O ator é uma concretização temático-figurativa do actante (GREIMAS; COURTÈS, 1979). Por exemplo, o enunciador é sempre *eu*, mas, no texto *Memórias póstumas de Brás Cubas*, esse *eu* é concretizado no ator *Machado de Assis* (1979). Nunca é demais insistir que não se trata do Machado real, de carne e osso, mas de uma imagem do Machado produzida pelo texto.

No próximo tópico, destacaremos essas posições de autor e de leitor, os atores da enunciação, que “não são o autor e o leitor reais, de carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e uma do leitor construídas pelo texto” (idem, p. 70) a partir da conceituação de *ethos* e *pathos* para chegar no *corpus* de análise.

5.1 ETHOS NO YOUTUBE E O TEXTO CONSTRUÍDO COM A AUDIÊNCIA

Para discutir a caracterização e mesmo a produção de sentidos que constrói o enunciador e o enunciatário nos canais do YouTube analisados, consideramos, como dito anteriormente, uma totalidade discursiva, o *totus* do material, que engloba aspectos do texto em sua expressão e aspectos de seu discurso. Para sistematizar a terminologia, usaremos justamente esses termos enunciador e enunciatário¹⁶⁶: aquele que emite a mensagem, que, no caso dos vídeos, assume o “eu” discursivo, e aquele a quem esse sujeito envia a mensagem, seu destinatário, marcado ou não no discurso como um “tu”. Esse enunciador individualizado é recoberto pela figuratividade que constrói um determinado sujeito. Isto é, João Geraldo Netto (do canal Super Indetectável), Gabriel Comicholi e Léo Cezimbra, os youtubers. Cada um deles, então, é um enunciador em cujo discurso acionará diferentes enunciatários: os ouvintes, os telespectadores, os consumidores de informação, a mídia, os médicos, ou como quer que sejam chamados os sujeitos revestidos de papéis temáticos de destinatários da mensagem. Esse par de papéis é indissociável, existindo reciprocamente; ele é construído a partir das coerções sociais e ideológicas que formam o sujeito social, como vimos na sessão anterior: o “coletivo”, a sociedade com suas regras e leis, formaria um enunciador pressuposto, e o sujeito individual, seu par correlato, “seria” um enunciatário pressuposto moldado pelas regras primeiras – e assim por diante.

Diferenciar os papéis dos sujeitos que participam da comunicação audiovisual [que são cada um dos canais do YouTube] foi importante para delimitar os espaços de atuação de cada sujeito, bem como para entender de modo mais assertivo os

¹⁶⁶ Enunciador e enunciatário são abstrações de sujeitos que recebem um determinado nome e, em outros níveis de análise, recebem outras denominações, como narrador/narratário e interlocutor/interlocutário.

estilos que neles se constroem no ato comunicativo. Sobretudo com relação à sorologia do HIV ao longo do tempo – os enunciados portam traços de seu contexto temporal e espacialmente englobante proferido por cada sujeito – pois é dele que se apreende o próprio contexto de sua produção. Do mesmo modo que temas e figuras, isto é, termos mais abstrato ou mais concretos, são construções discursivas – como medo, angústia, simpatia, rancor etc. –, a verdade, a mentira, a falsidade e o segredo também o são, porque todas as construções partem de traços da totalidade que as englobam, como, da mesma maneira, são construções discursivas os sujeitos partícipes da comunicação, aqui denominados enunciador e enunciatário, analisáveis por meio de seus simulacros, respectivamente por meio do *ethos* e do *pathos*. De acordo com Fiorin,

(...) na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias etc. [em todos esses “fazeres” apreendem-se traços do sujeito a quem o discurso se refere, a quem ele se destina]. Em outras palavras, as marcas da presença do enunciatário não se encontram [necessariamente] no enunciado (o dito), mas na enunciação enunciada, isto é, nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado (o dizer). (p.75, acréscimo nosso).

Fiorin ainda operacionaliza o conceito de *pathos* analisando dois programas de TV: um popular, e o outro para a classe média, buscando apreender neles os traços de recorrência, temática e “temperatura” na observação ampliada, na totalidade englobante dos programas. Para observar as marcas no discurso da atração popularesca, o linguista apoia-se nas demonstrações do exagero e da hipérbole que aparecem desde a escolha das notícias – com a divulgação de doenças estranhas, fenômenos paranormais e fatos policiais – até o volume da voz do apresentador, que chega a gritar. A recepção que confere a homens e mulheres, ou pessoas que estejam em grupos estigmatizados, também é listada como uma das marcas no discurso. Tudo levando a ver, na rudeza dos modos, e na expressão de suas ideias, um *ethos* do enunciador masculino, franco no falar, sem medo. A coesão entre as partes mostra que o seu “enunciatário também é o estereótipo do papel masculino tradicional. Para ele, o mundo não é lugar de conhecimento nem campo de ação ou de mudança. Mas lugar de diversão com base em estereótipos e preconceitos” (p. 76). A partir dessas escolhas e construção discursiva, o que se deixa ver é uma vontade de perpetuar papéis tradicionais. Fiorin, complementa mostrando que esse aspecto negativo apoiado no escárnio não traz nada do grotesco regenerador ou da carnavalização de

Bakhtin. A partir dessa exemplificação dada pelo autor, utilizamos o mesmo expediente para pensar na totalidade do nosso *corpus*. O que para nós serviu como um “modelo” metodológico.

Antes de definir o material que compõe o *corpus* analítico em nove episódios [na produção dos canais, entre os anos de 2016 e 2021] que carregam as características e os assuntos que se mostraram exemplares para o nosso percurso teórico, observamos a produção dos canais desde os primeiros vídeos até as postagens mais recentes. Um primeiro aspecto a ser apreendido nos *youtubers* analisados recai sobre o estilo, que, podemos dizer, se mostra “maleável”, “moldável” em função do contexto em que ele é interpretado por meio da interação discursiva entre os enunciadores e seus enunciatários no papel de interlocutores da comunicação. Assim, Gabriel Comicholi, Léo Cezimbra e João Geraldo Netto (Super Indetectável) apresentam-se nos vídeos iniciais com determinados comportamentos: temerário, professoral, empático. Ao longo dos meses/anos, em função das interações com seus enunciatários (interlocutários-expectadores), esses traços modificam-se a ponto de reconfigurar o próprio estilo – porque, como simulacro, o estilo pode ser constantemente ressignificado, reconfigurado, ressemantizado. Embora, desde o início, podemos anotar o caminho de cada um, confirmado ao longo da análise.

Tais enunciadores, os *youtubers*, mostram que reconhecem e aceitam o reforço positivo a partir dos comentários que seus vídeos recebem, assim como acontece pelo número de visualizações, pela a quantidade de novos inscritos em cada canal, e mesmo pelo *ranking* apresentado pelo *Social Blade*, a ferramenta usada para a construção dos quadros no mapeamento dos canais. Num primeiro momento, observa-se que os enunciatários assumem um duplo papel: de um lado, eles se autoconstroem como sancionadores do fazer dos *youtubers* e, como tal, julgam-no em relação ao que dizem e ao como dizem nos vídeos e, na sequência, os sancionam positivamente (palavras de reconhecimento, *likes*, mais inscrições, compartilhamentos do vídeo, dentre outras ações, como vimos). Por outro lado, as palavras de “conforto” reverberam um grande discurso motivador e de autoajuda aos *youtubers* que podem ser apreendidas em termos de competência, no sentido de ele adquirir um poder e um saber-fazer para enfrentar a sorologia que vai muito além dos medicamentos utilizados. Ou seja, a competência, nesse caso, se concretiza justamente nas palavras de apoio e incentivo para que a vida siga, apesar de o HIV ainda apresentar-se como condição estigmatizada.

É fundamental reconhecer a engenhosidade nas interações realizadas nesses discursos, até porque ela direciona um determinado olhar para os enunciadores e seus ethos construídos, ou seja, um ethos “aberto” para acolher carinho, atenção, cuidado, respeito, a palavra de incentivo do outro – caracterização que obviamente delineará o estilo desses youtubers. Por exemplo: acolhedor, consultor, cientista, ativista, temerário, paciente, ansioso). E ao mesmo tempo, como veremos adiante, esse fazer responsivo dos enunciatários determina “caminhos” ou “percursos comunicativos” por parte do enunciador. Nos estudos teóricos dos discursos, enunciador e enunciatário fazem parte de um mesmo artífice. Assim, denomina-se sujeito da enunciação essa dupla que se constrói e se retroalimenta no ato enunciativo. Tanto assim o é que o enunciador projeta seu enunciatário (valores, crenças, saberes, desejos, necessidades etc.) em seu discurso, cujo simulacro, se acertado, o fará aderir ao discurso. Ressaltando que, a partir dessa leitura, o ethos do enunciador mobiliza e aciona o pathos do enunciatário – e a resposta disso volta ao primeiro, mantendo um determinado tipo de interação discursiva.

Um exemplo dessa relação responsiva e da manutenção de uma dada interação discursiva pode ser apresentado com o seguinte caso: em abril de 2020, a interação com os usuários no canal de João Geraldo Netto, verificada pela tecnologia de métrica nas redes sociais, o *Social Blade*, apontou o seu canal *Super Indetectável* como conteúdo mais relevante sobre saúde sexual do Brasil.¹⁶⁷ Incluindo os sites “médicos”, como ele enfatiza, com o alcance de 30 mil seguidores¹⁶⁸, o que mereceu um vídeo feito da Alemanha, onde o *youtuber* estava, impedido de retornar ao Brasil, por conta das restrições de deslocamentos aéreos impostas pela quarentena do coronavírus. Essa interação nos mostra que a construção do estilo também se dá, como afirma Fiorin (2004), com o enunciatário. “O auditório, o enunciatário, o *target*, como dizem os publicitários, faz parte do sujeito da enunciação; é produtor do discurso, na medida em que determina escolhas lingüísticas do enunciador” (pp.70-71). O linguista e semiótico informa que, evidentemente, “essas escolhas não são necessariamente conscientes”. Ao recorrer à Retórica Clássica, Fiorin cita Cícero, frisando que o enunciatário é um papel temático numa complexa rede de relações.

O orador precisa saber o que pensam (*cogitent*), sentem (*sentiant*), opinam (*opinentur*), esperam (*exspectent*) aqueles a quem se deseja persuadir. Isso quer dizer que essa imagem, consubstanciada num

¹⁶⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/31CsKoM>>. Acesso em 03 de mar. 2021.

¹⁶⁸ Um ano depois, em abril de 2021, o canal já contava com 46.800 inscritos no YouTube.

papel temático, tem uma dimensão cognitiva: de um lado, ideológica, da ordem do saber (*cogitent*), de outro, da ordem do crer (*opinentur*); uma dimensão patêmica (*sentiant*) e uma dimensão perceptiva (*exspectent*). (idem, p.72)

Esse conjunto de informações correspondem a um determinado *pathos*, mas não é a disposição real do auditório, e sim uma imagem que o enunciador tem de sua audiência. Tal imagem, que é um simulacro do outro, estabelece coerções para que o discurso seja produzido, como veremos na leitura do material dos canais. Em sua análise, Fiorin cita os enunciadores *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* para exemplificar a harmonia entre a imagem deles como enunciadores e a imagem dos seu enunciatário. A eficácia discursiva,

(...) está diretamente ligada à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. (p.74).

A eficácia do discurso, então, “ocorre quando o enunciatário incorpora o *ethos* do enunciador. Essa incorporação pode ser harmônica, quando *ethos* e *pathos* ajustam-se perfeitamente” (FIORIN, 2004, p.71), ou ao contrário, polêmica, não-harmoniosa, de onde decorrem, por exemplo, a instauração de percursos discursivos de revolta, de ódio, de raiva até o que se denomina hoje em dia de “cancelamento”. Ou seja, a polêmica ou a não-harmonia desencadeada entre *ethos* e *pathos* origina tanto o fim da interação discursiva como práticas de desqualificação do outro – porque a adesão do enunciatário não ocorreu como previsto. Mas as combinações de fatores podem ser diversas, como veremos, a exemplo do que o próprio autor ainda apresenta, ao afirmar que: essa incorporação pode ser complementar, “(...) quando o *ethos* responde a uma carência do *pathos* (é o caso dos manuais de autoajuda, em que a um enunciatário inseguro, confuso, que busca segurança, corresponde um enunciador cheio de certezas)” (ibidem).

Sobre esse aspecto da incorporação pelo enunciatário, vemos que pela própria dinâmica da ferramenta YouTube, e dos enunciados construídos em cada canal com temática do HIV, a entonação altera-se um pouco na sequência das produções. Nos espaços de Léo Cezimbra e Gabriel Comicholi, a enunciação se mostra, em alguns momentos com dúvidas. O procedimento, por vezes, é recorrente nos youtubers, como em boa parte dos textos produzidos por Gabriel Comicholi, que, em seu vídeo

inaugural afirmou categoricamente que “eu ainda não sei de nada. Então, vocês vão acompanhar junto comigo”, referindo-se à nova sorologia. Seu não-saber foi expressado a ponto de ser compartilhado com seus enunciatários, que se sentiram “convidados” a acompanhar o desenrolar as histórias acerca do HIV. Um não-saber midiaticizado é instaurado como objeto de compartilhamento e descoberta futura e conjunta pelos partícipes da comunicação.

Ainda a título de exemplo da abordagem suscitada, retoma-se o segundo vídeo¹⁶⁹ postado por Comicholi, em 2016, sobre o início do seu tratamento, cinco dias após ele revelar a sorologia no YouTube.

Figura 60 – Segundo vídeo de Gabriel Comicholi



Fonte: YouTube, 2021.

Embora a postura descontraída, o humor e uma dramaticidade construída pelo recurso de edição e da ambiência sonora já estejam bem marcados no seu vídeo inaugural, há “ingredientes” que podem nos propor mais informações sobre sua identidade discursiva em construção. No vídeo inaugural, o ângulo de câmera seria um traço na composição desse discurso conjugado entre o enunciador e o enunciatário. Ao abordar o diagnóstico, sentado em uma poltrona, com a voz mais

¹⁶⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3cOPInm>>. Acesso em 21 de fev. 2021.

comedida que nos episódios seguintes, a captação da imagem é feita de um ponto acima de sua cabeça, e a distância da câmera compõe um plano mais aberto. Essa é uma forma de narrar, no audiovisual, que não vemos na maioria dos seus vídeos posteriores. Fernandes e Almeida (2008) tratam dessas funções interativas da imagem na *Gramática do Design Visual*, de Günther Kress e Theo van Leeuwen. A distância social, que nos parece mais acentuada neste material, e o ângulo ligeiramente mais alto, apresenta a característica de poder sobre o objeto e a pessoa captada, se não chegam a ser um contraste tão marcado com o ar de intimidade e efusividade dos próximos materiais, como o de agradecimento pela repercussão de sua estreia no YouTube, chamou a nossa atenção por uma certa inflexão que surge no conjunto dos episódios. Como característica do *ethos*, tem-se um tom temerário que expressa um discurso aparentemente franco; isso se reforça com a reiteração de uma certa leveza em seu discurso, cuja modulação vai-se construindo ao longo das postagens.

Esses traços entre o *ethos* do enunciador e o *pathos* do enunciatário vão determinar as escolhas dos temas, a forma de abordar esses temas, a terminologia relacionada ao vírus adotada pelo produtor do canal em relação ao público a que se destina. E mais: aos valores suscitados pelas imagens construídas, a própria figura do enunciatário retomada no discurso enunciado, as crenças e saberes expressos etc. Esse conjunto de escolhas que integra os mecanismos da persuasão, apresenta, ainda, os aspectos de adesão a um posicionamento mais relacionado ao ativismo e/ou ao discurso científico, que são questões presentes no tópico sobre as disputas semânticas do HIV, durante os primeiros anos da epidemia.

As características pontuadas se mostram no ato mesmo da enunciação e possibilitam a construção das significações sobre a sorologia positiva para o HIV no YouTube, revelando o tom pessoal e um *ethos* do *youtuber* relacionado a posturas de autoridade no assunto, como vimos no trajeto semântico sobre o HIV e a aids nos primeiros anos da epidemia. Não nos parece adequado falarmos em *ethé*, ou conjunto de *ethos*, das características físicas ou perfis socioeconômicos. Mas não podemos deixar de situar a imagem do homem gay na maioria desses canais: jovens, brancos, de classe média, cisgêneros. A leitura, aqui, é amparada nos conceitos de *ethos*, tanto na Retórica Clássica, quanto na análise de discurso francesa, utilizados por Maingueneau (2008, 2015) e Fiorin (2004, 2008) que nos orientou a olhar para o conjunto de traços dos *youtubers*. O *ethos* do enunciador, é preciso deixar evidente,

Nada tem do psicologismo que muitas vezes pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria um enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito (FIORIN, 2008c, p.139).

Surge, assim, uma posição próxima à do Círculo de Bakhtin, nos diz Gonçalves, citando *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017). Fiorin, ao defender esse posicionamento teórico, afirma que a imagem do autor como *ethos*,

Se inscreve, para usarmos termos bakhtinianos, numa tradição teórica não subjetivista e não idealista da linguagem que vem desde Aristóteles, em que o *ethos* é tomado como produto do discurso, e chega com muita força à esfera dos estudos linguísticos com o pensamento do Círculo de Bakhtin (GONÇALVES, 2015, p.139).

Posteriormente, ainda conforme o autor, essa tese não subjetivista da linguagem será “retomada depois por teóricos pós-estruturalistas, como Foucault (2008), Derrida (1995) e Pêcheux (1997)”.

Ao debruçarem-se na obra *Retórica*, de Aristóteles, Figueiredo e Ferreira (2016) mostram que para o filósofo, o *ethos*¹⁷⁰ se dava em três dimensões no processo de argumentação: o *logos* (estrutura argumentativa do texto), o *pathos* (as emoções despertadas no auditório) e o *ethos*, a imagem de si passada pelo orador. Assim, descrevem: “*Logos* como o discurso em si, o *pathos* como o poder do orador de (...) despertar emoções em seu auditório, e o *ethos* como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si no intuito de persuadir seu auditório. (p.58). Para os autores, “o elo entre *logos* e *pathos* se dá pela atuação do *ethos*” (p.61), e os gregos entendiam *ethos* como a criação da imagem de si mesmo:

Ligavam-no, assim, à personalidade, aos traços comportamentais, à escolha revelada de um modo de viver e de determinar, pelo discurso, suas concepções do existir de modo reto e aceitável socialmente (ética). No *ethos* reside a força de autoridade que se impõe ou não sobre os ouvintes, pois liga-se a um processo de representação do orador diante de um público específico e, quando adequadamente apresentado como um recurso de identificação, provoca adesão e acordos favoráveis às intenções persuasivas do orador. (ibidem).

Para Aristóteles, o *ethos* é “a principal prova retórica, ou seja, o meio de persuasão precípua” (p.64). Para produzir a imagem positiva de si mesmo, “o orador

¹⁷⁰ Diferentemente de Fiorin, decidimos manter a grafia de *ethos*, *ethe*, *logos*, *pathos*, *phronesis*, *arete* e *eunoia*, sem acento e com o uso do itálico, conforme explicação de Figueiredo e Ferreira (2016): “a acentuação do grego não obedece aos mesmos critérios da língua portuguesa” (p.58). Nas citações diretas de autores que seguem outra forma de grafar, permanece como no texto original, como o faz Gonçalves (2015).

pode jogar com três qualidades fundamentais: a *phronesis*, ou prudência, a *areté*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência. Aristóteles as expõe no início do segundo livro da *Retórica*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 57). Fechini (2008) utiliza o *ethos* para observar a performance dos apresentadores de telejornais, abordando o conceito de maneira prática, e influenciando de forma decisiva a construção de categorias como *phronesis*, *eunoia* e *arete* para a leitura feita aqui dos *youtubers*. Vejamos um trecho de seu artigo, em que a autora avalia a postura de “âncoras” mais informais em oposição àqueles que seguem um padrão “de objetividade” em relação às notícias apresentadas:

A performance do apresentador-cúmplice, ao contrário, apela à afetividade e passionalidade do telespectador. Para a construção desse tipo oposto de *éthos*, costuma adotar um comportamento mais informal e uma postura corporal mais relaxada. Seu gestual é mais espontâneo e menos contido, suas expressões faciais são usadas deliberadamente como forma de comentário. Sua entonação varia com frequência, sendo utilizada também para exprimir seus estados de alma, seja de comoção ou indignação (é o tipo de apresentador que “esbraveja” ou fala muito alto, por exemplo). A performance desse tipo de apresentador é comparável, nos termos da retórica aristotélica, a do orador que se utiliza da *areté*. Seu comportamento tende ao pólo do excesso, nos termos de Fiorin. (p. 74).

O trabalho de Fiorin, a que se refere, é o artigo *A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator* (1989). Maingueneau (2008), em seu gesto analítico em “*Sémantique de la polemique*” (1983), diz Gonçalves (2015), serviu de modelo para Fiorin (2008c) analisar os *ethos* distintos entre a segunda e a terceira geração do movimento romântico na literatura brasileira. “O teórico francês estuda o discurso cristão de duas tendências religiosas do século XVI: o jansenismo e o humanismo devoto. O discurso do humanismo devoto, de base católica, tenta se organizar rivalizando com o discurso jansenista, de tendência protestante” (GONÇALVES, 2015, p. 75).

5.1.2 Desvio para abordar o relato: testemunho e confissão

Neste tópico, apresentaremos as contribuições de Sacramento (2018), Vaz, Santos e Andrade (2014) sobre aspectos que poderão aportar traços discretizadores aos tipos genéricos denominados “testemunho” e a “confissão”, a demarcar, portanto, as diferenças entre as duas práticas discursivas. É importante mencionar, por outro lado, que, neste trabalho, utilizamos o termo “relato” para definir o discurso dos *youtubers* que vivem com HIV, mas a discussão aqui suscitada se deu pelo fato de que um dos canais que compõem nosso *corpus* intitulava-se Confissões de um soropositivo em seu início, o espaço de Léo Cezimbra no YouTube. A questão da “vontade de saber”, que aparece na audiência relevante dos vídeos sobre “como descobri o HIV” colaborou para esse esclarecimento, embora, como argumenta Azevêdo (2019), para ser esclarecida, essa preferência dos internautas pelo vídeo da descoberta, necessitaria de uma pesquisa específica sobre este tema. Para Foucault (2019), “desde a penitência cristã até os nossos dias o sexo tem sido matéria privilegiada de confissão” (p.68). A prática confessional, nos diz o autor, é “herdada da religião pela medicina”, o que nos guia à relação dos médicos, no caso do HIV/aids nos anos iniciais, que o infectologista Camargo Jr. (1994) investiga ao perceber o elemento *voyeurista* dos profissionais de saúde nos consultórios que tratavam da aids, naquela época, no Rio de Janeiro, em sua tese transformada em livro.

O que se vive atualmente, sobretudo, no contexto da presença da televisão e da internet na vida social, e pelo rearranjo da subjetividade a partir da moral ou ética do espetáculo, é uma passagem do “grande testemunho” (do ponto de vista quantitativo e mesmo da importância do papel social daquele que “fala”) para o “pequeno testemunho” (dos usuários da rede, do ser humano sem rosto que passa a ter voz na redes pela produção de conteúdo que exercita), de um relato sobre acontecimentos relacionados a processos de sistemática violência estatal contra determinados grupos sociais à exposição de experiências cotidianas de sofrimento (SACRAMENTO, 2018, p. 126). Para Vaz, Santos e Andrade (2014), diferentemente de confessar, o ato de testemunhar é dar evidência do que aconteceu ou do que se experimentou. Quando trata da experiência, o testemunho tende a ser um discurso de vítima. De acordo com Vaz, Santos e Andrade (2014), o gesto de narrar no espaço público a experiência de ter sido vítima, além de supostamente contribuir para o bem comum, por evitar que outros passem por experiência semelhante, tem uma função

terapêutica, pois elevaria a autoestima. O testemunho ainda “pressupõe a igualdade entre os interlocutores e posiciona o indivíduo qualquer como tolerante e compassivo” (VAZ, SANTOS, ANDRADE, 2014, p.3). Por se endereçar ao indivíduo qualquer e por lançar um desafio aos intolerantes, o testemunho, ao contrário da confissão, não fica restrito ao espaço privado, completam os autores.

Em parte, pelo fato de a internet permitir que indivíduos quaisquer enviem mensagens a distância para muitos, torna-se perceptível uma espécie de explosão do discurso autobiográfico na cultura contemporânea. Nesse movimento contínuo, as autobiografias se configuram com mais mescla de gêneros, inclusive, ultrapassando os sentidos do relato (como confissão e testemunho). Quando, por exemplo, a própria performance comunicativa é um aspecto autobiográfico [a exemplo dos “desafios” que alguns usuários criam e “se” filmam participando de toda a ordem de tarefas ou automutilações nas redes sociais]. O relato de si ganha um aspecto totalmente visual, caso das imagens de casais, em 2021, que traziam uma foto do início do namoro e do momento da relação postada no Instagram. Apenas a data das fotos marca um discurso que coloca cada um como gestor de si e de suas relações. Mas a razão não é só a técnica; afinal, deve haver desejo de se expor, de se revelar. É difícil saber se efetivamente as pessoas falam mais de si hoje do que antes, dada a relevância das práticas confessionais/testemunhais, do relato de si nas culturas moderna e pré-moderna. Mas é certamente verdade que o predomínio do testemunho sobre a confissão dá mais visibilidade ao discurso autobiográfico, pois sua dinâmica terapêutica requer a ida ao espaço público e não o segredo (VAZ, SANTOS, ANDRADE, 2014, p.3).

Na produção autobiográfica nos canais do YouTube de pessoas vivendo com HIV, como o do curitibano Gabriel Comicholi, a função terapêutica é abordada de modo positivo em alguns vídeos analisados. Esse elemento já caracteriza o *ethos* do enunciador, que, de certa forma, ressoa nos interesses ou na constituição do enunciatário, de seu *pathos*. Mesmo que estejamos numa sociedade cada vez mais focada no discurso terapêutico (ILLOUZ, 2003; ARFUCH, 2010), não é qualquer pessoa que expõe a sorologia positiva para um vírus ainda estigmatizado, e usa essa “função terapêutica” para abrir uma conversa, um debate. Esse traço, por si, já carrega um aspecto de diferenciação do *ethos* e do *pathos* das pessoas que produzem e veiculam os vídeos, e daquelas que assistem e interagem nos canais. A recompensa trazida para quem decide falar sobre a sua sorologia positiva para o HIV nas redes

sociais vai desde evitar especulações entre conhecidos à rejeição de possíveis parceiros. É o que relata o youtuber Lucas Raniel no primeiro vídeo do seu canal *Falo Memo*. Após comentários a respeito do seu status sorológico, o que ele chama de “fofocas em minha cidade” (Ribeirão Preto, em São Paulo) e das dúvidas que tinha sobre contar para alguém que houvesse possibilidade de uma relação, ele resolveu falar abertamente sobre o HIV dois anos antes do vídeo [que foi ao ar em 1º de dezembro de 2017] com conhecidos. Essa decisão de falar serviu como um facilitador, segundo o youtuber. Mas complementa o quanto entende as pessoas que decidem guardar segredo sobre o tema.

Os relatos enfatizam ainda a permanência do estigma, a perpetuação do silenciamento, sendo esta uma outra vertente da espiral do silêncio, que não está ligada ao fenômeno atual do cancelamento na internet. Mas é preciso lembrar, ainda, que o HIV, “hoje, em dia, por ser controlável, o pessoal consegue manter seu sigilo, que é um direito de toda pessoa vivendo com HIV. Mas justamente, por isso, o HIV perdeu aquela cara, mas não perdeu a imagem daquela cara” (Gabriel Estrela, 2015, informação eletrônica)¹⁷¹. Primeiro youtuber brasileiro a surgir com seu canal *Boa Sorte* para falar da vida com HIV de forma estruturada e convergente, com um projeto que envolvia musical, página no Facebook, palestras educativas e o canal citado. Na análise dos relatos de Gabriel Comicholi, de João Geraldo Netto [Super Indetectável], e de Léo Cezimbra, é necessário notificar uma mudança no valor dos testemunhos, como afirma Sacramento. O autor, amparado nas pesquisas de Arfuch (2010) nos lembra que, num primeiro momento, a produção em vídeo, nas redes sociais, nos trouxe um “efeito de vida real”. Essa constatação é compartilhada pelo youtuber Gabriel Estrela, do Canal Boa Sorte, em um dos seus vídeos, ao comparar seu relato do HIV em texto, no Facebook, e o registro em vídeo. A presença, diz ele, muda o alcance e o impacto do que se diz. Isso significa que,

Uma vez que assistimos ao corpo, à voz, à narrativa, enfim, a presença da testemunha como representação audiovisual, o fluxo de informações proporcionado pela internet nos permite acesso a um conjunto diversificado de vídeos, mas também a produção de muitos outros. (SACRAMENTO, 2018, p. 130)

Outro ponto de reflexão é uma exigência cada vez maior para apresentar a si mesmo não apenas em constante recuperação, mas na transformação da

¹⁷¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XpSOiatoNE8>>. Acesso em 12 de fev. 2021.

sobrevivência num princípio normativo para a subjetividade contemporânea. Relatar um trauma, como o diagnóstico do HIV é apresentado nos canais, com a necessidade de ressignificação da própria existência, acentua a característica de uma “psicologização” da sociedade, que amplia o conceito de trauma, partindo de “uma designação extremamente genérica e ampla” (SACRAMENTO, 2018, p.131). De separação a *bullying*, passando pelos quadros de adoecimento, o espectro traumático alcança um número cada vez maior de pessoas dispostas a narrar o sofrimento pessoal e sua recuperação, ganhando espaço na mídia e nas redes sociais. Illouz (2003) citada por Sacramento e Frumento (2015) mostra como os *talk shows*, especificamente o programa de Oprah Winfrey, que ficou vinte e cinco anos no ar, convocou a sua audiência e os seus convidados a relatar os infortúnios. A apresentadora tornaria-se um tipo de psicóloga midiática, vendendo uma fórmula de entretenimento que a colocou sempre entre os maiores sucessos da TV nos Estados Unidos. A partir dessa visibilidade, dessa convocação para testemunhar, Sacramento (2018) explica que “o trauma parece ser o único atributo de uma incompatibilidade entre um indivíduo normal e um evento extraordinário” (p. 131).

Nos canais analisados, observamos a presença de médicos e especialistas em comportamento, visto que

(...) a testemunha contemporânea, raramente, é a única autora de seu testemunho: sua deposição é moldada por especialistas e instituições que registram, classificam, arquivam, publicam e divulgam testemunhos, mas também – e principalmente – por normas tácitas, modelos estéticos e expectativas políticas que informam a produção do testemunho e sua recepção em determinado contexto. (SACRAMENTO, 2018, p. 130)

Na esfera pública contemporânea, o autor nos mostra que quem participa do testemunho, o faz dentro de “uma tradição codificada que não só exalta o testemunho, mas também estabelece os modos convencionais de realiza-lo e interpretá-lo” (p. 30). No conjunto de vídeos do YouTube desta Dissertação foi possível selecionar os canais que carregam essas características. Não apenas relatar a sorologia positiva para o HIV, mas fazê-lo dentro de uma linguagem do meio que vai exibir a mensagem, com o domínio de “uma técnica” de testemunho na internet. Com esses arranjos ou mecanismos de exposição e de formação do relato testemunhal, instauram-se formas de o interdiscurso ser inserido no discurso do enunciador, com efeitos de sentido diversos: a figura do profissional, de saúde, como citado antes, para dar mais

credibilidade ao dito (vídeo Haulinha # 4 Transmissão¹⁷²) do canal de Gabriel Comicholi, responde dúvidas dos internautas ao lado da médica Cléa Ribeiro, que confere verdade ao que se diz e inspira confiança nele – e no próprio conjunto enunciativo.

A presença de citações de organizações como UNAIDS, e Ministério da Saúde, nos vídeos de João Geraldo Netto, é um recurso que “chancela a informação”, nos dizeres de Maingueneau (2008), a partir de discursos constituintes, como o da ciência e/ou do governo – e todos esses recursos de instauração de interdiscurso podem aparecer em momentos de tensão, como observa Azevêdo: “Cabe lembrar que uma das maiores disputas no início da epidemia de Aids havia sido pela constituição de vozes e saberes outros sobre o vírus e a doença que não viessem exclusivamente das ciências médicas” (2019, p.102).

Os embates apresentados na parte histórica deste texto, entre os grupos ativistas e o campo da ciência, se davam para evitar a “produção discursiva sobre a Aids moralmente enviesada que legitimava a violência e o preconceito com pessoas que se descobriam com o vírus” (Ibidem). Atualmente, confirmando a análise de nossa pesquisa, e o trecho citado de Sacramento (2018), Azevêdo também anota uma “aproximação e uma legitimação discursiva com base em ‘evidências científicas’, para usar um termo que aparece em algumas falas desses youtubers” (p.103). Essa é, sem dúvida,

Uma estratégia de produzir os outros sentidos do HIV, assim como também percebemos nos efeitos da medicalização. Mobiliza-se um conjunto de descobertas ou pressupostos já “dados” pelas pesquisas científicas para informar a audiência, assim como é assumida uma fala que em grande medida reproduz a linguagem e os saberes dos corredores de clínicas e consultórios médicos. (AZEVEDO, 2019, p.103).

No relato atual, é preciso pensar nessas articulações de sentido sem abandonar a perspectiva de Faraco (2003), ao ler o Círculo de Bakhtin, isto é, a de que “o dialogismo é tanto convergência, quanto divergência; é tanto acordo, quanto desacordo; é tanto adesão, quanto recusa; é tanto complemento, quanto embate” (p. 66). Do ponto de vista constitutivo, o movimento dialógico, ainda que pareça em muitos vídeos dos youtubers se dar de maneira a mostrar uma “responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais)” (FARACO, 2003, p. 67). Na

¹⁷² Disponível em: <<https://bit.ly/3cSqKiR>>. Acesso em 12 de jan. 2021.

relação com os médicos, com as equipes de laboratórios, que podem não estar preparadas para acolher no momento do diagnóstico, e as arestas mesmo com integrantes do movimento social ligados ao ativismo do HIV e da aids, atualmente, registram essa tensão. Um exemplo dessas questões é o vídeo *Por que fui demitido do Ministério da Saúde (2019)*¹⁷³, em que João Geraldo Netto aponta essas críticas recebidas pelos ativistas. Dentro do coletivo na narrativa contemporânea do HIV/aids, há essas particularidades no discurso do vírus em cada um dos youtubers. O que nos deixa perceber como participam da urdidura discursiva nesse movimento dialógico, operando construções sociais, e tecnológicas do seu tempo, e a perspectiva pessoal. Nessa última, um construto entre enunciadores e enunciatários, como afirmamos anteriormente.

¹⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UvOmIIO_ETc&t=87s>. Acesso em: 14 de mar. 2021

5.2 ANÁLISE DOS TRÊS CANAIS SOBRE VIVER COM O HIV

5.2.1 Gabriel Comicholi: *arete*

Figura 61 – Primeiro vídeo de Gabriel Comicholi



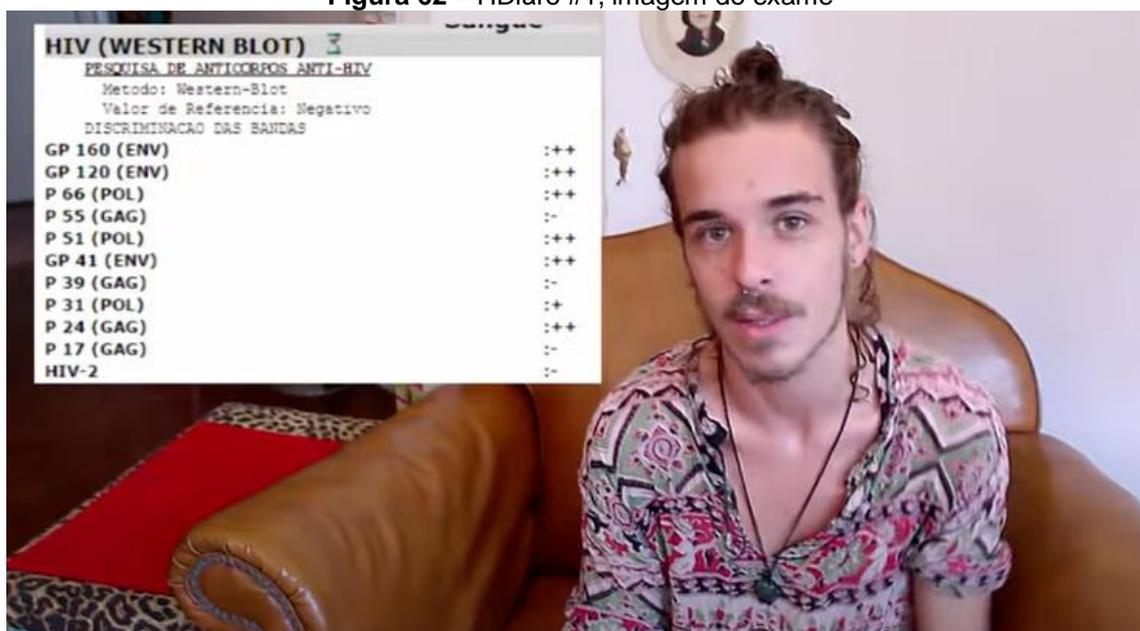
Fonte: Youtube, 2020

Poucos dias após descobrir a sorologia positiva para o HIV, o curitibano Gabriel Comicholi, 21 anos, decide gravar o primeiro vídeo do canal, no dia 1º de abril de 2016. No segundo semestre de 2020, 87 vídeos depois, o seu relato inicial, sobre o diagnóstico do vírus, está na segunda posição de episódios mais vistos do canal, com quase 279 mil visualizações. A repercussão do material produzido em casa, com arte de Douglas Reder e legendas de Anna Xavier, conforme descrição na ficha técnica do vídeo, tornou Gabriel Comicholi um ativista, mostrando o traço político dos relatos no YouTube, mesmo sem que fosse mensurada essa questão pelo influenciador, quando decidiu falar abertamente de seu status sorológico. Aqui, apreça um tipo de ativismo que os influenciadores digitais defendem no documentário *Positive Youtubers* (GODDINHO, 2017) pelo alcance e pela repercussão de públicos que, provavelmente, não estariam nos espaços tradicionais de ativismo, ou desconhecem os grupos de apoio, como as ONG's citadas ao longo da seção 3. Gabriel destaca neste episódio o seu desconhecimento sobre o HIV, e que pessoas de sua idade não acessariam as informações sobre saúde sexual tão facilmente. Homens que fazem sexo com homens (HSH), jovens entre 15 e 24 anos, integram no conceito epidemiológico de população-chave, uma das faixas mais afetadas para novas infecções pelo HIV. Ao contrário das

primeiras representações sobre a doença misteriosa que afetava homossexuais no início dos anos 1980, a aids, o que levou à construção da noção de grupo de risco, uma categoria aparentemente neutra (SONTAG, 1989), o HIV não é “uma doença gay”. A autora nos lembra que a aids nem mesmo é uma doença, mas um conjunto de sintomas clínicos que compõem a síndrome. E o HIV, o vírus hoje, é controlável e permite a qualidade de vida, se houver informação para testagem regular de Infecções Sexualmente Transmissíveis, algo que Gabriel Comicholi revela nunca ter feito, neste primeiro episódio.

A partir deste momento de estreia, o enunciatório, o *pathos*, a audiência, o público a quem se dirige Gabriel Comicholi, parece começar a ser desenhado a partir de algumas perguntas. Por exemplo: “*um jovem conseguiria ler essas informações?*”, questionou sobre o exame disponibilizado na tela.

Figura 62 – HDiário #1, imagem do exame



Fonte: YouTube, 2021.

Ele mesmo responde, assumindo o papel de enunciador e de narrador [como explicamos no tópico sobre esses papéis na enunciação], em tom de brincadeira. “*Alguém saberia ler isso? Um jovem saberia ler isso? Não, um jovem não saberia ler isso. Não entendi nada*”. Aqui, o lado do infortúnio, que é a revelação traumática, pela internet, de um exame aguardado com ansiedade, aproxima o público não pelo sentido da infelicidade, da falta, mas da proximidade (SACRAMENTO e RAMOS, 2018). Observam os dois autores ao abordar o relato do trauma nos espaços midiáticos. Sejam os tradicionais, ou a revelação feita no canal de Gabriel Comicholi. Illouz (2003) já costurava em seu ensaio como o testemunho do trauma acontecia em

talk shows, e especificamente, no programa da apresentadora Oprah Winfrey. Ainda que não seja totalmente consciente desse poder, Gabriel Comicholi, em seu vídeo da descoberta da sorologia positiva, faz o relato da maneira mais expressiva e autêntica que pode, dentro do processo de modelização da ferramenta YouTube, reunindo as características enunciativas desse meio audiovisual para construir a sensação quase de presença física, de um amigo que assiste à revelação da sorologia, fazendo enunciador e seu enunciatário no canal ficarem o mais próximo possível. Podemos inferir como essa incorporação do *ethos* franco, amigo próximo, autêntico se deu de forma harmônica (FIORIN, 2008) para os visitantes do canal de Comicholi, em seu segundo Hdiário #2, que trata do início do tratamento. A abertura do vídeo é um grande agradecimento a todas as mensagens de apoio. “*Vocês são muito fofos*”, apertando o rosto e reforçando a autenticidade com o aparato da cenografia digital da ferramenta YouTube. A camiseta, o cenário do quarto na casa da mãe, em Curitiba, as cenas de trânsito indo à consulta e até o momento de tomar o primeiro comprimido do antirretroviral, no momento de dormir.

É preciso que expliquemos, nessa conjunção de cenas que ajudam a construir o relato verbal, que, neste canal, e em toda a web, a cena genérica é a que aparece enfraquecida. Diferente dos gêneros clássicos do discurso. “(...) a cenografia, a encenação da informação, tem papel chave; ela mobiliza, além disso, maciçamente, os recursos multimodais (imagem fixa ou móvel, som) e as operações hipertextuais” (MAINGUENEAU, 2015, p. 162). Gabriel Comicholi, em sua estreia, já marcava a principal diferença dos seus relatos em relação aos outros dois canais analisados: a sua produção para o meio YouTube aciona o máximo de recursos da multimodalidade possibilitados pelo meio que surgiu oferecendo o *Broadcast Yourself*, o programa de cada um de nós. Não parece ser desprezível, aqui, lembrar da formação de ator de Gabriel Comicholi, além da sua idade [21 anos, em 2016] que demonstravam a compreensão do formato testemunho (usamos o hiperônimo relato ao longo da Dissertação) de um trauma no meio televisivo. E, como fazê-lo no site de compartilhamento de vídeos, operando o texto em várias camadas, com trilha sonora, edição, modulação da voz, ambiente. Quando o YouTube ganhou popularidade, a partir de 2006, Gabriel Comicholi — e uma geração de pessoas com acesso à internet rápida e computador pessoal para participar da chamada Web 2.0 — puderam participar de um processo de “letramento midiático” de maneira simultânea à essa ferramenta.

No vídeo da descoberta, a intimidade com o meio audiovisual pode ser vista na pausa dramática de 15 segundos de abertura do episódio: uma tela preta [em linguagem técnica, o efeito de *fade out*, intensificando na potência máxima o que disse anteriormente]: “*Oi, meu nome é Gabriel Comicholi e eu acabei de descobrir que eu tenho HIV*”. O seu olhar se voltava para o lado direito da cena, quando o quadro preto entrou com o título *HDIÁRIO #1*, “amparado” pela música *The blown the man down*, com as vozes em coral do *The Midshipmen Glee Club*. Uma estética próxima das vinhetas das séries norte-americanas em plataformas de *streaming*, com a engenhosidade técnica do que, para nós, pareceu realidade imediata. Todo o conjunto da cena de enunciação ajudava a compor, para quem estava na posição de auditório [termo da Retórica Clássica] de espectador, a ideia já do seu *ethos* e do seu enunciatário: o que nos permite inferir que é para essas pessoas, os jovens que ficariam tão perdidos quanto ele, no momento de um diagnóstico positivo para o HIV, que o youtuber se dirigia. Essa pessoa presente na enunciação, esse enunciatário, não é um ser de carne e osso, mas uma ideia projetada. “A imagem do enunciatário é um papel temático, que é composto de uma complexa rede de relações” (FIORIN, 2004, p.72). Aqui, o seu *ethos* jovial, “olhando para o HIV” com dramaticidade e humor, nos apresenta as características da *arete*.

Fiorin (2015) ao investigar as três espécies de *ethe* em sua sua leitura da obra de Aristóteles, caracteriza oradores que se apoiam nas qualidades do tipo *arete*, como o faz Gabriel Comicholi, pela virtude. Aqui, “tomada no seu sentido primeiro de ‘qualidades distintivas do homem’ (latim *uir, uiri*), portanto a coragem, a justiça, a sinceridade; nesse caso, o orador apresenta-se como alguém simples e sincero, franco ao expor seus pontos de vista” (p.71). O linguista completa esse quadro de características ao reforçar que o orador “que se vale da *areté* se apresenta como desbocado, franco, temerário e constrói suas provas muito mais com os recursos do *éthos*” (idem, grifos do autor). Se olharmos para o início da epidemia da aids no Brasil, especificamente para o primeiro cartaz com a finalidade de prevenir infecções, produzido em 1985 pelo artista plástico Darcy Penteado, que ilustra a página 70, podemos perceber, a partir das escolhas lexicais, um movimento de educação que não recorria a números ou ao julgamento, como fazia quase toda a imprensa da época, e a medicina, como aponta a tese de Carmargo Jr. (1994). Na composição da peça para prevenção, afixada em bares e boates frequentados pela comunidade homossexual, os elementos gráficos, a organização textual e o enunciado do cartaz

não apostam na avaliação moral ou na abordagem sobre o HIV em causa e consequência. A sua linguagem coloquial, direta, jovial, nos diz: “Transe numa boa”, com humor, franqueza e informação.

No texto do fundo, como uma estampa em transparência, quase todas as modalidades sexuais que sabidamente não apresentavam riscos são elencadas: “*balangar, sassaricar, apertar, sussurrar, beijar, cantar, paquerar, acariciar, bolinar*”, distribuídas na página sob uma organização artística moderna e descontraída para o período, quebrando as palavras fora do padrão silábico da língua. Um recurso de edição usado por publicações de moda e de comportamento vanguardistas, nos anos 1980, como fazia a revista *Interview*, por exemplo, fundada pelo artista plástico Andy Warhol. A decisão de abordar o outro de maneira temerária, aqui no sentido de arrojado, é típico de um ethos relacionado à *arete*, o que nos fez ver a interdiscursividade, o movimento dialógico com as características apresentadas no canal de Gabriel Comicholi. Azevêdo (2019) não se utiliza desse caminho teórico e metodológico que fazemos aqui para sua leitura sobre o canal do youtuber, mas destaca como Comicholi, ainda em 2016, criou duas cenas enunciativas bastante distintas para a revelação da sorologia para um parceiro no vídeo *Conto pro boy*¹⁷⁴. Ela apostou na teatralização, com o recurso do preto e branco, trilha instrumental ao apresentar alguém que vive com HIV e lançava um tom de suspense antes da conversa.

¹⁷⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/3vVT0si>>. Acesso em 11 de mar. 2021.

Figura 63 – Edição no vídeo *Conto pro boy?*



Fonte: YouTube, 2021.

Mesmo sem citar Aristóteles ou recorrer ao conceito de retórica discursiva, do *ethos* e do *pathos*, Gabriel Comicholi chega à conclusão que *“o negócio quem faz é a pessoa. E não...a pessoa que recebe, obviamente, mas é...ahhh (grito). Mas é, vamo lá. Existem dois casos...”*. Antes de apresentar uma situação do enunciado construído com tranquilidade, com argumentos sobre a questão de estar indetectável, com “malemolência”, como ele se refere a uma revelação mais tranquila da sorologia, o youtuber mostra o oposto dessa possibilidade. Ou um caminho equivocado, com voz impostada e o seguinte texto: *“tenho um negócio muito sério para te contar. A pessoa que recebeu essa bomba já vai achar que “Meu Deus... não sei o que aconteceu, ou é morte ou é um negócio muito sério”*, usando o gestual de braços e a mímica facial para exacerbar a conduta do enunciatário, da pessoa que recebe a informação.

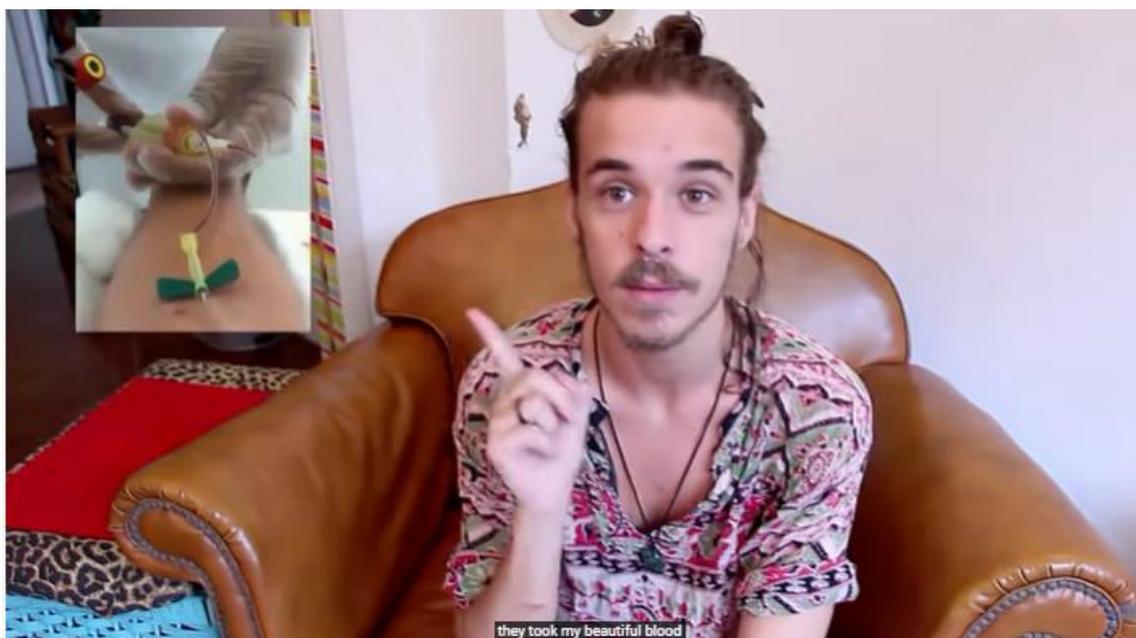
Na lógica atual de uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), os relatos sobre viver com HIV tensionam um aspecto apresentado por Sacramento (2018) a partir de sua leitura de Sibilia (2008), Arfuch (2010) e Illouz (2003) como apresentamos anteriormente: o íntimo, como a sorologia para o vírus levada para o público. Assim, o relato pessoal ganha força não por seu aspecto banal e cotidiano. “Mas o fato mesmo de expor o que se costumava manter no âmbito privado e íntimo” (SACRAMENTO, 2018, p. 137). A espetacularização não apenas penetra nos espaços íntimos, nos diz o autor. O espetáculo do cotidiano, do pessoal, ganhando presença

cada vez maior nas mídias, “torna-se vetor de socialização, identificação e subjetivação”. Para Leonor Arfuch (2010), essa conjunção coloca o relato pessoal, o testemunho, como uma das principais formas de relato autobiográfico. “Além do individualismo e do espetáculo, segundo ela, há um valor testemunhal em jogo”, (SACRAMENTO, idem). Voltamos, aqui, para o traço coletivo nas histórias pessoais, visto que “cada narrativa autobiográfica também é coletiva, fala de famílias, grupos, gerações, identidades e, em certo sentido, da humanidade” (ibidem).

Quando Azevêdo (2019) nos conta, em sua Dissertação, que não é possível dizer com exatidão a causa dos números mais expressivos nos vídeos sobre a descoberta, Arfuch (2010) e Sacramento (2018) nos mostram que a curiosidade é uma das respostas para o segredo a ser revelado. O autor nos lembra que “o que se busca aqui não é tanto a verdade referencial” (p.137). Mas a autenticidade, a expressividade, a construção narrativa e a presença.

(...) essa autenticidade é em si um valor: quem diz “isso aconteceu comigo” coloca o corpo no discurso, oferecendo ao público uma prova viva: a prova é a própria vida. Essa identificação com o outro, de um indivíduo com outro, de uma história com outra, busca compensar o que nos falta, considerando a perspectiva psicanalítica. (SACRAMENTO, 2018, p.137).

Essa sensação de realidade imediata, de história contada ao vivo, é resultado de uma operação de texto verbal mais a gramática audiovisual, que não pode ser confundida com a “verdade” de um reality show, visto que existe um trabalho de pós-produção, diferente do acontecimento em programas com a câmera ligada o tempo inteiro. Os recursos de edição do material e a desenvoltura com sua câmera mostram do curitibano [que morava no Rio de Janeiro, quando recebeu o resultado], entrecorta a narração com os acréscimos de imagens feitas no celular, com a sua foto da coleta de sangue no laboratório. Ou a cena no carro, com a mãe ao volante, já de volta à Curitiba, no vídeo do Hdiário #2, quando está a caminho de uma consulta com uma infectologista. O que intensifica a percepção de “tempo real”, tão valorizada nas mídias digitais.

Figura 64 – Inserção de imagem da coleta de sangue

Fonte: YouTube, 2021.

A estratégia de frases curtas é eficiente para manter a atenção para uma questão importante. Além da revelação do HIV, do seu exame aguardado com ansiedade, disponibilizado pelo laboratório na internet, sem aconselhamento, acolhimento e sem orientação [mais uma vez a questão se repete, como apresentada por Léo Cezimbra] traz uma tabela do Western Blot, a análise usada para a confirmação de uma primeira amostra positiva do HIV, é vista na tela, com a série de perguntas. *“Um jovem saberia ler isso? Não. Não saberia ler isso”*. Seu relato revela a incompreensão dos dados laboratoriais, a questão da busca por informação em sites, como se cada acontecimento novo fosse autoexplicativo — por mais traumático que seja. Esse aspecto é destacado em sua observação sobre as buscas por informações em páginas de saúde. *“(...) a internet pode matar de susto quem quer saber da suspeita de doença”*, comentava o youtuber usando a metonímia para ampliar a significação do termo internet, que compreende desde páginas pessoais, informativos institucionais e matérias na imprensa. O preconceito é a outra motivação para esse vídeo inicial, corroborando o sentido de “acabar com a ignorância nesse universo”, sendo ele mesmo, um reproduzidor de desconhecimento sobre a sua nova condição, mas deixando isso claro ao reforçar: “eu ainda não sei de nada”. Sua ideia da medicação, por exemplo, é antiga. Antes de iniciar o tratamento com a proposta de terapia 3x1, que adota um comprimido por dia, relatava no HDIÁRIO #2 a necessidade

de “tomar um puta coquetel de remédios”. Soropositivo, uma definição constante em seu discurso, hoje, é termo em desuso, trocado por pessoa vivendo com HIV. A conclusão do primeiro programa tornou-se uma convocação para conversar com seu público, que deveria fazer perguntas, passando o máximo de franqueza possível.

Se observarmos o discurso sobre prevenção e testagem para o HIV, no seu canal, o tom, o estilo característico baseado no humor, na interação com o público já anunciado no vídeo da descoberta da sorologia: “jovem como ele”. Na série didática *Haulinha*, ainda em 2016, o *ethos* apresenta-se ao enunciatário já no título do material *Haulinha # 2 Prática feat. Doug Reder*¹⁷⁵, trazendo um amigo para participar do momento de testagem, acionando a linguagem de audiovisual dos clipes de música.

Figura 65 – Vídeo *Haulinha # 2*



Fonte: YouTube, 2021.

A capa do vídeo traz os dois, homens gays jovens, com o *punctum* da imagem, no sentido do que salta, do que se destaca (BARTHES, 1984) na expressão de Comicholi. Diferente do amigo Doug, a parte didática e literal, o elemento denotativo

¹⁷⁵ Disponível em: <<https://bit.ly/2QQWMTG>>. Acesso em 12 de mar. 2021

do enunciado visual, com a língua à mostra, para a coleta de saliva, contrasta com a do youtuber, que olha para a câmera com o recurso do *squeezing* [olhos semicerrados e a boca entreaberta, a estratégia sedutora das poses em fotografias de moda e de celebridades] com o acréscimo da armação de óculos pesados [mas sem lentes] usados na boa parte da série Haulinha, destacando o professor divertido. “*EEEEIII, aquele que já começa com um berrão o vídeo*”. Essa conjunção de signos visuais e verbais diferencia a abordagem sobre o HIV, em Comicholi, de todos os outros canais que abordam o tema. Essa comparação é feita por nós, para personalizar a sua abordagem, refletindo que, por ser dialógico por constituição, o estilo “não é o homem, são dois homens. Revela, como qualquer enunciado, o direito e o avesso” (FIORIN, 2008, p. 47). Todo um conjunto de sentidos é acionado nesse aspecto dialógico, interdiscursivo, marcando o canal de Comicholi a partir de outras referências históricas que adotam uma proposta de sentido menos sisuda e científica, no sentido de dados laboratoriais e postura séria, como dissemos acima.

Em outro vídeo de nossa análise, também sobre prevenção, produzido um ano e quatro meses depois deste material do teste oral, Comicholi, em 2017, mantém o tom brincalhão, acrescentando ainda mais elementos da cultura pop, ao apostar na paródia de um sucesso musical daquele ano da cantora Anitta, a *Paradinha*. As questões de infecção, testagem e prevenção, são trabalhadas com o clipe *Camisinha | Paródia Paradinha - anitta*¹⁷⁶. O material conta com uma equipe de produção sonora, direção, *styling*, com recursos distintos dos outros canais, que não acionam o mesmo aparato técnico e nem têm a estrutura de equipe que aparece em alguns vídeos de Comicholi. A letra a seguir, composta em 2017, por ele, em parceria com o diretor Joel Vieira, e a produtora Juliana Davanso, está focada no método preventivo do preservativo masculino, a camisinha.

O Gabizinho tem hiv. Eu falei de novo pra você entender que hoje tudo pode acontecer. Use a camisinha pra se proteger. Use a camisinhaaaa! A camisinha ah ah ah ah! Você deve estar me julgando, eu sei. Mas muita gente também tem. Não acontece só com gay. Põe a camisinha em um, dois, três, VAI! Usa a camisinhaaaa! A camisinha ah ah ah ah! Vai sem medo faz o teste. Tem várias maneiras. E é de graça em qualquer postinho de saúde. Busque o tratamento. E não esqueça de usar a camisinhaaaa! A camisinha ah ah ah ah!

¹⁷⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/3m11auS>>. Acesso em 12 de mar. 2021.

Figura 66 – Vídeo *Camisinha* | Paródia da música *Paradinha*



Fonte: YouTube, 2021.

A camisinha ainda é a tecnologia mais difundida e acessível para prevenir infecções sexualmente transmissíveis. Embora, em 2021, o uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição ao HIV) e o próprio Tratamento como Prevenção compõem a estratégias da “mandala de prevenção”, que possibilita adequar métodos preventivos às práticas sexuais de cada pessoa. No Boletim Epidemiológico de IST/Aids da Cidade de São Paulo (2020), o uso da PrEP fez os números de novas infecções por HIV reduzir em 25% em dois anos. “Durante todo o ano de 2019 foram notificados em São Paulo 2.946 novos casos de infecção por HIV” (VASCONCELOS, 2020, informação eletrônica)¹⁷⁷. O infectologista comparava os anos anteriores, verificando que desde 2017 houve na cidade uma redução inédita. Desde a década de 1980, o número de novos casos de infecção por HIV no município só vinha aumentando ano após ano, afirmava o médico. “Mas não podemos deixar de alertar para o fato de o benefício da PrEP precisa ainda ser estendido para todos, sobretudo para a população com menos acesso à saúde e informação”. Há, também, a questão da regionalização

¹⁷⁷ Disponível em: <<https://bit.ly/3rzmSak>>. Acesso em 12 de mar. 2021.

e da concentração de políticas públicas de saúde sexual em cidades como São Paulo, e retomaremos esse aspecto da PrEP na análise do canal de Léo Cezimbra.

Nos anos posteriores a este último vídeo, e, exatamente durante o ano de 2020, Gabriel Comicholi, além dos doze vídeos produzidos em sua plataforma de comunicação no YouTube, interagiu com outros comunicadores que abordavam o tema HIV/aids, gerando um “campo” no sentido que Pierre Bourdieu (2010) conceitua a junção de forças para obtenção de um prêmio. Em produções como o documentário *Deu Positivo*, da MTV Brasil, e na campanha *Abrace a Positividade*, apresentada no canal do YouTube *Põe na Roda*, a recompensa seria a possibilidade de reduzir o estigma e o preconceito relacionados ao HIV. Essa questão voltou a ser abordada com destaque após um vídeo que falava da “doença de gay”, em setembro de 2020, quando a pastora e cantora gospel Ana Paula Valadão associou o HIV a castigo divino, o que em sua fala, seria a consequência do sexo entre homens. No mesmo dia, pela repercussão das falas consideradas homofóbicas e sorofóbicas¹⁷⁸, houve resposta de Comicholi, que compartilhou o episódio *Para Ana Paula Valadão*¹⁷⁹. Como dito por ele, “achava que não precisava mais falar sobre isso”. Embora, um estudo para a campanha Acesso à Prevenção, da companhia farmacêutica Merck, divulgada pela *The Advocate*, publicação voltada para a comunidade LGBTI, em novembro de 2019, trouxesse o contrário. A ignorância e o preconceito relacionados às pessoas vivendo com HIV chegavam a assustar entre pessoas jovens de 23 a 36 anos (a geração dos Millennials, nascida de 1981 a 1996, da qual faz parte o próprio Comicholi). Nessa pesquisa, cerca de 30% dos entrevistados nessa faixa etária, nos Estados Unidos, diziam não abraçar pessoas soropositivas, além de evitar apertos de mão, temendo uma infecção.

Um dos aspectos mais abordados nos vídeos pela maioria dos youtubers, a possibilidade de ficar indetectável [discurso presente já no título do canal de João Geraldo Netto, o Super Indetectável] também aparecia como informação desconhecida, tanto para os Millennials quanto para a geração Z, os nascidos no início dos anos 2000. Nos Estados Unidos, entre os 1.600 participantes desse mapeamento, a maioria não sabia o que significa U=U (Undetectable equals Untransmittable). Em

¹⁷⁸ O Ministério Público Federal ajuizou uma ação contra Ana Paula Valadão, e a emissora que transmitiu o discurso homofóbico, gravado durante um culto da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, em 2016. O MPF pedia indenização por danos morais coletivos por discurso de ódio contra homossexuais e pessoas que vivem e convivem com o HIV.

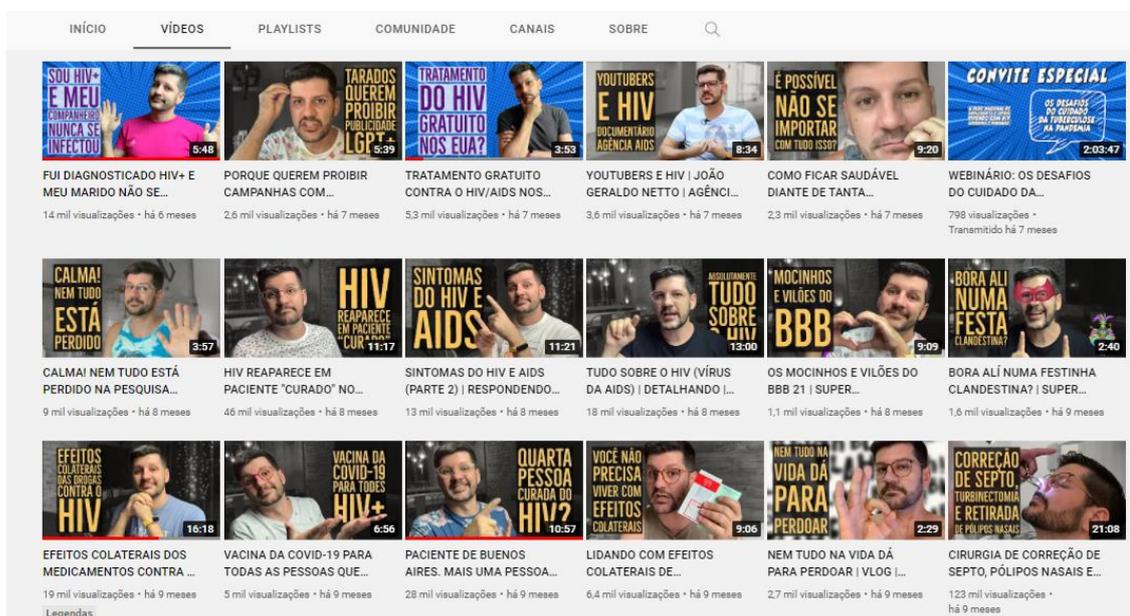
¹⁷⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vgkmd5dk6Tg>>. Acesso: 14 de abr. 2021.

português, I=I, Indetectável igual a Intransmissível) demonstrando a necessidade de falar diretamente com esse público. Também é necessário salientar que, em números absolutos, “há mais héteros que gays e pessoas trans infectadas”, (BORGES, 2020). Mas é preciso falar em prevalência. Duas pesquisas sobre HIV entre HSH, a última em 2016 (KERR, 2018) mostram uma taxa 46 vezes maior nessa população-chave. O número refere-se ao universo da pesquisa em 12 cidades brasileiras. Mas é indicativo importante para garotos como Gabriel, e também para qualquer pessoa com vida sexual ativa. A notoriedade alcançada após a sua apresentação: “*Oi, meu nome é Gabriel Comicholi e eu acabei de descobrir que eu tenho HIV*”, o levou a ocupar vários espaços na mídia de massa, como o programa *Altas Horas*, voltado ao público jovem [no ar aos sábados à noite, na TV Globo], foi um desses espaços. A necessidade de ocupar o universo midiático para gerar atenção já era proposta de grupos como o ACT UP, criado em 1987, para acessar os espaços de poder no debate da aids. Mas os relatos sobre a sorologia positiva no YouTube, essa visibilidade está personificada na figura do comunicador no site de compartilhamento de vídeos. Embora, possam aparecer em grupo — como ocorre nas campanhas produzidas pelo UnAids Brasil, para manter um diálogo com jovens sobre prevenção e tratamento.

5.2.2 Super Indetectável (João Geraldo Netto): *phronesis*

Fiorin (2008c) ao tratar do *ethos* do orador, retomando a obra Retórica, de Aristóteles, nos orienta que a *phronesis* inspira a confiança por trazer argumentos razoáveis. “O orador (...) se apresenta como alguém sensato, ponderado e constrói suas provas muito mais com os recursos do *lógos* do que com os do *páthos* ou do *éthos* (em outras palavras, com os recursos discursivos)” (p. 140). Esse ator da enunciação, no caso de João Geraldo Netto, do canal Super Indetectável, está marcado por escolhas dos temas que aparecem na imagem abaixo.

Figura 67 – Amostra de temas em vídeos do Super Indetectável



Fonte: YouTube, 2021.

Entre a autoridade médica, o cientista, e a pessoa que leva seu relato pessoal sobre o HIV para as mídias digitais, as experiências do cotidiano estão costuradas com lado científico, com argumentação baseada em números, pesquisas detalhadas, um gestual o estilo que chega a ser professoral, em alguns momentos. Podemos perceber melhor esse aspecto a partir de um artigo de Fachine (2008) sobre a figura do "locutor de notícias, com postura distanciada em estilo 'radiofônico, para o 'âncora' que se posiciona enfaticamente sobre os fatos noticiados, em que podemos observar, grandes transformações não somente nos papéis, mas nas posturas e perfis dos apresentadores de telejornal" (p. 69). Não estamos comparando os youtubers que vivem e abordam a sorologia para o HIV em seus espaços com apresentadores de

telejornais, mas sinalizando que na mudança de *ethos*, que tanto aqui, entre os influenciadores digitais, como nos movimentos da literatura, investigados por Fiorin (2008c) muda o estilo de cada um. Enquanto Gabriel Comicholi segue um ritmo de fala acelerado, uma narração entrecortada por gritos, brincadeiras e uma edição próxima do audiovisual na cultura pop; João Geraldo Netto escolhe o léxico da medicina ao intitular seu vídeo *Cirurgia de correção de septo, pólipos nasais...* As pautas, a sua postura e a ambiência dos vídeos feitos na sala de casa, parecem fazer um caminho distinto, mais austero, que o comunicador digital que está categorizado pela *arete*.

Por isso, a citação ao trabalho de Fechine sobre os apresentadores, visto que a estratégia retórica dos youtubers, assim como nos telejornais, “depende da ênfase dada à construção do *éthos*” (p. 70). A partir da postura de cada um, a audiência, o público, pode sentir-se mais próximo, mais “amigo”, quando se projeta no enunciado as construções interpelativas, como se o youtuber estivesse em interação direta com o seu enunciatário. Em movimento oposto, João Geraldo Netto, ao acionar a prova pelo *logos* no seu discurso, projeta-se como um especialista. Ou seja, a pessoa que vive com o vírus pode ser a responsável por falar de sua condição em questões relativas à biomedicina, ao aspecto jurídico e, também, militante, com uma entonação de autoridade. Há vozes anteriores em seu interdiscusso, ao recordarmos do “embate pelo sentido” da comunidade LGBTI, afetada pelo estigma e o preconceito desde o início da epidemia de aids, em 1981. No tópico *A luta pela significação e as primeiras ações práticas*, trouxemos a importância de vozes como a do Gapa, em São Paulo, e dos integrantes do movimento homossexual, para ocupar a posição de protagonismo já nas primeiras notícias sobre a aids no Brasil. Hall (2010) destaca que “a significação de eventos é parte daquilo pelo que se deve lutar, pois esse é o meio pelo qual o entendimento coletivo social é criado”. O choque entre forças retrógradas, apontadas na figura do infectologista Ricardo Veronesi, e o movimento por visibilidade e participação entre os homossexuais, exigia desse último grupo uma posição de autoridade, baseada nesse *ethos* que apresenta suas provas pela argumentação, pela confiança que desperta em seu público. Não por acaso, no vídeo em que comemora os 30 mil inscritos no canal, João Geraldo Netto faz questão de situar: o Super Indetectável foi considerado pela plataforma Social Blade o canal de saúde sexual mais relevante do Brasil, “isso incluindo até mesmo sites médicos”.

Antes de seguir na leitura analítica do canal Super Indetectável, é preciso recordar que entre os espaços apresentados no Mapa de Relatos do HIV, João Geraldo Netto tem nota de rodapé na página 102 para explicar a situação distinta dos outros influenciadores digitais: há dois canais dele no YouTube. O primeiro, homônimo, com 12 mil inscritos até a última verificação, em abril de 2021, segue na forma de diário virtual, com postagens no formato de vlog apresentando sua intimidade com amigos, família, namorado, viagens e passeios a partir de 2007. Neste canal, o seu primeiro registro sobre o HIV é no vídeo *Bastidores da gravação da campanha Dia Mundial Luta contra Aids*, em dezembro de 2010, uma produção do Ministério da Saúde, em que participa como um dos protagonistas. O seu pioneirismo é lembrado por ele no vídeo citado acima *Super Indetectável é o canal sobre saúde sexual mais relevante do Brasil e já somos 30 mil*, comentando já ser um “HIVelho”. Nessa marcação de tempo, afirmava ter sido “o primeiro brasileiro, em 2009, a falar sobre o próprio HIV em um canal do YouTube. Porém, essa foi apenas a abertura dos caminhos para outros positivos que fazem um trabalho incrível”, e listava outros canais que vieram nos anos seguintes.

A percepção da figura do enunciador, sua imagem discursiva, o seu *ethos*, se apresentaria, então, *duplicado*, se levássemos em consideração esses registros na totalidade de um e outro canal: o tom mais íntimo, de um jovem relatando experiências do cotidiano, no primeiro; e o seu discurso sobre a sorologia para o HIV construído a partir do trabalho de pesquisador e militante, que assumiu ao trabalhar no Departamento de ISTs, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, no momento em que foi morar em Brasília. A finalidade, ao trazer esses dados “fora do discurso”, não é seguir pelo caminho de Isócrates ou Quintiliano, que percebiam o *ethos* de maneira distinta de Aristóteles, a partir de atributos morais, como a coragem. (FECHINI, 2008). Mas deixar evidente, como anota Cruz Júnior (2006), que, ao longo da história, essa noção de *ethos* dos dois autores foi a que prevaleceu. “Relacionado /não a uma construção discursiva, mas à reputação, à imagem pública daquele que toma a palavra” (p.33). A posição pessoal do orador, “a sua inserção junto às instituições sociais, que sustentam o discurso”. Essa abordagem sofre várias alterações, e, aqui, iremos diretamente para o século XX, encurtando o caminho que fez Cruz Júnior, para olharmos a obra *A economia das trocas linguísticas*, de Pierre Bourdieu (2008). Para o sociólogo, diz Cruz Júnior, mais que um fenômeno linguístico,

“o *ethos* é empírico e está diretamente relacionado às instituições sociais em cuja jurisdição o discurso social é produzido” (p. 37).

O entendimento difere da proposição Aristotélica, adotada neste trabalho, junto com as orientações de Maingueneau (2008) e Fiorin (2008c; 2015) na Semiótica Discursiva. Mas não é irreconciliável, visto que, Aristóteles “não nega que a reputação do orador contribui para o convencimento do destinatário. Mas lhe atribui uma importância menor que a do discurso” (CRUZ JÚNIOR, p. 37). Seguimos a conceituação de Maingueneau (2008) e suas distinções, sem negar essa outra posição, o que seria desfazer a construção conceitual e metodológica para a escolha dos canais analisados, que foram selecionados a partir de uma métrica de visibilidade e autoridade pelos números trazidos pela ferramenta Social Blade. O site verifica a performance a partir dos dados de público no YouTube, um referencial de destaque, que aparece no título do vídeo citado anteriormente do canal Super Indetectável: “(...) já somos 30 mil”. Essa menção é para evidenciar que *ethos*, em nossa análise, está baseado no discurso, mas os números e questão da visibilidade [que detalhamos melhor na análise do material sobre raça] devem ser levados em conta. A representatividade conquistada por militantes históricos sobre o HIV e a aids, que os influenciadores digitais assumem quando destacam seu papel de “ativistas” nos vídeos, ao abordar a sorologia positiva, não pode ser desprezada.

Nessas relações complexas, apresenta-se a interdiscursividade entre a “luta semântica” dos grupos na primeira década de anúncio da aids e os youtubers. Ao enunciar com referência ao trajeto histórico, João Geraldo Netto, e os outros youtubers que adotam um discurso ativista — aspecto muitas vezes distinto do ativismo presencial, em grupo, como nos anos 1980 — nos fazem pensar que “não se pode esquecer que a fama e a reputação nada mais são que discursos sobre o sujeito, que o sancionam positiva ou negativamente”, (CRUZ JÚNIOR, idem, p.38). A reputação no YouTube, e em outras mídias digitais, é observada em dados que estão além do texto. Seja pelas métricas da plataforma, ou pelos convites para estampar revistas [na Introdução apresentamos Gabriel Estrela na capa da publicação Galileu] essa inserção na mídia de massa, como argumentamos na análise de Gabriel Comicholi. Em sua apresentação, por exemplo, o Super Indetectável informa tratar-se de um canal de vídeos da *Rede Mundial de Pessoas que Vivem e Convivem com HIV*.

“(...) *Acreditamos que levar informação é a melhor maneira de combater os mitos e qualquer tipo de discriminação e violência*”.

Esse texto introdutório traz a chancela de uma instituição para que o internauta, o visitante novato no conteúdo apresentado pelo Super Indetectável já chegue amparado nessa descrição, com uma percepção do *ethos* de João Geraldo Netto, o ator da enunciação nesse espaço. Como esclarece Sacramento (2018), a testemunha contemporânea [recordando que o trajeto do youtuber que prefere ser reconhecido como “um ativista que faz vídeos”, inicia a partir do seu relato do HIV],

(...) raramente, é a única autora de seu testemunho: sua deposição é moldada por especialistas e instituições que registram, classificam, arquivam, publicam e divulgam testemunhos, mas também – e principalmente – por normas tácitas, modelos estéticos e expectativas políticas que informam a produção do testemunho e sua recepção em determinado contexto. (p.130)

Mesmo que acione a postura de expert, em vídeos como *Logística de distribuição de medicamentos anti-HIV (Coquetel)*¹⁸⁰, que analisamos aqui, o discurso de João Geraldo Netto serve à finalidade de “informar para evitar discriminação e violência”, mas também está a ser serviço de organizações, e de práticas do cuidado de si, que dão sentido à exposição de Sacramento. Quando explica desde os processos de licitação de laboratórios com o Ministério da Saúde¹⁸¹, a produção dos medicamentos, a forma como são armazenados os antirretrovirais e até as questões de alfândega, no caso de medicamentos importados, por exemplo, da Índia, nos parece que, além das vozes ativistas, há mais que essa função. Para Bruno (2013), “a lista de dispositivos voltados para o automonitoramento, aliando vigilância, cuidado de si e otimização da performance em diversos campos da vida cotidiana: trabalho, saúde, produtividade etc” (p. 34).

¹⁸⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/3rNLCEZ>> . Acesso em 03 de mar. 2021.

¹⁸¹ No vídeo *Por que fui demitido do Ministério da Saúde*, João Geraldo Netto conta sobre o trabalho nas mídias sociais trabalho no MS entre os governos de Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, em paralelo ao seu canal no YouTube, até ser demitido em julho de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3cL0DKC>>. Acesso em 03 de mar. 2021.

Figura 68 – João Geraldo Netto no vídeo sobre logística



Fonte: YouTube, 2021.

A autora nos orienta que a vigilância contemporânea, distribuída, não está restrita aos circuitos de controle, segurança e normalização. É preciso atenção na leitura dos conteúdos disponíveis em sites de compartilhamentos de vídeos e imagens, ou no jornalismo impresso e digital, para não incorrer em erros, identificando somente a significação superficial. No vídeo citado, a especialização da terminologia e o encadeamento da argumentação com números e dados concretos, podem trazer mais que o aspecto ativista. A vigilância está distribuída por

inúmeros contextos sociais e o seu caráter cotidiano vão de par com uma tonalidade afetiva plural que se distancia do aspecto preponderantemente sombrio de outrora. Se por um lado a vigilância se justifica ou se exerce pelo medo e pela promessa de segurança, ela também mobiliza ou expressa todo um circuito de libidos, prazeres e desejos. (BRUNO, 2013, p. 34).

Quando o Super Indetectável nos mostra a forma que os antirretrovirais chegam aos postos do Sistema Único de Saúde (SUS) e nos centros de referência para tratamentos de profilaxia Pós-Exposição (PEP) e Pré-Exposição (PrEP), o youtuber mapeia a cadeia inteira para desfazer notícias equivocadas sobre um possível

desabastecimento dos medicamentos no Brasil. Refaz, ainda que brevemente, o trajeto histórico dos movimentos ativistas para conseguir a garantia da medicação através da Lei 9.313/96, o acesso aos ARV, contando como as pessoas eram atendidas pelo programa nacional de HIV/aids:

Na época, eram só as pessoas que desenvolviam aids, com o CD4 bem baixinho. Isso veio aumentando, à medida que a gente veio evoluindo no conhecimento, na luta do movimento, essa coisa toda, até que chegou um ponto onde hoje qualquer indivíduo que se descobre soropositivo, ele pode iniciar o tratamento com antirretrovirais.

Neste ponto do vídeo, o influenciador usa sua experiência em relação ao tratamento para exemplificar que nem sempre a política de tratamento aconteceu da mesma forma. *Há alguns anos atrás, quando eu me descobri positivo, eu não podia tomar o medicamento. Porque eu não tinha adoecido. Era uma coisa bem insana assim. Enfim, recomendações da época, coisas ultrapassadas, que isso já passou (estalar de dedos, para enfatizar), e Graças a Deus já passou.*

Ao voltar a falar sobre a logística da medicação, e da possibilidade de faltar antirretrovirais nas farmácias, trabalha como no jornalismo de serviços, de forma prática, indicando o 136, telefone da ouvidoria do SUS, e mostrando como obter respostas pelo canal da organização na internet, dizendo preferir esse último recurso. No texto de descrição do vídeo, disponibiliza um infográfico sobre todas essas informações do processo, e a quantidade de pessoas atendidas com os esquemas terapêuticos disponíveis no período do vídeo, agosto de 2017. Todo o relato em primeira pessoa e a pesquisa detalhada sobre o tema proposto servem ao propósito da colaboração, “do impulso participativo” da produção de conteúdo na internet e nas redes de vigilância distribuída, que não funcionam mais, nos diz Bruno (2013) de forma unilateral. Mas nos convocam a produzir material de forma cada vez mais atenta “sobre o outro, a cidade, o mundo”, (p.37). Estamos todos convocados a viramos influenciadores do nosso entorno, ganhando autoridade a partir de métricas da visualização, ou nos colocando no papel de palestrantes, um resultado positivo por administrar nosso cotidiano de maneira considerada exemplar, como nos parece fazer João Geraldo Netto.

O cuidado durante essa tarefa de informar está no texto verbal e, no caso dos vídeos, no cenário. João Geraldo analisados nesta amostra está, em boa parte das vezes, na sala do apartamento em que vivia em Brasília com André Moreira, seu então marido, citado em alguns vídeos quando trata do cotidiano do casal e da relação

sorodiferente [o seu companheiro aparece no vídeo sobre *Problemas de acesso à PrEP na Capital Federal*¹⁸²].

Figura 69 – João Geraldo Netto na sala de casa



Fonte: YouTube, 2021.

Em sua sala de estar, um tom sério não lembra a descontração e a jovialidade dos ambientes de Comicholi e Cezimbra. O mobiliário é composto por madeira em tom escuro, com cáqui e marrom, na estante da TV e na mesa. Um quadro posicionado na parede atrás do sofá cinza chumbo mostra a paisagem parisiense pintada como a dos cartões postais convencionais, e ao fundo cortinas de voil claro e um abajur de estilo clássico. Toda a ambientação traz uma conotação de austeridade. O discurso sério de João Geraldo Netto, em sua forma verbal, aparece reforçado nesse texto visual. A imagem pessoal [cores de vestimenta, corte de cabelo, armação dos óculos, barba sempre aparada] do enunciador acompanha essa frequência da prudência, da ponderação, que Fiorin (2008c) observa no *ethos* que inspira confiança, o da *phronesis*. Nesta análise, precisamos deixar evidente que as observações sobre o estilo do youtuber é percebido em comparação ao dos outros dois canais. Fiorin (1989) nos lembra que essa diferenciação acontece dentro de um universo relacional, observando a gradação entre excesso, justa medida e ausência. “Cada cultura consolida uma aspectualização positiva ou negativa dos comportamentos sociais e, conseqüentemente, da ‘qualidade’ da performance do ator [da enunciação]”

¹⁸² Disponível em: <<https://bit.ly/3dtVLZg>>. Acesso em 03 de mar, 2021.

(FECHINE, 2008, p. 73). Aqui, essa performatividade é lida dentro dos canais de homens jovens gays que abordam o HIV no YouTube para esta Dissertação.

Feita esta ressalva, voltemos a nos ocupar do cenário, da iluminação, do enquadramento, e até mesmo do ângulo de câmera que são, basicamente, os mesmos, até agosto de 2019, quando João Geraldo Netto aparece no vídeo sobre o aplicativo *Viva Bem*, para ajudar na adesão ao tratamento com os ARV. Embora na mesma sala, a captação de imagem é feita em direção à porta da entrada. A cartela de cores não se alterou. O trabalho de edição do canal Super Indetectável, é feito no celular, deixando muito claro que a força do texto produzido pelo youtuber está baseado nas informações científicas aprofundadas, no cenário das políticas públicas de saúde e no seu traço ativista. O tom visual muda, de fato, a partir de janeiro de 2020, ao gravar, de Goiânia, o vídeo *O Que é Carga Viral do HIV? | Rapidinhas*¹⁸³ quando aborda a terminologia para o vírus. Além da roupa, uma camiseta em *tie dye* [a técnica artesanal de tingimento, que entrou na moda desde o ano anterior] de cor mais intensa, um azul turquesa com a estampa de caveira mexicana, o cenário com parede de tijolos aparentes e cimento queimado parecem marcar um ponto de inflexão no canal. Há, após as restrições impostas pela pandemia da Covid-19, os vídeos produzidos da Alemanha, como citamos na parte teórica; e uma nova série a partir das *lives*, um formato muito difundido no período de distanciamento social, no ano de 2020.

Para não deixar de incluir nesta análise o “gênero” que traz novas características para os vídeos dentro da plataforma YouTube, acrescentamos ao material do Super Indetectável, dois vídeos com *lives*: *Porque é tão difícil aceitar e assumir o HIV? | Flávio Calile*, material de agosto de 2020, e *Juventude e raça na luta contra a aids*, que foi ao ar em setembro do mesmo ano. Nos vídeos feitos ao vivo, o *ethos* do youtuber se mantém, ao olharmos para a totalidade discursiva. Seja pela escolha dos assuntos [saúde mental, física e ativismo] ou pela seleção dos participantes, que são todos “autoridades” em suas áreas. De maneira distinta do material gravado, em que profissionais de saúde e representantes de instituições aparecem entrevistados no formato convencional, de perguntas e respostas; nas *lives* o aspecto mais próximo da polifonia. Foi o que vimos na conversa entre o youtuber, dois militantes que vivem com o HIV [Rafusca Queiroz e Lázaro Silva] e a

¹⁸³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gaubjpPPcG4>>. Acesso em 15 de maio 2021.

infetologista [Márcia Rachid] que acompanha a história do HIV no Brasil desde a década de 1980. Sem edição prévia, como na maioria dos outros vídeos, João Geraldo Netto em determinado trecho afirma receber críticas por ser um rapaz branco falando de HIV na internet.

Figura 70 – Live Juventude e raça na luta contra a aids



Fonte: YouTube, 2021.

O contexto de seu diagnóstico se deu de forma distinta da descoberta da sorologia positiva recebida por um homem negro e gay na periferia, como apresentado por Lázaro Silva, morador da Baixada Fluminense. O acolhimento e o acesso à informação desde o início, relatados por João Geraldo Netto, contrastam com as situações enfrentadas por Lázaro¹⁸⁴, a partir de 2012. Essa comparação nos mostra como a informação ainda é um privilégio, como o racismo atua nas políticas de saúde entre jovens negros, relacionando-se, aqui, ao HIV.

Retomemos a ideia central do tópico *Biopolítica, Necropolítica e Corpos Imunes*, quando Preciado (2020), lendo os primeiros efeitos da epidemia do SARS-CoV-2 no mundo, reflete, a partir de Foucault (2008) e Mbembe (2018), que “o vírus atua à nossa imagem e semelhança, apenas reproduz e estende a toda população as formas dominantes de manejo biopolítico e necropolítico que já estavam trabalhando no território nacional” (PRECIADO, 2020, p. 168). Seja o novo coronavírus, ou o HIV entre a população negra, periférica e homossexual. Na sua fala, Lázaro observa que as características físicas, a questão de raça, influencia, também, na visibilidade para abordar o vírus HIV no YouTube. O racismo está reforçado pela audiência atestada

¹⁸⁴ Destacamos do vídeo essa interação entre dois homens gays vivendo com HIV, para manter o foco na público-chave da análise desta Dissertação.

nas ferramentas de métrica em canais de homens jovens, brancos, de classe média, em sua absoluta maioria. Vejamos o trecho destacado no material de uma hora e trinta dois minutos:

A maioria das pessoas que falam sobre o HIV nas redes sociais são pessoas brancas, sabe. Quem têm mais acesso, quem têm mais views nas redes sociais, quem tem mais acesso são pessoas brancas. (...), até porque o racismo ele perpassa a nossa existência sempre. E no HIV não é diferente, não é diferente. No meio LGBT é muito mais bonito, é muito mais estético ver o João Geraldo Netto com HIV do que ver o Lázaro vivendo com HIV — é muito mais padrão né? (interferência feita por João Geraldo). Por que a minha existência já perpassa porque eu sou uma bicha, preta, afeminada, tudo isso. E vivendo com HIV. E isso têm várias coisas que já configuram dentro isso.

Importante dizer que essa questão está além do YouTube: é estrutural, enraizada na sociedade brasileira, e nas representações culturais do mundo inteiro. As primeiras cenas de afeto entre homens, nos produtos da cultura de massa no Brasil, uma das principais críticas dos grupos de ativismo LGBTI era o padrão físico calcado na heteronormatividade. Homens brancos, de classe média alta davam o beijo gay inaugural, em novelas no folhetim *Amor à vida* (2014) da TV Globo. Nas cenas românticas na TV, e no cinema, quase não existem casais gays negros. O corpo negro masculino, não importa a sua orientação sexual, têm a imagem ligada à hipersexualização em produções de cunho erótico, uma das queixas do Movimento Negro desde os anos 1970, nos Estados Unidos. O YouTube, se pensarmos por essa lógica racista no audiovisual, segue na perpetuação dos padrões sociais, neste caso dos canais de relatos do HIV no Brasil, como nos mostra o tópico do mapeamento.

A questão da morte, aspecto recorrente em quase todos os relatos da descoberta da sorologia nos canais do YouTube, carrega no seu interdiscurso a imagem do passado, relacionada à aids como a doença que representava a morte, para a maioria dos casos. Dessa forma, no texto introdutório da Dissertação, escolhemos o material produzido e compartilhado pelo BuzzFeed, em 2018, com o título *New HIV patient meets survivor from the 80's* (Um novo paciente HIV positivo encontra um sobrevivente dos anos 1980) para evidenciar pela escolha lexical a posição das pessoas infectadas naquele período: sobreviventes. Essa construção de significado poderia não fazer sentido ao olharmos para a imagem saudável e o discurso de bem-estar dos youtubers, a partir da adesão ao tratamento antirretroviral.

Na revisão dos vídeos de nosso corpus, vemos que, na prática, a morte simbólica de que tratava Daniel (1989) está presente no momento do diagnóstico, decorrente do estigma, do silenciamento em relação à sorologia positiva, e da carga semântica que até os dias de hoje relaciona a infecção pelo HIV à pecado, promiscuidade e descuido. Na *live Por que é tão difícil aceitar que vivemos com o HIV e Aids*¹⁸⁵, transmitida pelo Super Indetectável em agosto de 2020, o próprio *youtuber* recorda do seu preconceito após o diagnóstico, recusando a ideia de fazer parte de um universo de excluídos, em que estariam “*putas, travecos e aidéticos*”.

Figura 71 – Live com o psicanalista Flávio Calile



Fonte: YouTube, 2021.

Este ponto da análise surgiu, exatamente, no momento da banca Qualificação, quando o pesquisador Marcelo Robalinho levantou a questão: “quando alguém vira soropositivo?” Do ponto de vista biomédico, a partir do contato com o termo “reagente” no exame laboratorial, indicando uma nova condição sorológica, carregada do demérito social e do medo. No novo passaporte para um mundo que, se não é o da doença, como observado por Sontag (1989), apresenta-se como uma condição crônica que difere da maioria das condições crônicas de curso permanente, como o diabetes, para citar um exemplo. O ciclo de silêncio, o receio de contar sobre o resultado positivo é uma realidade para 75% das que vivem com HIV no Brasil,

¹⁸⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ZQqfEBgKFU>>. Acesso: 12 de fev. 2021.

temendo condutas preconceituosas (UNAIDS, 2020), que vão de demissão a comentários discriminatórios na família ou entre amigos. Diante desses dados, o componente ideológico sobre a sorologia, torna a resposta bastante complexa. Não haveria um momento, um marco universal por tratar-se de questão pessoal, mobilizando julgamento moral e culpa (SONTAG, 1989), metáforas de causa e consequência, de responsabilidade e gestão do risco. É nesse turbilhão de questionamentos que o resultado “reagente para o HIV” coloca as pessoas soropositivas em condição de luto.

O enlutado vai experimentar o processo a sua maneira, e o luto, na *live* analisada, é descrito em cinco fases, remetendo ao trabalho popularizado pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross (2017). Não vamos prolongar a discussão sobre a origem do conceito, mas tomar como base o livro *Sobre a morte e o morrer*, da autora citada no vídeo. O psicanalista Flávio Calile, de Brasília, ao apresentar cada uma das etapas, lista a primeira, como a da negação e do isolamento. Vindo, na sequência, a raiva; posteriormente o estágio de barganha; chegando a depressão e, finalmente, a aceitação. Este último degrau, que Klüber-Ross (2017) observou nos doentes em fase terminal, é difícil de alcançar. As etapas não seguem uma cronologia generalizada para todas as pessoas que enfrentam o luto. O percurso, como dissemos antes, é pessoal e pode demorar mais ou menos tempo. No caso específico da sorologia para o HIV, a aceitação representaria o ideal, em que ocorre adesão ao tratamento e aos medicamentos, para se chegar à indetectabilidade, quando a carga viral fica em menos de 40 mil cópias por ml de sangue, de acordo com o padrão adotado no Brasil. “ (...) estar indetectável e se manter assim apresenta-se como uma possibilidade de colocar a condição de existência do viver com HIV, inclusive, de volta ao campo da sexualidade, do desejo e dos prazeres” (AZEVEDO, 2019, p. 106). Manter a vida sexual sem a aflição da possibilidade de infectar o parceiro, uma situação enfrentada por pessoas vivendo com HIV antes da adoção do esquema de testagem positiva e início imediato da medicação antirretroviral. E, no caso das mulheres, a garantia de gerar filhos sem o risco de infecção, a chamada infecção vertical, de mãe para o bebê.

Quando utilizam o termo indetectável no discurso de saúde, os youtubers usam a adjetivação para distanciar HIV de aids.

O distanciamento das duas expressões, HIV e Aids, surge como gesto de ruptura política, semântica e epistemológica de significações negativas e postula novos sentidos acerca do que entendemos como duas condições de existência distintas: uma que historicamente diz de

uma precariedade maior da existência e outra que se refere a uma possibilidade de vida com e além do vírus. (AZEVEDO, 2019, p. 105).

O que *“tira a pessoa do ciclo de vida, no HIV, é o preconceito”*, diz o psicanalista na *live*. O luto, a sensação de morte, quase quarenta anos depois, está ligado a estigmas que se perpetuaram. Calile explica o processo da seguinte maneira:

O que mata a saúde mental, mata no sentido de tirar essa pessoa do ciclo de vida, no HIV, é o preconceito. Eu não posso falar disso, eu não posso conversar abertamente por que as pessoas vão se afastar de mim. (...) Pessoas próximas, família, a gente chega em casa e bate um papo sobre quem tem diabetes, hipertensão. Mas a gente não fala do HIV. Então, é um processo de luto. Porque a pessoa passa a não existir enquanto gente que tem uma doença, como a minha mãe que é hipertensa, que é cardíaca. E a gente se afasta de uma pessoa que tem esse diagnóstico. (...) a palavra morte está sempre presente.

Figura 72 – Conversa entre Flávio Calile e João Geraldo Netto



Fonte: YouTube, 2021.

O estágio da negação, que é “uma defesa psíquica em função de mil medos”, em que a pessoa que vive esse silenciamento que os youtubers conseguiram romper, pode durar até mesmo uma vida inteira. “Se não é comigo, por que eu vou tratar? (...) algumas pessoas adquirem aids por não tratar”, reforçava o profissional. Como as questões da linguagem estão integradas com o processo de subjetivação e da prática

social, há neste vídeo o trecho que remete às imagens construídas sobre os grupos iniciais associados à aids, como apontamos acima. João Geraldo Netto verbaliza como os preconceitos eclodem durante essa elaboração do descobrir-se positivo para um vírus que acumula, em 2021, quatro décadas de camadas semânticas.

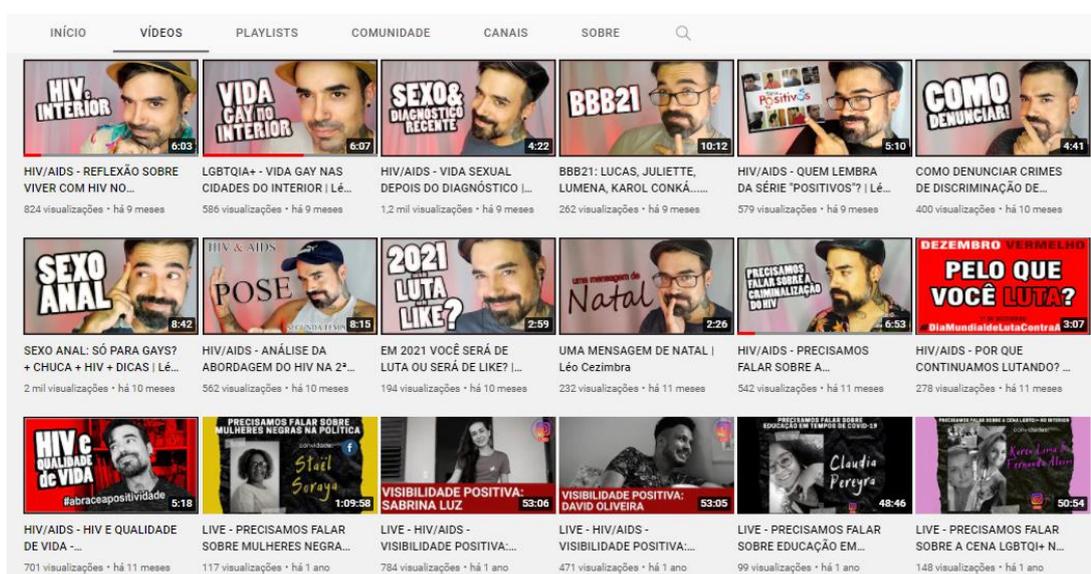
Os preconceitos pioram essa fase do luto. Na cabeça de muitas pessoas (no momento da descoberta da sorologia) vem a ideia, caraca, eu sou igual àquelas putas, aqueles travecos, aqueles aidéticos. Tudo o que é termo pejorativo, tudo o que é de negativo sobre o HIV vem na cabeça nesse momento. Se sou muito preconceituoso com essas populações, eu vou me ver cada vez mais fora.

As práticas sexuais colocadas como típicas do “grupo daqueles” (JOFFE, 2003) passam a corroborar com a ideia de negação. O que pode explicar o número reduzido de relatos de homens heterossexuais no YouTube, sendo apenas dois [que tratam abertamente de sua orientação sexual e sorologia para o HIV] no mapeamento construído para este trabalho: Diego Moi e Cláudio Souza.

5.2.3 Léo Cezimbra: *eunoia*

O tom de voz tranquilo, o ritmo pausado da fala, o olhar baixo e a edição dos vídeos, em sua maioria, sem o recurso de muitos elementos visuais ou sonoros, carregam o seu *ethos* construído na atenção ao *pathos*, o seu enunciatário, que parece convidado para uma conversa intimista. Em geral, o ambiente escolhido é o seu quarto, com o teto forrado em PVC branco, parede de cor verde e elementos de cultura *geek*, como animes, e objetos coloridos decorando o fundo.

Figura 73 – Temas de vídeos de Léo Cezimbra



Fonte: YouTube, 2021.

Léo Cezimbra no YouTube parece, em alguns, contrastar com a imagem construída de Léo Cezimbra do Instagram. Nas fotos da rede de imagens, o youtuber gaúcho da fronteira com a Argentina, instrutor de *bike indoor* e hidroginástica, nos apresenta as fotos da época de modelo, sem cabeça e postura mais sensual, o corpo esculpido na academia. A forma de estruturar o enredo no YouTube, apresenta-se com essas diferenças para quem faz análise do discurso e decide utilizar as contribuições da Retórica e da semiótica discursiva. Maingueneau (2015) nos diz que “a multimodalidade foi levada ao paroxismo pelo desenvolvimento da web” (p.161), embaralhando as concepções de discursividade e de gêneros do discurso. No Instagram, por exemplo, o discurso em primeira pessoa, a construção do *ethos*, ao trazer as noções de cuidado de si, de administração da própria saúde e do corpo,

podem acontecer com uma foto. Ou com a postagem de um desafio de “antes e depois”, como explicamos na parte teórica. Não vamos nos alongar nessas diferenças, mas demarcar que o nosso percurso teórico/metodológico necessitava do conceito de *ethos* para dar conta da leitura desse *corpus* com áudio, trilha sonora, ângulo de câmera, enquadramento, gestual, pausa dramática, direção do olhar, iluminação, qualidade técnica. Além do texto verbal, que, por si, já seria bastante trabalhoso.

Maingueneau (2008) nos fez refletir como esse conjunto de fatores foi importante para que a Retórica Clássica ganhasse novas contribuições, como ele mesmo o fez, ao trazer elementos da análise de discurso francesa, para observar a comunicação, os enunciados, no contexto atual.

(...) dado que um número crescente de produções discursivas é multimodal, restringir os estudos apenas aos materiais verbais (orais ou escritos) não é mais algo evidente: é uma escolha que precisa ser justificada pelos objetivos da pesquisa. (MAINGUENEAU, 2015, p. 161).

Ao nos debruçarmos sobre a produção de Cezimbra, percebemos que mesmo falando para um público de 21 mil inscritos, tendo ultrapassado a marca de 1,5 milhão de visualizações, dados da última checagem do canal, na página 109, e interagindo com “pessoas de vários lugares do país, e até de fora daqui”¹⁸⁶, da sua cidade natal, Uruguaiana, no Oeste do Rio Grande do Sul, a questão geográfica é reforçada frequentemente. Falar da sorologia positiva para o HIV no YouTube, em primeira pessoa, carrega as coerções sociais do local onde a pessoa vive, nos mostra Léo Cezimbra, confirmando o traço coletivo no relato autobiográfico. (ARFUCH, 2010). No material Vida Gay no Interior, essa questão da localização é pontuada sob aspectos que, além de trazer a empatia, a solidariedade, nos fez selecioná-lo por particularizar, ainda mais, a posição do youtuber.

¹⁸⁶ Disponível em: <<https://bit.ly/31sVuAa>> Acesso em 25 de fev. 2021.

Figura 74 – Léo Cezimbra no vídeo de fevereiro de 2021



Fonte: YouTube, 2021.

Diferente de um influenciador que vive em uma capital como São Paulo, onde as políticas de saúde relacionadas à aids foram iniciadas, ainda nos anos 1980 — como mostramos na parte histórica deste trabalho — é possível ver as disparidades regionais ocorrendo no discurso e na prática. Se pensarmos em relação a novas possibilidades de prevenção à infecção pelo HIV [além do preservativo masculino, a camisinha] e citarmos a PrEP, a combinação de medicamentos que deve ser tomada diariamente para impedir a replicação do vírus, teremos um exemplo claro na diferença de acesso a estratégias preventivas no território brasileiro. São Paulo, onde está a maioria das pessoas que relatam como é viver com HIV [ver mapa] no Youtube, é considerada a capital da PrEP no Brasil (VASCONCELOS, 2021, informação eletrônica).¹⁸⁷ Dos 5.183 usuários de PrEP no país, um terço dessas pessoas estava em São Paulo, segundo dados do Ministério da Saúde, em outubro de 2020. Essa disponibilidade de centros de referência e estratégias para evitar infecções podem influenciar o debate sobre saúde sexual e, de maneira correlata, as construções de

¹⁸⁷ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/rico-vasconcelos/2020/12/04/prep-faz-novos-casos-de-hiv-de-sp-diminuirem-25-em-apenas-2-anos.htm>>. Acesso em 25 de fev. 2021.

sentido sobre o comportamento sexual, se levarmos em consideração as explicações de Kerr (2018) em relação à interferência das bancadas do boi, da bíblia e da bala nas campanhas preventivas e nas políticas de saúde orientadas para a população LGBTI. Para a pesquisadora, foi a partir da intervenção cada vez maior de setores conservadores no Congresso Nacional e no Senado, que o material educativo deixou de circular, exatamente na faixa da população que apresentou crescimento de infecções pelo HIV, homens jovens que fazem sexo com homens.

O aspecto moral, de julgamento e culpabilidade em relação ao HIV é acionado no interdiscurso do youtuber Léo Cezimbra, sem que ele mesmo perceba como se apresenta “essa articulação indissociável entre o eu e nós”, como mostramos na parte teórica abordando Arfuch (2010) em sua leitura do dialogismo em Bakhtin. Fiorin (2008a) ao questionar se o dialogismo é um fenômeno social ou individual, lembramos que na teoria formulada por Bakhtin (1997), em *Estética da Criação Verbal*, é uma coisa e outra. Há toda uma gama de fenômenos nesse movimento dialógico. Não só as questões políticas, culturais e históricas, que apresentamos na parte inicial desta Dissertação. É necessário marcar, neste ponto da análise, quando decidimos abordar questões geográficas relacionadas à sorologia do HIV, que “(...) a fala — que se vai moldando pela opinião do locutor imediato (...)” (FIORIN, 2008a, p.177) está contida no enunciado em relação ao vírus em seu primeiro momento. No vídeo anterior ao que estamos analisando aqui, postado em 5 de setembro de 2016, intitulado *Confissões #2 Não Tive Coragem de Encarar Meus Pais*, quando trata da descoberta da sorologia, a sensação de descuido e impureza, ligados à prática sexual, são evidentes a partir desse título. Mesmo sem saber quando e em que situação poderia ter ocorrido a infecção, demonstrando tristeza pelas imagens do HIV ligadas ao passado da aids, nos anos 1980, em sua narrativa, a ênfase, as “provas pelo discurso” são construídas com base maior no *pathos*. Figurativizados neste vídeo específico em seu enunciatário, a família, os irmãos e uma amiga.

No segundo dos vídeos da análise, *Confissão #3: Me Senti Culpado pelo Sofrimento da Minha Família*, compartilhado em setembro de 2016, produzido no próprio quarto, onde grava a maioria dos seus relatos, Léo Cezimbra ainda apresentava seu espaço como *Confissões de um soropositivo*, ainda que, como vimos na parte teórica, o tipo de relato feito na internet esteja mais perto do testemunho, em que a ferramenta YouTube se posiciona entre a terapia e o entretenimento. Entre

essas duas pontas, é preciso destacar a diferença entre a vigilância moderna, que se ocupava de indivíduos e populações dentro de um modelo “fechado”, panóptico, e o conceito de “vigilância distribuída” trazido por Bruno (2013). O caráter das práticas nas redes sociais, na internet, é “(...) multifacetado, com registros de legitimação superpostos e com uma significação social e subjetiva plural” (BRUNO, 2013, p. 21). Reúne, nos diz a autora, segurança, pertencimento, cuidado, suspeição, prazer, entretenimento, performatividade, por exemplo.

No tom, no *ethos* de Léo Cezimbra, alguns desses efeitos de sentido são acionados a partir da escolha do título do episódio, quando se coloca como responsável pela tristeza da família após o resultado positivo para o HIV. Fiorin (2008c) observa essa solidariedade, esse benevolência e simpatia (o que podemos ver como empatia no discurso de Cezimbra) que já estão nos primeiros registros do seu canal, em 2016. O orador, desta forma, constrói suas provas do discurso baseado no *pathos*, figurativizado neste vídeo específico, em sua família, apontando para a família de todos aqueles quem descobrem a infecção para o HIV. Em seu enunciado, no seu papel discursivo, “(...) apresenta-se como um igual, cheio de benevolência e de benquerença” (FIORIN, 2008c, p. 140).

Ao mostrar-se preocupado com o bem-estar emocional de sua família, Léo Cezimbra decidiu compartilhar o diagnóstico de sua sorologia com os irmãos, seus pais e amigos próximos. “O mais pesado eu deixei para minha irmã. Contar para os meus pais a minha nova sorologia”. Essa possibilidade de abertura e de acolhimento imediatos relatada, difere dos dados apresentados no *Índice de Estigma em Relação às Pessoas vivendo com HIV e Aids*, do UNAIDS Brasil, em dezembro de 2020. A análise em profundidade, produzida com entrevistas em sete capitais brasileiras, mostrou que, no Recife, local de produção desta Dissertação, 87% dos entrevistados disseram ter dificuldade para contar à família que vivem com HIV e aids (UNAIDS, 2020).

Figura 75 – Léo Cezimbra no vídeo Confissões #3 do seu canal



Fonte: YouTube, 2021.

Comentários discriminatórios ou fofocas por alguém ser soropositivo, entre pessoas do núcleo familiar chegava a 42,9% entre soropositivos para o HIV que respondiam às questões. Esse resultado colabora para manter o silenciamento, dificultando, inclusive, o acesso ao tratamento antirretroviral. Cezimbra, ainda em 2016, dirige-se às pessoas que o assistem, já no primeiro vídeo do postado YouTube, quando o seu canal ainda se chamava Confissões de um Soropositivo¹⁸⁸, mesmo título do seu livro, lançado em 2017. O seu reforço e atenção já é baseado na *eunoia*, mostrando solidariedade com quem enviasse mensagem, prometendo responde-las, e se coloca disponível até mesmo para um contato além do virtual. Como no texto destacado: *“Se alguém daqui da cidade precisar de acompanhamento até o posto de saúde para uma consulta, pode me chamar. Eu já fiz isso com algumas pessoas, pode me chamar que eu vou junto”*.

Na data da postagem, três anos após o seu diagnóstico disponibilizado pelo laboratório na internet, como aconteceu com Gabriel Comicholi — sem orientação psicológica ou explicação dos dados biomédicos de seu exame confirmatório — Léo Cezimbra já havia construído uma rede de apoio e de ativismo que permitia dar às pessoas esse cuidado que não teve na revelação da própria sorologia.

¹⁸⁸ Os relatos de Cezimbra (2017), que o autor chama de confissões, foram publicados, inicialmente, de forma anônima na rede social Facebook. O material foi compilado dando origem ao livro Confissões de um Soropositivo.

O ativismo digital sobre sexualidade e HIV, colocados por Cezimbra em seu vídeo Medicamentos + Grupo de apoio¹⁸⁹ é outra característica não apenas do seu canal, mas recorrente entre os três youtubers. “Há nesse viés ativista, um caráter eminentemente político por reivindicar para si a significação do corpo soropositivo” (AZEVEDO, 2019, p.93). Para pensar em política na prática diária, no cuidado com o outro, os usos de palavras sobre o HIV e sobre as pessoas que vivem com o vírus, Cezimbra propõe um debate a respeito das pesquisas sobre a terminologia. O uso dos termos adequados, com respeito aos direitos humanos, deve ser observado por youtubers, ou por jornalistas que iniciem a produção de pautas relacionadas ao tema, e por qualquer pessoa que conviva com amigos ou familiares vivendo com o HIV. A discussão compreende questões epidemiológicas, também, observadas neste trabalho em textos científicos recentes da literatura especializada (DANCY-SCOTT et al, 2018). Dessa forma, o segundo material eleito foi o vídeo *HIV/AIDS - A importância do uso da terminologia correta + dicas de terminologia*, produzido e protagonizado por Léo Cezimbra, que trata justamente sobre os modos de se referir ao vírus e à sorologia positiva¹⁹⁰. Vejamos um trecho de sua fala abaixo.

Figura 76 – Léo Cezimbra no vídeo sobre terminologia para o HIV



Fonte: YouTube, 2021.

¹⁸⁹ Disponível em: <<https://bit.ly/3IYYk9t>>. Acesso em 25 de fev. 2021.

¹⁹⁰ Disponível em: <<https://bit.ly/391rekb>>. Acesso em 22 de fev. 2021.

Toda vez que a gente vai falar sobre o HIV e a gente usa a terminologia errada, a gente ajuda que esse estigma e essa discriminação que a gente sofre há tanto tempo se perpetue. Por que essas palavras têm um sentido pesado, elas foram modificadas e elas seguem sendo usadas. Logo, elas seguem sendo usadas com aquele mesmo sentido que tinham, às vezes, há mais de 20 anos atrás. E, hoje, a gente tá muito modificado nisso. Por que a gente tá tentando sempre humanizar mais o Sistema, né? O Sistema Único de Saúde. E também humanizar mesmo a maneira que as pessoas que vivem com o HIV são vistas por outras pessoas.

Uma das finalidades de lutar pela significação na terminologia é desfazer as relações entre pessoa infectada e a própria sorologia. *“Como se nós fossemos vírus ambulantes ou pessoas que estivessem por aí para contagiar outras. Por que não é isso que acontece. O HIV é um vírus e ele passa através de uma transmissão, não de um contágio”*. Nesta parte do material produzido inteiramente na parte íntima da casa, vemos a estante de livros coloridos e uma borboleta assinada por Roberto Britto ao fundo, sem grandes recursos de iluminação, som ou de edição. Apenas uma alteração no áudio em momentos que deseja destacar enunciados equivocados em relação à terminologia. Sua atenção é concentrada nos argumentos e no cuidado com o outro, reforçando o seu *ethos* na *arete*. Essa preocupação com os termos está conectada à proposta de Sontag (2007) em *A doença e suas metáforas*, mas o seu trabalho posterior, *Aids e suas metáforas* (1989) encontra nas referências bélicas e moralistas o fio discursivo do vídeo analisado. Esse interdiscurso, que aqui, alargando um pouco o conceito original e estrito, também podemos considerar intertexto [pela “materialidade” de estilo, de perspectiva], não aparece só na produção verbal.

Se recorrermos à “iconografia da aids” para montarmos um todo de sentido nas imagens, acharemos, através desses vestígios históricos, os gêneros que se valem da multimodalidade: texto verbal + texto visual se retroalimentando. Podemos citar como o par terminologia e iconografia a campanha da ONG *Aides*, em 2004, que repercute de forma negativa até hoje, pela alusão a pessoas com HIV como animais venenosos, sendo o escorpião e a aranha vistos no material de divulgação. A figura abaixo é uma das peças publicitárias publicadas na França e reproduzida em alguns países do mundo. “Criada para sensibilizar a respeito do uso da camisinha, porém denota outras interpretações, como de uma pessoa vivendo com HIV figurando como

um animal peçonhento pronto para causar um mal supostamente consciente e dar o bote em sua vítima” (ROCHA, 2018, p.49).

Figura 77 – Campanha da ONG francesa *Aides*, de 2004



Fonte: Sigla Design¹⁹¹, 2021.

Cezimbra lembra que o descuido com a terminologia por pessoas que comunicam no YouTube, nos jornais [cita, inclusive, a reportagem para a qual foi fonte, com o termo “aidético” no título] ou mesmo em instituições, como ele destaca no vídeo, podem reforçar, “perpetuar”, verbo usado pelo youtuber, a carga de estigma nas pessoas vivendo com o vírus. Na descrição do episódio há a possibilidade de baixar o Guia de Terminologia do UNAIDS Brasil (2017) para adequar o avanço na tecnologia das medicações à linguagem.

¹⁹¹ Disponível em: <<http://sigladesign.com.br/novo-site/polemicas-campanhas-de-prevencao-a-aids/>>. Acesso em 14 de abr. 2021.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na nossa abordagem de traços característicos em cada um dos três youtubers analisados, observamos o ethos de cada um deles para afirmar que a experiência do HIV/aids é individual, particular, apesar das vivências coletivas, sociais sobre o vírus, o que liga as pessoas que decidem divulgar a sua sorologia positiva em canais do YouTube. Antes de discutirmos a produção de sentido nos textos sobre o HIV, a partir da escolha conceitual e metodológica, analisamos alguns pontos que estão além do acento autobiográfico. A aparência física, a idade, a cor da pele, a geografia, o domínio da ferramenta audiovisual, nos parece um conjunto que fala de um padrão capaz de facilitar a visibilidade, ou o sucesso no site de compartilhamento de vídeos, desses influenciadores. Esses atributos também são valorizados fora do universo virtual: aqui, homens brancos, jovens, de classe média, morando nas capitais de grandes cidades do Brasil ocupam quase a totalidade no nosso mapeamento de pessoas que relataram o HIV no YouTube, entre os anos de 2010 até 2020. Diante dos dados coletados de um todo, poderíamos propor outras leituras de canais no YouTube relatando o HIV, na tentativa de enxergar de um ângulo distinto dos canais escolhidos por nós, o que ajuda a compor um corpus de textos verbais e visuais, por exemplo, de homens gays negros. Esse recorte sobre raça e racismo no YouTube, a partir da realidade brasileira, utilizando o conceito de necropolítica (Mbembe, 2018) e a análise de discurso para a investigação desses espaços, é um caminho de investigação para outros pesquisadores. Após a inclusão da *live* sobre juventude e raça entre pessoas vivendo com HIV, do canal Super Indetectável, em 2020, que está entre os nove vídeos de nossa análise, nos surgiu a possibilidade de enfatizar a “invisibilização” de homens gays negros abordando saúde sexual e a vida com HIV no YouTube. Lázaro Silva, um homem gay negro, afeminado [como ele destaca no episódio], morador da periferia do Rio de Janeiro, trouxe para o debate no grupo de convidados essa invisibilidade de pessoas com suas características físicas na plataforma, abordando o HIV em primeira pessoa.

O material dos youtubers Gabriel Comicholi, João Geraldo Netto (Super Indetectável), e Léo Cezimbra nos mostrou que uma mídia lançada como oportunidade de qualquer um ser sua própria rede de notícias, em 2006, sob o slogan *Broadcast Yourself*, depende de fatores vários para que a “emissora” com a programação do nosso cotidiano faça sucesso. Além da modelização requerida por

esse meio de comunicação, existe uma performatividade típica e o padrão físico, como já apontamos, para chamar a atenção da audiência entre o público do site de vídeos e gerar mídia em outros canais de comunicação. Nos veículos de massa apresentados na seção introdutória — citamos a revista Galileu e o programa Altas Horas — os youtubers que seriam a representação do homem gay não aparecem ao distanciarem-se da padronização que vemos no YouTube, com representantes como Gabriel Comicholi e Gabriel Estrela, entre os eleitos.

Em relação à temática HIV/aids, o gráfico de gênero das 50 pessoas que relatam o HIV nos vídeos não deixa dúvida sobre quem fala em viver com o vírus: 42 dessas pessoas que se colocam como influenciadores [ou aqueles que fazem apenas um relato único] sobre viver com o vírus, são homens. A condição que, hoje, é crônica, esteve ligada a representações dos grupos marginalizados nos primeiros anos da aids, quando homossexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas eram sinônimo de infecção pelo HIV. Essa pode ser uma chave para a explicação de apenas dois canais de homens heterossexuais na produção discursiva sobre o HIV em primeira pessoa no YouTube. A estigmatização dos tempos iniciais parece ser responsável pelo distanciamento dos heterossexuais das pautas de saúde sexual e Infecções Sexualmente Transmissíveis, sobretudo o HIV, no YouTube. O estigma causa a “morte social” de que falava Herbert Daniel nos anos 1980, com o silenciamento a respeito de uma condição que, atualmente, é tratável. O avanço da tecnologia das medicações desde o esquema de antirretrovirais apresentado em 1996, e disponibilização dos remédios, no Brasil, através do Sistema Único de Saúde, poderia significar que a vida com HIV seria saudável, com a infecção controlada, como nos mostram os três youtubers que analisamos. Mas, no interdiscurso de cada um deles, podemos encontrar um fio que ainda une HIV e morte. Os óbitos que ainda atingem populações mais vulneráveis a infecções, como a de rapazes negros, moradores de periferia, e pessoas trans, não fazem parte do discurso da maioria dos youtubers. O que nos faz sugerir a leitura de *Necropolítica*, para compreensão de como age o racismo em meio a pandemias e epidemias. Os vírus, para Preciado (2020) em estruturas neoliberais, agem a nossa imagem e semelhança, no recorte sobre o racismo, sugerido a outros pesquisadores.

Os mortos por uma determinada doença não devem significar números, mas nomes, como Lázaro Silva demonstra em sua interação na *live* do *Super Indetectável*, de raça e juventude. Fala-se, nos canais, mais da morte simbólica, que gera um luto

pelo trauma de descobrir-se positivo para o HIV, um aspecto trazido por João Geraldo Netto quando recebe o psicanalista Flávio Calile em seu espaço. O material também compõe um dos três vídeos selecionados do Super Indetectável. Esse pesar é vivido de formas distintas por cada pessoa, mas segue cinco fases. A estagnação em algumas das etapas anteriores à aceitação pode acarretar sintomas psicológicos, como uma depressão prolongada, ou mesmo a rejeição ao tratamento antirretroviral, impedindo o projeto de uma vida saudável. Aceitar o uso dos remédios significa, muitas vezes, o reconhecimento dessa nova cidadania, que não é a de doente, como formulou Sontag (1989), mas de alguém em condição crônica estigmatizada. Para lidar com o peso desse diagnóstico, além do acolhimento da família e dos amigos, como repetido em vários vídeos além dos analisados no *corpus*, o relato do trauma é apontado em sua função terapêutica, no YouTube. Existe uma necessidade de ressignificação da própria existência, que sublinha a característica de nossa sociedade em processo de “psicologização”, alargando o conceito de trauma com “uma designação extremamente genérica e ampla” (SACRAMENTO, 2018, p.131). De separação a *bullying*, passando pelos quadros de adoecimento, o espectro traumático alcança um número cada vez maior de pessoas dispostas a narrar o sofrimento pessoal e sua recuperação, “se reinventando”, ganhando espaço nas mídias e nas redes sociais. Quando os youtubers apresentam o novo cotidiano de pessoas que vivem com HIV, saudáveis, sem o emagrecimento exagerado dos anos anteriores à terapia antirretroviral mais eficaz, estão participando de uma exigência sempre maior para apresentar a si mesmo, não apenas em constante recuperação, mas na transformação da sobrevivência num princípio normativo para a subjetividade contemporânea, nos lembra Sacramento (2018). Na perspectiva neoliberal de gestão e cuidado com a saúde, precisamos não apenas estar bem, mas provarmos esse bem-estar físico e mental em discurso textual e visual. Prática comum em redes sociais são os desafios de antes e depois com fotografias, o que vale para forma física, relacionamentos, conta bancária e, até mesmo, doenças ou condições crônicas.

Se olharmos pelo viés da ética do espetáculo, a partir das pesquisas de Illouz (2003), Sibilía (2008) e Sacramento (2018), a visibilidade do trauma transformou o infortúnio em produto de alta rentabilidade no jogo midiático. Em seu ensaio *Oprah Winfrey and the glamour of misery* (Illouz, 2003), nos apresenta essa construção do relato de um episódio que causou o luto e, a partir dele, houve o ponto de transformação, a volta por cima, o aprendizado tirado daquela situação como um

efeito colateral. Uma convocação para testemunhar, diz Sacramento (2018) fazendo do trauma “o único atributo de uma incompatibilidade entre um indivíduo normal e um evento extraordinário” (p. 131). É importante lembrar que essa recuperação, essa reciclagem eterna, nos orienta Bruno (2013) faz parte desse projeto neoliberal em que a vigilância sobre grupos não é aquela do passado, com peso e temor. O aspecto vigilante nas práticas de prevenção e tratamento de um vírus podem envolver, de maneira distribuída, o entretenimento, a segurança e o prazer, com a adoção de diversas tecnologias. Esse elo entre terapia e diversão se destaca nos vídeos do curitibano Gabriel Comicholi, que construiu a prova pelo *ethos*, em seu canal, baseado na *arete*, com franqueza, linguagem um tanto debochada e edição do material que leva o espectador a uma sensação de participar da cena enunciativa como um amigo próximo, íntimo e convocado para uma conversa. João Geraldo Netto, do *Super Indetectável*, baseou seus argumentos no *logos*, na argumentação, na postura de conselheiro, como acontece na prova do *ethos* pela *phronesis*. Enquanto Léo Cezimbra detém sua atenção no *pathos*, na empatia com o outro, com a audiência. Mas os três, em graus distintos, trazem a proximidade, a expressividade, ou, a garantia de que aquele que abre sua intimidade existe, de fato. Para Arfuch (2010) é esse o ponto crucial, o que se busca em relatos, a “gente real”, com “problemas reais” nos programas de TV, em revistas femininas tipo *Marie Claire*, com sua seção fixa *Eu, leitora*, e, notadamente, nos vídeos do YouTube. A verdade referencial, que queríamos achar no início da nossa investigação, não é tão importante aqui. Mas enxergar o outro como alguém com problemas, dificuldades parecidas com as minhas, uma identificação através do trauma. Algo que não acontece apenas no discurso de felicidade e riqueza das revistas de celebridades. (SACRAMENTO, 2018).

A nossa parte teórica vem confirmar, quando Fiorin (2008b) baseado no dialogismo bakhtiniano nos explica que o sujeito da linguagem não é completamente assujeitado. Quem fala do HIV e da aids, em primeira pessoa, participa, junto com as vozes que vieram antes, e aquelas que ainda estão por surgir, do discurso, visto que participamos o tempo inteiro de sua constituição, um eterno vai-e-vem marcando o acento autobiográfico com a colaboração da ideologia, da política, do superdestinatário de nosso tempo e de nossa localização. Nos três canais analisados, apontamos como cada um dos três youtubers desta pesquisa assume uma postura, um tom de abordar a sua sorologia positiva que recobre uma determinada construção de sentido. O estilo temerário, franco, teatral de Gabriel Comicholi o coloca em posição

interdiscursiva com os ativistas do Movimento Homossexual que traziam, para além de um gueto, a linguagem e as pautas que precisavam ser visibilizadas, apostando no humor, na criatividade, nas paródias. Subverter a ordem estabelecida com os elementos criados para segregar foi uma estratégia do grupo ACT UP ao virar o triângulo rosa do nazismo, dando a esse símbolo outra direção, preenchendo o registro de exclusão com novas, e positivas camadas semânticas. A brincadeira de “professor do HIV” nas Haulinhas de Comicholi bagunçam a autoridade da lousa e dos óculos de armação pesada para falar de prevenção e tratamento para uma faixa da população que parece necessitar desse tipo de articulação no discurso para acessar a saúde sexual no YouTube.

Nosso olhar se voltou, na leitura dos vídeos, para as vozes históricas, anteriores à de Gabriel Comicholi, como a da imprensa artesanal homossexual, do primeiro grande veículo de reivindicação gay, O Lampião da Esquina, jornal que circulou no país até pouco tempo antes da chegada de notícias sobre a aids, em 1981. Se pensarmos, especificamente, nos diálogos sobre o HIV, o curitibano Comicholi estaria mais próximo do grupo composto pelo artista plástico Darcy Penteado [morto pela aids] criador do cartaz *Transe numa boa*, em 1985, que estreou as peças publicitárias para a prevenção em bares e boates gays. Ação de um setor organizado da sociedade civil, cumprindo a tarefa que o poder público federal não parecia interessado em assumir nos primeiros anos da aids.

As medidas práticas para o controle das infecções no país, tomadas por coletivos mostravam que era possível tratar de saúde sexual sem o peso do julgamento moral e da culpabilidade, nos coloca em contato com um *ethos* baseado na *eunoia*, com a postura empática e solidária de Léo Cezimbra. Morador de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, ele nos conta como é diferente a vida gay no interior do país, sobretudo, em regiões conservadoras. Dessa forma, seus vídeos falam em redes de apoio e acolhimento, um intertexto das ONG/aids (GALVÃO, 2000) no início da epidemia. Em um dos episódios, o ativista e youtuber chega a oferecer sua companhia para as pessoas que iniciam o tratamento ou precisam de acolhimento no caso de um diagnóstico positivo para o HIV. Léo Cezimbra, Gabriel Comicholi e João Geraldo Netto (do *Super Indetectável*) trazem dados científicos e informação fornecida por pesquisas em instituições conceituadas. Mas o tom deste último fica entre o ativista e o profissional de saúde, acionando o *logos*, os argumentos, a linguagem próxima do institucional desde as primeiras produções. O que fala e de

onde fala, da sala de casa, ambiente mais sério [dentro do universo relacional dos canais investigados] nos coloca em contato com a *phronesis*. A escolha das pautas, o material infográfico em alguns vídeos e o volume de produção, mais intenso, levou o seu canal a ser considerado referência brasileira em saúde sexual. A luta pela significação no momento de registro das primeiras mortes nos Estados Unidos, em 1981, colocava figuras do movimento homossexual em papel de protagonismo, caso de Herbert Daniel no Brasil. São tempos distintos, com novas camadas semânticas (ALÓS, 2019), mas essas vozes pioneiras ecoam diante da atitude e do posicionamento de João Geraldo Netto.

Esperamos que esta pesquisa possa servir para fomentar o debate necessário sobre prevenção e comunicação relacionados ao HIV/aids.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Cia. das Letras. 1988.

ABREU, Gabriel de Souza. **O segundo armário**: diário de um jovem soropositivo. 2014. Lisboa: Index e-books.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMEIDA E ALMEIDA, Marília. **Representação social das pessoas vivendo com HIV/aids na mídia impressa**. Universidade Federal de Goiás, 2017.

ALÓS, Anselmo Peres. Corpo infectado/corpus infectado: AIDS, narrativa e metáforas oportunistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3; 2019. p. 1-11. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n357771>. Acesso em 19 de ago. 2020.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95-114.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2010.

Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA). Matéria “A outra pílula azul” da revista *Época* é preconceituosa e peca na fundamentação. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <http://abiaids.org.br/31417/31417> . Acesso:25 de ago. 2020.

AZEVEDO, José Henrique Pires de. **Textualizando experiências com o HIV**: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail; VLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34; 2017.

BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BARROS, Sandra Garrido; Lúgia Maria VIEIRA-DA-SILVA. A terapia antirretroviral combinada, a política de controle da Aids e as transformações do Espaço Aids no

Brasil dos anos 1990. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 41, n. especial 3, set 2017, p. 114-128.

BARROS, Solange Maria. Bases filosóficas da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes, SATO, Denise Tamaê Borges, MELO, Ivan Ferreira de. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas**: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record; 1997.

BIANCARELLI, Aureliano. Doença em foco: As reportagens sobre AIDS publicadas pela Folha de São Paulo. **Revista USP**, 33, 1997, p.137-147.

BLOUIN, Claude-B; CHIMOT, Eric; LAUNERE, Jacques. **Aids, informação e prevenção**: imprensa e medicina em busca de respostas. São Paulo: Summus editorial; 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BRODIE, 2004. **AIDS at 21**: Media Coverage of HIV Epidemic 1981-2002 (BRODIE ET AL. 2004, p. 3)

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre : Sulina; 2013.

BULGARELLI, Lucas. **[ALERTA TEXTÃO]** Estratégias de engajamento do movimento LGBT de São Paulo em espaços de interação on-line e off-line (2015-2016). 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: <10.11606/D.8.2018.tde-21082018-133346>. Acesso em: 02 jan. 2021.

CAMARGO JR. Kenneth Rochel. **As ciências da Aids e a Aids das ciências**: o discurso médico e a construção da Aids. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

CARRARA, Sérgio; MORAES, Claudia. Um mal de folhetim. Rio de Janeiro: **Comunicações do ISER**, Ano. 4, nº 17, p. 28-31, dez.1985.

CARTAS para além dos muros. Direção: André Canto. Produção: Canto Produções. Brasil, 2019. Serviço de streaming, Netflix, 93 minutos.

CARVALHO, Carlos Alberto. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas - a cobertura da Aids pela Folha de S.Paulo de 1983 a 1987**. São Paulo: Annablume, 2009.

CARVALHO, Carlos Alberto; AZEVÊDO José Henrique Pires de. Do AZT à PrEP e à PEP: Aids, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 246-60, abr./jun. 2019. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1698/2269>>. Acesso: 15 nov. 2020.

CORUJA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s)**: discussões do público com a youtuber Jout Jout. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CRUZ JUNIOR, Dilson Ferreira. **O Éthos do enunciador nos romances de Machado de Assis**: uma abordagem semiótica. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral, USP:FFLCH, São Paulo, 2006.

DANCY-SCOTT N, Dutcher GA, Keselman A, Hochstein C, Coptly C, Ben-Senia D, Rajan S, et al. Trends in HIV Terminology: Text Mining and Data Visualization Assessment of International AIDS Conference Abstracts Over 25 Years. **JMIR public health and surveillance**, 4(2), e50; 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5960041/>>. Acesso: 13 de ago. 2020.

DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte/Life before death**. 3 ed. [livro online] Rio de Janeiro: Abia; 2018. Disponível em: <http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2018/12/VIDA_ANTES_DA_MORTE_LIFE_BEFORE_DEATH_site.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia**: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018.

DISCINI, Norma. *In*: LIMA, Eliane Soares de; GEBARA, Ana Elvira Luciano; GUIMARÃES, Thayse Figueira (org.). **Estilo, éthos e enunciação**. São Paulo: Unifran, 2016, p. 16-57.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de Letrinhas?”** - Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**: estudos sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

FECHINI, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do *éthos*. **Revista Famecos**. N. 36. pp. 69-76.

FERNANDES, José David Campos, ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. In: ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins (organizadora). **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

FERREIRA, Vinícius; SACRAMENTO, Igor. Movimento lgbt no brasil: violências, memórias e lutas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <[10.29397/reciis.v13i2.1826](https://doi.org/10.29397/reciis.v13i2.1826)>. Acesso em: 01 mar. 2021.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luiz Antonio. In: **Estilo, éthos e enunciação** / Eliane Soares de Lima, Ana Elvira Luciano Gebara, Thayse Figueira Guimarães, organizadores. Franca, SP: Unifran, 2016.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008a, p.161-193.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008b.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008c.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FIORIN, José Luiz. **A lógica da neutralidade**: um caso de aspectualização do ator. XVIII Anais de Seminários do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo). São Paulo: Dedalus / Acervo USP-FFLCH-LE, 1989.

FONSECA, Franco Willamy Lima da. **Agora chupa essa manga - a cena pós coquetel: interfaces da aids nas artes da cena**. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 8a edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** - nascimento da prisão. 20a edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

GALVÃO, Jane. **AIDS no Brasil**: a agenda de construção de uma epidemia. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34, 2000.

GILMAN, Sander L. AIDS and syphilis: the iconography of Disease. **October**, vol. 43, pp. 87-107; 1987. Disponível em: <www.jstor.org/stable/3397566>. Acesso: 13 de ago. 2020.

POSITIVE YOUTUBERS. Direção e produção: Leandro Goddinho. 15min. São Paulo. 2017.

GÓIS, João Bôsko Hora. Reabrindo a caixa-preta: rupturas e continuidades no discurso sobre Aids nos Estados Unidos (1987-98). **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 9(3): 515-33, set.-dez. 2002.

GONÇALVES, João Batista Costa. **O conceito de *ethos* do enunciador na obra *Em busca do sentido***: estudos discursivos, de J. L. Fiorin. *Bakhtiniana*, São Paulo, 10 (3): 63-79, Set./Dez. 2015.

GUIBERT, Hervé. **Para o amigo que não me salvou a vida.** 1995. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

HALL, Stuart. A redescoberta da “ideologia”: o retorno do recalcado nos estudos de mídia. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. SACRAMENTO, Igor (org.). **Mikhail Bakhtin**: linguagem, cultura e mídia. pp. 279-329. São Carlos: Pedro & João, 2010.

HIV.GOV. A timeline of HIV and AIDS. Disponível em: <<https://www.hiv.gov/hiv-basics/overview/history/hiv-and-aids-timeline>>. Acesso em 12 de jul. 2020.

HOFFMAN, Martin. **O sexo equívoco**: a homossexualidade masculina e a criação social de um estigma. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

HOW TO SURVIVE A PLAGUE. Direção: David France. Produção: Dan Cogan. United States. 1h49min. 2012. Streaming: Amazon Prime Video.

ILLOUZ, EVA. **Oprah Winfrey and the glamour of misery**: an essay on popular culture. New York: Columbia University Press, 2003.

JOFFE H. “Eu não, o meu grupo não: representações sociais transculturais da AIDS. In: Guareschi PA, Jovchelovitch S (orgs) **Textos em Representações Sociais**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2003.

JOHN, Elton. **O amor é a cura**: sobre vida, perdas e o fim da Aids. São Paulo: Editora Manole, 2014.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Lisboa: Edições 70, 1999.

KALLEN, Stuart A. **The race to discover the AIDS virus** - Luc Montaigner vs Robert Gallo. Minneapolis: Twenty-first century books, 2012.

KERR, Ligia. A infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens no Brasil: registro de dois estudos ocorridos em 2009 e 2016. In: REIS V. A segunda onda da Aids no Brasil. Rio de Janeiro, **Abrasco**; 2018. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/opiniaio/segunda-onda-da-aids-no-brasil/34641/>>. Acesso em 29 de ago de 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

- KRAMER, Larry. **The Normal Heart**. London: Nick Hern Books, 2011.
- LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil, 1983-2003, v.2: a sociedade civil se organiza pela luta contra a aids**. [livro online]. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais; 2015. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235558>>. Acesso:14 de ago. 2020.
- LIMA, Ana Cláudia Teixeira de. **O câncer gay e o orgulho gay: a experiência da aids para o movimento lgbt da cidade do rio de janeiro (1986-1995)**. Dissertação (Mestrado em história das ciências e da saúde) na Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, p.119, 2019.
- LOPES, Edward. **Discurso, texto e significação: uma teoria do interpretante**. São Paulo: Cultrix/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade - política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. 2008. Parábola Editorial São Paulo.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise de discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARTINS, Jasson da Silva. A existência intersubjetiva em Martin Buber. **Argumentos**, Ano 2, N. 4, 2010. pp.28-37.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENDONÇA, Eduardo A. **Cadernos de Saúde Pública**. vol.8 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/3aHWCpf>>. Acesso: 20 de fev. 2021.
- MEU QUERIDO COMPANHEIRO**. Direção: Noman René. 1989. 96 min.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2011.
- MOTTA, Bruna Seibert; BITTENCOURT, Maíra; VIANA, Pablo Moreno Fernandes. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez. 2014.
- A PAIXÃO DE JL**. Direção e produção: Carlos Nader, 2015. 82 min. Doc.
- PEARL, Monica B. **AIDS literature and gay identity: the literature of loss**. New York, USA: Routledge; 2013.

POLIZZI, Valéria Piassa. **Depois daquela viagem**: diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com aids. São Paulo: Ática, 2019. 14ª edição.

POSE. Temporada 2. Ep. 1 (Acting Up). Direção: Gwyneth Horder-Payton.

Produção: Color Force, Brad Falchuk, Teley-Vision, Ryan Murphy Television, Fox 21 Television Studios, FX Network. EUA: Produtora FX Network, 2019. Serviço de streaming, Netflix. 1h1min.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del vírus. pp.163-185. In: **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [livro online]. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020. Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>. Acesso:15 de abril 2020.

RACHID, Marcia. **Sentença de vida**: Histórias e lembranças - a jornada de uma médica contra o vírus que mudou o mundo. Rio de Janeiro: Editora Máquina de Livros, 2020.

RANDY, Shilts. **And the band played on** - politics, people and the AIDS epidemic. London: Souvenir Press Ltd, 2011.

RENOVATTO, Thais. **5 anos comigo**. São Paulo: Novo Século Editora, 2019.

REZENDE, Daniela Savaget Barbosa. **Mulheres e Aids**: silêncio e silenciamento. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2012.

ROBALINHO FERRAZ, Luiz Marcelo. A doença no Jornalismo: análise do noticiário de capa da revista Veja (1968-2014). **Intexto**, Porto Alegre, RS, p. 76-98, abr. 2019. ISSN 1807-8583. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/81193/51913>>. Acesso: 03 de fev. 2021.

ROCHA, Victor Lira. **A peçonha dos artrópodes sociais**: a criminalização da transmissão do HIV no brasil e no mundo. 2018. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Católica do Salvador.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo** - quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3sCuERN>>. Acesso: 22 de jul. 2020.

SACRAMENTO, Igor. A era da testemunha: uma história do presente. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7., no. 1, p.125-140, 2018. <Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/7177>>. Acesso: 19 de ago. 2020.

SACRAMENTO, Igor; FRUMENTO, Eduardo. FRUMENTO, Eduardo. O câncer nas biografias sobre José Alencar: a construção de um ethos heroico. **Revista Fronteiras (Online)**, São Leopoldo, RS, v. 17, n. 3, p. 374-385, set./dez. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.11>>. Acesso: 19 de ago. 2020.

SACRAMENTO, Igor; RAMOS, Douglas. Documentando a superação: Demi Lovato - Stay Strong e o discurso terapêutico contemporâneo. *Verso e Reverso*, São Leopoldo (RS), v. 32, n. 79, p. 59-72, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisinios.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2018.32.79.06>>. Acesso: 14 de mar. 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, Marcelo. **A AIDS**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SONTAG, Susan. **Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.

SPINK, MJP, Medrado B, Menegon VM, Lyra J, Lima H. A construção da AIDS-notícia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.4, p.851-862. 2001. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csp/v17n4/5291.pdf>>. Acesso: 13 de ago. 2020.

STEVENS, Robin; HULL, Shawnika J. The Color of AIDS: An Analysis of newspaper coverage of HIV/AIDS in the United States from 1992-2007. **Critical arts**, vol. 27, 3 (2013): 352-369. doi:10.1080/02560046.2013.800668

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson; SILVA, Marisa Torres da; CALADO, Vanda. **A problemática da SIDA como notícia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

TREICHLER, PA. AIDS, Homophobia, and biomedical discourse: An Epidemic of Signification. *October*, vol. 43, 1987, pp. 31/70. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3397564?seq=1#metadata_info_tab_contents>. Acesso:12 de ago. 2020.

TREICHLER, Paula. AIDS, gender, and biomedical discourse: current contexts for meaning. In: AIDS: the burdens of history. FEE E, FOX DM. eds. Berkeley: University of California Press. [livro online]; 1988. Disponível em: <<https://publishing.cdlib.org/ucpressebooks/view?docId=ft7t1nb59n;chunk.id=d0e3182;doc.view=>>>. Acesso:12 de jul. 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

UNAIDS. Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil. 2019. [acesso em 05 de fevereiro de 2020] Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impactam-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/>. Acesso: 05 de fev. 2020.

UNAIDS. Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV - Brasil. 2019. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Exec_Sum_ARTE_2_web.pdf>. Acesso: 05 de fev. 2020.

VALLE, Carlos Guilherme do. Biosocial Activism, Identities and Citizenship: Making up 'people living with HIV and AIDS' in Brazil. **Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology**. Brasília , v. 12, n. 2, p. 27-70, Dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412015000200027&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 21 fev. 2021.

VECCHIATTI, P. A Constituição de 1988 e a evolução dos direitos da população LGBTI+. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 6, n. 01, p. e247, 14 jul. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.29293/rdfg.v6i01.247>>. Acesso:19 ago. 2020.

WATNEY, Simon. Safer sex as community practice. *In*: AGGLETON, Peter; DAVIES, Peter; HART, Graham (editors). **AIDS: individual, cultural and policy dimensions**. London: The Falmer Press,1990.

WINSKI, Norman. **A revolta dos homossexuais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.

YOUTUBERS E HIV: prevenção, irreverência e informação. Direção: Roseli Tardelli. 90 min. São Paulo: 2018.